

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MÚSICA EM CONTEXTO

JUSSÂNIA BORGES CORRÊA

**ECOMUSICOLOGIA NO CERRADO:  
VIOLEIRAS E VIOLEIROS CONVIVENDO COM A NATUREZA**

Brasília

2017

JUSSÂNIA BORGES CORRÊA

**ECOMUSICOLOGIA NO CERRADO:  
VIOLEIRAS E VIOLEIROS CONVIVENDO COM A NATUREZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Música em Contexto do Departamento de Música, Instituto de Artes da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Mestre em Música.

Linha de Pesquisa: Teorias e Contextos em Musicologia.

Orientadora: Prof(a). Dr(a) Beatriz Magalhães Castro.

BRASÍLIA

2017

Ficha catalográfica: elaborada pela BCE

Será impressa no verso da folha de rosto e não deverá ser contada.



**Universidade de Brasília**  
**Departamento de Música**  
**Programa de Pós-Graduação Música em Contexto**

Dissertação intitulada “Ecomusicologia no Cerrado: violeiras e violeiros convivendo com a natureza,” de autoria de Jussânia Borges Corrêa, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Magalhães Castro  
Universidade de Brasília - UnB

---

Membro externo: Prof. Ivan Vilela Pinto  
Universidade de São Paulo – USP

---

Membro interno: Prof. Dr. Mattias Lewy  
Universidade de Brasília - UnB

---

Suplente: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Delmary de Abreu Vasconcelos  
Universidade de Brasília - UnB

Data de aprovação: Brasília, 12 de setembro de 2017



Esse trabalho é dedicado ao planeta Terra e a todos os seres vivos que o integram: *Viva os encantos da Terra / Água do rio e do mar / Viva os mistérios do céu / Brilho do Sol do Luar / Viva o pai criador / A mãe natureza, a paz e o amor* (Rubinho do Vale 1994).

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Música do Departamento de Música da Universidade de Brasília, especialmente à Beatriz Magalhães Castro que acreditou e incentivou a proposta desta pesquisa.

Ao apoio de amigos e familiares, e principalmente pelas observações dos amigos educadores Ivan Vilela Pinto, Carlos Rodrigues Brandão, Rosângela Azevedo Corrêa, Bernadeth Maria Pereira e Andréa Menezes da Costa Gama.

Aos amigos músicos participantes deste trabalho, Doroty Marques, Sol Bueno, Nádia Campos, Kátya Teixeira, Dani Lasalvia, João Bá, João Arruda, Pereira da Viola, Josino Medina, Wilson Dias, Joaci Ornelas, Chico Lobo, Levi Ramiro, Luiz Salgado, Erick Castanho, Fernando Guimarães, Marcos Mesquita, Chico Nogueira, Roberto Corrêa, Aparício Ribeiro, Victor Batista. Ao amigo Dércio Marques, nosso eterno menestrel.

Ao Fundo de apoio à pesquisa do Distrito Federal - FAP/DF.

*Que esta terra seja nossa  
Que este canto seja de todos  
Que a cidade seja do povo  
Como a terra é de Deus  
E a estrada seja de quem passa  
Como a praça é de quem chega*

(Rubinho do Vale 1984)



## RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a Viola Caipira e as músicas que a envolvem, do ponto de vista da sua relação com a natureza, a partir dos pressupostos da Ecomusicologia. O objetivo central deste trabalho é pesquisar a relação entre os tocadores de Viola Caipira e o meio ambiente, em algumas regiões do bioma Cerrado no interior do Brasil. Os objetivos específicos destinam-se a levantar e identificar os significados das motivações dos violeiros para interpretarem e comporem um repertório voltado para o meio ambiente, ao lado do esforço para apontar a importância deste estudo na formação da “Ecomusicologia” no Brasil, um campo recente que vem se ampliando e enfatiza o estudo da música, cultura e natureza. A pesquisa se baseia em autores como Titon (2016, 2014, 2013), Allen (2014, 2013), Glanh (2014), Vilela (2013, 2008-2009), Corrêa (2014, 2000), Sardinha (2001), Capra (2002), Ribeiro (2003), Duarte, et al. (2002), Bursztyn, et al. (2002, 2001), Bustamante (2017), Brandão (2008, 2007, 2005, 2004, 2002, 1981), dentre outros. A metodologia utilizada foi uma investigação empírica (entrevistas, observações participantes, materiais registrados em CDs, DVDs, folders, programas de Rádio e TV, sites da internet, redes sociais, encontros culturais), cuja análise qualitativa das fontes convergiu para alcançarmos os objetivos já mencionados. O resultado encontrado aponta que ao lado da destruição do Cerrado existem artistas, violeiras e violeiros conscientes que a devastação deste importante bioma precisa ser denunciada. Ao mesmo tempo, eles concordam que a função social dos artistas da viola é a preservação e divulgação do valor do Cerrado, sendo a Viola Caipira um importante instrumento neste processo.

**Palavras-chave:** Viola Caipira. Ecomusicologia. Meio ambiente. Cerrado. Educação Ambiental.

## ABSTRACT

This research has the *Viola Caipira* (traditional ten-string guitar) and the songs that involve it as its theme, from the perspective of its relationship with nature viewed from presuppositions of Ecomusicology. Thus, the main objective of this work is to investigate the relation between *Viola Caipira*'s players and environment in some regions of Cerrado biome in Brazil's countryside. The specific objectives are to raise and identify the meanings of the Viola players' motivation to interpret and compose a repertoire focused on the environment, along with the effort to point out the importance of this study in the formation of Ecomusicology in Brazil, a recent growing field that emphasizes the study of music, culture and nature. The text discusses authors such as Titon (2016, 2014, 2013), Allen (2014, 2013), Glanh (2014), Vilela (2013, 2008-2009), Corrêa (2014, 2000), Sardinha (2001), Capra (2002), Ribeiro (2003), Duarte, et al. (2002), Bursztyn, et al. (2002, 2001), Bustamante (2017), Brandão (2008, 2007, 2005, 2004, 2002, 1981), among others. The methodology in this work was an empirical investigation (interviews, participant observations, materials recorded on CDs, DVDs, folders, radio and TV programs, internet websites, social networks, cultural meetings), whose qualitative analysis of the sources converged in reaching the objectives mentioned above. The result points out that along with the destruction of the Cerrado, there are artists, viola players, aware that the devastation of this important biome needs to be denounced. At the same time, they agree that the social function of Viola artists is the preservation and dissemination of Cerrado's value, being *Viola Caipira* an important instrument in this process.

**Keywords:** *Viola Caipira*. Ecomusicology. Environment. Cerrado. Environmental Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Flores do Cerrado, Fazenda Retiro Paramahansa Yogananda, São Gabriel/GO.....	17
Figura 2 – Terra Indígena Krahô/TO.....	46
Figura 3 – Krarés (crianças Krahô) coletando frutos nativos.....	46
Figura 4 – Cajuí, cajuzinho do Cerrado.....	47
Figura 5 – Seriema na aldeia.....	47
Figura 6 – Krarés (crianças Krahô) procurando frutos no Cerrado queimado.....	48
Figura 7 – Capa do LP Segredos Vegetais.....	72
Figura 8 – Capa do CD Segredos Vegetais.....	72
Figura 9 – Capa do CD Monjolear.....	73
Figura 10 – Doroty e Dércio Marques, CD Monjolear.....	73
Figura 11 – Cartaz Dandô: Kátya Teixeira com viola de cocho.....	84
Figura 12 – Cantoria em homenagem a Dércio Marques.....	85
Figura 13 – Capa do CD Madregaia.....	88
Figura 14 – Cartaz Dandô: João Arruda.....	91
Figura 15 – Levi Ramiro tocando viola de cabaça.....	99
Figura 16 – Pereira da Viola.....	102
Figura 17 – Wilson Dias, João Evangelista, Pereira da Viola.....	105
Figura 18 – Josino Medina.....	108
Figura 19 – Casarão da Fazenda Ribeirão Fundo.....	117
Figura 20 – Fernando Guimarães.....	117
Figura 21 – Wilson Dias, CD Picuá.....	122
Figura 22 – CD Viva Viola, Viva a Cantoria.....	127
Figura 23 – Chico Lobo.....	127
Figura 24 – Joaci Ornelas e Rolando Boldrin.....	130
Figura 25 – Cartaz Dandô: Sol Bueno.....	135
Figura 26 – Sol Bueno tocando viola.....	135
Figura 27 – Onde era Cerrado.....	140
Figura 28 – Nádía Campos.....	144
Figura 29 – Nádía Campos na cachoeira.....	144
Figura 30 – Cartaz Dandô: Érick castanho com viola de Cabaça.....	149
Figura 31 – Luiz Salgado.....	154

Figura 32 – Marcos Mesquita e Vitor Mesquita.....	156
Figura 33 – Arte de Rômulo Andrade: pés de buritis.....	159
Figura 34 – Cerrado Sempre Vivo. Rômulo A. ....	159
Figura 35 – Álbum “Berço das águas,” desenhos anos 80/90. Rômulo Andrade.....	159
Figura 36 – Grupo Mambembrincantes.....	163
Figura 37 – Flor do Cerrado: Canela de Ema.....	165
Figura 38 – Roberto Corrêa.....	171
Figura 39 – Flor do Cerrado: Calianandra.....	171
Figura 40 – Volmi Batista e Aparício Ribeiro.....	173
Figura 41 – Partitura: Dança das Formigas.....	176
Figura 42 – Flor do Cerrado: Ipê Amarelo.....	179
Figura 43 – Ipê Amarelo, Brasília/DF.....	179
Figura 44 – Victor Batista.....	180
Figura 45 – Dércio e Doroty Marques. Empório Brasil, 1989.....	188
Figura 46 – Capa do CD Paraíba Vivo.....	191
Figura 47 – Capa do CD Criunaná.....	195
Figura 48 – Encarte do CD Criunaná.....	195
Figura 49 – Opereta “Poeira Cósmica”.....	197
Figura 50 – Rio São Francisco. Bordados “Matizes Dumont”.....	201
Figura 51 – Coleta do capim dourado.....	202
Figura 52 – Artesanato com capim dourado.....	202
Figura 53 – Josino Medina e Santinha.....	203
Figura 54 – D. Miúda e Josino.....	203
Figura 55 – Maurício tocando viola de buriti.....	205
Figura 56 – Crianças tocando viola de buriti.....	205
Figura 57 – Arnon colocando cordas na viola de buriti.....	206
Figura 58 – Viola de buriti, viola de vereda.....	206
Figura 59 – Viola de buriti e fervedouro do Soninho/Mumbuca.....	208
Figura 60 – Projeto Cauê.....	212
Figura 61 – Doroty Marques tocando viola com a “Turma que Faz”.....	214
Figura 62 – Doroty e Dércio Marques.....	215
Figura 63 – Opereta “O dia que nasceu a noite”.....	216
Figura 64 – Crianças e a Cobra Grande.....	217

Figura 65 – Cobra Grande.....	217
Figura 66 – Crianças com máscara.....	217
Figura 67 – Menina e a Cobra Grande.....	217
Figura 68 – Bonecos de arame.....	217
Figura 69 – Bonecos de arame.....	217
Figura 70 – Chegada de Folia de Reis.....	222
Figura 71 – Brandão, Maria Alice, João Bá.....	222
Figura 72 – João Bá, Fernando Guimarães, João Arruda.....	222
Figura 73 – Nádia Campos e Guilherme Melo.....	222
Figura 74 – Dércio Marques. Cantoria da Terra.....	225
Figura 75 – Aline e Dércio Marques.....	225
Figura 76 – Cartaz Dandô: Maryta de Humahuaca.....	226
Figura 77 – Maryta de Humahuaca, jul. 2017.....	226
Figura 78 – Viola de cabaça.....	233
Figura 79 – Cartaz: Dia nacional do Cerrado.....	244
Figura 80 – Cartaz: S.O.S Cerrado.....	244
Figura 81 – Ambientalistas e moradores do sul de Minas na Assembleia Legislativa.....	246
Figura 82 – Maria Alice e Brandão. Sítio Rosa dos Ventos.....	247
Figura 83 – Árvore das nascentes. Matizes Dumont.....	247

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 Um reverdecimento musicado .....</b>	<b>22</b>
<b>1.1 Caipira: a música e a viola .....</b>	<b>25</b>
1.1.1 A Viola Caipira .....	28
<b>1.2 Civilização e sustentabilidade.....</b>	<b>36</b>
1.2.1 Conflitos socioambientais no Brasil .....	41
1.2.2 O Cerrado e seus desafios .....	42
<b>1.3 Cultura e meio ambiente .....</b>	<b>52</b>
<b>1.4 Caminhando na Ecomusicologia .....</b>	<b>57</b>
<b>2 O toque do sertão: a natureza nas vozes e cordas da viola.....</b>	<b>67</b>
<b>2.1 Entrando no estado de São Paulo.....</b>	<b>81</b>
2.1.1 Kátya Teixeira.....	81
2.1.2 Dani Lasalvia .....	87
2.1.3 João Arruda.....	90
2.1.4 Levi Ramiro .....	96
<b>2.2 Andanças violeiras nas Minas Gerais.....</b>	<b>101</b>
2.2.1 Pereira da Viola .....	101
2.2.2 Josino Medina .....	108
2.2.3 Fernando Guimarães .....	116
2.2.4 Wilson Dias.....	120
2.2.5 Chico Lobo.....	126
2.2.6 Joaci Ornelas .....	130
2.2.7 Sol Bueno.....	134
2.2.8 Nádia Campos .....	143
2.2.9 Erick Castanho .....	148
2.2.10 Luiz Salgado .....	153
<b>2.3 Vivências no Planalto Central .....</b>	<b>155</b>
2.3.1 Marcos Mesquita.....	155
2.3.2 Chico Nogueira .....	162
2.3.3 Roberto Corrêa.....	166

2.3.4 Aparício Ribeiro .....	172
2.3.5 Victor Batista .....	179
2.3.6 Doroty Marques .....	186
<b>3 A Viola Caipira e a Educação Ambiental .....</b>	<b>200</b>
<b>3.1 O trabalho de violeiras e violeiros no interior do Brasil: diálogo e reflexões.....</b>	<b>220</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>249</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>252</b>

## INTRODUÇÃO

A minha história com o bioma Cerrado e com a Viola Caipira começa na minha infância e juventude vividas em Uberaba, no Triângulo Mineiro, em uma época em que andava pelo mato comendo frutas nativas que encontrava na região como gabioba, pequi, cajuzinho, araticum, jatobá, araçá, dentre outras. Quando íamos passar férias na roça onde minha mãe Anna foi criada até a adolescência, no Bálamo, zona rural próxima à cidade de Água Comprida, a 40 km de Uberaba, ela contava que, quando lá moravam seus 12 irmãos e meus avós, e viviam da terra, existiam capões povoados de pés de pequi e de outras árvores nativas.

Naquela época de nossas férias, a fazenda estava arrendada para plantadores de soja e, até hoje, lembro-me do aviãozinho, lá no alto, pulverizando o que mamãe contava ser veneno. Refletindo atualmente, a água leva o veneno das plantações para os rios e riachos e eu, que vivia como peixe dentro d'água e macaco em árvores, de certo que já na infância recebia esse veneno em meu corpo. Assim como grande parte dos venenos levam décadas para saírem do solo, especialistas da área de saúde e nutrição informam que um bebê que consome alimentos com produtos químicos, agrotóxicos e pesticidas, pode apresentar as consequências de venenos que se acumularam no organismo, como por exemplo, o desenvolvimento de um câncer ou de outras doenças, mesmo com 40 anos de idade.

Ao lado do velho casarão, recordo-me do balanço amarrado nos galhos belamente floridos do pé de ipê rosa, no mês de julho. Este era um dos meus passatempos preferidos: balançar, ou melhor, gangorrar, era como falávamos na época, e, enquanto balançava, naturalmente olhava para o alto, observando os periquitos pousados na copa do pé de ipê rosa, acreditando, na minha compreensão infantil, que eles bicavam as flores jogando-as em cima de mim. Ficaram na lembrança as suaves flores cor de rosa, sutilmente perfumadas, caindo leve, enquanto eu balançava. Nesse tempo, mamãe contava que as festas de casamento, na roça, eram dançantes, ao som de instrumentos como viola e rabeca e duravam, no mínimo, três dias. Ela também dizia que seu pai, o meu avô José Elias, que não cheguei a conhecer, tocava viola e batia o compasso com o dedão do pé. Meus pais recebiam sempre, em nossa casa em Uberaba, ou na roça durante as férias, as Folias de Reis, grupos que tradicionalmente têm a Viola Caipira como um dos instrumentos principais.

Em fins da década de 80, desenvolvi uma monografia intitulada “A interferência da questão da Terra na formação da cultura brasileira de raiz,” enquanto estudante da



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, conhecida como Rural, ou Km 49, situada na antiga rodovia Rio São Paulo, em Seropédica, Itaguaí/RJ. Nesse estudo pesquisei vários encontros anuais de cultura popular no Vale do Jequitinhonha (MG): a Semana de Cultura de Capelinha; e o FESTIVALE - Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha. Essa monografia resultou no Projeto “Cantoria da Terra” realizado na UFRRJ, no dia 04 de outubro de 1989. Somente dias depois que escolhi a data, é que percebi que o dia 04 de outubro é o dia de homenagem a São Francisco de Assis, que tanto amo, por ser o protetor dos animais. O tema do evento foi “Cultura e Ecologia no Brasil,” com debates, vídeos e exposição de fotografias, finalizando o dia com seis horas de cantoria, tendo a participação de aproximadamente vinte músicos de várias regiões do Brasil.<sup>1</sup>

Foi nessa época, a partir de 1986, que conheci músicos como Paulinho Pedra Azul, Saulo Laranjeira, Dércio Marques, Doroty Marques, Rubinho do Vale, Pereira da Viola, Titane, Lígia Jaques e Rogério Leonel, João Bá, Josino Medina, Paulo Amorim, Frei Chico, Urbano Medeiros, Juraildes da Cruz, Chico Lobo, Celso Adolfo, Gilvan Oliveira, Joaci Ornelas, dentre outros.<sup>2</sup> Durante o período de estudante da UFRRJ, como estagiária do Projeto Viver Melhor (Instituto de Educação - IE), organizei uma série de eventos culturais, palestras, cursos, oficinas e shows no Teatro da Universidade, conhecido como “Gustavão.” Dentre os shows organizados, destacam-se os de Saulo Laranjeira/MG, Grupo Vocal TainaCanto/MG, Paulinho Pedra Azul/MG, Rubinho do Vale/MG, Celso Adolfo/MG, Dércio Marques/MG, Marco Valério e Ecinho/GO, Almir Sater/MT, Udiyana Bandha/DF, Cláudio Nucci/RJ.

Todos esses trabalhos me trouxeram reflexões e indagações antigas a respeito da ligação do meio ambiente com o fazer cultural. A partir daí, principalmente pela amizade e influência de Pereira da Viola, Josino Medina, Doroty e Dércio Marques, o interesse pelo instrumento Viola Caipira e pela relação música/natureza/educação ambiental foi estreitado. Interesse esse que se intensificou com as vivências musicais no Sítio Rosa dos Ventos, no Sul

---

<sup>1</sup> A “Cantoria da Terra” ocorreu durante todo o dia 04 de outubro de 1989, abordando a cultura e o meio ambiente, com filmes, debates, exposições de fotografias, lançamento de livro, e shows com os músicos: Dércio Marques/MG, Rubinho do Vale/MG, Carlos Lucena/MG, Aline/MG, Eudes Fraga/CE, Saldanha Rolim/CE, Julinho Pimentel/GO, Juraildes da Cruz/GO, Ecinho Duarte/GO, Tato Fischer/SP, Kelce Moraes/RJ, Fred Martins/RJ, Guru Martins/RJ, Valdo Lima do Vale/PB, Assentamento de Terra Mutirão Sol da Manhã/RJ, dentre outros.

<sup>2</sup> Assim como também, outros nomes de poetas e produtores culturais como Tadeu Martins, Gonzaga Medeiros, João Evangelista, Guilardo Veloso, importantes articuladores da cultura popular no Vale do Jequitinhonha e no estado de Minas Gerais.

de Minas, realizadas a partir de 1995, com músicos como Fernando Guimarães, João Bá, Kátya Teixeira, Dani Lasalvia, Nádia Campos, João Arruda, Levi Ramiro e Dércio Marques. A minha primeira viola foi confeccionada artesanalmente em Minas Gerais, e a batizamos juntos em Belo Horizonte, eu, Dércio Marques e Joaci Ornelas pelo nome de “Florzinha,” no dia em que fui buscá-la. Dércio Marques gostava da acústica dessa viola e eu a emprestava para ele em algumas ocasiões de shows que ele realizou em Brasília.

Porém, como aprendiz da Viola Caipira, só foi possível aprofundar pesquisas e práticas, após o período de 14 anos de experiência profissional iniciados em meados da década de 1990 junto aos povos indígenas, principalmente como consultora em projetos com a Kàpey - União das Aldeias Krahô e a Escola Agroambiental Catxêkwyj (Terra Indígena Krahô - estado do Tocantins), nas áreas de: Educação Ambiental, Uso sustentável do Cerrado e Segurança Alimentar. A vivência pessoal, com o meio ambiente e com a Viola Caipira, levou-me à elaboração e execução do Projeto “Volta às Raízes,” que foi financiado pelo Fundo de Apoio a Cultura do DF - FAC/DF, no qual realizei como organizadora e musicista/violeira, 21 recitais no ano de 2011, em escolas públicas de cidades satélites do DF e em alguns espaços culturais, com o intuito de levar mensagens de resgate de nossas raízes culturais, o cuidado com a natureza e os valores humanos, às crianças, jovens e à comunidade envolvida. Durante os recitais foram projetadas mais de 80 imagens de flores do Cerrado, que fotografei na Fazenda Retiro Paramahansa Yogananda, uma área preservada de Cerrado a 90 km de Brasília/DF. Em 2014, como musicista convidada, fazendo parte da programação de inauguração do “EcoMuseu do Cerrado Laís Aderne,”<sup>3</sup> apresentei em duo (eu - Viola Caipira e Voz, com Maísa Amorim - Rabeca e Voz), o recital “Suíte do Sertão,” um trabalho que havia recentemente desenvolvido à época do meu Curso de licenciatura em Música da Universidade de Brasília.<sup>4</sup> Neste evento, as imagens com flores do Cerrado, ao qual me referi

---

<sup>3</sup> Evento organizado pela professora Rosângela Corrêa, Faculdade de Educação - Universidade de Brasília, com a participação de diversos órgãos e parceiros (Centro de Referência em Educação Integral e Ambiental – CREIA; Instituto Calliandra; Instituto PanAmericano do Ambiente e Sustentabilidade – IPAN; Rede de Sementes do Cerrado; Embrapa Cerrados, ONG Mãos na Terra; Sítio Geranium; Projeto Educação Ambiental no Parque Sucupira; Escola da Natureza; Parque Nacional de Brasília; ONG Eco Cerrado; IBRAM – Brasília Sustentável; Emater Goiás. Artistas como Bené Fonteles e Rômulo Andrade também participaram do evento que foi realizado nos dias 10, 11 e 12 de setembro de 2014, na Universidade de Brasília, campus Darci Ribeiro.

<sup>4</sup> Inauguração do EcoMuseu do Cerrado Laís Aderne. Programação. Disponível em: <http://www.redecerrado.org.br/index.php/sala-de-imprensa/noticias/497-inauguracao-do-ecomuseu-do-cerrado-lais-aderne>. Acesso em: 19 ago. 2017.

anteriormente foram também projetadas. Algumas dessas imagens vemos nos exemplos abaixo:

**Figura 1** - Flores do Cerrado, Fazenda Retiro Paramahansa Yogananda, São Gabriel/GO



Fonte: Fotos da autora

Procurando dar continuidade a este tipo de abordagem musical, busca-se então nessa pesquisa, investigar a Viola Caipira como um instrumento importante na transmissão cultural e percepção do mundo natural, por meio de músicas dirigidas à sensibilização da natureza e defesa do meio ambiente, especialmente em algumas áreas do Cerrado, um bioma cuja rica biodiversidade vem sendo crescentemente ameaçada com a devastação. Nesse sentido, ressalta-se que há um campo interdisciplinar denominado Ecomusicologia, que mescla estudos científicos e ambientais com estudos culturais e musicais. Para Allen (2014), a Ecomusicologia pode ser uma parte dos esforços de compreensão e intensificação do papel da cultura diante dos desafios de sustentabilidade, por meio de um “quadro analítico interdisciplinar” contribuindo ao desenvolvimento de “poderes de observação” e “habilidades de pensamento crítico” colaborando de formas criativas na educação de “profissionais e líderes eficazes” (Allen 2014).

Nesse sentido, a música pode participar de um processo de educação ambiental, mesmo que de forma sutil, colaborando no despertar de consciências quanto ao cuidado com a natureza. Assim como coloca Brandão (2008: 169): “Em qualquer lugar onde exista uma comunidade humana, a educação ambiental deveria ser um dos seus temas e uma das suas ocupações de cada dia.”

A partir desses levantamentos, ressalta-se que a arte pode desenvolver um papel importante no despertar de consciências, e neste sentido pode-se dizer que o **objeto de estudo** desta pesquisa é a Viola Caipira e as músicas que a envolvem, do ponto de vista da sua relação com a natureza, a partir dos pressupostos da Ecomusicologia. Assim, o **objetivo geral** deste trabalho é pesquisar a relação de violeiras e violeiras com o meio ambiente, em algumas

regiões do Cerrado no interior do Brasil. Os **objetivos específicos** destinam-se a pesquisar a Viola Caipira, história e *performance*, em sua relação homem/natureza; levantar e identificar os significados das motivações de violeiras e violeiros para interpretar e comporem um repertório voltado para o meio ambiente; ao lado do esforço para apontar a importância deste estudo na formação da “Ecomusicologia” no Brasil, um campo recente que vem se ampliando e enfatiza o estudo da música, cultura e natureza.

As **opções metodológicas** deste trabalho têm como referência os pressupostos teóricos expostos ao longo do texto somados a uma investigação empírica, cuja análise qualitativa dos dados convergiu para alcançar os objetivos já mencionados. A Viola Caipira e sua música foram abordadas com base nos autores como: Vilela (2013, 2008 - 2009), Corrêa (2013, 2000) Sardinha (2001), Budasz (2004), Marchi, et al, (2002), Sant’Anna (2013), dentre outros. Para contextualizar e justificar o estudo da Viola Caipira dentro dos parâmetros da Ecomusicologia, foram mostrados na primeira parte alguns estudos relevantes na área de Ecomusicologia, abordados por autores como Allen (2016, 2007), Titon (2016, 2013), Glanh (2014), Toliver (2004), Gray, et al. (2001), Rehding (2002). No campo de Paisagem Sonora e Ecologia Sonora, foram abordados autores como Lewy (2014) e Hill (2014). Para entender o processo de surgimento da Ecomusicologia dentro da Musicologia, inicialmente foram abordadas ideias dos autores V. Duckles, et al (2001), Kerman (1987, 1991), McCreless (1996), Miles (1997) e Nettl (1994). Os autores Capra (2002) e Ribeiro (2003) foram abordados dentro dos temas civilização e sustentabilidade. Em relação aos conflitos socioambientais no Brasil, principalmente na região do Cerrado, autores como Bustamante (2017), Bursztyn, et al. (2002, 2001), Duarte, et al. (2002), Little (2001) e Klink (2001) deram um suporte teórico. Os significados da cultura foram abordados por autores como Brandão (1981), Japiassu (1975), Merriam (1964), Geertz (2012). E mais especificamente a música ligada ao meio ambiente e raízes culturais brasileiras foi citado Moscal (2013), Albuquerque (2016), Bertelli (2016), Medina, M. F. R. (2011). A relação cultura e meio ambiente, assim como a Educação Ambiental foi abordada por autores como Brandão (2008, 2007, 2005, 2004, 2002), Andrigueto (2015) e Corrêa, R. A. (2015). A pesquisa de campo foi essencial para a coleta de dados. Citam-se as entrevistas, as observações participantes, a busca de materiais registrados em CDs, DVDs, folders, programas de Rádio e TV com seus principais apresentadores de programas de música brasileira, como “Viola minha viola” (Inezita Barroso – TV Cultura), “Senhor Brasil” (Rolando Boldrin – TV Brasil), “Arrumação” (Saulo Laranjeira – Rede Minas), “Nos braços da Viola” (Saulo Laranjeira - TV Brasil), sites da internet e diálogos em

Redes Sociais. Eventos realizados em algumas regiões do Cerrado também foram contemplados, como encontros de violeiros, encontros de cultura, recitais de viola e manifestações da cultura popular, nas quais a Viola Caipira estava inserida.

Deste modo, durante os meses de janeiro a julho de 2017, foram realizadas entrevistas com perguntas abertas e semiestruturadas enviadas por correspondências via e-mail, Facebook, assim como entrevistas orais ao vivo, ou por meio de ligações telefônicas. E quem são os sujeitos da experiência aqui tematizada? A amostra desta pesquisa são as violeiras os e os violeiros, os interlocutores. Os músicos escolhidos são provenientes dos estados: **São Paulo** - Levi Ramiro, João Arruda, Kátya Teixeira e Dani Lasalvia; **Minas Gerais** - Pereira da Viola, Josino Medina, Chico Lobo, Wilson Dias, Joaci Ornelas, Sol Bueno, Luiz Salgado, Erick Castanho, João Bá, Fernando Guimarães e Nádia Campos; **Distrito Federal** - Marcos Mesquita, Chico Nogueira, Roberto Corrêa e Aparício Ribeiro; **Goiás** - Victor Batista e Doroty Marques. Caracterizou-se esses artistas em primeiro lugar, por meio dos estados em que vivem e em um segundo momento contextualizando suas origens e apresentando uma breve biografia musical, bem como apresentando um pouco da micro história local de cada músico. É importante ressaltar que dentre os músicos escolhidos, a maior parte, formam uma rede de amigos que se encontram em cantorias, gravações de trabalhos musicais ou eventos culturais. A maioria dos entrevistados sobrevive diretamente de suas *performances* com a Viola Caipira, e uma pequena parte, tem a Viola Caipira como integrante de seu trabalho musical, sendo que, todos são artistas que vêm trabalhando temas musicais ligados à sua convivência com a natureza.

Por meio da análise de conteúdo dos seus discursos tanto em nível musical e linguístico, como iconográfico e performativo, projeta-se a transversalização dos dados obtidos, com a finalidade de compor uma compreensão mais aprofundada das questões de investigação deste trabalho. Esses critérios garantiram a obtenção de um grupo diversificado e representativo. O interesse foi investigar, por meio de algumas letras de músicas, o que caracteriza as diversas posturas desses músicos com relação aos objetivos deste estudo, enfatizando-se o componente cultural da Viola Caipira. Pretende-se também informar quais são os diversos papéis que esses artistas exercem, na medida em que atuam como atores sociais distintos de um trabalho cultural, que é tocar a Viola Caipira. A pesquisa também forneceu dados sobre qual é o corpo de ideias que procura subsidiar e legitimar essa prática artística e cultural.

Diante dos propósitos deste estudo, apresenta-se a análise qualitativa da fala dos entrevistados, comentam-se esses dados e, logo depois, opta-se por transcrever, no corpo do trabalho, as partes mais vivas e pessoais das entrevistas e das canções selecionadas, a fim de mostrar a riqueza que nelas emerge, registrando o relato e os significados da experiência presentes na reflexividade e nas palavras de seus próprios autores, como proposto nesta investigação.

Acreditando que o estudo de um fazer cultural ecológico com a Viola Caipira pode colaborar para enriquecer o campo de conhecimento acadêmico, especificamente o da Ecomusicologia, e, para melhor posicionar a interação entre estes campos de estudo optamos por estruturar esta pesquisa da seguinte maneira. O primeiro capítulo intitulado “**Um reverdecimento musicado**” aborda a história e *performance* da Viola Caipira, em sua relação homem/natureza, buscando compreender um pouco dessa trajetória e a intenção desses músicos ao se dedicarem a compor, tocar e cantar músicas em defesa do Cerrado. Para isto apresentam-se também algumas ideias sobre a civilização e a sustentabilidade, envolvendo os conflitos socioambientais no Brasil e a questão do Cerrado e seus desafios. A relação da cultura e do meio ambiente e os caminhos trilhados em direção à Ecomusicologia também são destacados.

O segundo capítulo denominado “**O Toque do sertão: a natureza nas vozes e cordas da viola**” apresenta em sua introdução a importância dos trabalhos musicais dos irmãos Marques, Doroty e Dércio, assim como do poeta compositor João Bá. A seguir, expõe a análise das falas das violeiras e dos violeiros entrevistados dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Goiás. São apresentados temas musicais ligados à natureza, como: Cerrado, água, terra, fogo, céu, mata, frutos, fauna e flora. A temática indígena e conhecimentos tradicionais destes povos também serão abordados em alguns trabalhos musicais apresentados.

O terceiro capítulo chamado “**A Viola Caipira e a Educação Ambiental,**” primeiramente detalha alguns trabalhos de violeiras e violeiros entrevistados, relacionados à educação ambiental que vem desenvolvendo em algumas regiões, dando destaque às suas falas e experiências. E por final faz-se um entrelaçamento de dados da pesquisa de campo com reflexões dos autores e um diálogo reflexivo com os trabalhos desses músicos no Cerrado brasileiro, por meio da análise de entrevistas e de seus trabalhos registrados em CDs e vídeos.

E finalmente as considerações finais respondem às questões da pesquisa, sugerem as possíveis aplicações e extensões e indicam as vantagens e as limitações encontradas ao longo da pesquisa, além de apresentar recomendações e sugestões para trabalhos futuros.

Com o auxílio desses referenciais teórico-metodológicos e mediante a estruturação escolhida para o desenvolvimento do trabalho, espera-se ter realizado o propósito de contribuir para identificar os significados das motivações de violeiras e violeiros para interpretar e comporem um repertório voltado para o meio ambiente, e destacar também a importância deste estudo na formação da “Ecomusicologia” no Brasil.

## 1 Um reverdecimento musicado

[...] *E nós como povo da Terra / temos que alerta estar  
Pra não matar a cultura / e as formas de ensinar  
Que contribua pra vida / nessa terra melhorar.*  
[...] *As plantas cuidam do homem / e dos outros animais  
Cuidam do ar e da água / da Terra e seres demais  
E cuidam umas das outras / vegetais com vegetais* (Sampaio 2012: 11).

A história da humanidade apresenta inúmeros conflitos sociais e ambientais, por vezes oriundos da destruição da natureza. Assim como o poema acima citado, a preocupação com o meio ambiente é uma constante em diversos seguimentos artísticos. Desvendar caminhos para uma nova consciência ambiental tem sido tema de debate, antes mesmo da conferência internacional ECO-92,<sup>5</sup> em diversos encontros ecológicos e culturais que ocorrem no país e no mundo em defesa da vida na Terra e da diversidade cultural dos povos em que nela vivem. Colaborar neste âmbito é, portanto, necessário já que tais manifestações ainda não conseguem frear os sérios desajustes sociais e de sustentabilidade do meio ambiente. Assim como é atual o que nos alertou Japiassu (1975) quando afirmou que, diante do monopólio da racionalidade científica, faz-se necessário reconstituir a imagem quebrada do homem, reforçando sua identidade pessoal e a sua relação com os outros seres vivos, pois a ciência e a manipulação técnica sobre a natureza vêm causando danos com incontáveis prejuízos, afetando diretamente a qualidade e sobrevivência de vida em todo planeta. Japiassu (1975) aponta na epistemologia crítica, como isso reflete na dominação do homem e na definição de uma cultura:

[...] E na medida em que a transformação da natureza implica na dominação do homem, o a priori da tecnologia não pode deixar de ser "político", uma vez que ela se torna a forma universal da produção material, define uma cultura e projeta, assim, um "mundo" inteiramente diferente (Japiassu 1975: 152-153).

Diversos estudos científicos buscam alternativas para contrapor esse quadro. Rice (2008) aponta a necessidade de buscarmos um novo fundamento filosófico para nossas pesquisas e tentar mediar as divisões que herdamos do Iluminismo ocidental e das tradições

---

<sup>5</sup> Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992, que reuniu mais de 100 chefes de Estado para debater formas de desenvolvimento sustentável. A Agenda 21, criada durante a Eco-92, é um importante documento que propõe práticas e técnicas de desenvolvimento sustentável para nações, estados e cidades.



científicas pré-modernas. É importante que nossas pesquisas estejam voltadas a um saber que respeite os outros saberes e caminhe em direção à valorização da vida em conjunto, em que todos, de forma solidária possam colaborar na construção de novos saberes comprometidos socialmente com um mundo melhor. Assim como certifica o físico Fritjof Capra (2002), tudo neste universo está interligado em uma teia infinita, entre plantas, homens e animais, a “teia da vida,” cujo equilíbrio se encontra ameaçado pelos impactos sociais e ecológicos da globalização. Conforme depoimento de Leonardo Boff na TV Supren:<sup>6</sup> “a sustentabilidade representa isso: permitir que todos os seres evoluem e co-evoluem e mantenham toda imensa biodiversidade” (Boff 2016).

Andrigueto (2015) aponta que, em resposta aos problemas ambientais atuais, surge a educação ambiental, um campo em fase de construção, que se baseia em novos valores:

[...] propondo a quebra de paradigmas e pautando-se pelo consumo consciente, pela inclusão social e pela defesa e preservação do meio ambiente. Ela desafia os modelos econômicos, sociais e ambientais tradicionais e insere-se em vários contextos e por intermédio de vários atores (Andrigueto 2015: 54).

A mudança de valores é ponto fundamental colocado também pela educadora Rosângela A. Corrêa (2015):

Nas sociedades nas quais existe respeito recíproco e solidariedade entre humanos, os mesmos valores são transpostos para as relações de trabalho ou para qualquer outra atividade em que existam trocas recíprocas entre humanos e natureza. É claro que onde domina a violência e a exploração egoísta do mundo e do outro não poderá existir equilíbrio ecológico. Por isso, a questão ética, a mudança de valores, o criar interiormente as condições afetivas e racionais para novos valores é um ponto fundamental da educação ambiental (Corrêa, R. A. 2015: 71).

A arte pode desenvolver um papel importante no despertar de consciências, e neste sentido, este trabalho propõe pesquisar a relação de violeiras e violeiros com o meio ambiente em algumas regiões do Cerrado, no interior do Brasil, buscando levantar e identificar os significados que motivam esses novos compositores, cantores e tocadores de Viola Caipira a

---

<sup>6</sup> TV Supren é um canal da União Planetária em Brasília, tem por lema: “Para uma nova consciência, uma nova televisão,” e apresenta programas como: “Ética e Sustentabilidade,” “Terra, Meu amor!,” “Arte de Cuidar,” “Ciclos da Vida,” “Encontros para o Bom Viver,” “Pedagogia das Virtudes,” dentre outros. Disponível em: <http://www.uniaoplanetaria.org.br/tvsupren/programas>. Acesso em: 28 de mai. 2016.

interpretar e compor um repertório voltado para o meio ambiente. Este é um objetivo central desta pesquisa, ao lado do esforço por apontar a importância deste estudo na formação da “Ecomusicologia” no Brasil, um campo recente que vem se ampliando e foca no estudo da música, cultura e natureza. Segundo Allen (2014), a Ecomusicologia é um campo interdisciplinar que mistura estudos científicos e ambientais com estudos culturais e musicais, e, pode e deve envolver-se com as profundas crises ambientais que ameaçam o planeta. Este autor acredita que os musicólogos possuem capacidade de entender essas crises a partir de pontos de vista alternativos e fazer algumas contribuições, mesmo que pequenas, para melhorá-las.

Existe uma discussão entre definições sobre cultura e natureza, discussões estas que não incluíam a cultura indígena na natureza. Esse assunto vem sendo abordado por alguns autores como Philippe Descola.<sup>7</sup> Perig Pitrou (2015) comenta que a Antropologia, por exemplo, “se estabeleceu como uma disciplina independente ao designar o social como um campo de estudos específico, permitindo que se distanciasse de certas posições retrógradas encontradas nos domínios da antropologia física,” e informa que essa divisão entre natureza e cultura tem sido criticada.

Contudo, a dicotomia natureza/cultura em que esta divisão se baseou tem sido objeto de constante crítica ao longo das últimas décadas. Os dois editores de *Biosocial becomings*, assim como Bruno Latour e Philippe Descola, demonstraram os limites destes conceitos na explicação das práticas e das representações humanas. Agora que esta desconstrução começou, o desafio para nossa disciplina é definir uma antropologia “além de natureza e cultura.”<sup>8</sup>

Allen (2014) afirma que a Ecomusicologia pode beneficiar a todos como uma ferramenta disponível, dentro e fora da academia, explicitamente e implicitamente, oferecendo-nos formas de unir as desastrosas divisões natureza-cultura, isto é, onde o ser humano e a natureza estão desconectados. Allen (2014) aponta que a Ecomusicologia pode colaborar nesse sentido por meio de ações educacionais, complementando compromissos intelectuais e práticos em estudos ambientais e de sustentabilidade para treinar os alunos em

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/5620/4120>. Acesso em: 18 set. 2017.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132015000100181](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000100181). Acesso em: 18 set. 2017.

pensamento imaginativo, crítico e analítico, podendo depois colocá-los em ação fora da academia.

[...] Ecomusicologia é parte de uma transformação da educação que busca criar um mundo mais justo e sustentável através do trabalho que fazemos como professores. À medida que nosso campo de ação se estende, através de nossos alunos e pesquisa, das instituições educacionais à esfera pública de planejamento, gestão, política e até mesmo pensamento cultural, a Ecomusicologia se torna ativismo<sup>9</sup> (Allen 2014: 4).

Conforme coloca Allen (2014), a crise ambiental é uma crise não somente da ciência, vinda de uma engenharia fracassada, e sim também cultural, vinda do pensamento fracassado, por isso a necessidade de reunir todos os recursos humanos e científicos possíveis para imaginá-la, compreendê-la e enfrentá-la, e, é onde a Ecomusicologia, unindo as artes e as ciências, pode ensinar o pensamento crítico criativo. Afinal “todos nós desejamos um mundo melhor, e experiências criativas e estéticas nos ajudam a imaginar e efetuar a mudança” (Allen 2014:10).<sup>10</sup>

Acreditando que o estudo de um fazer cultural ecológico com a Viola Caipira pode colaborar para enriquecer o campo de conhecimento acadêmico, especificamente dentro da Ecomusicologia, e, para melhor posicionar a interação entre estes campos de estudo, primeiramente, a seguir, será abordada a história e *performance* da Viola Caipira, em sua relação homem/natureza, buscando compreender um pouco dessa trajetória.

## 1.1 *Caipira*: a música e a viola

No Brasil, desde os primeiros moradores desta terra, os povos indígenas, a música sempre esteve ligada aos ciclos da natureza e aos seres vivos (plantas, animais, astros, água, fogo, terra, ar, dentre outros). Com a colonização, ocorreram fusões culturais entre povos indígenas, bandeirantes, tropeiros e agricultores desbravadores nos séculos XVII e XIX. E especificamente, no processo de colonização do centro-sul brasileiro, ocorreu a formação de uma cultura caipira, conforme Ivan Vilela (2013). Essa cultura gerada por frentes de pequenos

<sup>9</sup> [...] Ecomusicology is part of a transformation of education that seeks to create a more just and sustainable world through the work we do as teachers. As our field of action extends, via our students and research, from educational institutions into the public sphere of planning, management, policy, and even cultural thought, Ecomusicology becomes activism (Allen 2014: 4).

<sup>10</sup> We all desire a better world, and creative, aesthetic experiences help us in imagining and effecting change (Allen 2014:10).

agricultores surgiu e desenvolveu-se quando esses agricultores foram aos poucos interagindo sua maneira de viver com a dos povos indígenas, formando uma cultura própria em diversos setores como música, culinária, língua, artefatos, valores, costumes e outros. A palavra caipira, por exemplo, vem da língua Tupi-guarani e *caaipura* significa: de dentro do mato, e foi o nome que os indígenas do interior de São Paulo deram aos colonizadores, passando a ser uma designação genérica dada aos habitantes de regiões rurais do interior do Sudeste e Centro-Oeste (Chiaradia s/d.). De algum modo ela se opõe a “caiçara,” palavra que desde a Colônia qualifica os moradores do litoral, especialmente no caso de São Paulo.

A música exerceu um importante papel de mediação nas relações das comunidades rurais que foram se formando desde a colonização, e foi por meio dela que o caipira encontrou e encontra uma maneira própria de expressar os seus sentimentos, de traduzir as suas ideias e de perpetuar seus valores, história e cultura (Vilela 2013). “De forma lúdica, a tradição oral estrutura um mundo de sistemas e valores que permite aos homens que nele estão a viver em um mundo de paz, solidariedade e respeito mútuo” (Vilela 2013: 107). Brandão (1981) argumenta sobre a importância das trocas sociais e simbólicas que ocorrem em manifestações da cultura popular, principalmente em contextos rurais:

[...] este universo de cultura e religião populares tem a sua lógica própria e produz o seu próprio sistema de articulação da invejável ordem de trocas sociais e simbólicas - entre a solidariedade e o conflito - que o povo inventou do núcleo de seu próprio modo de vida, e cuja máxima utilidade, se é preciso buscar alguma, é saber retraduzir esta ordem, os seus valores e o empenho de seus homens em partir dela para a construção de uma outra, onde uma outra cultura popular escreva, em prosa e verso, em canto e dança, a história e a vida de um povo mais livre e mais feliz (Brandão 1981: 170-171).

No meio rural a música aparece em forma instrumental, em solo e em canção que pode ser realizada em coro, dupla ou solo. “A palavra, a poesia, os causos, as letras, a fala são elementos fundamentais de nossa cultura caipira” (Corrêa 2014: 49).

Desde sua colonização, o mundo rural no Brasil era voltado para a produção de gêneros agrícolas de exportação, e com a descoberta de ouro e pedras preciosas no estado de Minas Gerais, as cidades começaram a crescer e se estruturar (Vilela 2013). Com a modernização, aos poucos os valores do mundo caipira foram perdendo sua função e desaparecendo. Os novos tempos trazem mudanças de costumes e adequações, principalmente ocorridas com a chegada da energia elétrica na maioria das propriedades rurais (Corrêa 2014).

A cultura popular no campo foi sendo diluída com a intensificação da monocultura e mesmo para os que ficaram na terra, o desenraizamento foi se caracterizando com a perda de referências e valores, como afirma Vilela (2013), criando um processo de desagregação individual e social.

No final da década de 1920, o cotidiano do camponês, do caipira do centro-sudeste do Brasil, começa a ser mostrado em emissoras de rádio e em discos, com vozes, viola e violão. Nesta época, essa música constituiu-se na terceira maior fatia do mercado de discos no país, e as mensagens das canções contribuíram para que os migrantes rurais se fixassem na cidade sem perder totalmente os valores de origem, “não fosse pelo disco e por sua indústria ‘alienante’, como a ela se referem alguns estudiosos, o caipira jamais conseguiria transmitir sua história de enraizamento e fazê-la conhecida por todos” (Vilela 2013: 62).

Para Romildo Sant’Anna<sup>11</sup> (2013) a moda caipira reflete o sentimento de perda da terra e amor das populações rurais pelo seu lugar de origem, “esse amor que nós também mantemos, porque nós viemos também a partir da década de 1940, de lá pra cá, quando se agravou as questões do êxodo rural, isso é atávico, isso está dentro de nós, esse amor a terra.” Sant’Anna (2013) lembra que o homem do campo se relaciona com a terra de forma diferente do homem da cidade, a terra se une com espaço de uma imensidão, ocorrendo o casamento do céu com a terra, que Deus fecunda por meio da chuva sob a terra, nascendo assim toda espécie de vida, onde o lavrador se sente um colaborador.

A terra é virgem, é a mãe de tudo, como o céu é o pai de tudo, desta fecundação cósmica floresce toda espécie de vida. O mito agrário da terra mãe encerra uma sabedoria que ultrapassa a ideia de produção e consumo. O lavrador guarda um sentimento de enlevo, pois colabora na obra da natureza. Para ele a terra é sagrada, simbolicamente o solo é a carne da terra mãe, as pedras seus ossos, a vegetação seus cabelos (Sant’Anna 2013).

Atualmente, a realidade cotidiana de muitos lavradores é a viagem de caminhão indo e voltando da cidade ao campo, cumprindo um trabalho na paisagem monótona dos canaviais, comenta Sant’Anna (2013) e ainda diz que, com isso os trabalhadores rurais ressentem todos os dias a nostalgia do tempo em que moravam na roça, deixando transparecer esse sentimento

---

<sup>11</sup> Romildo Sant’Anna, jornalista, pesquisador de cultura popular, é especialista em cultura caipira. É mestre em Linguística Aplicada e doutor em Literatura Comparada pela USP, e livre-docente pela UNESP. Professor e pesquisador de História da Arte, Literatura Hispanoamericana, Cultura Popular, Estética da Oralidade e Música Popular Brasileira. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/romildo-santanna>. Acesso em: 23 maio 2017.

em suas vivências. Culturas indígenas, africanas e portuguesas são transformadas ao longo do processo de perda de sua terra.

A perda da terra, a perda da mãe, é uma coisa muito importante. É o indígena que foi expropriado da mãe terra, é o africano que deixou sua terra, os seus amigos, e aqui ele se encontra escravizado, é o português desterrado, e que está num lugar completamente distante. Culturas milenarmente sedimentadas, mas que são obrigadas a se darem a mão para sobreviverem, mas no fundo alguma coisa foi embora que é a mãe terra. Então o homem do campo que assiste a esse espetáculo mítico, ele assiste com o pé no chão, é diferente daquele que vive sobre o asfalto e que pensa na terra pelo valor de mercado, ele pensa na terra pelo valor do m<sup>2</sup>, então são duas maneiras quase que opostas de se sentir existencialmente no mundo, na relação, no lugar onde ele está (Sant'Anna 2013).

A música caipira está carregada de significados da relação do ser humano com o meio ambiente, ainda que seja como uma nostálgica ou triste lembrança de suas raízes de origens. Em entrevista com o violeiro e compositor mineiro Chico Lobo, fica marcante o entendimento de que “a música caipira vem do interior do Brasil e do interior de nossa alma. Do sertão geográfico e do sertão coração e metafísico” (Corrêa 2014: 57).

Concluindo esta seção, podemos dizer que a viola caipira é um instrumento essencial da música caipira desde a sua formação. Na próxima seção desenvolveremos um breve histórico sobre este importante instrumento.

### 1.1.1 A Viola Caipira

*Toco viola de noite, aprecio o firmamento,  
viola tem som de bicho, quando traz um guizo dentro,  
é coruja que arrepia quando solta o seu lamento.  
Viola vem lá do mato, lá do meio da quiçaca,  
de cocho, de buriti, de madeira ou de cabaça [...]  
A viola é companheira, de caminhos e atalhos,  
rio abaixo, rio acima, folia, farra e trabalho [...]  
Machado cortou madeira, “dirrubou” ela no chão,  
um pedaço virou casa / e o outro foi pro fogão,  
meu pedaço é a viola / que chora na minha mão  
(Ramiro 2013).*

Os versos citados acima do violeiro e *luthier* paulista, Levi Ramiro, fazem parte de um repertório musical entrelaçado de histórias de amor e vivências na natureza, que vem acompanhando a Viola Caipira. Presente em diversas manifestações, a Viola Caipira

constituiu-se em um patrimônio rico em peculiaridades, que inclui desde a confecção do instrumento e sua prática abrangendo também os ritmos, as melodias e os contextos de *performances*, frutos do intercâmbio que ocorre entre culturas diversas.

Conforme pesquisas dos violeiros compositores e professores Roberto Corrêa (2000, 2014) e Ivan Vilela (2008-2009, 2013), as violas no Brasil descendem das violas portuguesas tendo sido trazidas para o Brasil pelos Jesuítas e colonos portugueses. O percurso da viola com o caipira vem de longe, “da catequização dos índios e mamelucos ainda no século XVI aos bandeirantes e depois tropeiros, a viola firmou-se nesse espaço geográfico, nos costumes desse povo e fez-se expressiva porta voz de sua musicalidade” (Vilela 2013: 93). Araújo (1958/1959) informa que em 1870, tropeiros de estradas do Rio Grande do Sul a São Paulo, contavam que nunca viram seus peões e camaradas viajarem sem sua viola, quase sempre conduzida dentro de um saco, amarrada à garupa de seu animal vaqueano, e era sempre tocada após o trabalho do dia, nas paradas, antes dormir.

De acordo com Vilela (2003), as primeiras violas portuguesas têm idade de 800 anos, enquanto o violão que conhecemos tem aproximadamente 250 anos. O musicólogo José Alberto Sardinha (2001), conta que a popularidade da viola em Portugal no século XVI era enorme e ampliava-se a todas as classes sociais, sendo muito comum encontrar um camponês ou moça do campo, mesmo pobres, ou ainda um soldado, que tocassem viola e possuíssem esse instrumento. O mesmo autor menciona que em várias notícias referentes à expedição de Alcácer Quibir,<sup>12</sup> é mostrada a viola como o instrumento que fez companhia aos portugueses, chegando a virar uma lenda repercutida a partir da declaração de Philippe de Caverel, embaixador do Papa em Lisboa em 1582: “o campo de batalha ficou pejado com dez mil «guitarras» dos portugueses, que Sampayo Ribeiro já esclareceu serem violas de mão – vide As Guitarras de Alcácer” (Sardinha 2001: 62).

Ainda presente no meio rural, representando um papel social muito importante, a viola campaniça é considerada por Sardinha (2001) um dos mais arcaicos instrumentos populares vivos em Portugal.

---

<sup>12</sup> A Batalha de Alcácer Quibir ocorreu no Verão de 1578, entre os portugueses liderados pelo rei D. Sebastião, e os mouros do Marrocos. Os portugueses foram derrotados ocorrendo o desaparecimento do rei D. Sebastião e da elite da nobreza portuguesa, precipitando a crise dinástica de 1580. Metade das tropas (força militar constituída por 17.000 homens) morreu na batalha, metade foi feita prisioneira, e poucos voltaram. Disponível em: <http://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br/2009/06/batalha-de-alcacer-quibir.html>. Acesso em 28 ago. 2016.

[...] possuidora duma sonoridade de um puro sabor rústico, e que preenchia – ainda preenche –, na vida das comunidades rurais do sul do país, funções exclusivamente lúdicas, de acompanhamento de balhos, de despiques, ou de corais populares, tudo levando mesmo a crer que tivesse outrora, nessas comunidades, em geral e sobretudo através do canto colectivo, um papel social e musical mais importante do que se poderá pensar (Sardinha 2001: 27).

Budasz (2004) lembra que negros tocadores de viola já aparecem no teatro ibérico durante a segunda metade do século XVI. Esse autor estuda a música do tempo de Gregório de Mattos, música ibérica e afro-brasileira na Bahia dos séculos XVII e XVIII, e menciona a informação de que o poeta Gregório de Mattos cantava acompanhando-se de uma viola que fizera de cabaça (que ainda hoje é tocada em regiões do Brasil). Na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Portugal, estavam presentes instrumentos como a viola de taboa, rebeca de coco, pandeiros, pedras, assobio, berimbau (Budasz 2004). “Em Lisboa, o Cumbe aparece dançado por negros na Festa do Rosário da Igreja do Salvador, acompanhados por violas, rebecas, fazendo uma ‘bem concertada dissonância’, como descrevia o Folheto de Ambas as Lisboas em 1730” (Budasz 2004: 31).

A Viola Caipira foi desenvolvendo um papel importante ao narrar ou cantar um acontecimento com rimas e ritmos colaborando assim, para registrar uma história e manter a fidelidade do relato, principalmente dos povos sem escrita. De tradição ibérica, o romance foi base literária da produção musical caipira no Brasil, “sempre narrando fatos, contando histórias, transmitindo valores, as canções sertanejas atravessam o tempo mantendo vivas memórias, traços culturais e comportamentos de comunidades inteiras” (Vilela 2013: 85).

Leandro (2011) aborda a moda-de-viola caipira como um gênero lírico-narrativo de temática rural, investigando-a como um sistema que conjuga texto poético e forma musical cujas características musicais e literárias aproximam-na das narrativas de tradição oral, como a poesia épica e as cantigas do Romanceiro Ibérico. Apoiada na batida ou ponteio de viola, a moda de viola, interpretada muitas vezes por duetos,<sup>13</sup> canta os amores, sagas, causos, tragédias, acontecimentos, comparada aos romances medievais, cumprindo muitas vezes o papel de imprensa do sertão (Leandro 2011).

---

<sup>13</sup> Uma característica comum e quase intuitiva no meio rural é a presença do dueto, presente na moda de viola e na maioria das manifestações populares, onde duas vozes são entoadas em terças e sextas (Leandro 2011).



A Viola Caipira espalhou-se por todo Brasil apresentando diversas formas de construção e afinação. Sardinha (2001) exemplifica essa abrangência quando informa da existência de uma Rua das Violas na cidade de Sabará em Minas Gerais, que ficou famosa por ter os melhores fabricantes de violas do Brasil, chegando a ter em 1920, mais de quarenta fabricantes de violas somente nessa rua. Desde sua chegada, no século XVI, até tornar-se símbolo da música caipira, “a viola participou de um longo período de transformações inerentes ao processo de formação da própria cultura e sociedade caipira” (Pinto 2008: 16). A Viola Caipira manteve sua estrutura básica de cinco cordas duplas, apesar de antigamente serem fabricados instrumentos com maior número de cordas. Conforme as adaptações às especificidades de cada região surgiram também outros tipos de viola: a de buriti, a de cocho, a de cabaça e a de bambu (Andrade 2009). A viola de cocho, construída no estado do Mato Grosso, por exemplo, é feita entalhando uma madeira inteira, semelhante ao cocho, local onde o caipira coloca comida para os animais de sua criação.

Desde Portugal é comum encontrar o nome da viola associado ao ambiente natural de origem. Em cada região no Brasil, por exemplo, a viola recebe nomes como: viola caipira, viola de pinho, viola cabocla, viola serena, viola de arame, viola chorosa, viola cantadeira, viola de Queluz, viola de 10 cordas, viola nordestina, viola sertaneja, viola de fandango, viola branca, viola pantaneira, viola campeira, viola brasileira, dentre outros (Corrêa 2000; Vilela 2008-2009). Em relação às afinações, elas são conhecidas por nomes regionais, tais como: cebolinha, cebolão, boiadeira, rio-abaixo, paulistinha, riachão, rio-acima, cana verde, quatro-pontos, serra-acima, temperão, guaianinho, guaianão, nordestina, dentre outros (Corrêa 2000; Araújo 1958/1959).

No Brasil, a viola está presente em diversas manifestações tradicionais da cultura popular, como a dança de São Gonçalo, as Folias de Reis, a festa do Divino, os desafios, o fandango, a catira, o samba de roda e, com mais frequência, nas diferentes modalidades de músicas sertanejas, desde o Sul até o Nordeste do Brasil, compondo uma riqueza de diversidade de estilos e sotaques (Souza 2005). Existe uma variedade de ponteados e ritmos abarcados pela viola na música caipira: cururu, cateretê, moda de viola, querumama, pagode, recortado, guarânia, polca, batuque, cipó-preto, lundu, congada, folia, jaca, toada, samba rural, chamamé e valsa, estão entre os principais. Acreditando que as diferentes culturas se interpenetram, Vilela (2013) considera a música caipira como a maior detentora de ritmos distintos existentes na música brasileira, e critica a visão positivista que coloca o moderno em oposição ao popular tratando a cultura popular e camponesa como inferior.

A Viola Caipira é um instrumento musical bastante difundido no meio rural, em várias regiões de todo país, e que traduz formas lúdicas de socialização (Mestres da Viola 2011), assim como também nos informa Oliveira (2004: 16), que “na literatura sobre música brasileira, a viola é remetida ao espaço do rural: ela é o símbolo das musicalidades praticadas no meio rural brasileiro.” A Viola Caipira foi muito tocada na região centro-sul do Brasil para dar ritmo aos que estavam colhendo ou carpindo, participando dos cantos de trabalho que acompanhavam colheitas e mutirões (Vilela 2013). Mãos que trabalham no campo, endurecidas pela enxada, foice e outras ferramentas, descobrem outros recursos e ritmos, muitas vezes difíceis de serem executados por autoridades da Viola Caipira, não oriundas desse meio, pois constituem recursos sonoros diferenciados, com timbres e texturas que as músicas clássicas e populares na maioria das vezes não conseguem produzir (Vilela 2013).

Em depoimento, Paulo Freire<sup>14</sup> comenta sobre como os toques de viola falam da natureza, da relação do homem com sua terra. Para esse violeiro, a Viola Caipira está associada ao sertão ou ao sertanejo, sendo assim importante conhecer esse contexto, para aprender melhor o fazer musical nesse meio (Marchi, et al. 2002: 28).

Depoimentos de tocadores do interior do Brasil indicam vários aspectos da relação do homem com a terra, que são apresentados por Marchi, et al. (2002) buscando o contexto geográfico e cultural para a música tradicional. Um exemplo, que ele nos traz, é o de um violeiro que mora na Chapada Gaúcha (MG), José Erotides de Araújo Carneiro, que faz na viola o tradicional toque da inhuma, segundo ele, é um toque de saudade, inspirado no canto dessa ave:

“É poucas pessoas que toca bonito igual a inhuma passava cantando. E sempre ela só canta quando tá mudando, contavam. Às vezes ela tá aqui, aí ela dá de sair, caçar outro território. Ela só muda de noite. Eles diz que quando visse uma inhuma cantando, todo mundo saía de casa pra ouvir. Pelo dizer deles, que parece, pela inocência dela, que ela não tivesse falando, mas o toque indicava isso: ‘Eu vou m’embora, eu não volto mais/ Adeus meu povo que eu vou embora/ Por aqui eu não volto mais...’ ” (Marchi, et al. 2002: 69).

No meio rural, a relação do violeiro com o ambiente natural é inseparável, e isso pode ser notado, por exemplo, na entrevista com a esposa do Sr. Orisvaldo, agricultor violeiro da

---

<sup>14</sup> Pertencente à nova geração de violeiros, Paulo Freire vem trazendo a Viola Caipira para as salas de concerto, realizando palestras e oficinas de viola pelo Brasil, tendo também se apresentado na Europa e Estados Unidos (Marchi, et al. 2002: 31).

região do rio São Francisco no estado de Minas Gerais. Esta entrevista está citada na revista on-line “Mestre da Viola” (Bueno 2011):

[...] conta sobre como depois de adquirir a viola o marido passou, a vir, no meio do dia, no horário das tarefas do campo, a voltar pra casa, só pra matar as saudades e tocar um pouquinho... Orisvaldo fala que essa saudade vem da inspiração, que às vezes, no meio do lida aparece... e aí, pode estar no pasto, carpindo ou plantando: é voltar correndo pra casa e tocar o sentido! As músicas vão nascendo conforme esta inspiração, ouvidas a termo, entre a saudade da viola e a vontade de tocar! (Bueno 2011: 9).

Não só no meio rural, como nas cidades, a viola vem ampliando sua atuação, e segundo nos fala Corrêa (2014: 41) “o seu avivamento a partir da segunda década do século XX vem resgatar sua importância como instrumento identitário e, também, como instrumento libertário.” Percebe-se no século XXI, cada vez mais a difusão da viola.

Na diversidade musical de nosso país, nessa segunda década do século XXI, temos uma notável presença da viola. Mais que um ressurgimento, já que a viola sempre esteve presente nas práticas musicais da vida rural, podemos falar de um avivamento, uma expansão de seu uso e até mesmo da criação de uma nova música (Corrêa 2014: 14).

No final do século XX e início do XXI “temos no Brasil uma grande movimentação de pessoas, de todas as gerações – músicos, aprendizes, compositores, artesãos, professores, público – em torno da viola caipira” (Corrêa 2014: 113). Além do ensino da viola estar presente em escolas de música, em universidades<sup>15</sup> e em projetos sociais, atualmente a proliferação de Orquestras de violas ocorre por toda região sudeste, podendo enumerar mais de cem delas, algumas vindas de associações, institutos e ONGs (Vilela 2013).

O movimento de reavivamento da cultura popular vem ocorrendo no Brasil desde a década de 1980, por meio de encontros de cultura e alguns programas de TV que valorizam raízes culturais. Um número grande de violeiros vem atuando nas últimas décadas por todo país, muitos deles com trabalhos inovadores, com vários CDs gravados, a maior parte de forma independente. Da região sudeste e centro-oeste, destacam-se alguns nomes como: Pereira da Viola, Tavinho Moura, Renato Andrade, Ivan Vilela, Chico Lobo, Josino Medina, Joaci Ornelas, Gustavo Guimarães, Wilson Dias, Bilora, Luiz Salgado, Erick Castanho, João Arruda, Victor Batista, Levi Ramiro, Braz da Viola, Fernando Deghi, Paulo Freire, Marcus

<sup>15</sup> Em 2005 foi criado o bacharelado em Viola Caipira na Universidade de São Paulo - USP.

Ferrer, Milton Edilberto, Marcos Mesquita, Aparício Ribeiro, Roberto Corrêa, Domingos de Salvi, Cacai Nunes, Chico Nogueira, Almir Sater, Helena Meireles, Juliana Andrade, Bruna Viola, Adriana Farias, Letícia Leal, Carol Carneiro, dentre outros. Citam-se também os nomes de musicistas que vêm se dedicando à Viola Caipira, compondo com esse instrumento, usando-o em suas *performances* ou como educadoras. Aparecem nomes como: Sol Bueno, Dani Lasalvia, Kátia Teixeira, Ana Patrícia Rocha, Nádia Campos, dentre outras. E, há mais de décadas, a cantora educadora Doroty Marques, também violeira, que vem influenciando novas gerações a tocar esse instrumento.

Encontros de violeiros ocorrem em várias regiões, assim como estão presentes também em eventos como: Encontros de Cultura Popular, Feiras nacionais de Reforma Agrária, Feiras nacionais de Agricultura Familiar, Encontros de Povos do Cerrado, Encontros de Musicologia, dentre outros. Além de participação em mostras, festivais e programas de rádio e TV, muitos violeiros compõem músicas para diversas trilhas sonoras, espetáculos, documentários, novelas, mostras e filmes.

O entrelaçamento vida/natureza é aspecto que acompanha e caracteriza vários destes trabalhos, de forma intrínseca e orgânica, presente desde as mais remotas “músicas caipiras.” Com um vasto repertório, tanto instrumental como cantado, parte desses músicos entremeiam em suas composições e *performances* os sons da natureza, como os sons de pássaros, grilos, animais diversos, rios, cachoeiras, chuva, ventos e trovões, bem como insistem em uma mensagem de defesa da natureza.

Um estudo sobre a Ecomusicologia da Viola Caipira permite desenvolver um conhecimento e um entendimento sobre trabalhos que vêm relacionando o fazer musical com iniciativas de atitudes ecológicas ambientais, participando assim na formação de uma consciência de cuidado com o planeta Terra e seus seres vivos.

Pela necessidade de sobrevivência, uma cultura voltada para a consciência ambiental vem se desenvolvendo no Brasil e em todo planeta. A cultura é dinâmica e resultante de um processo de aprendizagem, por meio da socialização, e com Geertz (2012), acredita-se que o estudo das culturas não se caracterize “como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (Geertz 2012: 4), ultimando pesquisadores e artistas a se voltarem para o estudo dos significados do saber popular. O universo musical abordado pela Viola Caipira e pela música como um todo, exprime toda uma série de significados sociais, como afirma Merriam (1964) sobre a importância da função da música para compreendermos o funcionamento de uma sociedade:

As funções e as utilizações de música são tão importantes quanto as de qualquer outro aspecto da cultura para a compreensão do funcionamento da sociedade. A música está inter-relacionada com o resto da cultura; ela pode efetivamente moldar, fortalecer e canalizar comportamentos sociais, políticos, econômicos, linguísticos, religiosos, entre outros. Letras de músicas podem revelar muitas coisas sobre uma sociedade, e a música é extremamente útil como um meio de análise de princípios estruturais<sup>16</sup> (Merriam 1964: 15).

As letras do universo musical ligado à música regional em todo território brasileiro (do meio rural ou urbano), além de tratar dos sentimentos do coração, deixam entrever muitas vezes a relação do homem com a natureza típica de cada local, lembranças nostálgicas de uma vida feliz no campo, ou um pedido de socorro à destruição desenfreada do meio ambiente que leva junto a sobrevivência e cultura do povo que depende desses recursos. Desde as velhas modas de viola até hoje, as músicas sertanejas, caipiras e atuais recobrem temáticas como: reconhecimento e louvação das belezas e harmonias da natureza; arrependimento por haver deixado o mundo da roça e vinda pra cidade; acidentes e perdas na relação com a natureza; impotência diante da natureza (seca, geadas, temporal, etc.); pesar pelo que está acontecendo com a natureza, em geral com apelos para Deus; alerta sobre a degradação do meio ambiente; cantos de vocação pedagógica dirigidos, sobretudo, a crianças e a jovens, acerca do carinho e dos cuidados para com a natureza; cantos espirituais ou religiosos.

Uma crítica e alerta à realidade ambiental da atualidade tem se expressado no fazer cultural comprometido com a sustentabilidade planetária. Buscando contextualizar melhor o quadro ambiental contemporâneo e especificamente, no caso da região de Cerrado no Brasil, serão abordados a seguir alguns estudos de autores na área.

---

<sup>16</sup>The functions and uses of music are as important as those of any other aspect of culture for understanding the workings of society. Music is interrelated with the rest of culture; it can and does shape, strengthen, and channel social, political, economic, linguistic, religious, and other kinds of behavior. Song texts reveal many things about a society, and music is extremely useful as a means of analysis of structural principles (Merriam 1964: 15).

## 1.2 Civilização e sustentabilidade

Conforme o tratado da ECO-92<sup>17</sup> sobre o consumo e o estilo de vida, os problemas globais e mais sérios, ligados ao ambiente e ao desenvolvimento que o mundo atual está enfrentando, têm sua origem na ordem econômica mundial, marcada pelo consumo e pela produção sempre crescentes, que exaurem e contaminam os recursos naturais, criando desigualdades graves entre e dentro das várias nações (Langengach 1999).

A “Carta dos Artistas” escrita pelo “Movimento Artistas pela Natureza” (1992), denominados “ativistas” (que lutam a favor da consciência ecológica e da educação ambiental por meio da arte), aos habitantes da Terra, afirma que tudo o que a algumas décadas prevíamos acontecer ao nosso planeta, deixou de ser um grande alarde utópico dos “ecologistas,” e, atualmente, infelizmente pelas catástrofes e, felizmente, pela oportuna consciência ecológica, nossa utopia construtiva está na boca do povo.<sup>18</sup>

O físico, teórico e ecologista Fritjof Capra (2002: 110) alerta para o grave impacto ambiental, já bastante difundido, causado pela industrialização: “nossos sistemas industriais complexos, tanto sob o aspecto da organização quanto sob o da tecnologia, constituem a força principal de destruição do ambiente planetário e, a longo prazo, a principal ameaça à sobrevivência da humanidade.” A maior parte da riqueza mundial está concentrada nas mãos de uma pequena porcentagem de habitantes da Terra sendo que, “os bens das três pessoas mais ricas do mundo já superam o Produto Nacional Bruto de todos os países menos desenvolvidos, com seus 600 milhões de habitantes” (ibid., 155). A pobreza e a exclusão social são agravadas pelo capitalismo global e podem levar a uma catástrofe planetária:

---

<sup>17</sup> Este tratado tem por fim estimular estudos minuciosos e debates entre os movimentos sociais e as ONGs voltados para atividades adaptadas aos contextos locais e regionais.

<sup>18</sup> O “Movimento Artistas pela Natureza” (MAPN) foi inaugurado em 1986, por Bené Fonteles, cantor, compositor, artista visual, educador, curador e ativista, que tem atuado, desde os anos 1970, nas áreas de cultura, educação e ecologia. O manifesto do MAPN foi lançado oficialmente em 1987, na XIX Bienal de São Paulo, sobre a curadoria de Sheila Leirner, cujo tema era “Utopia X Realidade.” Nos anos 1990, em Brasília/DF, o MAPN colabora na criação do “Memorial dos Povos Indígenas.” O MAPN organizou a “Peregrinação pelo Rio São Francisco,” realizada em 1992/1993, e do “Caminho das Águas,” em 1999/2000, eventos que discutiram questões ambientais com as comunidades das regiões ribeirinhas. Outras ações: luta pela preservação dos rios e mares; criação da “União Nacional dos Guardiões das Nascentes;” “Manifesto aos Oceanos de Águas Sujas;” a “Carta dos Oceanos” e o “Mutirão do Mar” no Rio de Janeiro, um protesto ecológico contra a poluição das águas marinhas. O evento do MAPN no Rio de Janeiro teve a participação de Gilberto Gil, Lucélia Santos, Elba Ramalho, Ney Mato Grosso, Alfredo Sirkis, entre outros artistas que lutam em prol da consciência e da atitude ecológica (Ribeiro, M. A. 2013).

[...] a maior parte dos economistas convencionais ignorou o custo ambiental da nova economia – o aumento e a aceleração da destruição do meio ambiente natural no mundo inteiro que é tão grave quanto, senão mais grave do que os efeitos sociais. A meta central da teoria e da prática econômicas atuais – a busca de um crescimento econômico contínuo e indiferenciado – é claramente insustentável, pois a expansão ilimitada num planeta finito só pode levar à catástrofe<sup>19</sup> (Capra 2002: 157).

Conforme Capra (2002), a destruição ambiental vem se agravando com a globalização econômica, que demanda gastos cada vez maiores para que os alimentos cheguem à mesa do consumidor:

No mundo inteiro, temos inúmeros exemplos de como a globalização econômica está agravando a destruição ambiental. O sucateamento da produção local em favor das importações e exportações, que é a tônica das regras de livre comércio da OMC, aumenta dramaticamente a distância “da terra à mesa”. Nos Estados Unidos, cada bocado de comida viaja, em média, mais de mil e seiscentos quilômetros antes de ser comido, o que impõe sobre o meio ambiente uma carga enorme. Novas rodovias e aeroportos cruzam florestas antes intocadas; novos portos destroem mangues e habitats litorâneos; e o maior volume de transporte polui o ar e provoca frequentes derramamentos de petróleo e de produtos químicos. Estudos feitos na Alemanha indicam que a contribuição da produção não-local de alimentos para o aquecimento global é de seis a doze vezes maior do que a da produção local, em virtude do aumento das emissões de CO<sub>2</sub> (Capra 2002: 158).

O mesmo autor cita o depoimento da ecologista e ativista agrícola da Índia Vandana Shiva<sup>20</sup> na qual ela afirma que os países do Hemisfério Sul são diretamente afetados com o impacto da instabilidade climática e com a destruição da camada de ozônio na atmosfera. Esses países dependem da agricultura e as mudanças climáticas podem destruir totalmente os meios de vida da população rural. Empresas multinacionais valem-se das regras de livre comércio para deslocar suas indústrias para o Hemisfério Sul. Capra (2002:158) utilizando-se das palavras de Shiva afirma que, tais indústrias além de poluentes esgotam os recursos naturais que “vão dos pobres para os ricos enquanto a poluição vai dos ricos para os pobres.”

<sup>19</sup> Exemplos que já ocorrem em Taiwan: quase todos os grandes rios foram seriamente poluídos com os venenos usados na agricultura e na indústria; o nível de poluição do ar é o dobro do considerado inaceitável nos Estados Unidos; o número de casos de câncer dobrou desde 1965, e o país apresenta um dos maiores índices de hepatite do mundo (Capra 2002: 157).

<sup>20</sup> Reconhecida internacionalmente, ativista pelo meio ambiente, Vandana Shiva é Ph.D. em filosofia, tem se envolvido com atividades pela preservação das florestas da Índia e programas sobre biodiversidade. É fundadora da Navdanya, ONG que defende a biodiversidade de sementes, as plantações orgânicas e os direitos de agricultores. Disponível em <http://www.fronteras.com/conferencistas/vandana-shiva>. Acesso em: 28 mai. 2016.

A concentração do poder e da riqueza, como avalia Capra (2002), faz com que grande parte da população se torne insignificante economicamente nas redes globais. O autor expõe a diferença fundamental existente entre as redes ecológicas da natureza e as redes empresariais da sociedade humana: “num ecossistema, nenhum ser é excluído da rede. Todas as espécies, até mesmo as menores dentre as bactérias, contribuem para a sustentabilidade do todo” (Capra 2002: 163). Em longo prazo, o uso de produtos químicos na agricultura mostra-se prejudicial tanto para a saúde do solo, quanto para a saúde humana e ambiental. Assim como explica Capra (2002: 195): “Os danos à saúde humana aumentaram correlativamente, à medida que uma quantidade cada vez maior de inseticidas tóxicos penetrava no solo, contaminando o lençol freático e chegava à nossa mesa.”

Bilhões de organismos vivos por centímetro cúbico são encontrados em um solo fértil, esclarece Capra (2002), e quando o solo é cultivado organicamente, o seu conteúdo de carbono aumenta contribuindo assim, para a redução do aquecimento do planeta. A agricultura orgânica é geralmente produzida por pequenos produtores e vendida diretamente ao consumidor, diminuindo assim a distância “do campo à mesa,” oferecendo um alimento fresco e saudável, livre de transgênicos<sup>21</sup> e colaborando com a redução dos inconvenientes ambientais causados pelo uso de transportes e embalagens, bem como com a renda familiar dos produtores<sup>22</sup> (Capra 2002).

A vida no planeta formou-se através da cooperação, das parcerias e por meio da organização em redes, e quanto maior for sua biodiversidade, maior será sua resistência e capacidade de recuperação (Capra 2002). Atualmente, é de conhecimento de todos, os malefícios causados pelo aquecimento global sendo um deles, a alarmante subida gradual do nível do mar, colocando em risco a sobrevivência de várias regiões litorâneas habitadas no globo terrestre. Capra (2002) afirma que a vida no planeta se desenvolveu, evoluiu e diversificou-se nos últimos três bilhões de anos sem jamais se romper, e como moradores deste planeta, devemos respeitar essa disposição natural e sua capacidade de sustentação.

---

<sup>21</sup> “Batatas transgênicas, desenvolvidas para consumo humano, causaram diversos problemas sérios de saúde nos ratos que as consumiram: crescimento de tumores, atrofia do fígado e diminuição do volume do cérebro, entre outras coisas” (Capra 2002: 207).

<sup>22</sup> Em cerca de 730.000 domicílios rurais na África, por exemplo, o aumento de 50 a 100 por cento de produção agrícola e da renda familiar ocorreu por meio de Projetos agroecológicos. Além dos benefícios ecológicos, fortalece os agricultores. “Como disse um agricultor de Zâmbia: ‘A agrossilvicultura devolveu-me a dignidade. Minha família já não passa fome: agora posso até ajudar meus vizinhos’” (ibid.: 200).



A característica marcante da “casa Terra” é a sua capacidade intrínseca de sustentar a vida. Na qualidade de membros da comunidade global de seres vivos, temos a obrigação de nos comportar de maneira a não prejudicar essa capacidade intrínseca. Esse é o sentido essencial da sustentabilidade ecológica. O que é sustentado numa comunidade sustentável não é o crescimento econômico nem o desenvolvimento, mas toda a teia da vida da qual depende, a longo prazo, a nossa própria sobrevivência. A comunidade sustentável é feita de tal forma que seus modos de vida, seus negócios, sua economia, suas estruturas físicas e suas tecnologias não se oponham à capacidade intrínseca da natureza de sustentar a vida (Capra 2002: 224).

Na década de 1960 fortes movimentos sociais marcaram presença no mundo industrializado lutando contra o domínio e o controle da natureza, o patriarcado, o consumismo e o crescimento econômico desenfreado. Nasceu então, “uma visão alternativa, baseada no respeito à dignidade humana, ética da sustentabilidade e percepção ecológica do universo. Essa nova visão constitui a base da coalizão mundial de movimentos populares” (Capra 2002: 228). O mesmo autor acredita que as regras do jogo do mercado global podem ser alteradas por meio do alcance global dos movimentos populares. De acordo com Janine Benyus (apud Capra 2002: 241) o projeto ecológico “dá início a uma era baseada não no que podemos extrair da natureza, mas no que podemos aprender com ela.”

Uma cultura voltada ao respeito, harmonia e aprendizado com a mãe natureza está presente não somente entre os povos indígenas como também em outros povos do planeta. Algumas décadas atrás, Maurício Andrés Ribeiro (2003) afirmou que, mesmo com os desequilíbrios ambientais da Índia, “com erosão de solos, degradação da terra, desflorestamento, carência de água, lenha e alimento para o rebanho, o país ainda é um exemplo histórico de civilização que soube sustentar-se ecologicamente e que assim se reproduziu há milhares de anos” (Ribeiro 2003: 53). Ele aponta como características marcantes desse país a biodiversidade, a diversidade social, cultural e psicológica, além da existência de um respeito e estímulo para a diferença. A diversificada sociedade indiana possui uma capacidade para adaptar-se em um território limitado, “são mais de trezentos habitantes por quilômetro quadrado e, ainda assim, por não ter optado pela expansão externa, ela procurou formas de atender suas necessidades com mínima pressão sobre o meio ambiente e os recursos naturais” (Ribeiro 2003: 71-72).

Na Índia a relação entre homens e animais é sagrada há milênios, os códigos religiosos criados pelos antepassados são naturalmente respeitados nas aldeias, sem que a população tenha ideia da sabedoria aí contida aponta Ribeiro (2003), frisando ainda que “a tradição não

possibilita o consumo abundante, mas viabiliza a sobrevivência sustentável em um prazo muito mais longo do que os outros tipos de agricultura moderna, que esgotam fontes renováveis de energia” (Ribeiro 2003: 69-70). O povo indiano venera e protege a vaca, que, além de prestar auxílio no arado e transporte, fornece leite e esterco, e isto permite a sobrevivência das comunidades rurais por tempos prolongados.<sup>23</sup>

O princípio da *ahimsa* (não violência) é um dos aspectos marcantes da espiritualidade indiana, que tem também como dieta principal o vegetarianismo. Ribeiro (2003) comenta que essa dieta alimentar tem efeitos diretos sobre a ecologia interior e exterior. Vários estudiosos do assunto afirmam que somos aquilo que ingerimos, e pelo cheiro do corpo, é possível identificar se os alimentos ingeridos foram de origem animal ou vegetal. Além de fazer bem à saúde do corpo, a alimentação vegetariana em seu plantio, produz um impacto consideravelmente inferior no meio ambiente comparado à criação de animais. Em relação à ecologia exterior, a dieta vegetariana preserva mais o meio ambiente que a carnívora, pois a quantidade de água, insumos agrícolas e de terra necessários para alimentar vegetarianos é menor que a necessária para alimentar carnívoros, sendo que “um hectare de terra pode alimentar um homem com carne de boi durante 288 dias, esse mesmo hectare, cultivado com soja comestível, alimentaria um homem por 8.996 dias, ou seja, quase trinta vezes mais” (Ribeiro 2003: 73).

Ribeiro (2002) nos conta que, na história da humanidade, muitos milênios antes de Cristo, existiram civilizações sustentáveis, e desde a mais ancestral antiguidade civilizações perduraram e suportaram consecutivos momentos de influências e de invasões externas. O mesmo autor conclui dizendo que “a dinâmica da ascensão e queda das civilizações depende, entre outras condições, de sua capacidade de relacionar-se de forma sustentável com o meio ambiente” (Ribeiro 2003: 181). A longevidade dessas civilizações está baseada em princípios opostos ao sofrimento do homem e da natureza, impactando minimamente o meio ambiente, e segundo Ribeiro (2002), esses são exemplos que podem colaborar para a civilização sustentável do futuro. A capacidade do desenvolvimento sustentável em perdurar-se ao longo do tempo, mantendo um padrão de vida adequado é fundamental, e para tal, é necessário um equilíbrio entre a extração e reposição dos recursos ambientais.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> A grande devoção pelos animais na Índia contrasta com o costume do Ocidente cristão onde em festas religiosas, como o Natal, “são dias de alegria para os seres humanos e de massacre para o reino animal, o que gera protestos por parte das sociedades de proteção aos animais” (Ribeiro 2003: 70).

<sup>24</sup> “Para que uma forma de vida social seja sustentável, é preciso que a taxa de utilização dos recursos seja no mínimo igual à de reposição ou geração de substitutos para esses recursos. Da mesma forma, a taxa

Por meio de reflexão e autocrítica, têm-se procurado outras raízes valorativas, como as dos povos indígenas ou as de antigas culturas orientais, pois cada vez mais vem sendo comprovado que se toda a humanidade adotar o modelo de desenvolvimento dos países industrializados, este modelo levaria ao esgotamento dos recursos naturais.<sup>25</sup> “Existe a abundância de recursos, trata-se de redirecioná-los para assegurar qualidade de vida, bem-estar e desenvolvimento socioeconômico a todo o planeta” (Ribeiro 2003: 203).

Nesse sentido, os “Artivistas” propõem uma revolução restauradora da alegria vital que move o Planeta, todos plantando árvores, árvores frutíferas pelas cidades e campos, para matar a fome de tantos seres, assim como a feitura de hortas e canteiros de ervas medicinais em todos os lugares, tais como as praças, apartamentos, hospitais, meio de ruas, parques, prisões, dentre outros (Movimento Artistas pela Natureza 1992). Os “Artivistas” também propõem a conscientização da importância do alimento integral, livre dos agrotóxicos e dos conservantes químicos, ao lado de uma medicina preventiva não só alopatia, mas homeopática, com o uso de ervas e flores, e ainda reforçam que precisamos lutar pela Vivência Real, pela qualidade de nossas relações humanas junto aos cinco elementos: a Terra, a Água, o Fogo, o Ar e o Éter (Movimento Artistas pela Natureza 1992).

A seguir expomos a realidade ambiental brasileira, que vem apresentando situações de entraves perante o modelo ocidental implantado.

### **1.2.1 Conflitos socioambientais no Brasil**

Conforme Paul E. Little (2001) a perda da biodiversidade na história humana está ocorrendo em um ritmo sem precedentes, o que coloca em risco a capacidade de sobrevivência da humanidade no planeta. Esta biodiversidade decorrente de milhões de anos de evolução geológica e biológica não está espalhada uniformemente no mundo e há o risco de extinção de várias espécies das abastadas flora e fauna brasileira:

O Brasil, que é reconhecido mundialmente como um país de megadiversidade - de flora e de fauna – experimenta altas taxas de destruição por meio dos processos de desmatamento e de extinção de

---

de emissão de efluentes tem que ser no máximo igual à taxa de regeneração do meio ambiente” (Ribeiro 2003: 182-183).

<sup>25</sup> Os 25% mais ricos da população mundial consomem 80% dos recursos naturais, existem 158 bilionários, 2 milhões de milionários e 1,1 bilhão de pobres que sobrevivem com menos de um dólar por dia (Ribeiro 2003).

espécies animais. Cientistas postulam que, da maneira como estamos destruindo esse patrimônio biológico, podemos estar limitando a nossa capacidade de sobrevivência enquanto humanidade (Little 2001: 112).

Dalva Barroso (2001: 252) critica a política brasileira caracterizada por um regime autoritário, socialmente excludente e que, “executou um projeto geopolítico nacional, considerado essencial para alcançar o crescimento econômico, fortalecer o Estado e acentuar os projetos internacionais do país.” Um exemplo é a Usina Hidrelétrica de Tucuruí que abastece empresas que exportam para o Japão e não beneficiam as populações de municípios vizinhos com energia elétrica.<sup>26</sup> Além disso, grandes projetos de represamento e desvios de rios interferem diretamente na vida de várias comunidades. Cirineu Rocha (2001) explica que para o povo Xerente e diversos outros povos indígenas brasileiros, o rio é essencial para a sobrevivência de seus costumes, ritos, tradições e toda a cultura. Além das populações indígenas, as comunidades ribeirinhas, como por exemplo, as que habitam próximas ao rio Tocantins, têm o rio como fonte de sua economia, derivada das plantações nas vazantes e do extrativismo de recursos naturais oriundos do Cerrado: o pequi e o murici, a olaria e a pesca. Neste sentido, esses povos preocupam-se muito com a transformação do rio em um grande lago (Rocha 2001).

Segundo matéria do programa televisivo Repórter Eco<sup>27</sup> (2016), milhões de pessoas morrem por degradação ambiental, mais do que por armamentos, e 180 km quadrados recentes da mata atlântica foram perdidos em um ano, principalmente no estado de Minas Gerais. O Cerrado também tem sido devastado de forma alarmante e este problema será abordado e aprofundado a seguir.

### 1.2.2 O Cerrado e seus desafios

*Vocês vão me ouvir a respeito do fogo.  
Quando a gente põe o fogo no Cerrado ou na mata, vai queimando tudo,*

---

<sup>26</sup> A UHE de Tucuruí estava funcionando há 12 anos e os municípios vizinhos não eram eletrificados com energia elétrica da Barragem, muito menos regiões importantes do Estado do Pará como Tocantina, Sul do Pará, Transamazônica e outras, sendo que, Tucuruí abastece os projetos ALBRAS ALUNORTE e Carajás, que exportam ferro e alumínio para o Japão (Barroso 2001: 252).

<sup>27</sup> Repórter Eco é considerado o primeiro programa televisivo brasileiro especializado em meio ambiente, criado em 10 fevereiro de 1992 na TV Cultura, apresentado por Márcia Bongiovanni com direção de William Corrêa. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/programas/reportereco/>. Acesso em: 29 mai. 2016.

*vai queimando fruta do Cerrado e da mata também, vai queimando tudo.  
 Então não é bom botá fogo assim de qualquer jeito, porque  
 não são só os animais e as aves que precisam da fruta do Cerrado e da mata para comer,  
 nós também dependemos muito da fruta,  
 se a gente não cuidar e não preservar  
 nós vamos ficar sem comer fruta da mata e do Cerrado.  
 Todos vocês sabem quando o fogo está queimando na época bem seca,  
 vai queimando tudo na chapada, queima: cajuzinho, pequi, puçá e,  
 na mata, queima: buriti, bacaba e mais...  
 Tem vez que queima até os animais que correm menos  
 e aqueles que andam devagar.  
 Por isso, estou aconselhando vocês a não botarem fogo de qualquer jeito,  
 porque, se não apagar bem, vai queimando a mata toda,  
 queima até as abelhas com mel, até marimbondo.  
 Então este é meu conselho sobre o fogo com relação aos animais e as frutas do Cerrado.  
 Vamos preservar a nossa natureza que vai ser muito bom pra todos nós. Hamrê!  
 Zé Miguel Khôc Krahô<sup>28</sup>  
 (Krahô 2005)*

A epígrafe acima é um alerta para a preservação do Cerrado, o segundo maior bioma do país, ocupando mais de dois milhões de quilômetros quadrados, 24% do território nacional, e está situado na área central do Brasil.<sup>29</sup> Segundo Cerratinga (2014),<sup>30</sup> o Cerrado é a savana mais biodiversa do mundo com aproximadamente 330 mil espécies de plantas e animais, com um expressivo percentual de espécies advindas somente desta região geográfica. Aproximadamente 12 mil são espécies vegetais, mais de 200 espécies medicinais e mais de 400 podem ser utilizadas de forma sustentável na recuperação de solos degradados ou para alimentação. O *Capim-dourado*,<sup>31</sup> por exemplo, é considerado uma das preciosidades do Cerrado, matéria-prima para a confecção de bolsas, bijuterias e objetos de decoração, conhecidos e valorizados nacionalmente e no exterior. O artesanato com *Capim-dourado* é uma herança do povo Xerente que fabricavam utensílios para utilizarem em casa ou trocar por

<sup>28</sup> “História do fogo no Cerrado,” contada por Zé Miguel Khôc Krahô, uma das lideranças do povo Krahô, está gravada na Faixa 3 do CD “Cantigas Krahô” (2005), do Projeto “Uso Sustentável do Cerrado na Terra Indígena Krahô” (Krahô 2005).

<sup>29</sup> Além de ocupar grande parte dos estados de Minas Gerais, Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bahia, o Cerrado abrange ainda áreas disjuntas no extremo norte do Pará, uma pequena porção do Amapá, Roraima e Rondônia, uma faixa central do estado de São Paulo e uma porção do Paraná (Cerratinga 2014).

<sup>30</sup> O site Cerratinga - Produção Sustentável e Consumo Consciente, é uma ação do Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN em parceria com a Cooperativa Central do Cerrado, com a ong Agendha – Assessoria e Gestão em Estudos da Natureza, Desenvolvimento Humano e Agroecologia, e com a Bodega de Produtos Sustentáveis do bioma Caatinga (ibid.).

<sup>31</sup> De nome científico: *Syngonanthus nitens*, o *Capim-dourado* (*Syngonanthus nitens*) não é um capim, e sim a haste dourada de uma pequena flor branca da família das sempre-vivas (família Eriocaulaceae) que brota em campos do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Distrito Federal e Bahia (ibid.). Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/cerrado/>. Acesso em: 22 ago. 2016.

outros produtos. Atualmente centenas de famílias no Cerrado têm como principal fonte de renda a produção de peças de *Capim-dourado* (Cerratinga 2014).

Além de várias espécies de vegetais, de frutas e abelhas nativas, estima-se que existam mais de 320 mil espécies de animais, sendo 195 de mamíferos, onde pelo menos 132 espécies têm sua sobrevivência ameaçada de extinção (como a arara azul, o lobo-guará, o tamanduá-bandeira, a aroeira, a braúna e a arnica) devido ao padrão de gestão e exploração na região do Cerrado (Cerratinga 2014).

Considerando o Cerrado um jardim da vida, Brandão<sup>32</sup> (2004) nos fala da importância medicinal de suas plantas nativas:

E o cerrado que, por milhões e milhões de anos, tem sido uma fecunda fonte de vida, é também um “jardim da vida.” Raízes, tubérculos, cascas de árvores, caules e ramos, folhas, frutos e flores de uma variedade encantadora e surpreendente de espécies vegetais de todo porte, distribuídas por todas as formações bióticas do cerrado dos sertões de dentro dos “centros” do Brasil, abarcam uma das mais variadas farmácias naturais de todo o Planeta. [...] Virá o tempo em descobriremos que provavelmente todos os males do corpo e alguns do espírito poderão ser tratados e até mesmo curados com o recurso inteligente das espécies deste jardim da vida que é o cerrado dos sertões do Brasil (Brandão 2004: 34).

Rica em tanino, que é o responsável por sua propriedade adstringente e cicatrizante, hemostática e paralisante das hemorragias uterinas, a casca do Barbatimão é um exemplo de planta nativa muito utilizada no Cerrado, como informa Brandão (2004: 183). O autor ainda cita a literatura relacionada ao sertão mineiro, na qual aparece a referência ao *Barbatimão* nos escritos de João Guimarães Rosa (1976): “Beiravam as veredas, verdinha, o buritizal brilhante. *Buritis* tão altos. As araras comiam os cocos, elas diligenciavam. ... E vaqueiro Salúz também cantava:”

*‘Quem quiser saber meu nome  
Carece perguntar não:  
Eu me chamo lenha seca  
Carvão de barbatimão...’* (Brandão 2004: 185).

---

<sup>32</sup> Carlos Rodrigues Brandão é mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e livre-docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ao longo de sua vida, lecionou em 12 universidades do Brasil e da Europa. Publicou mais de 200 livros nas áreas de antropologia social, educação, questões ambientais e literatura. Vem se dedicando ativamente ao ambientalismo e à educação ambiental.

Viver no Cerrado requer adaptação para enfrentar os contrastes de épocas com chuvas torrenciais e um inverno extremamente seco. As árvores possuem cascas grossas para sua proteção e profundas raízes para buscar a umidade. Uma boa parte dos povos moradores do Cerrado, indígenas, quilombolas, agricultores, sobrevivem do Cerrado, com sua sabedoria e respeito ao meio ambiente.

A população do Cerrado tem os traços dos agricultores familiares, das comunidades tradicionais, como quilombolas, geraizeiros, quebradeiras de coco babaçu e de povos indígenas, agrupamentos humanos de profunda sabedoria e respeito ao meio ambiente, com expressivo senso comunitário (Cerratinga 2014).

Este conhecimento também pode ser verificado nos escritos de Guimarães Rosa sobre o sertão, como por exemplo, na quadra abaixo, cantada pelo violeiro Josino Medina, retirada de “Uma história de amor”, que fala sobre a época da fruta *imbu*:

*O embuzeiro  
No mês de maio ele cai a folha  
Em agosto ele refoia  
E em setembro inflora e dá  
E de repente a chuva vem  
E a terra móia  
Se ucês quiser ver imbu doce  
É no Cascaião da Jibóia (Medina 2016).*

Em “A natureza e as plantas do Cerrado entre viajantes e escritores dos sertões de dentro,” Brandão (2004) informa centenas de nomes de árvores de conhecimento do povo da região, ainda por meio de escritos do “Grande Sertão Veredas,” de Guimarães Rosa:

E que árvores, afora muitas, o Grifo pôde ver? Com que pessoas de árvores ele topou? A ana-sorte. O João-correia. A três-marias. O Sebastião de Arruda. O São-fidélis. O Angelim-macho. O Angelim-amargo. O João-leite. O Guzabú-preto. O Capitão do campo. A Bela-corísia. O Barabú. A Gorazema. [...] A Urunduva. O Guajabara. O Ibiracema. O Guabipocaíba. A Uuúcuûba. O Araicum-da-beira-rio. O Pau paraíba. O BURITI, sempre... Carnaúbas. Pindovas. O Uauasú... (Brandão 2004: 37).

Assim como informa Ricardo F. Ribeiro (2009: 29), “os bandeirantes aprenderam com os índios como viver da caça, da pesca, da coleta de frutos, do mel e das plantas medicinais e

de tantos outros recursos naturais do Cerrado.” Apesar disso, esse contato também teve consequências desastrosas para a sobrevivência cultural desses povos nativos.

Foram os paulistas, em suas bandeiras em busca de escravos, de ouro e de outras riquezas, no século XVII, que primeiro tiveram contato com os povos indígenas do Cerrado. Esses povos não aceitaram o cativo e a invasão do seu território, resistindo em guerras que duraram mais de cem anos. Suas grandes aldeias iam buscando o interior do Brasil para fugir aos ataques do inimigo e das suas doenças que, muitas vezes os matavam em quantidade maior e primeiro do que as armas de fogo dos bandeirantes (Ribeiro 2009: 29).

Atualmente no Cerrado existem 216 terras indígenas e 83 etnias diferentes, e a grande maioria das terras não passou por um processo de regularização fundiária, resultando assim em sérios conflitos que os ameaça de extinção (Cerratinga 2014). A Terra indígena Krahô,<sup>33</sup> por exemplo, é constituída de 302.533 hectares de Cerrado contínuo, regulamentada em 1951 e só foi homologada pelo governo federal em 1990. Atualmente, a Terra indígena Krahô abriga 28 aldeias com cerca de 3 mil pessoas<sup>34</sup> (Londres et al. 2014).

**Figura 2** – Terra indígena Krahô/TO



Fonte: Foto da autora

**Figura 3** – Krarés (Crianças Krahô) coletando frutos nativos



Fonte: Foto da autora

<sup>33</sup> Localizada em área de Cerrado, região dos municípios de Itacajá e Goiatins, entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, afluentes da margem direita do rio Tocantins.

<sup>34</sup> Com os extermínios ocorridos antes da demarcação da Terra Krahô o número de habitantes chegou a pouco mais de 500 pessoas.



A Terra Krahô é uma região de nascentes, onde ainda podem ser encontradas diversas espécies de frutas nativas, como: inajá, cajuí, caju, baru, jatobá, pequi, gueroba, mangaba, bacuri, buriti, bacaba, oiti, araticum, murici, puçá, ananás, buritirana, xixá, araçá, taturubá, cajá, tucum, babaçu, macaúba, maraçanduba, cagaita, maracujá, maracujzinho, pitomba, jambra, miridiba, dentre outras.<sup>35</sup>

**Figura 4** – Cajuí, cajuzinho do Cerrado



Fonte: Foto da autora

**Figura 5** – Seriema na aldeia



Fonte: Foto da autora

Uma rica variedade de abelhas nativas ainda pode ser encontrada destacando-se as seguintes: *jataí*, *tataíra*, *tubi mansa*, *uruçu boi*, *tiuba*, *mandaçaia*, *marmelada*, *mumbuca*, *guaribinha*, *xupé*, *arapuá*, *borá*, *moça branca*, *trombeta de macaco*, *limão*, e outras tantas cujo trabalho é fundamental na preservação da natureza, pois elas colaboram fundamentalmente na polinização das plantas.<sup>36</sup> Esses e outros recursos naturais da região vêm sendo prejudicados pelas grandes queimadas, muitas vezes vindas de caçadores, agricultores e criadores de gado do entorno da terra indígena.

O fogo além de afetar a disponibilidade de alimentos nativos para homens e animais, se alastra dentro da Terra Krahô causando sérios danos ambientais, secando as nascentes onde a água brotava perene. O povo Krahô era autossuficiente antes da implantação da

<sup>35</sup> Em trabalho de campo e oficinas de desenho na Escola Agroambiental Catxêkwyj, crianças e jovens Krahô desenharam 43 frutas nativas e os animais do Cerrado que se alimentam de cada fruta (Projeto Uso Sustentável do Cerrado na Terra Indígena Krahô, Kâpey, realização: União das Aldeias Krahô, apoio: ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza, coordenação: Jussânia Borges Corrêa, nos anos de 2003 e 2004).

<sup>36</sup> Corrêa, Jussânia Borges; Andrade, Valéria Medeiros, (Coord.) et al. *Abelhas Nativas Brasileiras: Conservação Ambiental* (Brasília: FUNAI/DEDOC, 2002).

monocultura do arroz que contribuiu com o abandono de parte da diversidade de suas roças e o desaparecimento de várias sementes, comprometendo a saúde e a segurança alimentar nas aldeias.<sup>37</sup>

**Figura 6** – Krarés (crianças Krahô) procurando frutos no Cerrado queimado



Fonte: Foto da autora

No Cerrado se encontra as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul (Amazônica/Tocantins, São Francisco e Prata).<sup>38</sup> Com a exploração hídrica por meio de usinas hidroelétricas, os impactos socioambientais são alarmantes, tais como: perda de biodiversidade; assoreamento; modificação da paisagem, com alagamento de antigas áreas agrícolas e desmatamento, deixando inúmeras famílias desabrigadas lutando por indenização; e falta de infraestrutura social para os trabalhadores das obras, gerando o inchaço das cidades, desigualdade social e a exploração sexual (Cerratinga 2014).

<sup>37</sup> Desde 1994 trabalha-se para resgatar as sementes, a segurança alimentar e a medicina tradicional do povo Krahô através do uso sustentável dos recursos naturais. Parte deste trabalho foi nomeado pelos Krahô de Escola Agroambiental Catxêkwj. “Catxêkwj” é uma estória antiga de uma estrela com esse nome que desce a Terra em forma de mulher e passa todas as sementes para os Krahô (milho, mandioca, fava, cará,...).

<sup>38</sup> Seu maior potencial hídrico está nos lençóis freáticos que estão nas camadas mais profundas do solo (Cerratinga 2014).

O Cerrado é um dos biomas mais ameaçados do nosso país, e essa devastação ocorre por meio de atividades como: expansão do agronegócio;<sup>39</sup> uso predatório do solo; produção de grãos como a soja; monocultura do eucalipto;<sup>40</sup> queimadas e o grande uso de lenha na produção de carvão vegetal para a indústria siderúrgica. O desmatamento e as queimadas responsáveis em grande parte pela emissão de gases de efeito estufa no Brasil, já devastaram 100 milhões de hectares,<sup>41</sup> metade do bioma Cerrado (Cerratinga 2014).

Marcel Bursztyn nos alerta em 2002 que o Cerrado já estava caracterizado por vastos campos, predominantemente ralos em vegetação, e entrecortados por formas geométricas, polígonos, demarcando áreas de lavouras ou pastagens extensivas. Muitos círculos são “rasgados por linhas radiais, onde estão implantados os pivôs centrais da irrigação que seca rios para encharcar terrenos asceticamente desprovidos de flora e fauna nativas” (Bursztyn 2002: 10). A irrigação de grandes monoculturas por meio de pivôs centrais é um problema grande, pois esse procedimento representa cerca de 70% do consumo total de água no Brasil, o que resulta muitas vezes no esgotamento de nascentes e rios (Cerratinga 2014). Essa degradação ambiental e das condições de vida aumentam na mesma proporção em que cresce a produção, o que se torna insustentável, afirma Bursztyn (2002).

O ecologicamente incorreto e o socialmente injusto parecem estar sendo o preço a ser pago pelo economicamente viável. Mas essa equação é insustentável; a viabilidade econômica só pode ser confirmada no curto prazo, enquanto as dimensões social e ambiental são sentidas no longo prazo (Bursztyn 2002: 10).

Laura M. G. Duarte (2002) afirma que os danos ambientais e sociais causados pelos modelos de desenvolvimento econômico no Cerrado afetam principalmente as populações mais pobres.

---

<sup>39</sup> Atualmente, 54 milhões de hectares de Cerrado deram lugar a pastagens e 22 milhões estão ocupados por plantações de grãos (ibid.).

<sup>40</sup> Essa espécie tem crescimento rápido consome muita água, secando nascentes, enfraquecendo mananciais (ibid.).

<sup>41</sup> Segundo estudos desenvolvidos pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), entre 2002 e 2008, o desmatamento anual do Cerrado teve uma média de 14.200 km<sup>2</sup> devastados, e entre 2010 e 2011, a taxa de desmatamento foi de 6.469 km<sup>2</sup>, semelhante a da Amazônia, que foi de 6.451 km<sup>2</sup> (ibid.).

Os padrões de produção sobre os quais se deu o crescimento econômico nos cerrados são dificilmente sustentáveis em longo prazo, uma vez que concentram a renda e a estrutura fundiária, produzem impactos ambientais cumulativos e perigosos, são estimuladores do êxodo rural e da ocupação desordenada de novas áreas rurais e urbanas, resultando em exclusão e em condições socioeconômicas e ambientais negativas, sobretudo para as camadas mais pobres da população (Duarte 2002: 18).

O padrão agroexportador, implantado desde o período colonial no Brasil, e especialmente no Cerrado, “além de socialmente injusto, vem acarretando problemas ambientais gravíssimos, que podem, em médio e longo prazo, inviabilizar uma região de maior potencial agrícola” (Duarte; Leonardos; Theodoro 2002: 147). A transformação de ecossistemas originalmente ricos em biodiversidade em grandes extensões de monocultura também leva uma parte da população a questionar sobre a viabilidade deste sistema e suas futuras consequências.

Porém, nos últimos tempos, uma parcela da sociedade começa a questionar esse modo de desenvolvimento e, se pergunta, de forma perplexa, qual é o limite para este modelo de desenvolvimento agrícola? Para onde a agricultura de precisão ou os organismos geneticamente modificados nos levarão? (Duarte; Leonardos; Theodoro 2002: 147).

Uma das maiores conhecedoras do Cerrado, a bióloga professora da Universidade de Brasília (UnB) Mercedes Bustamante<sup>42</sup> (2017), afirma que o Cerrado perde sua vegetação nativa cinco vezes mais rápido que a Amazônia. Para esta autora, a conservação do Cerrado é um tema urgente que deve ocupar espaço central no debate público, e alerta sobre a grave crise hídrica que o Distrito Federal enfrenta atualmente:

Só assim as decisões serão tomadas em tempo hábil para mudar a realidade atual, que já traz consequências como a falta de água, sobretudo em Brasília, que vive grave crise hídrica no momento, além dos serviços ambientais que se perdem com o desmatamento, colocando em risco o futuro de um bioma essencial para o abastecimento de todo o país e que é considerado a savana mais rica do mundo, com 5% da biodiversidade do planeta (Bustamante 2017).

---

<sup>42</sup> Mercedes Bustamante é voz ativa na defesa do bioma Cerrado. Bióloga, mestre em ciências agrárias e doutora em geobotânica pela Universidade Trier, na Alemanha, Bustamante integra diversos comitês científicos e é conselheira do IPAM desde 2015 (Bustamante 2017).

Segundo o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM),<sup>43</sup> o ritmo de desmatamento do Cerrado foi cinco vezes mais rápido que o medido na Amazônia entre agosto de 2013 a julho de 2015, e isto afeta também os grupos sociais mais vulneráveis. Bustamante (2017) se preocupa com a invisibilidade e vulnerabilidade das populações tradicionais:

Eles ficam completamente invisíveis nesse processo e acredito que essa é uma dívida que o país tem com as populações tradicionais. É fato que o desmatamento acentuou algumas desigualdades. As populações tradicionais são muito vulneráveis às mudanças climáticas. As pessoas estão espremidas territorialmente e sofrem os impactos das mudanças do clima diretamente (Bustamante 2017).

Carlos A. Klink (2001) acredita no papel da pesquisa ecológica na gestão ambiental e manejo dos ecossistemas e afirma que é possível o uso ambiental sustentável pelos seres humanos, se o uso dos recursos renováveis for feito de maneira a permitir que processos naturais reponham o que foi usado. As preocupações que marcaram o início do ambientalismo são cada vez mais fortalecidas com as confirmadas previsões de escassez e crescente redução da qualidade dos recursos naturais e da biodiversidade de uma forma geral (Duarte 2002). Em função disso, diversos segmentos da sociedade buscam soluções alternativas para utilização dos recursos naturais, como por exemplo, o uso de energia solar ou eólica, a reciclagem de lixo, o redirecionamento do esgoto de forma a recuperar a água para ser utilizada em plantios e recuperação de matas nativas. Desta maneira, é possível que nascentes sejam recuperadas e animais retornem ao seu ambiente, ou seja, às áreas afetadas pela devastação.

A cultura e a sabedoria de um povo aliada à educação ambiental podem contribuir para a disseminação dessas novas tecnologias ambientais nos diversos segmentos sociais. Assim aos poucos, uma consciência ambiental estará sendo criada no nosso planeta.

---

<sup>43</sup> IPAM Amazônia é uma organização científica, não governamental, apartidária e sem fins lucrativos que desde 1995 trabalha pelo desenvolvimento sustentável da Amazônia. Disponível em: [http://ipam.org.br/mercedes-bustamante-conservacao-do-cerrado-e-urgente/?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=boletim\\_ipam\\_mercedes\\_bustamante\\_a\\_conservacao\\_do\\_cerrado\\_e\\_urgente&utm\\_term=2017-08-18](http://ipam.org.br/mercedes-bustamante-conservacao-do-cerrado-e-urgente/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=boletim_ipam_mercedes_bustamante_a_conservacao_do_cerrado_e_urgente&utm_term=2017-08-18). Acesso em: 12 ago. 2017.

### 1.3 Cultura e meio ambiente

*Um rio como eu é as duas margens onde começam e acabam os seus lados do mundo.  
 Nas minhas havia, o tempo todo, grandes matas verdes de folhas e passarinhos.  
 Eles cantavam de manhã cedo e a tardinha, e era o tempo em que eu fui mais feliz.  
 Hoje eu viajo entre tantos desertos...  
 Quem, no mundo, é mais fiel e mais solitário do que um rio?  
 (Brandão 2002: 14)*

A citação acima exemplifica a interferência na harmonia ambiental que vem historicamente ocorrendo no Brasil. As paisagens culturais do interior do Brasil são caracterizadas por uma riqueza e variedade de manifestações. Por meio de um processo histórico, ocorre uma evolução dessas paisagens construídas ao longo de muito tempo, sofrendo diversas influências devido às migrações, comunicação e trocas entre indivíduos itinerantes de outras regiões (Borges 2012).

Com a destruição do meio ambiente, essas paisagens culturais sofrem transformações que levam muitas vezes ao desaparecimento de sabedorias milenares, como por exemplo, os conhecimentos de diversos grupos indígenas que vêm sendo dizimados desde a colonização do Brasil. O poema abaixo, feito para Ângelo Kretã, que foi morto nos anos 70, expressa bem o resultado desse massacre:

*Onde está minha terra, sob meus pés e tão distante nessa hora Kaingang,  
 sem palavras. Hora de crianças índias órfãs de pais e cultura.  
 Hora do fumo e da mandioca. Onde não se ilumina mais a palavra do chefe  
 feito flecha, Kurare, no silêncio, na tardinha.  
 Quem levou nossa honra para terras distantes e a trancou dentro de papéis,  
 dentro de gavetas, dentro de cofres, dentro de salas, dentro de prédios,  
 dentro de cidades, onde os metais respiram  
 e os homens já não sabem mais o que são?  
 Quem que de tão longe veio e cortou as asas do anjo  
 e desencadeou a fome na floresta, no pio das aves do Clã?  
 Chamo Mayra, não responde. Chamo Ayangás e Curupiras,  
 foram tragados, engolidos pelos tratores.  
 Mamaê já não vagueia mais sob a floresta desfolhada e seca...  
 Apenas restou o século e sua fome, enquanto jogam cruz e silêncio  
 sobre o corpo de Kretan, Kaingang, índio, brasileiro, homem  
 (Filho apud Corrêa, J. B. 1994: 7).<sup>44</sup>*

<sup>44</sup> Poema *Ângelo*, de Juca Filho. Recitado pelo cantor Cláudio Nucci em apresentação no mês de maio de 1989 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Corrêa, J. B. 1994).

Escrevendo sobre movimentos sociais e educação ambiental, Carlos Rodrigues Brandão (2005) nos fala que a falta de entendimento do intercâmbio entre tudo que existe no universo vem levando a humanidade a seguir uma trilha perigosa.

Se nas ciências da natureza, da pessoa e da sociedade há algo que esteja seguindo um rumo equivocado e perigoso, um dos motivos pode ser uma perda da compreensão das interações entre todas as coisas, entre todos os planos, entre o tudo do todo que somos, estrelas e flores, astros e pessoas, parte de uma mesma teia da vida, fração de uma mesma tessitura do universo (Brandão 2005: 19).

Brandão (2005) acredita que a experiência cotidiana de criação de culturas de vida solidária, biodiversa e sustentável deverá continuamente buscar responder muitas perguntas que ficam no ar, e que devemos repensar as ciências tendo por base a arte e o saber do povo.

Se o nosso trabalho tem sido o de uma busca solidária de felicidade humana através da cultura vivida, também, como o saber, a vida, a arte do povo, e o seu poder ancestral de união e de luta, como inserir isso em um trabalho voltado a repensar as ciências e as tecnologias com que pensamos nós mesmos e nosso mundo, em busca de uma nova lógica da natureza e de uma nova ética do ambiente? (Brandão 2005: 24).

Somos os únicos seres capazes de tornar um deserto reverdecido e reinventar uma Terra inesgotável, assim como também “somos os únicos seres que podem destruir o planeta em que vivemos e a “nave-casa” em que vagamos, geração após geração, pelo universo” (Brandão 2005). A educação ambiental torna-se uma ação primordial e deve ser direcionada a todas as faixas etárias, principalmente às crianças, pois com a conscientização desde o berço, elas poderão construir um novo futuro com base em ações ecológicas sustentáveis.<sup>45</sup>

O trabalho de educação ambiental vem sendo realizado por diversos profissionais como, professores, ecologistas, fotógrafos, artistas, músicos, dentre vários outros. O intercâmbio entre as áreas possibilitará maior coesão da proposta, e como aponta Brandão (2005), um sistema integrado de educação ambiental pode vir de uma integração do trabalho científico, pedagógico e ambientalista, de característica biodiversa e sustentável, efetivado em atividades diversas.

---

<sup>45</sup> Em 1987, por meio de uma pesquisa de opinião, constatou-se que 90% dos brasileiros vivendo nos antigos domínios da Mata Atlântica nunca tinham ouvido falar dela, “o modo do seu desaparecimento foi apagado do banco de memória até de sua classe média” (Brandão 2005: 69).

Diferenciada em suas interações porque estou propondo um programa de trabalho ancorado na adesão da educação ambiental a um esforço de interconexão entre diferentes estilos de investigação científica. Estou querendo aprender a realizar um enlace da pesquisa docência-prática ambientalista entre diversos níveis e modelos de atividades de formação de educadores ambientais (Brandão 2005: 76).

Quando pessoas e grupos humanos vivem da interação com o manejo do meio ambiente, ocorre uma “provável diversidade absoluta ou relativa de maneiras de ser e de viver a própria relação cotidiana com o meio ambiente” (Brandão 2005: 84). Este comportamento se reflete na cultura e na música de forma produtiva e significativa.

Brandão (2007) entende a cultura como tudo o que é transformado da natureza pelo ser humano, em suas palavras “à nossa volta, em nós e para nós. É com uma forma própria de cultura que até mesmo vemos, percebemos, compreendemos, agimos e nos falamos sobre a natureza” (Brandão 2007: 151).

Nascemos, vivemos e moramos em um espaço do planeta Terra. E desde os primeiros tempos da aventura da história humana vivemos e nos transformamos ao socializarmos a natureza, ao transformarmos sem cessar espaços da natureza em lugares sociais, e coisas naturais em objetos culturais (Brandão 2008: 80).

Por milhões de anos o poder de intervenção na natureza era ainda muito pequeno, até mesmo em tempos próximos, entre os povos indígenas que já viviam aqui, antes da chegada de povoadores europeus nas Américas (Brandão 2007). Desde a antiguidade, em uma grande maioria das culturas, principalmente nas do Ocidente europeu, os seres humanos, acreditavam que eram os senhores da Terra, que a natureza devia servir aos nossos interesses, e que os recursos naturais do planeta seriam inesgotáveis, mas hoje estamos repensando e está em nossas mãos reverter esse quadro, para que o planeta não se transforme em um deserto (Brandão 2007).

Nunca antes em toda a história da humanidade uma geração concentrou em suas mentes e mãos tanto saber e tanto poder para transformar de novo a Terra em um imenso e fecundo “jardim de todos”, ou em um deserto calcinado e vazio da Vida. Desde pelo menos quarenta anos atrás os cientistas, os pensadores, os artistas, os líderes espirituais e até mesmo os políticos têm continuamente chamado a atenção de todos os seres humanos para os perigos crescentes que nós próprios criamos e que corremos. [...] podemos passar de uma relação agressiva, expropriadora e insustentável



entre nós e diante do mundo natural, para uma relação amorosa, recriadora e sustentável (Brandão 2007: 106).

Brandão (2005) aponta a ‘volta à natureza’ como um fenômeno bastante evidente em nossos tempos, e que já ocorreu em séculos passados, próximos, como o XVII e o XIX, cada um a seu modo. Na contemporaneidade, diversos movimentos lutam em defesa da natureza, no Brasil pode-se citar: “SOS Mata Atlântica;” “Águas Claras” (Associação Ambientalista das Bacias do Rio Verde e do Rio Soberbo), no Sul de Minas Gerais; “Associação dos Amigos do Cerrado;” IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas) em Nazaré Paulista; Instituto Sócio Ambiental de São Paulo; ABRASCA (Associação Brasileira de Comunidades Alternativas); os “Artistas pela Natureza;” Militantes populares ligados a terra e ao território; Associação dos Povos da Floresta; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST; dentre outros movimentos como os religiosos e ou espiritualistas (Brandão 2005).

A “Carta da Terra” escrita em 18 de março de 1997 estabelece valores e princípios para um futuro sustentável, um deles é que em qualquer lugar onde exista o risco de sérios e irreversíveis danos ao ambiente, devem ser tomadas medidas preventivas para evitar o dano (La Carta de La Tierra 1997).<sup>46</sup> Com base em minuta do documento de 11 de abril de 1999, a “Carta da Terra” prioriza um novo começo, resultado de um diálogo em nível mundial à procura de um fundamento comum e valores compartilhados, e apresenta princípios como os que se seguem: o bem-estar dos povos e da biosfera depende da preservação do ar limpo, das águas puras, dos solos férteis, de uma rica variedade de plantas, animais e ecossistemas; a proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado; a importância da contribuição da imaginação artística e das humanidades, assim como, das ciências na educação ambiental e no desenvolvimento sustentável (Gadotti 2000).

Observa-se atualmente toda uma linha desses princípios, de cuidados e de ações ambientais em busca de uma vida cotidiana sustentável. Brandão (2008) defende a importância dessas mudanças de atitudes, afirmando que “são ações essenciais e é em nome delas que a educação ambiental surgiu, existe e se multiplica como uma prática pedagógica múltipla e convergente” (Brandão 2008: 140). A busca de revistas, jornais, noticiários da pequena imprensa alternativa, mais livre, consciente e ética é valorizada por Brandão (2008) e apontada como pouco procurada em nossa sociedade. A divulgação de trabalhos

---

<sup>46</sup> A Carta da Terra tem sido publicada em várias versões, em línguas diversas, por instituições em todo planeta. No Brasil, por exemplo, o “Instituto Paulo Freire,” também a publicou.

independentes ocorre muitas vezes fora da grande mídia, como por exemplo, o trabalho de violeiros que transmitem valores ecológicos por meio da música, exercendo uma função importante de disseminação desses valores, por meio de suas apresentações, produção de CDs e DVDs. A música e outras ações artísticas, sociais e ambientais, podem nos envolver, estimular e inspirar em busca do reverdecimento.

A lógica simbólica de uma determinada cultura pode ser usada como um sistema de comunicação entre indivíduos, e “em muitos casos a música desempenha um papel importante, quando não fundamental, nessa rede de significados” (Budasz 2009: 40). Pensar dessa forma colabora para clarear o papel das relações entre culturas no desenvolvimento histórico das sociedades, o que ocorre também por meio de diálogos e intercâmbios dentro de uma cultura, e entre culturas diversas, comenta Budasz (2009).

Na música popular, a cultura de referência é invariavelmente revista e reinterpretada por diversos artistas e consumidores, e nesse contexto, produtos como vestuário, aparelhos eletrônicos, CDs, contribuem para uma autoafirmação do indivíduo, permitindo-o articular e delimitar espaços, e “através desse processo, identidades individuais e coletivas são construídas em relação a outros indivíduos e grupos” (Budasz 2009: 47).

Mário de Andrade (1972) nos fala que os sentimentos são registrados por meio de palavras, e isto é uma arte psicológica por excelência. Segundo Andrade (1972), a música possui um intenso poder dinamogênico, que faz fortificar e acentuar estados-de alma previamente conhecidos, e ainda afirma: “E como as dinamogênias dela não têm significado intelectual, são misteriosas, o poder sugestivo da música é formidável” (Andrade 1972: 13).

Um exemplo prático pode ser verificado no estudo de Janaina Moscal (2015): “Sons da luta sem terra: a agroecologia como projeto de transformação social musicado,” no qual a autora ao comentar uma das canções composta nesse movimento, coloca a viola como articuladora entre natureza e cultura, a partir de uma concepção nativa, em que o militante além de empunhar a enxada, toca a viola para comunicar a luta pela terra. Retratando uma paisagem sonora comum ao amanhecer de diversas comunidades rurais (sons de galo e passarinhos cantando, passos, pessoas levantando da cama, torneira abrindo, água enchendo a chaleira), a autora amplia a cena com a entrada dos acordes de Viola Caipira emitidos ao ligar o rádio e sintonizar em uma emissora tocando a introdução da composição “Viola Ecologia,” gravada por militantes artistas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no

disco “Agroecologia em Movimento.”<sup>47</sup> Moscal (2015) mostra como a sustentabilidade está presente no discurso que vai desde a questão ambiental, à cultural e política, orientando procedimentos como: plantar árvores, plantar frutíferas e flores, preservar os rios, recolher o lixo. O modo de fazer e pensar a música no MST, reforça a capacidade comunicativa da música na construção de estratégias de sensibilização estética, ética e política, que transmite ao povo do sertão o que vem acontecendo com a natureza e a importância de todos juntos lutarem para mudar essa realidade (Moscal 2015).

Trabalhos deste tipo podem aos poucos colaborar na redefinição de uma cultura com base em valores que contrapõem os desastres ecológicos causados pela tecnologia industrial. Assim como, aponta Langengach (1999), torna-se essencial desenvolver novos valores culturais e éticos, transformar estruturas econômicas e reorientar os nossos estilos de vida, compreender que a qualidade de vida é fundamentalmente baseada no desenvolvimento das relações humanas, na criatividade, nas expressões culturais e artísticas, na propriedade intelectual, no respeito à natureza, e de que ela não depende do aumento do consumo e valores materiais não essenciais.

E, dentro das ciências, surge então a Ecomusicologia, tema abordado a seguir, buscando contextualizar o advento deste campo recente que vem se formando em torno do estudo das relações entre música e natureza.

## **1.4 Caminhando na Ecomusicologia**

Para contextualizar o surgimento da Ecomusicologia, inicialmente serão abordados brevemente alguns conceitos e caminhos da Musicologia e Etnomusicologia, tal como apontados por autores especialistas na área.

Duckles (1980) afirma que, desde o início do século XIX, a Musicologia como área de conhecimento tem tido relevância entre os estudos históricos ocupando o terreno central. No entanto cada época traz sua própria escala de valores ocasionando constante mudança de ênfase. Reconhece ainda que com os avanços nos estudos musicais, passa-se a focar também o músico e sua atuação no ambiente social e cultural, envolvendo assim áreas da antropologia,

---

<sup>47</sup> Disco produzido no ano de 2010, com apoio financeiro de uma cooperativa no município de Bituruna, interior do estado do Paraná (ibid.).

etnologia, linguística, economia e sociologia, com forte acento sobre estudos da música não europeia (Duckles 1980).

Entretanto, Duckles (2001) reconhece que uma enorme variedade de temas e metodologias abarcou a Musicologia a partir de noções pós-modernistas, as quais procuram romper com hierarquias e mostram os múltiplos sentidos que qualquer música pode ter, como por exemplo, o impacto físico do som no ouvinte. Com esta “Nova Musicologia,” surge importantes áreas de estudo como resultado destas diferentes perspectivas, fazendo com que cada vez mais musicólogos reavaliem os limites das suas pesquisas. Patrick McCreless (1996) é um exemplo, pois reflete sobre o surgimento de um novo conhecimento dentro da Musicologia, resultando em mais tarefas, abrindo um espaço disciplinar para uma Musicologia nova e pós-moderna, contrastando com a antiga Musicologia que era focada na obra e no cânon, sem questionamentos sobre a ideologia e a política em que se baseavam.

No final de 1970 alguns estudiosos americanos já questionavam sobre o positivismo e o formalismo, e a historiografia crítica de Kerman e Treitler abriu caminho para uma nova Musicologia (Stanley 2001). Gary Tomlinson é citado por Joseph Kerman (1987) como fazendo parte de uma geração mais nova que defende o modelo de cultura de Clifford Geertz, quando a cultura deveria ser construída pelo historiador em interação com seus pressupostos e dados significativos do contexto estudado, assim como os elementos de cultura que existem para nós somente na medida em que compreendemos/reconhecemos algum significado numa teia cultural. Kerman (1991) informa que, de acordo com Tomlinson, a tarefa do historiador é investigar o que a música significava para seus compositores, ouvintes e artistas, e, portanto, os ingredientes de significado musical não podem ser limitados ao som. Leo Treitler (1984) afirma que a música é mais que sons e notas, é um ato social e abrange muito mais do que é descrito por grande parte dos pesquisadores, como por exemplo, a associação da música com os sentimentos que ela aporta. Já Stephen Miles (1997) afirma que: a compreensão do significado social e estético da música só pode ser determinada por meio de uma estratégia interdisciplinar unindo métodos analíticos de Musicologia histórica, Etnomusicologia, e Sociologia, focando como a música vem a ser socialmente significativa.

Em relação à Etnomusicologia, buscando manter um de seus princípios fundamentais, o da inclusão, esta disciplina chega aos estudos da música popular na década de 1980 marcando uma virada do privilégio de músicas não ocidentais de elite, abandonando uma postura colonialista do século 20 em favor do estudo das práticas musicais da classe trabalhadora e de membros simples das sociedades industrializadas, abrangendo no início do

século XXI o estudo de todas as músicas em contextos locais e globais (Pegg et al. 2001). Kerman (1987: 235) afirma que na Etnomusicologia “O que está em questão é toda a matriz de fatores sociais e culturais extramusicais que, em certa medida, formam a música e, em certa medida, são formados por ela.” Os etnomusicólogos, segundo Bruno Nettl (1994), passaram a reconhecer que a mensagem musical deve ser estruturada não apenas a partir do gênio dos compositores, mas expressando valores importantes da sua cultura.

De acordo com Alexander Rehding (2002) a Musicologia envolve a natureza como tema de debate no pensamento contemporâneo, do lado de fora de quaisquer limitações históricas ou geográficas fixas, buscando dar uma visão cronológica geral das vinculações variadas entre música e natureza, ordenadas por tema e variando através dos tempos. Redhing (2002) aponta que a reflexão artística da natureza sobressaiu no século XVIII, e a partir desse momento temas da natureza adquirem significados musicais específicos, expressando-se em certos contextos composicionais.

Para Redhing (2002), a questão da imitação da natureza aporta desafios à nossa maneira de pensar sobre música, instigando-nos a repensar a questão do significado musical. Esse autor também conclui que interesses ecológicos e musicológicos no estudo da natureza na música podem estar unidos em um desejo de encontrar alternativas para a inflexível fé no desenvolvimento tecnológico com o qual o pensamento iluminista está quase sempre associado.

Como aponta Aaron S. Allen<sup>48</sup> (2013), a partir dos anos de 1970 uma crescente preocupação ambiental levou a desenvolver-se na América do Norte o interesse pela Ecomusicologia, consolidando-se nos círculos acadêmicos da América do Norte e Escandinávia nas décadas dos anos 2000, por meio de estudos desenvolvidos nas ciências humanas, físicas, naturais e sociais. Allen (2013) entende que a Ecomusicologia é um campo que estuda a música, a cultura e a natureza, considerando suas complexidades, textos e *performances*, em consonância com a ecologia e o meio ambiente natural.

Os estudos em Ecomusicologia advêm principalmente da Etnomusicologia e da Musicologia histórica, cujas instituições profissionais refletem esse interesse: em 2007 a Sociedade Americana de Musicologia constituiu o Grupo de Estudo em Ecocrítica, e em 2011,

---

<sup>48</sup> Aaron S. Allen é professor associado de Musicologia e Coordenador de Sustentabilidade Acadêmica, integrante do comitê de professores para o Programa de Estudos Ambientais na University of North Carolina (cidade de Greensboro - EUA). Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/m/mp/9460447.0008.205/--sustainability-and-sound-ecomusicology-inside-and-outside?rgn=main;view=fulltext>. Acesso em: 26 mar. 2017.

a Sociedade de Etnomusicologia fundou o Grupo de Interesse Especial em Ecomusicologia, estudos esses socialmente engajados e conectados com as preocupações ambientais (Allen 2013).

Segundo Allen (2013), esse novo campo iniciou-se investigando mundos sonoros humanos e não humanos advindos de estudos de paisagens sonoras e da ecologia acústica, campo fundado por Murray Schafer com o Projeto Soundscape (desde 1993, o Fórum Mundial de Ecologia Acústica). Tal projeto se espalhou do Canadá aos Estados Unidos, da Europa a outros países, combinando abordagens da composição, desenho de som, acústica e engenharia, música e erudição cultural em geral. Buscava entender e gerenciar ambientes sonoros, levando à ampliação da consciência sobre questões como o desenvolvimento urbano, a poluição da água, perda auditiva, e poluição sonora.

Megan E. Hill (2014) esclarece que a maioria das definições de paisagem sonora aborda a experiência perceptiva de um determinado ambiente entre aqueles que vivem dentro dela, quando um ambiente sonoro reflete não só o social, mas também o tecnológico e as condições naturais de um espaço. Estudiosos e artistas desse campo acreditam que principalmente a presença e as atividades dos seres humanos em um ambiente exercerão um efeito conclusivo na sua paisagem sonora (Hill 2014). Desde 1960, diversos pesquisadores vêm se interessando por esse campo relacionado com o significado humano, o lugar e o som. Esses estudos podem ser encontrados em áreas como: Musicologia, Etnomusicologia, Geografia musical, Antropologia, Arquitetura, dentre outros (Hill 2014).

Allen (2013) informa que a Ecomusicologia é também denominada Musicologia Ecocrítica, tendo em vista que a ecocrítica literária faz uma crítica ecológica estudando produtos culturais, que relacionam o homem e o meio ambiente com abordagens críticas, incentivando a conscientização e preocupação com as crises ambientais. A Ecomusicologia segue a tendência de estudos musicais ligados a metodologias literárias, como as de gênero e sexualidade, e principalmente, relaciona campos que normalmente não interagem com abordagens variadas entre estudiosos e artistas - como compositores, ecologistas acústicos, etnomusicólogos, biomusicólogos, dentre outros campos interdisciplinares afins (Allen 2013).

A biomúsica, por exemplo, é um campo interdisciplinar que estuda os sons não humanos, e é abordado por Patricia M. Gray et al. (2001). Esses estudiosos afirmam que os seres humanos sempre se inspiraram na paisagem sonora dos inumeráveis sons naturais de nosso mundo. Sons esses que são percebidos em uma gama mais ampla, por pessoas que vivem perto da natureza, comparadas às que vivem em sociedades industrializadas e

dependentes de avanços na tecnologia de som. Gray et al. (2001) menciona dois exemplos sendo o primeiro, os sons de baleias no oceano registrados pela primeira vez na década de 1940. Porém, centenas de anos antes tribos marítimas ouviam esses sons por meio dos cascos de seus barcos. O segundo exemplo são as gravações recentes de frequências ultra baixas de comunicações de elefantes. Neste sentido, tribos da região central da África Oriental há séculos têm incorporado esses sons em suas canções e histórias. Segundo os mesmos autores, as músicas de baleias Jubarte apresentam estruturas similares às músicas de compositores humanos,<sup>49</sup> assim como também as músicas compostas pelos pássaros.<sup>50</sup> Pode-se verificar as seguintes semelhanças das músicas das baleias Jubartes com nossas músicas: ritmos e elementos percussivos; tom e timbre de notas; comprimento de frases entre uma balada moderna e de um movimento de uma sinfonia; cantam em um intervalo de pelo menos sete oitavas, com intervalos semelhantes os intervalos de nossas escalas; aparecem canções com forma ABA (uma declaração de tema, secção elaborada, e uma versão ligeiramente modificada do tema original); refrãos repetidos que formam rimas; e uma infinidade de sons (Gray et al. 2001).

Considerando a influência de ambientes locais sobre música, voltando às novas abordagens de música e cultura investigando conhecimentos conectados com preocupações ambientais, Brooks Toliver (2004), descreve sobre a ligação com o deserto do sudoeste americano na obra *Grand Canyon Suite*<sup>51</sup> do compositor Ferde Grofé, com objetivo de obter uma melhor compreensão histórica do amor com o deserto, ao lado das implicações de modificações da região nativa.

---

<sup>49</sup> Provavelmente, a semelhança de atenção entre baleias Jubartes e seres humanos vem do grande córtex cerebral dessas baleias, e mesmo com tais semelhanças, acredita-se que o fato de milhões de anos distanciar os caminhos evolutivos entre seres humanos e baleias, sugere que a música pode ser anterior aos seres humanos (Gray et al. 2001).

<sup>50</sup> Dentre essas características destacam-se: variações rítmicas e combinações de notas; inversões de intervalo; relações harmônicas simples; transposição de motivos para alturas diferentes; mesma escala da música ocidental; oitava completa; escala cromática; assim como existem pássaros que usam um instrumento para produzir o som, um exemplo é quando o macho, como parte de seu ritual de acasalamento, faz uma baqueta de um galho de uma árvore, segura com seu pé e bate em um tronco oco com ressonância de sua preferência (Gray et al. 2001). Tanto baleias quanto aves possuem capacidade de memorizar e reconhecer padrões musicais. Cada baleia na mesma área de criação canta a mesma canção e a música lentamente evolui de ano para ano, assim como baleias de diferentes oceanos cantam músicas completamente diferentes, e baleias de um oceano podem trocar sua música própria em favor de canções de baleias recém-chegadas, podendo ocorrer transformação completa dentro de poucos anos (ibid.).

<sup>51</sup> Durante meados do século XX, esta suíte ganhou popularidade e esteve regularmente em programas de rádio e concertos americanos pouco depois de sua estreia em 1931 (Toliver 2004).

Segundo Toliver (2004), em suas declarações, o compositor Grofé demonstra que sentia um profundo amor pela terra, com forte apreciação de seus recursos naturais como: vastas terras, alturas gigantescas, desertos silenciosos, rios caudalosos, fulgentes amanhecer e pôr do sol, luar prateado, colorações de céus e rochas. Toliver (2004) comenta que Grofé escreveu em um artigo sobre a história da *Grand Canyon Suite* que o Nacional do Grand Canyon<sup>52</sup> era um deserto a ser preservado com um mínimo de presença humana. Porém, em outro momento, a ideologia pioneira transparece nas declarações de Grofé quando enfatiza uma terra que tem enriquecido o caráter americano, refletindo a dinâmica industrial, o desenvolvimento de recursos naturais e o poder do país. E assim, Toliver (2004) tenta compreender o papel *Grand Canyon Suite* explorando a possibilidade de que a própria posição ambígua de Grofé sobre o deserto é típica de seu tempo: o paradoxo de um deserto que é fundamental para a auto-identidade de um país, mas sempre em vias de desaparecimento; e a luta entre aqueles que transformariam o deserto e aqueles que não o fariam.

Toliver (2004) estuda o significado na natureza em *Grand Canyon Suite* preocupado com o ambientalismo que engloba a conservação e a preservação, e nos informa que o século XIX e início do século XX apresentaram-se com uma riqueza de estudos sobre o oeste americano e a relação do ser humano com a natureza, em um ambientalismo justificado pela diversidade dos povos e ambientes. A experiência no Grand Canyon relatada por Grofé mostra-o conhecedor do terreno, da vida de animais, aves, hábitos e costumes das pessoas da região. Mas, apesar do conhecimento básico que Grofé possuía sobre povos indígenas da região,<sup>53</sup> o compositor não os reconhece em sua obra musical.

A ausência de referências sobre os nativos em *Grand Canyon Suite* é interpretada justificando que desde o início do Parque Nacional Grand Canyon em 1919 e ao longo da década de 1920, as autoridades pressionaram o povo indígena Havasupai a permanecer na sua reserva junto a apenas um afluente dentro do parque, o que significava para este povo um confinamento a uma planície de inundação que tradicionalmente ocupava apenas durante os

---

<sup>52</sup> O *Grand Canyon National Park*, como em outros parques, se formou por ser considerada uma região bela onde a mineração e extração de madeira tinha sido avaliada sem rentabilidade (ibid.).

<sup>53</sup> Em “História do Grand Canyon Suite,” Grofé escreve sua experiência em companhia com os indígenas durante o tempo que passou no sudoeste, e conta também dos tambores tocando toda a noite durante as reuniões indígenas (ibid.).



meses secos<sup>54</sup> (Toliver 2004). Várias famílias Havasupai viviam perto da sede Grand Canyon, chegando a ocorrer de funcionários do parque destruírem essa aldeia em 1934. Assim como o serviço do parque procurou torná-los invisíveis, eles também estão ausentes na música de Grofé (Toliver 2004). A Grand Canyon Suite é constituída por cinco movimentos: *Sunrise*; *Painted Desert*; *On the Trail*; *Sunset*; *Cloudburst*. Grofé recapitula triunfalmente a música do cowboy, na parte final do *Cloudburst*, conforme o programa, a natureza novamente se alegra em toda a sua grandeza, e para Toliver (2004), isto mostra o vaqueiro que se alegra em seu domínio simbólico sobre a natureza e simula o oeste americano intocado, mostrando uma centralidade da sua própria música cowboy, convidando o público a esquecer de que a terra tinha sido e continua a ser habitada pelos indígenas.

Jeff Todd Titon<sup>55</sup> (2014) comenta como os povos indígenas foram ignorados nos livros de história assim como o real motivo da vinda de imigrantes aos Estados Unidos cujo interesse da maioria foi ganhar dinheiro, colaborando assim com a crise ambiental.

E quando pensamos no lugar que chamamos de América, os nossos livros de história dizem aos nossos filhos que este país era uma terra subdesenvolvida até ser povoado por europeus. Eles convenientemente ignoram os povos indígenas que estavam aqui antes de nós cujas ideias sobre terra e meio ambiente e comércio eram diferentes e em muitos aspectos mais sustentável. Nossas crianças leem livros de história que dizem que nossos antepassados fugiram da Europa para se estabelecerem no Novo Mundo para escapar à perseguição religiosa. Realmente, a maioria das pessoas veio para os Estados Unidos para ganhar dinheiro, e nós não paramos. Isso tornou nossas vidas insustentáveis e causou a crise em nossa economia e no meio ambiente (Titon 2014: 15).<sup>56</sup>

<sup>54</sup> Toliver (2004) informa que: no século XIX, os indígenas foram omitidos de panorâmicas visuais do Parque Nacional de *Yellowstone*, a fim de tornar área com aparência segura para os turistas e desenvolvedores; por volta de 1920 e 1930, a história, aparência física, e estilo de vida de muitos indígenas foram encobertos na iconografia que poderia tê-los mostrado para os brancos como símbolos de deserto; em outros contextos os indígenas também lutaram sem sucesso contra pioneiros.

<sup>55</sup> Jeff Todd Titon é professor emérito de Música na Brown University (cidade de Providence – Rhode Island - EUA), onde dirigiu por 28 anos o programa de doutorado em Etnomusicologia. É pioneiro na Etnomusicologia Aplicada, na Etnografia Fenomenológica e nas abordagens ecológicas da sustentabilidade musical e cultural. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/m/mp/9460447.0008.205/--sustainability-and-sound-ecomusicology-inside-and-outside?rgn=main;view=fulltext>. Acesso em: 26 mar. 2017.

<sup>56</sup> And when we think about the place we call America, our history books tell our children that this country was undeveloped land until settled by Europeans. They conveniently ignore the indigenous peoples who were here before us whose ideas about land and environment and trade were different and in many ways more sustainable. Our children read history books that say our ancestors fled Europe to settle in the New World to escape religious persecution. Really, most people came to the United States to make money, and we haven't stopped. It's made our lives unsustainable and it's caused the crisis in our economy and in the environment (Titon 2014: 15).

Atualmente existem vários estudos relacionados aos povos indígenas e sua relação com o meio ambiente. Dentro da ecologia sonora, Mathias Lewy (2014), aprofundando nos estudos da cultura Pemón, Makuxí e Wapixana da região circum-Roraima na Amazônia, afirma que a interação entre seres humanos e seres não humanos é uma característica presente nas culturas auditivas anímicas e mestiças, quando “a interação anímica com plantas, animais e espíritos se dá sempre por meio de uma *performance* cantada determinada” (ibid.: 2). Esse autor aponta que existem outras interações entre humanos, plantas, animais e espíritos, além dos cantos tradicionais, e as mesmas ocorrem por meio de fórmulas mágicas refletidas em mitos e universos diversos.

Para Lewy (2014: 9), “devem ser procurados os lugares reais do multiverso, aos quais as canções fazem referência (margem do rio, montanha, vales citados expressamente) para se conhecer a interação sonora e o sistema de referência áudio-sonoro.” Tanto elementos como pedras, eventos como trovão, vento, chuva, ou objetos como figurinos de dança (vestimentas indígenas) produzem sons que estão carregados de significados no mundo da comunicação e representação indígena (Lewy 2014).

As especificidades dessas formas de comunicação dos moradores indígenas da Amazônia, segundo Lewy (2014), permitem conhecer a biodiversidade local e com isso colaborar com a sustentabilidade ambiental, e o imprescindível enriquecimento científico e cultural:

A compreensão das taxonomias indígenas e conceitos dos moradores da Amazônia não é apenas um processo de emancipação do conhecimento indígena, mas, principalmente, um enriquecimento de todo o mundo da ciência e pesquisa. Compreender a biodiversidade da Amazônia é a base para concepções de projetos sustentáveis, apoiados por um gerenciamento ecológico das formas de lidar com os recursos cada vez mais escassos na Terra e com a mudança climática associada a isso. Em um nível teórico mais amplo, a particularidade da complexidade da comunicação indígena entre os moradores do Amazonas tem um papel decisivo nas ciências culturais atuais. (Lewy 2014: 11).

Discutindo conceitos de sustentabilidade, música e meio ambiente, Titon (2013) aborda a natureza da Ecomusicologia sob dois vieses: a forma pela qual ecomusicólogos estão construindo esse novo campo e o tipo de trabalho que estão desenvolvendo; e o que traz a Ecomusicologia tanto para a natureza quanto para as questões em curso envolvendo música e

sustentabilidade. Titon (2013) acredita que, mais cedo ou mais tarde, a Ecomusicologia deverá enfrentar dificuldades epistemológicas que resultam principalmente do impacto da racionalidade econômica no ambiente, como por exemplo, o aquecimento global, a desigualdade de renda e a injustiça social. Esse autor sugere como uma epistemologia relacional holística de interligação, baseada na Ecologia e fundamentalmente diferente daquela resultante do reducionismo científico e da racionalidade econômica, poderia oferecer um caminho de perspectiva epistemológica para um conceito mais sustentável da natureza, música e meio ambiente. Para Titon (2013), a Ecomusicologia é uma necessidade para a conservação da vida no planeta Terra.

Um sistema sustentável é obtido por meio da utilização de recursos renováveis, e é importante levar em consideração os dois discursos mais proeminentes da sustentabilidade: o do ambientalismo e o da economia, discursos esses também presentes na cultura popular, sob a forma de viver uma vida sustentável, como por exemplo, reciclando, andando de bicicleta, conservando a energia em uma casa, comendo comida local (Titon 2013).

Desenvolvimento sustentável é uma expressão que entrou no discurso público em 1987, sendo empregada pela racionalidade econômica, quando a Comissão Brundtland, uma agência da ONU, ofereceu a seguinte definição: é o desenvolvimento que atende as necessidades do presente sem afetar a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades (Brundtland, apud Titon 2013). Vinte anos mais tarde o desenvolvimento sustentável tornou-se um pretexto para o crescimento sustentável, exemplificado por empresas ditas capitalistas verdes, que trabalham em escala internacional, empregando a expressão “desenvolvimento sustentável” para seus próprios fins... insustentáveis (Titon 2013).

Sobre uma conferência internacional de Ecomusicologia, ocorrida em Nova Orleans - EUA, novembro de 2012, Titon (2013) relata que a maioria dos pesquisadores presentes discutiu como obras musicais representam a natureza. Além de Ecologia e paisagem sonora, foi apresentada uma agenda ambientalista (a natureza entendida como sendo ameaçada) com tópicos incluindo: música e ação social, justiça ambiental, e as leis propostas e promulgadas para promover a sustentabilidade. E, com um especial interesse para os brasileiros, foram apresentados documentos dirigidos à sustentabilidade de espécies ameaçadas, como a do jacarandá usado na fabricação de arcos de violino e guitarras em Pernambuco, chamando a atenção para a sustentabilidade dos sistemas ecológicos florestais (Titon 2013).

Titon (2016) investiga como uma ontologia sonora pode conduzir a uma epistemologia relacional e a uma atividade comunitária, em contraste com a consciência instrumental e a racionalidade econômica. E ele propõe uma conexão intersubjetiva feita por meio do som, na qual uma ecologia sonora prevê uma co-presença, baseada em uma ontologia sônica, resultando em uma comunidade sonora, que, por meio desta conexão, apresenta-se bem integrada, com trocas sociais e culturais, atuando de forma cooperativa e não competitiva. As trocas econômicas tenderiam a manter relacionamentos pessoais ao invés de impessoais e contratuais. Nesse âmbito, a ontologia sônica e a comunidade sonora são caracterizadas por uma ecologia comportamental do som, e co-evoluem juntas em reciprocidade, contrapondo-se ao individualismo, egoísmo e suas conveniências (Titon 2016).

A musicóloga Denise Von Glahn (2014)<sup>57</sup> vem trabalhando em seus estudos, artigos, ensaios e livros publicados,<sup>58</sup> os temas sobre música, natureza e lugar em seus livros, investigando também o trabalho de mulheres compositoras, relacionado ao mundo natural, ou seja, como mulheres musicistas relacionam com seus ambientes e refletem isto em suas composições. De acordo com Glahn (2014) lugares e seus sons vêm inspirando compositores em suas músicas, tanto por um lugar, quanto imitando sons de um lugar. O resultado encontrado é que, essas compositoras se viam como colaboradoras do mundo natural que as inspirava, assim como também mostravam esses lugares em sua música.

Uma ontologia sônica da Viola Caipira relacionada ao meio ambiente, em manifestações na região de Cerrado, é um exemplo prático dessas abordagens, apontando para um comportamento ecológico de violeiras e violeiros por meio de suas composições instrumentais e cantadas, chegando a desenvolver um papel importante de conscientização ambiental.

Este assunto será abordado nos próximos capítulos. Nesse sentido, dando prosseguimento a esta investigação, no capítulo a seguir, serão analisados trabalhos musicais ligados à natureza e ao Cerrado.

---

<sup>57</sup> Denise Von Glahn é professora de musicologia e diretora do Centro de Música das Américas na Universidade Estadual da Flórida (Glahn 2014).

<sup>58</sup> *The Sounds of Place: Music and the American Cultural Landscape* (Northeastern University Press, 2003) e *Music and the Skillful Listener: American Women Compose the Natural World* (Indiana University Press, 2013). Junto com Sabine Feisst, co-edita IUP's Music, Nature, Place series (Glahn 2014).

## 2 O toque do sertão: a natureza nas vozes e cordas da viola

*No meu jardim, no meu jardim / As flores falam  
E sabem ler, sabem entender / A dor que calam  
Quem cala não consente / As flores sabem mais  
Da dor que a gente sente / A dor nos vegetais / Adornos vegetais  
[...]*

*O meu jardim, o meu jardim / É atrás de um prédio  
onde um jasmim / disse: - Aí de mim / morro de tédio  
Disse o Angelim ao Alecrim / que amor é um duende  
amor é coisa de Jardim / flor não se vende*

*Quem cala não consente / As flores sabem mais  
Em silêncio elas sentem / Segredos vegetais / Segredos vegetais  
[...]*

(Marques 1988).

O trecho citado na epígrafe acima expressa um sentimento de respeito e reverência à natureza e faz parte da canção *Segredos Vegetais* de Dércio Marques, presente em seu álbum duplo de mesmo nome, lançado em 1988. A temática ambiental permeia toda a sua trajetória musical, assim como a obra de sua irmã Doroty Marques.

Em função disso, este capítulo inicia-se mostrando a importância dos trabalhos musicais dos irmãos Marques, Doroty e Dércio, que vem influenciando, de forma imprescindível, novas gerações de músicos, violeiros e violeiras. Seus repertórios envolvem a cultura popular e, principalmente as questões ambientais e ecológicas, como a preservação do Cerrado.

Filhos de pai uruguaio, descendente dos Povos Guarani e mãe brasileira de origem rural, Dércio e Doroty nasceram na região do Triângulo Mineiro, Dércio Rocha Marques (1947-2012) nasceu em Uberaba e Doroty Marques Rocha (1946) em Araguari. Suas obras refletem, dentre influências diversas, as raízes mineiras herdadas da mãe Palmira Rocha e ritmos latinos herdados do pai.

O primeiro disco de Dércio Marques “Terra, vento, caminho” (1977),<sup>59</sup> mostra uma forte ligação com a terra em gêneros variados de música regional brasileira e latino-americana, destacando-se a composição de Elomar Figueira de Melo, *Curvas do Rio* (Marques 1977). Já

---

<sup>59</sup> Foi lançado em 1977 pelo selo Marcus Pereira, em LP, e relançado em 2000 pela Kuarup, em CD. O disco apresenta composições de Dércio Marques e de compositores que até então desconhecidos no Brasil, como por exemplo, do compositor baiano Elomar.

o seu segundo disco “Canto Forte - Coro da Primavera” (1979),<sup>60</sup> mantem a temática de ligação com a terra, mas focando a cultura brasileira e algumas canções portuguesas (Marques 1977). Dentre as composições nesse disco, destaca-se *Arrumação* (Elomar Figueira de Melo)<sup>61</sup> interpretada por Dércio que também toca Viola Caipira nessa canção (Marques 1979): [...] *Futuca a tuia, pega o catadô / Vamos plantá o feijão no pó* [...]. A composição *Arrumação* há muitos anos é tema de abertura do programa “Arrumação,”<sup>62</sup> idealizado e apresentado pelo ator e cantor Saulo Laranjeira, pela Rede Minas.<sup>63</sup>

Assim como nos fala Albuquerque (2016), a obra musical dos irmãos Marques é permeada pelo amor a terra e por um lamento de sua destruição e exploração predatória, realçando também a força transformadora e criativa dos nossos povos, diante dos inúmeros processos de opressão. Mensageiros de uma cultura voltada à defesa dos seres vivos no planeta, a obra musical de Dércio e Doroty influencia todas as faixas etárias sociais, bem como artistas, pesquisadores, educadores e biólogos. É o que aponta o estudo desenvolvido por Albuquerque (2016):

Os irmãos Marques levantaram bandeiras em defesa da vida em suas diferentes formas, enveredando em movimentos políticos, sociais, culturais e ecológicos de forma transversal. A partir de um vínculo relacional eles criam a partir da música uma síntese que engloba um repertório uma leitura de mundo influenciando crianças, jovens, adultos, assim como, educadores, biólogos e artistas. Melhor dizendo, os Marques são mensageiros de uma cultura coletiva e seus significados, por englobarem simultaneamente o espaço imaginário e os vínculos afetivos com o planeta, envolvendo suas inter-relações, emitindo novos sentidos para o espaço geográfico (Albuquerque 2016: 71).

Dércio e Doroty, além de notáveis músicos, intérpretes, pesquisadores e educadores, com trabalhos também voltados ao público infantil, há décadas abordam questões ecológicas e de preservação ambiental, por meio da música.

<sup>60</sup> Lançado em 1979, pelo selo Copacabana, atualmente também se encontra disponível em CD. O trabalho faz uma homenagem aos 50 anos da Declaração dos Direitos Humanos (Marques 1979).

<sup>61</sup> *Arrumação* (studio & ao vivo) Arranjos: Dércio Marques. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D38IMYQINY>. Acesso em: 21 jul. 2017.

<sup>62</sup> Saulo Laranjeira. Publicado em 2 de julho de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hjHStbXuBDY>. Abertura *Arrumação* - Nova Temporada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JOPtXKCPvdM>. Acesso em: 21 jul. 2017.

<sup>63</sup> A Rede Minas é uma emissora brasileira de televisão cultural e educativa.

Letícia Q. Bertelli chama atenção para a percepção musical aguçada que Dércio Marques tinha, na qual “o ouvir se misturava a uma forma de estar no mundo que não separava, no sentido mais amplo e antropológico, a arte do homem. O interesse no humano e na natureza era intrínseco ao músico, que se alimentava das sutilezas daquilo que estava ao seu redor” (Bertelli 2016: 133). Em seu estudo, Bertelli constata que Dércio, além de seu potencial agregador, considerava a música a serviço de um bem maior, “a arte como mecanismo para a transformação positiva do ser humano, a ação agregadora e sua relação direta com a espiritualidade, deram à sua obra um valor incomum” (Bertelli 2016: 133).

A importância de Dércio é reconhecida por vários músicos nessa pesquisa, que durante as entrevistas, mencionavam nomes como de Dércio Marques, Doroty Marques e de João Bá, reconhecimentos esses, também anteriores a essa pesquisa, vindos de diversos outros profissionais. A forte reverência ao músico Dércio, por exemplo, está bem visível em trechos do depoimento feito pelo violeiro Pereira da Viola, que um ano após a morte de Dércio Marques, em um e-mail dirigido ao grupo do Sítio da Rosa dos Ventos, destaca e comenta:

[...] Hoje faz exatamente um ano, [...], tive um pequeno estremeamento antes de receber a notícia da partida do maior MENESTREL de todos os tempos, meu, nosso mestre, DERCIO MARQUES. [...] nosso eterno MENESTREL que virou estrela - DERCIO MARQUES. Abraço com carinho de Irmãos. Pereira da Viola (Viola 2013).

Dércio e Doroty trouxeram em sua obra musical nomes importantes, como o do considerado compositor Elomar Figueira de Melo. Dércio viajava sempre que podia para a fazenda de Elomar no sertão baiano e se tornou um importante intérprete de sua obra.<sup>64</sup> Na obra de Elomar se verifica um vasto conhecimento sobre a natureza sertaneja de sua região, o que nos exemplifica Bertelli (2016):

É interessante apontar em Elomar os conhecimentos sobre a fauna, a flora e as formações geológicas da Caatinga, seja na representação da onça “prisunha” - onça “que tem uma anomalia genética: uma unha a mais que caracteriza a disposição como caçador ou reprodutor”-, seja quando se refere

---

<sup>64</sup> Dércio Marques interpretou *Peão na Amarração* (Elomar), uma das finalistas no Festival MPB de 1980, com uma plateia de 20.000 pessoas. Doroty Marques (2017) conta que ela estava também no palco, no Maracanã, e que a música foi interpretada com Viola Caipira: “tocou tudo na viola, aquela faz parte de nossa história, da nossa emoção.” O PINHÃO NA AMARRAÇÃO - Elomar - Festival MPB 80. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZwCA3gBhAUQ>. Acesso em: 21 jul. 2017.

à tatarena, cuja floração é anúncio de chuva que chega ao sertão – “Tatarena vai rodá, vai botá fulô” (Bertelli 2016: 71).

Elomar está presente em quase todos os discos gravados por Dércio, como por exemplo, no álbum duplo “Segredos Vegetais” temos o trecho de *Campo Branco* (Elomar F. de Melo): *esse tempo de vinda tá perto de “vim” / Sete Casca, Aroeira contaro pra mim / Tatarena vai rodá, vai botá fulô / Marela de uma veiz só / pra ela de uma veiz só / (A)marela de uma veiz só / pra ela de uma veiz só...* (Melo 1988).

A vida dos povos no sertão, reportando também às estórias de perda da terra e de suas raízes, é fortemente abordada na obra de Elomar, como mostra Bertelli (2016):

[...] “Adeus meu pé de serra” é trecho do “Canto do Guerreiro Mongoió,” também do cancionário de Elomar, e que faz alusão não apenas aos índios que habitavam a região onde se localiza Vitória da Conquista, os “valentes mongoiós,” como também àqueles que partiram dali e, ao retornar, não encontraram mais suas referências, restando-lhes lamentar o avanço do progresso que transforma o espaço geográfico, as tradições familiares e sociais e os valores de reconhecimento territorial (Bertelli 2016: 66).

Ao escrever uma matéria em 1977, Dércio Marques abordou as questões da relação homem natureza, mostrando o quanto o ser humano perdeu em não valorizar o conhecimento e reverenciar a natureza dos povos indígenas que foram dizimados:

Marti nos ensinou que quando o índio foi derrubado, a América sofreu um colapso, estagnou-se. Quem substitui o índio na consciência bio-ecológica e espiritual nos quatro cantos? Há que renascer o índio em cada oração. As vozes dos antepassados aguardam eternas, nos horizontes, pradarias e montanhas. São ouvidas nos ventos e nos marulhos. Pelas cordilheiras vagueiam o espírito da Pachamama, a mãe-terra, e nos presenteia os olhos com seu perfil a doce Mama-Yungay (o arco íris). [...] Os tenebrosos que aqui aportaram, trouxeram febres, as peçonhas, intrigas, preconceitos e cobiças. Deparam, no geral, com povos integrados ao ambiente, gente de sentimentos intraduzíveis, de humanidade expressiva: comunhão de símbolos universais. Manitu, Inti ou Tupã, os supremos (Marques, apud Bertelli 2016: 140).

Na obra musical de Dércio e de Doroty verifica-se a importância dos povos indígenas e sua ligação com a terra, assim como a relação de outros seres considerados como protetores



da natureza, como podemos verificar na composição do violeiro Milton Edilberto, *Natureza Oculta*, gravada por Dércio no disco “Segredos Vegetais:”

*Quem ainda não sentiu / A natureza oculta  
Ainda não viu nas sombras / Movimentos leves  
Fluxos para os nossos olhos / Sonolências breves  
Que há muito tempo existem / Fadas, dríades, elfos, duendes  
Seres que ascendem / Quando vemos o que somos  
Seres que querem a luz / Mas agem qual gnomos*

*Sombra do homem assombra / A própria evolução  
E haja curupira, caipora / Caipira, guardiões  
Mãos que defendem a terra / Quando quase nada resta  
Córregos, florestas / Os elementos naturais*

*Casa dos elementais / Que cada vez se escondem mais  
Achando que os homens são / Todos eles iguais  
Pra no fim ser amigo / De anjos, arcanjos / Ao som de banjos e violas  
Respirando silfos / Banhando-me ondinas  
E purificar com o fogo / No jogo das salamandras  
E tantos outros cantos / Contos, todos prontos  
E tantos outros mantras / Santos, todos prontos (Edilberto 1988).  
Nota: Silfos – Elementais de ar, Ondinas – Elementais da água,  
Salamandras – Elementais do fogo (Marques 1988).*

Sons da natureza como de córregos, pássaros, baleias, ondas e outros, grande parte gravados por Dércio Marques permeiam sua obra “Segredos Vegetais,”<sup>65</sup> cujas faixas musicais são contínuas, sem intervalo. O disco inicia com uma música instrumental *Tema da flor da noite e segredos - Abertura* (Dércio Marques), seguida de um poema de Cecília Meireles musicado, *Tema do Canindé* (Cecília Meireles, Diana Pequeno):

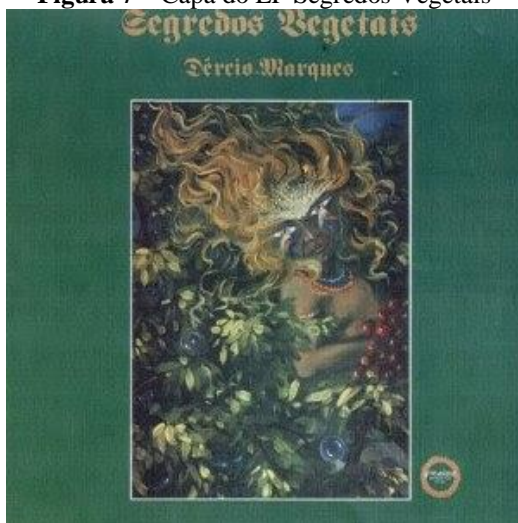
*Canindé Azul, Canindé Azul / Dá-me tuas penas, quero ser como tu / Canindé Azul  
Eu pássaro sou, eu pássaro sou / Canindé Amarelo, dá-me tua cor / Eu pássaro sou  
Voar pelo céu, voar pelo céu / Canindé Amarelo da cor do mel / Voar pelo céu  
Sem pouso nenhum, sem pouso nenhum / Vou ficar voando / Canindé Azul  
Sem pouso nenhum (Meireles; Pequeno 1988).*

O disco apresenta 27 faixas que intercalam canções com músicas instrumentais, tais como: *Tema do milho* (Capenga); *Palhas de milho* (Patinhas, Capenga); *Lambada de serpente*

<sup>65</sup> O álbum duplo Segredos Vegetais foi gravado no ano de 1988 em vinil, sendo lançado em CD no ano de 1993. Encontra-se disponível para ouvir em: <https://www.youtube.com/watch?v=dwi5U1vi9Xw>. Acesso em: 21 jul. 2017.

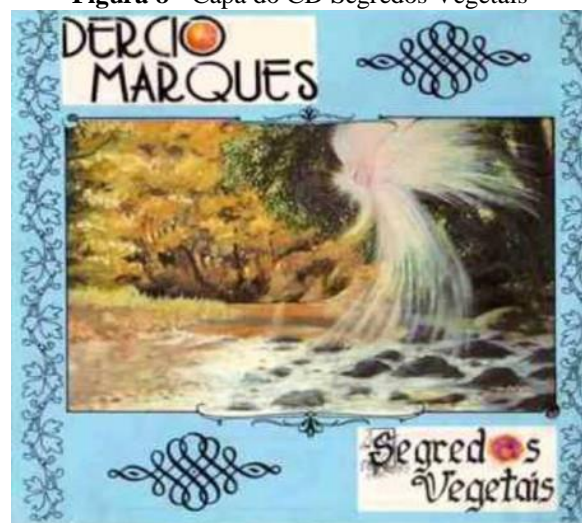
(Cacaso, Djavan); *Tema do milho* (Capenga); *Avati-Deus do milho e das flores* (Dércio Marques); *Amarela flor do dia* (Guru Martins); *Segredos* (Dércio Marques); *Tema da flor da noite* (Domínio Público - D.P.); *Campo branco* (Elomar); *Arco-íris* (Fátima Guedes); *Bela pessoa* (Nilson Chaves); *Segredos vegetais* (Dércio Marques); *Umbela de Umbelas* (Hilton Acioli, Dércio Marques); *Tema das ervas*; (Illo Krugli, Ronaldo Mota); *Cítara medieval* (Dércio Marques); *Dandô - Circo das ilusões* (João Bá, Klécio Albuquerque); *Tirana (Salamanca do Jarau)* (Zé Gomes, André Gomes); *Marianinha* (João Bá, Vidal França); *Segredos vegetais II* (Dércio Marques); *Se o meu jardim der flor* (Zé Renato-Xico Chaves); *Vôo noturno* (Dércio Marques); *Jobobaleia* (João Bá, Dércio Marques); *Cantiga de ninar Arícia* (Paulinho Farias); *Tema dos meninos de volta ao mar* (Paulinho Farias); *Concerto de arames e pássaros (Passaramedonho)* (Dércio Marques); *Tema da Jurema* (D.P. adaptação Dércio Marques); *Peleja do sisal* (Fábio Paes); *Cantos dos ipês amarelos - "Roda gigante"* (Guru Martins); *Dandô - vento bandoleiro* (João Bá, Klécio Albuquerque).

**Figura 7** – Capa do LP Segredos Vegetais



Fonte: Foto da internet

**Figura 8** - Capa do CD Segredos Vegetais



Fonte: Foto da internet

Outra obra musical importante dos irmãos Marques que vale ser mencionada foi o CD “Monjolear” gravado ao vivo no ano de 1996, em uma escola de Uberlândia, no Triângulo Mineiro. O disco aborda questões ambientais, destacando a importância do Cerrado e sua preservação. A música *Rap do Cerrado*, uma das faixas do CD, foi composta por Doroty Marques em conjunto com a 3ª série da escola, e é interpretada por Dércio Marques e os alunos da 2ª, 3ª, 4ª e 5ª séries do primeiro grau:

*No Cerrado tem muitas plantas / Como rasteiras arbustos e arbóreas*

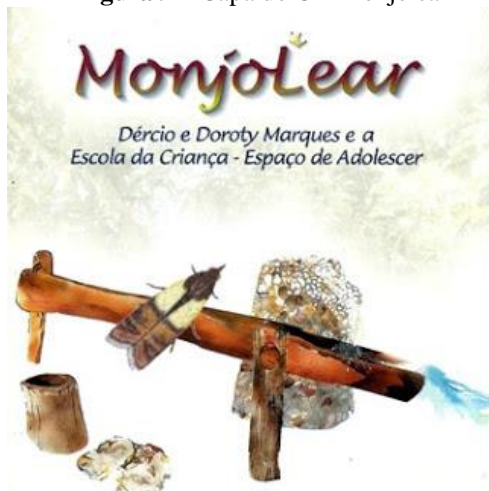
*As árvores do Cerrado são: lixeira, pau-terra, pequi, pau santo,  
barbatimão, ipê, peroba do campo*

*Quase todas elas nascem perto dos rios / Elas dão remédios para uso popular  
Além das plantas tem muitos animais / Vespas, percevejos, cigarras e cupins  
Formigas, taturanas, borboletas e aranhas / Veados e tatus, siriemas e gambás, e  
O bicho que abraça, que é o tamanduá*

*O solo do Cerrado é vermelho, forte e fundo  
Para quem não sabe, o Cerrado é muito grande / Ele ocupa 1/5 do Brasil  
Cerrado não serre, serra do Cerrado / Deixe o meu Cerrado que ele não está errado*

*Cerrado não serre / Não deve ser queimado  
Deixe o meu Cerrado / Que ele não está errado  
Cerrado quebrado / Cerrado queimado / Cerrado / Torto Cerrado  
(Marques; alunos da 3ª série 1996).*

**Figura 9** – Capa do CD Monjolear



Fonte: Foto da internet

**Figura 10** - Doroty e Dércio Marques, CD Monjolear



Fonte: Foto da internet

Em 1999, Doroty e Dércio Marques realizam outro trabalho musical de conscientização ambiental, o CD “Cantos da Mata Atlântica,” que teve participação de jovens, crianças, pais, educadores e artistas. Os 500 estudantes participantes de São Paulo e Santos-SP foram os alunos do Centro Social Irmão Justino, do Colégio Marista Arquidiocesano, do Colégio Marista Nossa Senhora da Glória e do Colégio Santista. Além de Doroty Marques (voz, percussão, sanfona) e Dércio Marques (viola caipira e violão), o CD tem a participação especial de Daniela Lasalvia (voz), Luiz Perequê (voz, violão), e outros músicos como Zé Gomes (viola de cocho, rabeca e viola clássica), Noel Andrade (viola caipira) e Kátia Teixeira (voz).

O trabalho inicia com sons de animais no mato e Dércio cantando *Orelha de Pau* (Luiz Perequê), uma canção que convida o ouvinte a aprender com a natureza:

*Você já andou pelo mato / Pisou em espinho, pegou carrapato  
Errou de caminho? Não? / Então vá / Porque minha cantiga te espera por lá  
E tem tanta coisa pra gente aprender [...] (Perequê 1999).*

Neste CD, o Coral do projeto EmCantar (Uberlândia/MG), ao lado de Daniela Lasálvia e Kátia Teixeira cantam a música do compositor Jatobá, difundida em meados dos anos de 1980, principalmente na voz do músico baiano Xangai.<sup>66</sup> A letra menciona o nome de diversas árvores brasileiras alertando para o perigo eminente de destruição de nossas espécies florestais revelado nos trechos abaixo:

*[...] Quem hoje é vivo corre perigo / E os inimigos do verde dá sombra ao ar  
Que se respira e a clorofila / Das matas virgens destruídas vão lembrar  
Que quando chegar a hora / É certo que não demora  
Não chame Nossa Senhora / Só quem pode nos salvar*

*É Caviúna, Cerejeira, Baraúna / Imbuia, Pau-d'arco, Solva  
Juazeiro e Jatobá / Gonçalo-Alves, Paraíba, Itaúba  
Louro, Ipê, Paracaúba / Peroba, Massaranduba  
Carvalho, Mogno, Canela, Imbuzeiro / Catuaba, Janaúba, Aroeira, Araribá  
Pau-Ferro, Angico, Amargoso, Gameleira / Andiroba, Copaíba  
Pau-Brasil, Jequitibá (Jatobá 1999).*

Composições de alunos das escolas participantes nesse trabalho integram também este CD, como por exemplo, *S.O.S Atlântica*, de Jaqueline Guidon e Felipe P. de Nóbrega, das séries 8º B e 6º B do Colégio Nossa Senhora da Glória:

*S.O.S Atlântica / S.O.S Atlântica / Sinais de fumaça  
As queimadas não acabam mais / Deixem nossas matas em paz  
Junto com as flores e os animais [...] (Guidon; Nóbrega 1999).*

Outro exemplo é a música *Chia, Pia, Canto Agora* composta pelas turmas das séries 7ª e 8ª do Ensino Médio do Colégio Marista Arquidiocesano, juntamente com Doroty Marques, o violeiro Noel Andrade e a artista Érika Gisel, filha de Doroty:

*Deixe a mata em paz / [...] Ontem era uma riqueza / Hoje estou quase no fim  
Minha fauna é uma beleza / Não posso morrer assim [...]  
Não desmate, não me mate / Plante muito e cresça junto  
Mas plante uma verdade / Que amanhã serei seu mundo [...] (Marques et al 1999).*

<sup>66</sup>Matança na voz de Xangai. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i61dC-WztG0>. Acesso em: 12 ago. 2017.

O trabalho musical desse CD “Cantos da Mata Atlântica” apresenta ritmos movimentados e vibrantes, as faixas que aparecem com timbre mais sério e compenetrado são poucas. Como exemplo citamos a música *Depende de nós*, uma composição de Luccas Fantinato Trevisan e Leandro Roberto Alves, alunos do Colégio Santista. Dércio canta com os alunos compositores alertando sobre a ação predatória do homem na natureza:

*Essa história começou assim / Verde pra todos os lados / E uma paz sem fim  
Água límpida e paisagens belas / Refletiam o espírito dos índios que aqui viviam  
[...] A saúde da natureza / depende de nós  
A vida do nosso planeta bem como a dos que aqui vivem / depende de nós  
A fúria da natureza que se faz perceber  
É a resposta para aqueles que dela querem se desfazer  
Homem de gravata sem o relógio da alma  
Me diz o motivo que tens pra viver [...] (Trevisan; Alves 1999).*

Em outra faixa deste CD denominada *Quem foi?* Doroty toca sanfona e percussão com o coral e uma bandinha composta de alunos.<sup>67</sup> A canção é uma animada brincadeira cantada, com letra composta pela Prof<sup>a</sup> Ieda Pacini em conjunto com cinco alunas. A forma musical de *Quem foi?* sempre repete a primeira frase, mudando apenas o ser vivo que é acusado de ter destruído a mata, até chegar ao responsável, o homem, que recebe uma vaia no final:

*O sagui destruiu a mata do Brasil...  
- Quem, eu? / - Você!  
- Eu não! / - Então quem foi? / - Foi a preguiça  
A preguiça destruiu..... / O tucano.... / A cobra... / O tatu..... / O mico leão....  
- É o homem! / - UUUUUUU..... (Pacini et al 1999).*

Trabalhos voltados ao público infantil já haviam sido realizados com sucesso anteriormente por Doroty e Dércio, como por exemplo, em 1984, ano em que lançaram o LP “Criança Faz Arte” - Dércio Marques e Doroty Marques, com a participação de 5.000 crianças da cidade de Penápolis, no interior de São Paulo. As cantigas gravadas do lado A do LP são interpretadas por Doroty Marques (viola, voz, tambor), Dércio Marques (violão de 12, viola, voz, charango), em conjunto com vozes de crianças de Penápolis. O lado B do LP é a trilha sonora da peça “O Vaqueiro e o Bicho Frôxo,” de autoria de Doroty Marques em parceria com Beto Lima e Beto Andreta, Essa peça é uma recriação de histórias do povo e contagiou o público infantil e adulto em todas as cidades em que foi apresentada.<sup>68</sup>

<sup>67</sup> Alunos da Educação infantil, 1<sup>as</sup> séries do Colégio Marista Nossa Senhora da Glória e os alunos do Centro Social Irmão Justino (Pacini et al 1999).

<sup>68</sup> O espetáculo também foi encenado, com adaptações, pelas crianças do projeto “Turma Que Faz,” dirigido por Doroty Marques, na décima edição do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos

A divertida história teve criação musical de Doroty Marques (viola, voz e tambor), e foi encenada com bonecos manipulados por: Beto Lima (Meia Sola) representando “Bicho Frôxo,” “Neguinho” e “Papa Figo;” e Beto Andreta (Cara de Anjo) representando “Vaqueiro” e “Rosinha;” e “Janaina” na voz de Doroty, único personagem sem boneco manipulado. A peça mostra uma paisagem sonora no interior, com sons de passarinhos, sons de rios, flores, lendas, cantigas, acompanhando a luta do vaqueiro para salvar o seu amor, Rosinha, que foi capturada pelo Bicho Frôxo. Ao longo da peça aparecem canções como: *Pastorinha* (Chico Maranhão), *Miquelina* (Folclore do Jequitinhonha), *Janaína* (Doroty Marques e João Bá), *Boi Encantado* (Giordano Mochel), *Boi de Janeiro* (Folclore mineiro), dentre outros temas musicais compostos por Doroty Marques, que dão vida às cenas e aos personagens. No encarte do LP todo ilustrado com desenhos de pássaros, flores, sol e personagens da história, Doroty apresenta o grupo e a peça com as seguintes palavras:

Era uma vez... Uma violeira que gosta muito de cantar. Dois atores que adoram fazer bonecos e brincar de teatro. Certa manhã, cheia de sol, resolveram mudar de mundo... Onde moravam era escuro, sem flores nem cor, não havia amor e muito menos espaço pra brincar. Todo mundo vivia de cara trancada e nunca davam risada, só assistiam televisão. A cantora de tanta tristeza, não pensou duas vezes: pegou sua viola e seus tambores e saiu a procura do lugar onde se escondera a magia e a alegria... Num belo dia, no caminho da arte, eles se encontraram [...] Foi aí que descobriram com o coração cheio de esperança o mundo que tanto procuraram... era o mundo da criança... Nasceu então o palhaço “Meia Sola” o bonequeiro “Cara de Anjo” e a violeira Doroty... [...] O lugar que eles escolheram pra brincar era lindo... uma praça bem no coração da cidade, com muitas árvores e sombra fresquinha... A alegria era geral... começou a nascer os personagens mais engraçados [...] Você também pode brincar de arte... essa história simples e bonita, é um convite pra você começar e nunca deixar essa aventura chegar ao fim... Doroty Marques, Primavera de 84 (Marques 1984).

O trabalho foi gravado ao vivo em praça pública durante uma grande festa, resultante das brincadeiras e peças teatrais musicadas e desenvolvidas nesse espaço, localizado no centro da cidade de Penápolis, com o apoio de vários setores administrativos e comerciais locais (Marques 1984).

Outro importante músico e pesquisador da cultura popular brasileira, que vem a muitas décadas influenciando com sua obra o trabalho de diversos músicos, violeiros e violeiras, é o

poeta compositor João Bá, que foi também um dos entrevistados para essa pesquisa. João Bá “traz na sua poesia e composições o canto de resistência da natureza, o jeito simples de louvar a terra, a vida, o respeito à história e à memória da cultura popular.”<sup>69</sup>

João Batista de Oliveira, conhecido por João Bá, atualmente mora no Sítio Rosa dos Ventos, em Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas, no sul de Minas Gerais. Nasceu em Crisópolis, no sertão da Bahia, divisa com Sergipe, Alagoas e Pernambuco, em 1932, ano em que essa cidade ainda se chamava Bom Jesus dos Dendês. João Bá conta que passou a vida inteira em contato com a natureza, plantando mandioca, milho, feijão, arroz, quando chovia. Assim comenta: “no sertão é difícil plantar arroz, a minha vida inteira foi dedicada às coisas da roça, da vida lá no meu povo, minha mãe meu pai, e ali que eu aprendi e comecei a pensar em cantá” (Bá 2017). Iniciou a compor brincando e acabou sendo gravado por importantes músicos nacionais, como Almir Sater e Hermeto Pascoal:

[...] e ali, com 3 anos, eu comecei a cantá nas novenas..., minha mãe cantava..., e você vai aprendendo..., e logo comecei a escrever umas coisinhas de brincadeira que acabaram virando canções, algumas gravadas por muita gente e outras que eu gravei muitas, e os parceiros todos, o Almir Sater, Hermeto Pascoal, e a juventude toda... Recentemente o Rolando Boldrin me chamou no Sr. Brasil e eu gravei com a juventude, Nádia Campos, Daniela Lasalvia, Fernando Guimarães, Naná Correia que é uma das minhas produtoras (Bá 2017).

João Bá conta que a cidade onde nasceu é uma região de Cerrado quente, com árvores como dendezeiro, juá, calumbí, braúna, jurema e a candeia, cujo galho acende fogo ligeiro:

Quando a terra é mais ou menos, o calumbí floresce uma vez por ano entre as candeias, as candeias é o que segura o sertão, dando o mel para as abelhas. A candeia fornece a luz do candeeiro. O galho, a folha, até a raiz, acende tudo, por isso que é candeia, um toquim de lenha pega fogo rapidinho. [...] candeia tem essa ligação toda do índio, da terra (Bá 2017).

Na década de 60, tempo do Cinema Novo, quando Glauber Rocha estava fazendo o filme “Deus e o diabo na terra do sol,” ele convidou João Bá para fazer a música *Candeia*.

---

<sup>69</sup> Cós mica poeira - Logística da Gênese. Disponível em: <https://cosmicapoeira.blogspot.com.br/p/joao-ba.html>. Acesso em: 03 jun. 2017.

João diz que “essa música é como se fosse uma anatomia do sertão, do Cerrado, de tudo de lá, desse Brasilzão, ... até hoje se pede pra cantar nos shows” (Bá 2017).

*Trago insolação no peito / quero florescer no campo  
Mandacaru, mangabeiras / bandeiras no meu recanto  
Vem alegria rosada / modificar meu espanto  
Se duro, porque sou pedra / quando argiloso sou chão  
Se num choro escondo as mágoas / nas dobras do coração  
Se sou vapor, subo ao céu / se sou água, vou pra o mar  
Se verdejar, sou palmeira / se canto, sou sabiá*

*Tenho a cor branca da areia / das baixas do meu sertão  
Sou como pé de Candeia / que incendeia de paixão  
Candeia vem clarear / Candeia vem clarear / Candeia, andeia, deia,...  
Sou léguas de bem querer / sou caroço de juá  
Sou clarão que não mareia / na maré do teu olhar (Bá 2002).*

Mesmo depois do Golpe Militar, brotaram filmes como “Deus e o Diabo na Terra do Sol,” “Vidas Secas,” emergindo o movimento popular de antes do golpe. É o que nos conta Brandão (2017),<sup>70</sup> informando também que, gestado nos movimentos de cultura popular dos anos 60, surgiu depois a música de protesto.<sup>71</sup>

Neste período, em 1979, na Era dos Festivais de Música Popular, os músicos Dércio Marques, Doroty Marques, Diana Pequeno, Papete e Celso Machado, interpretaram *Facho de Fogo*,<sup>72</sup> composição de João Bá e Vidal França. Essa música mostra o cantor como porta voz que denuncia a exploração dos recursos naturais. *Facho de Fogo* também abre o CD “João Bá - 50 anos de carreira,” com participação vocal de Marlui Miranda, Diana Pequeno e Dércio Marques, acompanhados de Vidal França (sax, baixo e violão), Papete (percussão), e Heraldo do Monte (Viola Caipira).

*Olha o Facho de fogo menino / Queimando na gameleira  
[...] Este fogo assombração / Lá me fez correr do ouro  
Enterrado naquele chão / O petróleo seu tesouro  
Os vasos estão aí / Com a boca na botija / Quem avisa é o cantor  
Vendo coisa feita nesse mundo / Bola de fogo é disco voador*

*Fogo fátuo, facho de fogo / Queimando na gameleira  
Queimando na gameleira / Queimando na gameleira*

<sup>70</sup> Informação passada por Dr. Carlos Rodrigues Brandão em palestra no Círculo de Diálogos III. “Paulo Freire: Cultura e Educação Popular,” programação do Seminário: Paulo Freire: Vida e Obra: diálogos que permanecem. PPGÉ (Programa de Pós Graduação em Educação) – FE (Faculdade de Educação). UnB (Universidade de Brasília). Brasília/DF, 29 de jun. 2017.

<sup>71</sup> Geraldo Vandré é considerado um dos principais representantes desse período.

<sup>72</sup> 1ª eliminatória, transmitida pela rede Tupi de televisão.



*Noite de breu / Luar do sertão* (Bá; França 2002).

João Bá conta que Dércio Marques conversou muito com ele, antes de fazer a obra “Segredos Vegetais,” da qual ele também participa. Para João Bá, Dércio era um grande trovador, em suas palavras, um “vento bandoleiro,... o Dércio, toda casa era dele, chegava tomava conta,..., e acaba virando um símbolo, simboliza tudo, os cantadores, os trovadores, pra mim, era um dos maiores trovadores do Brasil” (Bá 2017).

Quando perguntei a João Bá sobre a Viola Caipira, ele informa que atualmente a viola tomou conta no sertão da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará, nas canções e nos discos. João Bá disse que ele mesmo toca poucos acordes na viola, mas que tem composições gravadas por violeiros. Em parceria com Almir Sater, por exemplo, compôs três músicas que foram gravadas em disco de Almir Sater, o “Doma” (1982): *Cavaleiro da Lua*; *O último Condor*; e *Boieiro de Nabileque*. Segundo João Bá, essa última é considerada pelo pai de Almir, como a melhor música que Almir fez até hoje (Bá 2017). A canção reporta a vida em um meio ambiente específico no Mato Grosso:

*Vai boieiro rio abaixo / Vai levando gado e gente  
O sal grosso e a semente / Eh! Porto de Corumbá!*

*Um amor há toda beleza / Como um canto de nobreza  
Vem deslizar na veia d'água / Eh! Rio Paraguai*

*Rio acima peixe boi / Passarada matagal  
Velho bugre entoando / Seu antigo ritual / Pantaneiro!* (Bá; Sater 2002).

João Arruda e Levi Ramiro são outros exemplos de violeiros que fizeram parceria com João Bá. Antes de João Arruda ser seu parceiro, João Bá (2017) conta que ele pediu, por meio de Dércio Marques, pra gravar sua composição *Chapéu de palha*, música que inicia mencionando o pé de buriti: *O meu chapéu é de palha / Meu sinhô, buritizeiro...* João Bá comenta que o buriti é uma árvore que simboliza sua cidade natal e a única sombra da cidade era debaixo de um pé de buriti, um coqueiro, cujas folhas usadas para fazer casas eram chamadas pelos índios de Pindoba. Essa foi à origem dois primeiros nomes do Brasil: Pindoba e Pindorama.

[...] que na realidade é o Brasil, o pé de buriti, o pé de dendê, tem umas pindobas que é o licuri, e aquilo é a folha que virou o primeiro nome do Brasil que é Pindoba, os índios falavam Pindoba, e o primeiro nome do Brasil era Pindoba [...] um coqueiro, um dendezeiro, os índios chamavam

Pintoba, as folhas, o buriti também, aquela folha que sombria, e fazia as casas, de Pindoba os portugueses passaram pra Pindorama (Bá 2017).

E assim, na sequência dessa fala, João Bá canta um trecho de sua composição *Bom Jesus dos Dendês*, gravada em seu CD “Cavaleiro Macunaíma” (2013): [...] *Olá meu coqueiro verde / A saudades é de você / Tu és fruto e eu sou da cidade / Vim aqui pra lhe dizer / Pindorama é flor da terra / Meu bom Jesus dos Dendês* (Bá 2017). Essa música foi gravada com Levi Ramiro tocando viola, acompanhado de flauta e violoncelo, no último CD de João Bá, com produção e direção musical dos violeiros João Arruda e Levi Ramiro.

Compondo o mesmo CD, a composição *Jalapão Encantado* (João Bá), é interpretada por João Bá que canta acompanhado dos violeiros João Arruda (Viola-cítara, uma viola com som de Sitar,<sup>73</sup> confeccionada por Levi Ramiro)<sup>74</sup> e Paulo Freire na Viola de Cocho. Percussão, didgeridoo, pífano e coro compõem também o arranjo dessa canção que apresenta a paisagem no Cerrado do Tocantins:

*Vem ver cidadão do mundo! / Meu Jalapão encantado  
Num deserto de água doce / Terra de capim dourado  
Ribeirão das águas bentas / Piracema sem barragem  
Carrossel dos artesões bordando nossa paisagem / No paredão das araras  
[...] Sol, sol pequi, Pindorama / Palmas para Tocantins!* (Bá 2013).

As cantoras mineiras, Titane, Lígia Jaques, Nádia Campos e Déa Trancoso interpretam neste CD, a canção *Lavadeiras do Jequitinhonha*, composta por João Bá em parceria com Nádia Campos e Joaquim Celso Freire. O pano de fundo da canção é uma paisagem do sertão associada ao sertão descrito por Guimarães Rosa:

*Somos lavadeiras de rio / Mariana, Minervina, Rosa e Catarina  
Sá Morena e Carmosina  
Adoro a cor do guará / a brancura da cegonha  
O som que banha riacho / lavadeiras do Jequitinhonha  
Sonha, sonha... lavadeiras do Jequitinhonha*

*O pequi roda no tempo / o boi rumina pureza  
A flor que brota em são João / é o grande sertão veredas  
edas, edas... É o grande sertão veredas*

*O vento leva de jeito / as notas do meu cantar  
Sagarana e minha gente / clareiam nesse lugar  
Guimarães plantando rosas / nas voltas do meio fio*

<sup>73</sup> Instrumento musical indiano.

<sup>74</sup> Levi Ramiro a chama de Cabacítara, quando feita na cabaça (Arruda 2017).

*E eu ponteando as águas / sou lavadeira de rio  
Sonha, sonha... ser lavadeira de rio* (Bá 2013).

A Viola Caipira vem estendendo o seu alcance em *performances* musicais não só de violeiros virtuosos, como também de outros músicos, como é o caso das cantoras compositoras e arte educadoras, que foram entrevistadas durante essa pesquisa. Dando continuidade a essa investigação, a análise das entrevistas e dos trabalhos musicais desenvolvidos em relação à natureza, será apresentada começando pelo estado de São Paulo, seguida de Minas Gerais, Distrito Federal e Goiás. Com o intuito de fazer uma “viagem musical violeira” pelo Cerrado nesses estados, o ponto de partida será em uma região que historicamente foi uma das primeiras a receber os impactos humanos desde a colonização, para depois entrarmos em um Cerrado no Brasil adentro, cujas fronteiras foram se abrindo a partir da construção de Brasília, capital do Brasil.

## **2.1 Entrando no estado de São Paulo**

### **2.1.1 Kátya Teixeira**

Kátia Cristine Teixeira Silva nasceu em 1971 na cidade de São Paulo/SP, onde reside atualmente. Cantora, compositora, instrumentista e pesquisadora de nossas raízes musicais, Kátya Teixeira cresceu em meio a um ambiente familiar musical:<sup>75</sup> avô seresteiro, a mãe cantora e o pai aboiador.<sup>76</sup> Em seu berço familiar, circulavam sempre músicos como João Bá, Doroty Marques, Dércio Marques, Klécio Albuquerque, Vital Farias, Katia de França, Zé Gomes, dentre outros.

Kátya Teixeira conheceu a Viola Caipira em sua infância na cidade de São Paulo, e, apesar de trabalhar no universo da viola aproximadamente há 23 anos, só começou a tocar viola há 12 anos. “As canções que toco na viola de cocho, e um pouco na Viola Caipira, na maioria das vezes são canções autorais ou releituras de músicas tradicionais. Utilizo muito o violão com afinação de viola mesmo antes de tocar viola” (Teixeira 2017).

---

<sup>75</sup> O tio de Kátya, Eliezer Teixeira, é folclorista, autor de livros e CDs. A família Teixeira se empenhou ao resgate da música folclórica, cantos de trabalho e outros, formando o grupo musical “Bando Flor do Mato.” Com 13 anos, Kátya gravou cantando no disco (LP) “Fazenda”, do tio Vidal França (Albuquerque 2016).

<sup>76</sup> O aboio é um canto de guiar o gado, comum no interior do Brasil.

Os CDs gravados por Kátya priorizam a poesia e a musicalidade da cultura tradicional brasileira, mostrando uma sonoridade que mescla instrumentos populares e eruditos, como, Viola Caipira, Rabeca, Viola de Cocho, Percussão, Viola de cabaça, Acordeon, Violões, Flautas, Violino e Violoncelo.

Em seu novo CD “Cantariar” (2016), Kátya canta *Encantado* com Levi Ramiro tocando Viola caipira. Kátya informa, no encarte do CD, que Levi fez essa composição pensando em Dércio Marques que “partiu antes do combinado...” Kátya também comenta: “Dércio e Doroty são marcos na minha vida... um me trouxe o encantamento, o outro o instinto e ambos o compartilhar, o arreunir” (Teixeira 2016). “Amigo passarinho” com “voz de rio de água corrente,” são características relacionadas à Dércio na letra de *Encantado* (Levi Ramiro, João Evangelista Rodrigues):

*[...] O cantar do cantador pode ser bem diferente  
Canta quando está triste ou quando está doente  
Cante amigo passarinho pra meu coração descrente  
Esse seu canto mansinho feito rio de água corrente*

*Na soleira da janela, na porteira sem batente  
no galho de uma roseira, na hora do sol poente  
Quem não quer cantar sozinho se achegue se assente  
meu amigo passarinho sempre vem cantar com a gente  
(Ramiro; Rodrigues 2016).*

Em seu primeiro CD, “Katxerê” (1997), com arranjos de Vidal França, Kátya, que também tem descendência indígena, como grande parte de nós brasileiros, canta uma composição de sua autoria *Kararaô*, reportando à questão ecológica e aos povos da floresta:

*Brasil, acordai pra salvar teu filho / Tão pondo fogo em teu berço  
Tão envenenado tuas águas / Foge índio, seringueiro  
Kayapó vai se afogar / Seringueiro vai migrar  
E usinas vão brotar / No coração do Pará*

*Os donos do poder / Não querem nem saber  
Meu povo tem que crer / Que somente nós / podemos defender  
Eu quero poder plantar / Eu quero poder colher  
Eu quero poder viver e saber que um dia vai florescer (Teixeira 1997).*

Kátya diz se relacionar com a natureza de forma intensa e que sua música vem da observação do homem em seu ambiente, “a música que eu faço, ela é totalmente ligada à paisagem sonora. Então, pra entender a música tradicional, por exemplo, eu preciso ir até ao lugar onde ela acontece, e tá relacionada a tudo, à paisagem, ao meio ambiente” (Teixeira 2017). A música que se faz no nordeste, por exemplo, não poderia ser feita em outro lugar,

explica Kátya Teixeira (2017): “por causa da paisagem, tem a ver com a aridez, com o calor e com a urgência da vida do sertanejo, o lamento, um lamento de dor, mas ao mesmo tempo do forte, do sobrevivente.” Assim como, a música feita na floresta é uma música com outras sonoridades que a música feita no litoral, a música milonga no Rio Grande do Sul, na região dos pampas, não apresenta grandes modelos, como a paisagem dos pampas (Teixeira 2017).

Eu toco e canto músicas a partir de uma paisagem sonora muito presente... o canto e a música se modifica de acordo com o ambiente onde ela acontece. Uma milonga é melhor compreendida quando se conhece os pampas. A moda de viola faz mais sentido no final da tarde quando se contempla a noite chegando... Tenho passado meus 23 anos de carreira vivendo e convivendo com gente de toda parte e culturas das mais diversas, e tudo isso veio pra dentro de mim, e foi assim parar na música que eu devolvo pro mundo (Teixeira 2017).<sup>77</sup>

As transformações no ambiente interferem na integração do homem com aquela paisagem, afirma Kátya dando o exemplo de seu pai: “meu pai que era vaqueiro e era aboiador, hoje em dia o gado é transportado por caminhões, então perdeu essa função do aboio, do reger o gado, de conversar com gado” (Teixeira 2017). Kátya se lembra de um fato ocorrido com as destaladeiras de coco de Arapiraca, que cantavam sempre durante o trabalho, e quando a fábrica foi modernizada, elas foram proibidas de cantar, e a produção caiu em 50%.

[...] essa questão do canto de trabalho está ligada a paisagem sonora, quando você muda a conformação da pessoa no ambiente, você muda a música, você muda o ser humano, porque a arte é isso, a arte é expressão do que tá o dia a dia, de como ele trabalha, de como ele reza, de como ele brinca, de como ele chora, né? A música é isso (Teixeira 2017).

Perguntando à Kátya o que ela observa no Cerrado, ela assim sintetiza: “Transformação, renascimento, força de morte e vida num abraço constante... Assim como sua gente o Cerrado é “duro,” mas de uma delicadeza comovente” (Teixeira 2017).

<sup>77</sup> Em seu segundo CD, “Lira do Povo” (2003), Kátya mostra o resultado de cinco anos de viagens por várias partes do Brasil, com a participação da voz de cantadeiras e rezadeiras em diversas faixas do CD. A artista também gravou o terceiro CD, “Feito de Corda e Cantiga” (2011), e o quarto, “2 Mares”, produzido em parceria com o violeiro e compositor mineiro Luiz Salgado.

Kátya Teixeira (2017) narra que costuma sempre ir tocar no Cerrado mineiro e goiano, “tenho grandes parceiros do Cerrado que trouxeram outros ares pra minha música,” e menciona que foi no Cerrado que ganhou sua primeira viola, uma viola de cocho:

Minha violinha de cocho feita pelo mestre cuiabano Manoel Severino me foi dada de presente no Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros em 2005, onde vou quase todos os anos fazer shows e também participar das operetas organizadas com a “Turma que Faz” pela minha mestra e amiga querida Doroty Marques (Teixeira 2017).

**Figura 11** – Cartaz Dandô: Kátya Teixeira com viola de cocho



Fonte: Foto da internet

E foi também no Cerrado, que Kátya ganhou sua primeira Viola Caipira: “A minha primeira Viola Caipira, uma Rossini, ganhei de presente do Sr. Gilberto Rezende no Cerrado mineiro em Uberaba - terra natal de Dércio Marques, que tem papel fundamental na minha vida artística” (Teixeira 2017).

Em 2012, algumas semanas após o falecimento de Dércio Marques, realizou-se uma homenagem especial a esse artista, com a presença de vários músicos e violeiros como: Pereira da Viola, Levi Ramiro, Victor Batista, Luiz Salgado, João Arruda, Fernando Guimarães, Noel Andrade, Doroty Marques, Nádia Campos, João Bá, dentre outros.

Neste evento, Kátya começou a ideia de criar o Dandô - Circuito de Música Dércio Marques:

Inclusive, Dandô – Circuito de Música Dércio Marques, surgiu em seu formato atual em 2012 após uma homenagem que fizemos, eu e mais uns 10 violeiros(as) e cantadores(as), em São Jorge, no Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros. Saí de lá e viajei pelo Brasil durante um ano convidando as pessoas pro mutirão de cantoria, e em setembro de 2013 demos início em São Paulo/SP e logo em seguida Uberaba/MG. Daí dá pra ter uma ideia da importância dessa troca e vivência com o povo do Cerrado (Teixeira 2017).

A imagem abaixo mostra um momento dessa homenagem. Da esquerda para a direita: Doroty Marques, Kátya Teixeira, Noel Andrade, Victor Batista, João Arruda, Fernando Guimarães, João Bá, Nádia Campos e Levi Ramiro.

**Figura 12** – Cantoria em homenagem a Dércio Marques



Fonte: Foto da autora

O Dandô é gerido pelos próprios artistas envolvidos e com apoios locais. “Tem o intuito de levar boa música e criar uma cartografia musical do Brasil e dos países envolvidos.” Kátya complementa dizendo que “o projeto tem, em seu nome, uma homenagem a Dércio Marques, que foi um dos cantadores que mais fez pela arte nos “Brasis” que estão fora do eixo da mídia de massa, unindo artistas de toda parte, de várias gerações, estilos, culturas” (Teixeira 2017).

O Circuito Dandô conquistou o Prêmio Brasil Criativo/2014 de empreendedorismo cultural - Ministério da Cultura - como melhor projeto de Música na Categoria Artes e Espetáculos, e foi finalista do Prêmio Profissionais da Música/2017 na categoria Projetos

Culturais Musicais. Em 2015 foi lançado o CD “DANDÔ - Circuito de Música Dércio Marques - um canto em cada canto do Brasil.” Para o nome do Projeto Dandô, Kátya se inspirou na música *Circo das Ilusões*, composição que João Bá fez para Dércio Marques:

*Dandô ô dandei /olha o vento que brinca de dandá  
Ele vem pra levar as andorinhas ou quem sabe a canção pra uma janela  
Saciar o ipê que se formou e roubar suas flores amarelas*

*Senhor vento, eu não quero ser primeiro, mas preciso uma ponga pelo ar  
Quero ser bandoleiro como vós e no balanço do mar poder cantar, ê, ê, ô  
Vou levar o meu circo colorido / Vou armar bem pra além das ilusões  
Vou contente acenar pro continente / Vou dandá pras porteiras das canções  
(Bá; Albuquerque 2002).*

O objetivo do Projeto Dandô é promover uma grande e contínua circulação de música pelos países envolvidos, que hoje são: Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Portugal e Galícia/Espanha, com previsões de difusão na Bolívia, Uruguai, Colômbia e Peru.<sup>78</sup> O projeto funciona da mesma maneira que no Brasil, só que com as características deles próprias de cada país, com artistas de várias regiões criando um intercâmbio, uma importante rede colaborativa, gerando novas plateias (Teixeira 2017).<sup>79</sup>

Então, o Dandô é uma soma disso tudo, é uma forma da gente criar uma cartografia musical, né, do Brasil, dos lugares onde acontece o Dandô, uma forma que as pessoas possam levar a música dela, dentro daquele contexto do ambiente em que ela é produzida, pra outros lugares, pra outras cidades, pra que, acredito que quando você conhece o outro, você respeita o outro, é mais difícil você agredir, você maltratar, você desrespeitar alguém que você conhece, então é uma forma de você aproximar, em todos os sentidos. Tem uma série de funções o Dandô, mas pra mim a maior função do Dandô é a do entrelaçar, de tá junto, de criar um elo de parceria, de companheirismo, de respeito, de reconhecimento do outro (Teixeira 2017).

No geral, o enfoque do trabalho de Kátya Teixeira, tem um contexto social e ambiental muito forte, “a partir do ser humano integrado ao ciclo da vida e do conviver em harmonia com seu ambiente, esteja ele onde estiver” (Teixeira 2017).

<sup>78</sup> Com mais de três anos de atividade, o circuito Dandô já realizou mais de 400 espetáculos por todo o país em 40 cidades, por 8 estados brasileiros (Teixeira 2017).

<sup>79</sup> O projeto Dandô vem valorizando e divulgando a cultura regional, instigando ações culturais de comunidades locais, órgãos públicos ou privados (Corrêa, J.B. 2016).



### 2.1.2 Dani Lasalvia

Outra importante artista, Daniela Lasalvia, nasceu em 1974 na cidade de São Paulo/SP, onde reside. É artista plástica, programadora visual, produtora, arte-educadora, cantora, compositora e pesquisadora de cultura popular. Multi-instrumentista, Dani Lasalvia tem domínio em: voz, violão, violas de dez e doze cordas, piano e percussão.

Dani Lasalvia (2017) toca Viola Caipira há 18 anos, e conta que conheceu esse instrumento há 20 anos, em um show de Dércio Marques em 1996, e logo depois com Almir Sater, na sala Funarte em São Paulo. Tendo como principal referência o trabalho de Almir Sater, Dani começou a tocar viola de forma autodidata, com escalas ponteadas simples, e alguns fraseados de Tião Carreiro e outros violeiros como Braz da viola e Renato Andrade. Atualmente vem tocando alguns clássicos como *Viola Quebrada* de Mário de Andrade e *Luzeiro*, de Almir Sater, além de outras composições de domínio público que utilizam a linguagem ponteada e rasqueada da viola (Lasalvia 2017).

As músicas que Dani Lasalvia compõe, segundo ela, falam do que a sensibiliza no momento, “há quem rotule de música regional ou outros nomes, mas prefiro dizer que é música brasileira, que às vezes tem uma ‘cara’ mais regional, outras vezes mais erudita, outras de choro e por aí vai” (Lasalvia 2017).

Dani Lasalvia se relaciona intensamente com a natureza, e comenta que não vive sem dar um “pulinho pelo menos a cada dois meses em algum lugar mais amplo com verde, especialmente em lugares em que possa nadar e absorver toda a energia da água. Minha ligação com a água é bem forte” (Lasalvia 2017). Em relação ao Cerrado, Dani sente-se positivamente inspirada, chegando a compor melodias modais na viola:

Um lugar absolutamente perfumado cheio de vida por desabrochar. Por traz de uma vegetação aparentemente ressequida, sinto a imensa presença de água, numa paisagem que parece nos mostrar suas cartas na manga o tempo todo, uma paisagem que nos surpreende positivamente o tempo todo. [...] ao admirar a paisagem do cerrado tenho composto linhas melódicas modais que me vem de forma livre (Lasalvia 2017).

Apesar de gostar do Cerrado, Dani diz ir mais frequentemente à Mata Atlântica e Caatinga, onde acaba tendo vários insights musicais, mas que não considera bons o suficiente para registrá-los, assim afirma, “acabo sendo bem crítica com minhas composições preferindo em 90% dos casos gravar composições de amigos. Uma realidade que pretendo mudar em

breve” (Lasalvia 2017). Temas ambientais como água, flores, mata e o tema indígena estão presentes em seu CD duplo “Madregaia” (2007) em canções como *Vida de Água* (Amauri Falabella), *Tietê Meu Rio* (Loni Rosa e Jean Garfunkel), *Meninos* (Juraíldes da Luz), *Quiquiô* (Geraldo Espíndola), *Água de Mani* (Índios Tremembé), *Ciranda Lunar* (Amauri Falabella).

Dani Lasalvia explica que este trabalho foi pensado para homenagear as águas, e se chamaria “Caminho das águas.” Com a ampliação da abordagem, o nome mudou para “Madregaia,” cujo tema se refere à “Mãe Terra” (Lasalvia 2017).

**Figura 13** – Capa do CD Madregaia



Fonte: Foto da autora

Abrindo o CD “Madregaia,” Dani canta *Quiquiô*, música composta pelo mato-grossense Geraldo Espíndola e que narra um pouco da luta dos povos Tupi e Guarani. Conforme os trechos abaixo, antes de cantar a letra em português, Dani canta uma tradução que adicionou em língua Tupi:<sup>80</sup>

*Kykyô o 'ar yby pyterype, ybytra amongoty*  
*Kykyô osepiak opá poranga, abá-etá anhõ iké*  
 [...] *Tasy-etá oiporará ybypytera pupé*  
*Tupi oiké Amazonas-pé / Guarani osenõi bé*  
*Kykyô iasy berab-eme oipotar Tupi Guarani*  
*Kykyô, ôôôôô.....*

<sup>80</sup> Tradução de Eduardo Navarro, professor de Tupi e Língua Portuguesa Colonial da USP (Lasalvia 2007).

*Quiquiô nasceu no centro entre montanhas e o mar  
 Quiquiô viu tudo lindo tudo índio por aqui  
 [...] E sofreram tantas dores acuados no sertão  
 Tupi entrou no Amazonas / Guarani ainda chama  
 Quiquiô na lua cheia quer Tupi quer Guarani  
 Quiquiô, ôôôôô..... (Espíndola 2007).*

Na sequência, Dani Lasalvia toca Viola Caipira acompanhada de Dércio Marques no Charango,<sup>81</sup> e canta uma canção indígena que ela adaptou intitulada *Água de mani*, um antigo *torém* dos índios Tremembé de Almofala - Ceará: *Água de mani / Ô Manina cerecê / Água de mani / Ô Manina cerecê / Ô jamidê, ô jamidê*. O encarte do CD explica que *mani* significa mandioca, e *Torém* é uma dança em que um homem vai ao centro da roda, com uma espécie de maraca, imitando animais (Lasalvia 2007).

Em *Feixe* (Chico César), Dani canta e toca Viola Caipira, Violão de aço e Violão de nylon, essa canção que se refere à sobrevivência do Peixe-boi e das águas dos rios:

*Há dias que acordo tão pacífico / Mas há manhãs em que me atlântico  
 E a mim mesmo com o dedo indico / Peixe-boi, feixe-luz / Quem foi que fui  
 Nas tardes nilistas destes dias / Quando não mais me amazônico  
 Nada me mississipa / Nem as lágrimas que são / São e Franciscoam  
 Peixe-boi, feixe-luz / Quem foi que fui / [...] (César 2007).*

Finalizando essa música, Dani Lasalvia interpreta trechos de outras canções abordando o tema água: *Incidental Água que Correu* (Almir Sater / Paulinho Simões) - *Tanto que choveu, tanto que molhou / Coração se encheu de amor e transbordou / Água que correu, ribeirão levou / Foi pro oceano e lá se evaporou*; *Incidental: Estrelas d'Água* (Hilton Aciolli) - *Água, cada gota um rio / Rio, estrelas d'água no olhar...* *Incidental: Água é Vida* (Doroty Marques) - *Vida é água / Água é vida*.

Compondo também o CD “Madregaia,” a canção *Manacá da Serra* (Luís Perequê), interpretada por Dani Lasalvia e Dércio Marques, fala das cores e perfumes das flores, de vaga-lumes e ao final compara o canto a um *perfume do pensamento voando lento*, reforçando de forma poética, a importância do canto como transmissor de ideias:

*Manacá da serra, maninha / Deu dois tipos de flor  
 Uma bem lilás e a outra mais / Pro lado do branco / Quase cor de rosa  
 Mas quem mais me atrai é a perfumosa dama da noite  
 Que no açoite do vento / Vai perfumando o mato*

<sup>81</sup> De tamanho aproximado de 60 centímetros, o Charango é um instrumento musical de 10 cordas, originalmente feito da carapaça do tatu, e atualmente, devido a preocupações ambientais, são confeccionados em madeira. O Charango foi bastante difundido nos anos 70, principalmente na Bolívia, Peru, Chile e Argentina. Disponível em: <http://www.todosinstrumentosmusicais.com.br/conheca-o-instrumento-charango.html>. Acesso em: 27 jul. 2017.

*O mato escuro onde causa espanto / Ouvir-se o canto da Mãe da lua  
Onde flutua o zigue-zague fosforescente  
Que mais parecem estrelas cadentes / Iluminadas pelo perfume / Mas não é nada  
É só a cantiga da Mãe-da-lua / E a dança louca dos vaga-lumes*

*[...] Manacá da serra, maninha / Deu dois tipos de flor  
E a dama da noite / Preferiu a noite, caiu no açoite do vento  
Me ensinou que o canto é o perfume do pensamento voando lento  
E o perfume é a asa da flor (Perequê 2007).*

Dani Lasalvia esclarece que há mais de 20 anos realiza um trabalho de conscientização ambiental por meio da música, na qual utiliza violão, viola e principalmente a voz, para passar essa mensagem em shows por meio do SESC (Serviço Social do Comércio) à escolas, teatros e espaços culturais, tratando dos temas abordados em seu CD, com foco principal na água (Lasalvia 2017).

O Cerrado e todas as paisagens brasileiras mais conhecidas são abordados nos espetáculos de Dani. Mas, a cantora diz que muitas vezes focaliza bastante o Cerrado por saber ser ele, o mantenedor das águas emendadas que alimentam outras paisagens. Dani afirma que, o Cerrado esteve presente em todas as oficinas ambientais sobre água e preservação que ministrou, “sozinha e com Dércio Marques, a grande estrela sempre foi o Cerrado, por sabermos de sua importância para as outras paisagens” (Lasalvia 2017). Dani se sente magnetizada pela força e as várias aberturas que o Cerrado lhe proporciona:

Para mim o Cerrado tem uma misteriosa força que parece movimentar meus projetos de vida todas as vezes que vou pra lá. Quando viajo e piso no Cerrado, tenho a sensação que o universo me abre portas, onde conheço trabalhos incríveis de outros músicos, ambientalistas, artistas plásticos e especialmente a imagética do Cerrado me inspira e fica impregnada nas minhas retinas de forma definitiva (Lasalvia 2017).

E ainda afirma que, sem dúvida, a força inspiradora do Cerrado é uma das mais fortes que já conheceu (Lasalvia 2017).

### **2.1.3 João Arruda**

O violeiro pesquisador João Arruda nasceu em 1986 na cidade de Campinas/SP, onde reside. Multi-instrumentista, cantor, pesquisador e produtor fonográfico, João Arruda mescla em seu trabalho composições de sua autoria, cantigas de brincadeiras do folclore brasileiro e

músicas de compositores como João Bá (BA), Levi Ramiro (SP), Josino Medina (MG), João do Vale (MA) e Elomar Figueira de Melo (BA). João considera o violeiro Levi Ramiro como seu grande mestre, compadre e amigo da família. “O Levi pra mim é um dos maiores violeiros do Brasil, ele é da família, ele sempre aparece em casa, ele sempre traz uma viola nova, um disco novo, uma estória nova. É um grande mestre da viola pra mim” (Arruda 2017).

João Arruda conta que começou a envolver-se com música a partir dos 13 anos, quando seu irmão comprou uma flauta de bambu na feira, se apaixonou e começou a fazer flauta de bambu. “E eu pequeno ia sempre com ele, ia aos bambuzais pegar bambu... e fui me envolvendo com a música, em específico com a música tradicional...” (Arruda 2017). João Arruda recebeu muitas influências da música de vários lugares, por meio de seu pai que viajava muito a trabalho e sempre trazia um CD novo, música da Bulgária, dos Andes, da África, dentre outros (Arruda 2017).

João Arruda narra que se encantou pela Viola Caipira desde o primeiro contato de seus dedos com as cordas do instrumento: “... senti que aquilo fazia parte de mim e me apaixonei na violinha... e até hoje tô casado com a viola” (Arruda 2017).

**Figura 14** – Cartaz Dandô: João Arruda



Fonte: Foto da internet

A música tradicional e a natureza são seus dois pilares fortes pra fazer música, e considerados por João como uma coisa só. Esse violeiro acredita que os povos têm suas tradições musicais conectadas à natureza:

A Tradição dos povos de vários lugares e a natureza, na verdade se você for ver, é uma coisa só. Os povos têm suas tradições musicais tudo ligado à natureza, ligado a terra, principalmente os indígenas. Quem mora na roça mesmo, é tudo interligado, a andorinha que vai e que voa avisando que vai chover, o pássaro que canta, diz que alguém que vai morrer. Tem algumas coisas que são da criatividade das pessoas da roça, mas aquilo tem uma veracidade com o passar do tempo, com aquela coisa da cultura se manifestando. Então, pra mim, são os dois pilares fortes que podem ser considerados um só, a natureza e o povo que trabalha na terra e dependem da terra pra viver, que cuida da terra, pra mim é uma ligação muito forte, a música tradicional com a natureza (Arruda 2017).

João Arruda (2017) narra que, desde pequeno sempre teve uma ligação forte com o meio ambiente, e em especial com a água doce. Passava férias em uma represa, no Paraná, em Avaré, cidade de sua mãe, onde ficava o dia inteiro nadando, correndo, subindo no pé de manga (Arruda 2017). Conta João: “E aí eu fui crescendo me apaixonando por cachoeiras, até hoje sou um apaixonado por cachoeiras [...] Eu sou muito ligado na natureza e defendo isso nas minhas músicas” (Arruda 2017). Pode-se verificar esse envolvimento do violeiro com a natureza, em suas *performances* e gravações musicais, como por exemplo, em sua composição *O menino e a Terra*, gravada em seu primeiro CD “Celebrasonhos” (2007):

*Menino do rio que corre alegre / pulando e cantando, beijando as nuvens  
as cores do céu, no entardecer  
As plantas e flores / que vivem na terra / já nos pedem paz  
não querem mais guerra / querem descansar  
O homem que suja, a pele da esfera / que com tanto carinho  
nos abriga nela / condena a morrer  
O verde e a vida / a paz e a alegria / nas mãos de poucos se contagia  
querendo o bem (Arruda 2007).*

Nessa gravação, João Arruda toca Violão e Dércio Marques é quem toca Viola Caipira fazendo harmônicos. A letra faz menção ao estrago que o homem causa à terra que nos abriga com carinho.

Outro exemplo interpretado por João Arruda está na composição *Boi da Montanha* (Fernando Guimarães, João Mendes Rio), uma canção que mostra a importância da natureza como modelo de vida para o ser humano:

*É preciso galgar lentamente / o misterioso espaço das estrelas  
fazer silenciosamente / o caminho dos bichos  
Andar de ninho a ninho / subir sozinho ao cume das montanhas  
e nela transformar-se em rocha / dela derivar-se em água  
Sobre ela pairar / como o cheiro de todas as orquídeas  
diferentes seres, surpreendentes teres / de tantas e tão variadas cores*

(Guimarães; Mendes 2013).

Nesta canção, João toca viola e faz batuque na água, cantando ao lado de Fernando Guimarães e João Mendes Rio. É uma das músicas de seu 2º CD “Venta Moinho” (2013), que foi gravado na “Casa da Mata,” em meio ao som do ambiente natural, sons de pássaros e bichos. Essa casa é um dos espaços que compõe o “Sítio Rosa dos Ventos,” situado no bairro rural Pedra Branca, em Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas, localizado ao sul de Minas Gerais. O “Sítio Rosa dos Ventos” é uma proposta de pousada solidária chamada também de “Casa de acolhida,” pelo dono e idealizador do espaço, o antropólogo escritor Carlos Rodrigues Brandão.<sup>82</sup> Neste espaço circulam diversos artistas, professores e pesquisadores de regiões diversas, como por exemplo, foi moradia de Dércio Marques, Rubem Alves e atualmente João Bá.

A importância de Dércio Marques e de João Bá é comentada por João Arruda, que considera os dois como “embaixadores da natureza:”

Dércio era um rodamoinho de gentes de culturas de saberes, e natureza. Ele também era um apaixonado por cachoeiras, já tomei muito banho de cachoeira com ele. E a música dele era muito ligada à natureza. Um embaixador da natureza o Dércio era. João Bá também. Que tem uma poética muito linda e totalmente ligada à natureza, todas as canções de João Bá falam de um cisquinho de folha, tem uma alma. Tem uma música do João Bá muito legal que o Dércio também adorava, chama *Anatomia Brejeira*. São músicos que influenciaram meu trabalho, toda obra do Dércio, do João Bá (Arruda 2017).

Uma das composições de João Bá que João Arruda gravou, e costuma cantar em seus shows, é *Chapéu de Palha*. A canção inicia já fazendo menção ao pé de Buriti, a majestosa palmeira do Cerrado:

*O meu chapéu é de palha / Meu sinhô, buritizeiro  
Minha cantiga é de vento / Meu amor, verdadeiro  
Minha casa rebocada / Por dentro e por fora não  
Por dentro cravos e rosas / Por fora, manjericão  
Nasce a lua, nasce o sol / Estrela matutina  
Só tiro o meu chapéu / Pra você, sinhá menina [...] (Bá; Bahia 2007).*

O Cerrado também é fonte de inspiração para o violeiro João Arruda, “eu gosto muito de entrar nas comunidades, de tá junto com as pessoas, os mestres, eu tive uma vivência muito

<sup>82</sup> Livro livre consta no site do sítio, com obras de Brandão. Disponível em: <http://www.sitiodarosadosventos.com.br/>. Acesso: 08 set. 2016.

legal com Sr. Juquinha lá da Lapinha da Serra, na Serra do Cipó, Cerrado” (Arruda 2017). João Arruda fala que quando ele era mais novo, se hospedou na casa do Sr. Juquinha, iam juntos caminhar e cuidar das criações, e aprendeu muitos versos com ele:

[...] quadras que eles usam lá no batuque, *Lambari tá pelejando pra subir na cachoeira, pra subir na cachoeira / Eu também tô pelando pra arrumar moça solteira / pra arrumar moça solteira*. Eu ficava lá tocando e ele jogando um verso atrás do outro, vários versinhos muito legais, que ele usa no batuque. Fala da cachoeira, do rio, é o meio deles, da folha da bananeira, a relação com o meio ambiente (Arruda 2017).

Segundo João Arruda, Lapinha da Serra, esse vilarejo no interior de Minas, era um local bem tranquilo e que, ainda recentemente, tinha muito pouca intervenção de pessoas chegando de forma desenfreada e de turismo depredatório, mas esse quadro mudou: “plantavam tudo que comiam, tinham as criações, se viravam, hoje é diferente, mas lá é um lugar muito especial que eu gosto muito” (Arruda 2017).

A sua experiência no Cerrado, participando dos encontros de cultura na Chapada dos Veadeiros/GO, também é relatada por João Arruda, realçando a importância do trabalho que Doroty Marques desenvolve na região, destacando o cuidado com as águas:

Viajei muito pra São Jorge, nos encontros das culturas lá, tomando banho naquele monte de rio. Ah! A Doroty pra mim é um exemplo muito forte dessa ligação com a natureza e a música, né. Eu vi uma entrevista dela falando: de que adianta esse monte de aparelho, esse monte de coisa, tecnologia, esse monte de avanço e tal, sendo que a gente não cuida da água, de que adianta tudo isso, pra quê que serve tanta coisa, sendo que tá poluindo nossos rios, tá acabando com a água que a gente tem pra beber, pra banhar, fazer comida (Arruda 2017).

João considera a arte-educadora Doroty Marques uma forte guerreira do Cerrado, “é uma das pessoas que eu admiro muito, e é muito inspirador o trabalho dela, principalmente porque ela envolve as crianças, os adolescentes, ela junta muitas crianças, ela anda com essas crianças no Cerrado” (Arruda 2017). Doroty estimula as crianças a compor em cima da natureza do Cerrado, valorizando essas vivências regionais e João Arruda se sente fazendo parte disto:



Essas crianças são do Cerrado, mas aí ela pega, ela vai fazer aula na beira do rio, ela faz as músicas, as composições, as crianças compõem, em cima das frutas, dos bichos, das plantas do Cerrado. Ela fortalece essa identidade, das pessoas que vivem no Cerrado. Então, pra mim, a Doroty é um exemplo de pessoa, um exemplo de trabalho em relação com a natureza, trazendo essa mensagem, as operetas dela, sempre muito ligado. E eu sou muito ligado com isso forte porque eu faço parte disso (Arruda 2017).

A distância do ser humano com a natureza faz com que o ser humano se distancie dele próprio, afirma João: “A gente fala, ah! A natureza, o meio ambiente, as plantas, a terra, mas nós somos isso, se a gente se distancia disso a gente tá se distanciando da gente mesmo, do que a gente é, da nossa essência. A gente morre, a gente vai pra terra de novo” (Arruda 2017). Essa distância leva a danos que muitas vezes se mostram de forma trágica, como no caso do rompimento da barragem de mineradora ocorrido em 2015 na região de Mariana, e que tocou profundamente o violeiro, levando-o a compor *Deságue* (João Arruda e Alik Wunder):

*É! Acordei e voltei a sonhar, em um mundo de gente a brilhar  
Em que o trato é feito no olhar, e a conversa sincera é amar  
Com um povo guerreiro a lutar, para o mundo tornar a girar  
Rio limpo correndo pro mar, na doçura do rio me banhar  
Ah! Eu queria te ver, ó meu rio, sem essa lama do vale sombrio  
Em que o dinheiro apenas serviu, para a vida ficar por um fio  
Se não fosse essa lama do rio, eu caía nos braços do mar  
Virava peixe e voltava a nadar, e gritava pro povo escutar  
Que essa história precisa parar, quem pôs fogo precisa apagar  
Para a vida voltar respirar, canto forte e grito aaa..... aaa..... ê ê ê.....*

*A amargura do doce virá, os tratores vieram esmagar  
Todos seres sonhando em habitar, essa terra plantar e louvar  
Pescadores remando tristezas, vem rezando para a mãe natureza  
Um dia voltar a acreditar, nos seus filhos que teimam em errar  
Ah! Minhas lágrimas vieram encontrar, um caminho pra se desaguar  
Os rejeitos de tanto escavar, não merecem os braços do mar  
Não me calo me deixo falar, com o povo eu vim me juntar  
Pois dinheiro nenhum vai pagar, a tristeza de um rio acabar! aaa...aaa...ôôô.....*

João Arruda compôs essa música com amargura no coração, no dia em que o Rio Doce, com toda a lama tóxica, chegou ao mar:

[...] aquela notícia da barragem estourando foi muito forte, doeu muito, em muita gente, a gente ficou triste. Mas assim, como eu me sinto parte daquilo, [...] doeu muito, aí eu comecei a chorar e desaguei essa música, assim de uma vez. Depois chegou Alik, viu eu lá chorando, sentou do lado, me

ajudou, eu comecei a organizar a letra, ela fez uns versinhos também, e aí veio essa música. Foi assim, com essa amargura no coração (Arruda 2017).

Percebe-se essa dor, como um lamento, quando se ouve João Arruda cantando e tocando viola em *Deságue*. João também quis passar na letra, a esperança de sonho com um mundo melhor: “Essa coisa do dinheiro, essa ganancia terrível, me motivou mais, e um pouco de esperança também, a gente não pode só mergulhar nessa tristeza, a gente tem que sonhar com um mundo de gente a brilhar, que trata olhando o olhar, conversa sincera no ar, o povo lutando” (Arruda 2017). João ainda pretende gravar essa música que já está registrada em vídeo na internet.<sup>83</sup>

Como João Arruda já reforçou, sua maior fonte de criação é a natureza, e atualmente começou um trabalho com Consuelo de Paula, cantora, compositora e poetiza mineira de Pratápolis, que ele considera maravilhosa e que sempre foi fã, se tornaram amigos e em parceria estão fazendo um disco que vai se chamar “Na beira da folha,” ou “Beira de folha.” O disco nasceu a partir de várias composições que foram fazendo em comunhão com a natureza, explica ele: “Eu sempre tiro fotos da natureza de onde viajo, coloco no Facebook, e ela olhava aquilo e mandava um poema maravilhoso, uma letra, e a partir disto vamos gravar esse disco.” João realça que o trabalho é totalmente mergulhado em rios, cachoeiras, em uma relação com a natureza muito forte (Arruda 2017).

#### 2.1.4 Levi Ramiro

Violeiro e artesão, Levi Ramiro Silva nasceu em 1966, na cidade de Uru/SP, e atualmente reside em Pirajuí/SP. Ministra oficinas de fabricação e toque de viola em várias regiões do Brasil com destaque para sua oficina “Fabricação da Viola Brasileira feita com cabaça.”<sup>84</sup> Para Levi Ramiro, a Viola de Cabaça é uma legítima viola da terra.<sup>85</sup>

Levi Ramiro (2017) conta que, na música, conhece a viola desde criança, mas o instrumento conheceu em Campinas/SP no ano de 1992. Iniciou sua aprendizagem com

<sup>83</sup> Vídeo: João Arruda cantando “Desague,” composição de João Arruda e Alik Wunder. Laboratório Cisco e Estúdio Venta Moinho: Vozes da Terra. Publicado em 2 de mar. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ThDJXe7XWo4>. Acesso em: 14 jul. 2017.

<sup>84</sup> Disponível em: <http://www.leviramiro.com.br/biografia>. Acesso em: 27 jun. 2017.

<sup>85</sup> Comentário de Levi ao final do vídeo: “Na Mourada, por Levi Ramiro.” Programa Viola, Minha Viola, apresentado por Inezita Barroso, TV Cultura. Publicado em 29 de jun de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ycDWIu9jZZM>. Acesso em: 28 jul. 2017.

música caipira e música regional, e atualmente toca música autoral (canções e instrumental), compondo em estilo variado: regional, Baião, Milonga, Caipira dentre outros, assim como também toca o cancionista caipira, e outros estilos e compositores.

Levi se relaciona de forma intensa com o meio ambiente, em especial com o Cerrado, “gosto de estar próximo a qualquer região onde o local é o máximo preservado, em especial no Cerrado, bioma de minha preferência” (Ramiro 2017). Esse violeiro nasceu em uma região de Cerrado, que ele chama de “cerradão paulista.” Segundo, Levi Ramiro, há algum tempo foi informado que resta apenas 1% de Cerrado nesta área. “Praticamente tudo foi transformado em urbanização, monoculturas, pecuária e por aí...” (Ramiro 2017). Viajando pelos cerrados brasileiros, principalmente norte de MG, Levi ficou com a impressão de que “o ser humano continua pensando que está acima da natureza, como se não fizesse parte dela e sim que ela está pra servi-lo em toda a sua vida de objetivos que fogem da máxima, equilíbrio ambiental” (Ramiro 2017). Levi comenta que isso ocorre também com os povos que um dia já foram mais equilibrados com o meio ambiente:

Parece que não fazemos parte do ambiente e da natureza. Pergunte hoje a qualquer pessoa, em que lua estamos agora? Quantas saberão responder? Habitantes do Cerrado de um tempo atrás, tirando os nativos, foram até mais equilibrados com o meio, estes já sofrem com a pressão midiática de padrão de vida e consumo. Muita transformação e falta de consciência (Ramiro 2017).

Por meio da arte, Levi diz tentar fazer sua parte, o que é visível em suas composições como, *Tá no Balaio*, um Pagode de viola,<sup>86</sup> gravado em seu CD “Nosso Quintal” (2008), com Levi Ramiro (voz, viola e violão), João Carlos (viola e voz), Maurício (violão e voz), Magrão (percussão). Levi compôs essa música em ocasião que ganhou uma muda da árvore Pau-Brasil, “daí ela quebrou um galho lá, aí eu achei que ela tava tristonha, eu falei, eu acho que ela não vai vingar, né? Mas, plantei e ela vingou, daí eu fiz essa letra *Tá no Balaio*, fiz um balainho e plantei, e fiz esse pagode,” assim Levi fala em um vídeo postado na internet

---

<sup>86</sup> Sintetizando dois ritmos, o cururu e recortado, surge essa nova batida, onde Tião Carreiro cria um ponteador diferente com a viola e Pardinho ao violão faz o contratempo. Tião Carreiro é um violeiro de referência nacional que trouxe a utilização do modo mixolídio (escala usada no norte de Minas Gerais e Nordeste brasileiro) para a música caipira, graças suas introduções de pagode caipira (Peripato 2008).

(Verona 2013).<sup>87</sup> Com ritmo de pagode em movimento rápido e contínuo, essa canção transmite uma mensagem de alerta à destruição do Cerrado:

*O Brasil tá no balaio / se não quebrar outro galho / planto ele pra você  
Quem já foi matéria prima / desde a folha até a rima / morada do Pererê*

*Tora rola no Madeira / Motosserra, trassadeira, machado pra escrever  
Pra falar do seu sucesso acompanhar seu progresso / tão difícil de entender*

*Um formigueiro de gente / fumaça no capim verde / tudo veio acontecer  
Pra quem foi matéria prima / desde a folha até a rima / morada do Pererê*

*Aprendi desde criança / que saci quem faz a trança  
e Tupã quem vê a dança / e faz na terra chover  
Chora viola caipira / chora bicho curupira  
vendo a floresta morrer (Ramiro 2008).*

Várias letras e temas instrumentais de Levi Ramiro falam muito do Cerrado, de sua importância e degradação, bem como da cultura nesse ambiente. Dois exemplos musicais de composições instrumentais relacionadas ao Cerrado estão em: *Tema do Cerrado* (CD “Viola de todos os cantos”)<sup>88</sup> e *Berço das águas* (CD “Nosso quintal”).<sup>89</sup> Essas duas peças passam um timbre meio melancólico e ao mesmo tempo com partes firmes e vibrantes expressando a paz e a esperança.

Na canção *Outro Dia Quente* (Levi Ramiro) gravada em seu recente CD “Purunga” (2016), a beleza da natureza e o clima quente do Cerrado são expressos por meio de uma melodia tranquila e uma letra que fala de flores, buritizal, arara e outros pássaros, céu, sol, noite, lua cheia, coral de grilos e o ponteio da viola:

*O Cerrado florido, depois da queimada / O orvalho que brilha na luz matinal  
Um bando de araras que seguem na prosa / Pras copas frondosas do buritizal  
O murmulho das folhas e um ranger de dentes / Outro dia quente lá no taquaral  
A tarde começa no pé de pitanga / Canta o sabiá que visita o quintal  
E longe os biguás, voando baixinho / Bem rente às águas, de rumo ao ninhal  
E acima as garças, flechando as nuvens / De um céu encarnado ao sono do sol  
A noite com vida, a viola ponteia / Nasce a lua cheia, canta o bacurau  
O coral dos grilos, o frescor da mente / Não pensa nem sente, começo e final*

<sup>87</sup> Vídeo: “Valdir Verona no programa SR Brasil da TV Cultura apresentado por Rolando Boldrin e participações de Levi Ramiro e Rosa Amélia. Composição: Tá no Balaio de Levi Ramiro.” Publicado em 3 de jan. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iUPI9pR2nSE>. Acesso em: 13 jun. 2016.

<sup>88</sup> “Vento Viola - Tema do Cerrado”. Publicado em 22 de nov. de 2010: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GB8h6NNT8TI>. Acesso em: 28 jul. 2017.

<sup>89</sup> “Levi Ramiro - Berço das Águas.” Publicado em 7 de dez de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zjZaDyf-Svs>. Acesso em: 28 jul. 2017.

(Ramiro 2016).

Na gravação dessa canção interpretada por Consuelo de Paula, Levi toca viola de cabaça acompanhado por Zé Esmerindo no violão barítono de cabaça e violão requinto de cabaça. O encarte desse CD “Purunga” é ilustrado por fotografias de diversos instrumentos de cabaça fabricados por Levi, como: violas, violões, rabeca, caixixi, reco-reco, xequerê, pandeiro, bandolim, dentre outros. A feitura de um instrumento de cabaça (também conhecida por porunga, porongo, cuia) impõe dificuldades que Levi considera irrelevantes, visto que se sente atraído pela beleza orgânica e estética apresentada pela cabaça, proporcionada pela variedade de formas, que permite também, segundo ele, diferentes timbres (Giacomini 2016).

**Figura 15** – Levi Ramiro tocando viola de cabaça



Fonte: Foto da internet

Levi diz não desenvolver um trabalho com a viola intencionalmente voltado à conscientização ambiental no Cerrado, mas em sua fala o violeiro menciona o intuito de que as pessoas se emocionem com as mensagens de suas músicas: “os temas são mais ligados a importância, beleza, histórias da ocupação e cultura popular do que algum tipo de militância em causa disto ou daquilo. Claro que a ideia é emocionar com conscientização” (Ramiro 2017). E isso se verifica claramente em várias composições de Levi, *Diz aí*, *Curupira* é outro exemplo, interpretada por Levi e João Arruda, em estilo falado, meio rap, com percussão e palmas, indagam na primeira parte da música, sobre o que afeta o Cerrado, e na segunda parte, de forma mais melódica, afirma o seu querer que o Cerrado sobreviva:

*Pra quê tanto fogo pra quê tanto pasto / Pra quê tanto jogo pra quê tanto astro  
Pra quê tanta grana pra quê tanta festa / Tanto celular, será que isso presta?  
Pra quê tanta cana pra quê tanta soja / Pra quê tanta fama pra quê tanta loja  
Pra quê tanta grana pra quê tanta festa / Tanto eucalipto, será que isso presta?*

*Eu quero mais cerrado, eu quero mais saúde  
Eu quero mais riacho, eu quero mais floresta  
Eu quero mais abraço, eu quero mais conversa  
Descendo rio abaixo, viola é uma floresta (Ramiro 2016).*

Composições de Levi Ramiro com temas voltados à preservação da natureza acabam despertando interesse do uso dessas músicas em trabalhos ambientais, como por exemplo, algumas composições suas foram usadas como trilha musical no vídeo educativo “Cerrado, o berço das águas,” produzido na cidade de Bauru/SP, pelo Instituto Ambiental Vid’água (Barulhomarcel 2017).<sup>90</sup>

Levi Ramiro afirma que suas composições ligadas ao Cerrado saíram naturalmente em sua convivência com esse ambiente: “Todas foram assim, orgânicas. Andando Cerrado adentro, comendo poeira ou comendo fruta, passando calor ou se refrescando nas águas maravilhosas deste bioma. Tudo foi assim” (Ramiro 2017). Na canção abaixo, *Folia Cores do Cerrado*, a paisagem do Cerrado é permeada pelo cotidiano e pela cultura do povo que nele vive, e que ainda mantem a tradição dos giros de Folias de Reis nos caminhos do Cerrado:

*Pelos olhos de uma criança, as cores das lavadeiras  
Das roupas quarando ao sol, sobre as pedras da ribeira  
Na brincadeira mais doce, do galho de um faveiro  
Como fosse desafio, mergulha as águas do rio / Um menino brasileiro*

*Pelos olhos das lavadeiras, passam cores do Cerrado  
De flores, frutos, amores e lembranças do passado  
Das cantigas de trabalho, dos terços e das novenas  
Rezadeiras, raizeiras, matriarcas brasileiras / Gente da pele morena*

*Pelos olhos da passarada, passam cores da estrada  
O novo verde das folhas, nas veredas orvalhadas  
Nos caminhos do Cerrado, seguindo a estrela guia  
Pelas trilhas e atalhos, entre pedra, tronco e galho / Segue as cores da folia*

*Pelos olhos de um folião, passam cores da bandeira  
Na fé da graça alcançada, na devoção verdadeira  
No pulso e na melodia, na cantoria sagrada*

<sup>90</sup> Barulhomarcel. “927 – Violeiro Levi Ramiro lança “Purunga”, novo álbum solo e nono da carreira.” Barulho D’Água Música. 03 de abril de 2017. Disponível em: <https://barulhodeagua.com/2017/04/03/927-violeiro-levi-ramiro-lanca-purunga-novo-album-solo-e-nono-da-carreira/>. Acesso em: 28 jul. 2017.

*Nas fitas e suas cores, com violas e tambores / Segue a folia na estrada* (Ramiro; Rosa 2016).

Interpretada por Giovanni Guimarães, Consuelo de Paula e Levi Ramiro, o arranjo traz instrumentos típicos presentes nos grupos de Folias de Reis, mas confeccionados em cabaça por Levi Ramiro: viola de cabaça e violão barítono de cabaça tocados por Levi, acompanhado por bandolim de cabaça tocado por Paulinho Faria e rabeça de cabaça tocada por Thomas Roher.

Dando prosseguimento, serão investigados violeiros e violeiras no estado de Minas Gerais, iniciando por um dos violeiros que tem sido uma importante referência no universo da Viola Caipira no Brasil.

## **2.2 Andanças violeiras nas Minas Gerais**

### **2.2.1 Pereira da Viola**

O violeiro, cantor e compositor Pereira da Viola nasceu em 1962 em São Julião, no Vale do Mucuri, próximo à cidade mineira de Teófilo Otoni, e atualmente mora em Belo Horizonte/MG. Pereira conta ter conhecido a Viola Caipira em sua infância em São Julião, na década de 1960, mas só começou a tocar viola aos 28 anos de idade. A primeira música que tocou foi *Tristeza do Jeca* (Angelino de Oliveira) em seguida *Trem do Pantanal* (Almir Sater), Folia de Reis, batuques, cantigas de roda e outras.

Tuca Rodrigues (2013) menciona que Pereira da Viola cresceu em um ambiente simples, “mas de grande riqueza cultural, impregnado pela cultura afro-indígena e pelos sons das folias. Seu pai, João Preto, era sanfoneiro e sua mãe Augusta, líder e cantadeira nas festas do reisado.” Rodrigues (2013), informa que Pereira aprendeu a tocar viola nas folias, utilizando, simultaneamente, o tampo da viola para percussão, levando-o a ficar conhecido por suas batidas de contradança, batuques e voltados-inteiro.

Em 1982, as obras de artistas como Dércio Marques, Rubinho do Vale, Titane e Milton Nascimento influenciaram Pereira que passou a compor músicas retratando sua história (Rodrigues 2013). Atualmente, seu repertório é bastante variado em termos de ritmos e temática poética, além de continuar tocando e cantando as músicas que iniciou na viola, compõe melodias em estilo diversificado, como folias, batuques, samba de roda, samba de viola, canções e outros (Viola 2017).

Figura 16 - Pereira da Viola



Fonte: Fotos da internet

O trabalho de Pereira influenciou e influencia diversas gerações de violeiros.<sup>91</sup> Em 2003, em Ribeirão Preto/SP, Pereira promoveu o Encontro Nacional de Violeiros, com a presença de 10 mil pessoas, ocasião em que foi criada a Associação Nacional dos Violeiros.

As raízes musicais brasileiras e os temas ambientais e indígenas permeiam sua obra. Pereira (2017) afirma ter respeito e interatividade com a natureza de modo geral, o que visivelmente se observa em toda sua obra. Em seu primeiro disco, “Terra Boa” (1994), Pereira da Viola (viola e voz) e Josino Medina (voz e violão), acompanhados de flauta e percussão, interpretam *O Sopro do Vento* (Josino Medina), uma canção que exemplifica essa reverência e respeito pelo meio ambiente, e menciona na letra, a sabedoria que tem um pé de Jequitibá:

*Seu Jovelino contou pra mim / que a alegria não tem mais fim  
que campo lindo é um paraíso / e que todo sorriso não pode parar / ai,ai,ai  
é quando o vento sacode a poeira / nas cabeceiras deste lugar*

*Vem, vem cá ver o sol sorrindo / tão lindo de amargurar  
Vem, vem cá ver a sua sombra / tem forma de um Jequitibá  
que tem bem mais de mil anos / assistiu tudo se passando  
pede a Deus pelo seu lugar / pede a Deus pra não te arrancar*

*Na contradança desse vento / invento assoviar  
vai vastidão que varre o mundo / soprando sem descansar*

<sup>91</sup> Pereira da Viola, além de influenciar os músicos a estudar a viola, é também reconhecido pelos principais apresentadores de música regional brasileira em programas de TV, como “Viola minha viola” (Inezita Barroso – TV Cultura), “Senhor Brasil” (Rolando Boldrin – TV Brasil), “Arrumação” (Saulo Laranjeira – Rede Minas). Pereira da Viola no Programa “Arrumação:” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fnOauCaNw5w>. Acesso em: 18 jul. 2017.



*os tambores travam lutas / batucadas bem matutas  
sabe Deus quando vão parar / sabe Deus se se vão parar* (Medina 1994).

A canção *Misturas e Mistérios* (Pereira da Viola, João Evangelista), abre o segundo disco de Pereira “Tawaraná” (1996)<sup>92</sup>. Ponteando na viola um solo instrumental introdutório, Pereira canta sua andança pela paisagem mineira do interior. A letra cita a lobeira, um fruto do Cerrado, redondo, às vezes chutado pelas crianças em peladas (usado como bola):

*Viola é minha parceira / consola dor atadeira  
bate na porta ligeira / feito mourão de porteira  
corre no peito aguaceira / água descendo a ladeira  
balanço de bananeira / balanço de bananeira / balanço de bananeira.....*

*Bebo a paisagem mineira / viajo de jardineira  
sigo o sol da soleira / não tapo com a peneira  
uso fala maneira / mistério de capoeira  
misturo a terra e a cera / misturo a terra e a cera / misturo a terra e a cera.....*

*Eu levo a vida estradeira / comendo fruta e poeira  
chutando bola e lobeira / nadando na cachoeira  
ouvindo o som da goteira / que cai do céu da paineira  
a estrela é minha trincheira / a estrela é minha trincheira.....*  
(Viola; Rodrigues 1996).

No mesmo CD, na música *Tawaraná* (Josino Medina), Pereira da Viola canta e toca a causa indígena na viola, acompanhado pelo percussionista Carlinhos Ferreira tocando em ritmos indígenas instrumentos como, paia de conchas, paia de chaves, paia de pequi, pios e caixa de folia. Nessa música, o arranjo bem elaborado é feito por Gilvan Oliveira<sup>93</sup> que também toca violões na canção:

*Causo de índio eu vi menino / Virando lenda ficando lindo  
Pintando corpo com alma e festa / Eu vi, eu vi, eu vi  
Vi curumim comer curimã / Correr na manha esconder do fim  
Tocando uma pã para os passarinhos / Eu vi, eu vi, eu vi*

*Pois o passarinho é pra cantar / Oh menino / Passarinho e pra voar  
Pois passarinho e pra voar / Oh menino / Passarinho é pra cantar*

<sup>92</sup> Esse disco de Pereira da Viola foi indicado ao Prêmio Sharp da Música. Disponível em: <http://www.musicademinas.com.br/index.php/artistas/musicos/P/5500000-pereira-da-viola>. Acesso em: 18 jul. 2017. “Tawaraná” é o nome de uma dança indígena do Xingu.

<sup>93</sup> Mineiro, Gilvan Oliveira é um reconhecido violonista, cantor, compositor, arranjador e produtor musical. Trabalhou com vários músicos como Milton Nascimento, Paulinho Pedra Azul, Tavinho Moura, Gilberto Gil, Renato Teixeira, Paulo Moura, Renato Borghetti, Dory Caymmi, Chico Cesar, Xangai, Flávio Venturini, Fernando Brant, Saulo Laranjeira, Pena Branca e Xavantinho, Titane, entre outros.

*Vi armar uma arapuça / Com a isca do progresso  
Quem comer desse feitiço / Desconhece o seu lugar*

*Na madrugada pega a poronga / Sai na picada riscando o tronco  
Da seringueira mãe da floresta / Eu vi, eu vi, eu vi  
Vi o empate na derrubada / A mota serra ficou calada  
Salvar a mata, salvar a pátria / Eu vi, eu vi, eu vi*

*A morte defendendo a vida / Oh menino / A morte de quem quer a vida  
A morte de quem quer a vida / Oh menino / A morte defendendo a vida*

*Um soldado que virou / Seringueiro sem valor  
Hoje a pátria que conhece / É a mata que restou  
A guerra não acabou por lá / Oh menino / Pra quem vive e defende a terra  
(Medina 1996).*

O som calmo de água correndo, como um riacho, acompanha toda a gravação da música *Lamento do Rio*, uma das faixas de seu terceiro CD “Viola Cósmica” (1998).<sup>94</sup> Pereira toca viola acompanhado do violeiro Ivan Vilela (violão), o percussionista Carlinhos Ferreira (água de remanso, caixa de folia e sino). Cantando em coro, como um lamento, Pereira é acompanhado pelo violeiro Josino Medina, Mãe Augusta e Dito Rodrigues (mãe e irmão de Pereira): *Ô ô ô ô iê / Ô ô ô ô iê /.....* Com este lamento, o poeta Gonzaga Medeiros recita um poema que expressa o sofrimento de um rio. O badalo de sino de igreja no início do poema nos reporta à uma pequena cidade do interior:

*O rio só ainda corria / por conta da velha história  
E honra e fama e glória / que correram a cercania*

*Assim maltrapilho, quase morto / não era o rio que andava  
Sua alma é que vagava / correndo em busca do mar  
Ou melhor, qualquer lugar / um refúgio onde pudesse  
Descansado se enterrar*

*Se o rio vive é de água / por ela é que ele corre  
Indo ao mar, onde deságua / no balanço de sua rede  
Não tem água, então não corre / desidrata, se consome  
Morre encharcado de sede / e empanzinado de fome*

*Mesmo assim o rio ainda corre... (Viola; Medeiros 1998).*

<sup>94</sup> Esse CD tem a participação de quatro importantes violeiros: Ivan Vilela, Paulo Freire, Brás da Viola e Roberto Corrêa, dentre outros músicos como o rabequeiro Fiaminghi e a reconhecida cantora mineira Titane. O quarto CD de Pereira, “Viola Ética” (2001), contou com participação especial de Inezita Barroso, Paulo Freire e Brás da Viola. O quinto CD chama-se “Akpalô” (2007), que em nagô, significa contador de histórias, aquele que transmite a memória do seu povo, e tem as participações especiais do grupo Tambolelê, Titane, Celso Moretti, Rubinho do Vale, Gabriel Guedes, Dércio Marques e Lígia Jacques.

Nesse CD “Viola Cósmica,” Carlos Rodrigues Brandão faz o texto de apresentação, “Viola Cósmica e Voz do Sertão,” abordando a versatilidade do trabalho musical, e compara o resultado final com a durabilidade de uma pedra virgem ou madeira de Ipê Roxo:

[...] Às vezes sério, como sobre um rio, outras vezes lamentoso, como com a saudade, ou, de repente, brincalhão, como no Prucutundá, Pereira da Viola parece estar brincando de cantar o efêmero. Parece mesmo uma colheita fácil do que foi, ao contrário, uma cuidadosa e difícil lavoura de música. Parece até que a viola cantarola a musiquinha roceira e fugaz de que quase ninguém se lembra mais. Mas quando o disco acaba, a gente sai dele como quem tocou com a mão da alma em pedra virgem, em madeira de Ipê Roxo, em raiz que fogo não queima, e em um trabalho que o tempo não desfaz. [...] (Brandão 1998).

Pereira da Viola e Wilson Dias lançaram em 2010 o CD “Pote: a melodia do chão.” Esse CD foi realizado com participação do poeta mineiro João Evangelista Rodrigues, autor de todas as letras, musicadas por Pereira e Wilson Dias.

**Figura 17** – Wilson Dias, João Evangelista, Pereira da Viola



Fonte: Foto da Internet

Nos arranjos de todas as canções foram utilizadas voz e Viola Caipira e algumas participações de rabeça, percussão, violão, quatro, guitarra semiacústica e baixo. O trabalho transmite uma forte mensagem de ligação com a terra, com o nosso chão brasileiro, mensagem essa que é também expressa por João Evangelista na apresentação do CD. O texto

inicia falando da importância do pote de barro na cultura brasileira, sua função ancestral e atual, comparando-o com as poéticas musicais:

O som do pote é forte. É denso, misterioso e mítico. Se vazio, ou melhor, pleno de ar, de vida, pode se transformar em instrumento musical. Em vaso. Em vasilha para mantimento. Canteiro de flor ou de cebolinha ou salsa. [...] Um pote: herança de signo, som e silêncio. Vestígio de tempos imemoriais, de onde vem a água, a poesia e a música. De onde vem o Brasil. [...] Eis aqui um pote onde todas as águas se misturam sem perder a pureza de seu leito original. As águas poéticas do Rio São Francisco e as poéticas musicais das águas dos Rios Jequitinhonha e Mucuri. [...] Descubram nele o arco-íris, a densidade neutra de ancestralidade. [...] Sirvam-se todos, homens, anjos, plantas e animais, porque de todos os seres emergem vozes e melodias, as impensáveis primaveras. [...] (Rodrigues 2010).

A música *Fim de tarde* é uma das composições interpretadas por Pereira nesse CD, que mostra cenas de vida na roça de quem mora no Cerrado:

*Fim de tarde no Cerrado / gado volta pro curral / juriti canta encantado  
zabelê e bacurau / tatu bola pede linha / tatu peba dá sinal  
saracura viuvinha / patativa no jirau [...] (Viola; Rodrigues 2010).*

Assim como a canção *Prefiro*, interpretada por Pereira e Wilson Dias, que também reporta ao antigo carro-de-boi, aos cantadores e à força e musicalidade dos povos indígenas:

*Prefiro o canto sentido / do velho carro-de-boi  
A melodia da tarde / da lua que vem depois  
Prefiro a voz do caipira / com seus lamentos de amores  
A poesia se inspira / nos braços dos cantadores  
Ah Se for preciso a guerra / prefiro o grito Tupi  
pra defender nossa terra / lá fora ou perto daqui [...]  
Prefiro o som da viola / a toada Guarani  
Prefiro viver aqui / prefiro morrer aqui (Viola; Dias; Rodrigues 2010).*

Décio Marques canta *Tributo* com Pereira da Viola, a última música do CD, de forma séria, calma e profunda, passando uma mensagem de, “por meio das canções,” “silenciosamente inverter razões:”

*De onde chegou esta voz – de onde / a voz de quem diz sem dizer  
que ainda se deve ser feliz / seria da chuva seria  
do vento do mar de dentro da calmaria / seria da ausência do mar  
das tempestades dos dias*

*Fazer dos sonhos canções / em nome da terra do sangue da terra  
do cio da terra / de todos seus dons / até se cumprir os mistérios das sombras  
até se cumprir os mistérios dos homens / fazer canções semear mesmo no vento*

*e no silêncio inverter razões / inverter razões  
e no silêncio inverter razões (Viola; Dias; Rodrigues 2010).*

Apesar de Pereira abordar musicalmente vários temas relacionados ao seu envolvimento com a natureza, ele afirma não pensar nessa influência quando escolhe os elementos musicais no momento de compor, embora não tenha dúvida, que esses fatos ocorram, mesmo que de forma sutil (Viola 2017).

Pereira narra um fato que lhe aconteceu e que o marcou na região do Cerrado, na ocasião em que foi gravar um documentário sobre viola, a convite da TV Globo. A equipe escolheu a região de São Gonçalo do Rio Preto, próxima de Diamantina, e Pereira ficou surpreso com a sonoridade que o som da viola produziu no local. Assim narra: “Ficamos na entrada de um Canyon com formação de pedras e plantas, quando toquei a viola parecia que ela havia aumentado o volume umas 10 vezes mais o volume natural dela, até me assustou na hora” (Viola 2017).

Pereira da Viola também mencionou outro fenômeno que o deixa admirado, sempre que canta a música *Sabiá* (Sylene Peluso, Olívio Araújo), que está saindo em seu próximo CD, “se tiver passarinhos por perto, todos começam a cantar e em algumas vezes veem pra mais perto. É impressionante” (Viola, 2017). Essa canção foi gravada em 1988, por Déo Lopes em seu LP “Relação Natura,” e mostra a dor do passarinho que vive preso na gaiola, sonhando com sua liberdade:

*Sabiá viajando preso na gaiola / Muito triste com vontade de voar  
Vai levado do sertão para a cidade / Por alguém que quer seu canto apreciar*

*Passarinho a sua dor ninguém consola / O seu pranto é canto que me faz pensar  
Que é bom viver em plena liberdade / Eu não sei porque se prende um sabiá  
Quero voar, voar, voar / Quero ser livre pra cantar, cantar, cantar  
Minhas asas traçarão o meu destino / Para o céu alcançar - ao voar*

*Eu não quero água fresca da gaiola / Nem ração que possa me alimentar  
Quero ter de volta a minha liberdade / De escolher onde pousar para cantar  
(Peluso; Araújo 1988).*

Apesar de dizer que não desenvolve um trabalho com a viola intencionalmente voltado à conscientização ambiental no Cerrado, Pereira mostra em suas palavras que acaba tendo uma postura política e espiritual em relação à vida desse bioma: “Sou defensor de tudo que tem vida, e o Cerrado por ser parte do conjunto das belezas planetárias, procuro interagir nas mais variadas formas, desde o ponto de vista político ao espiritual” (Viola 2017).

### 2.2.2 Josino Medina

O violeiro, arte-educador e pesquisador de cultura popular Josino Medina, nasceu em 1965 na cidade de Carlos Chagas/MG, e reside desde 1996 na cidade de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha/MG. Josino conta que nasceu no Vale do Mucuri, uma região de gado, “meu pai vaqueiro, eu ajudava, andava horas no mato, de cavalo [...]” (Medina 2017).

Conheceu a viola nas folias, nos movimentos de cultura popular, como os Festivale<sup>95</sup> - Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, e os EPC - Encontro Popular de Cultura em Belo Horizonte/MG, eventos lembrados por Josino: “participava Frei Chico, Carlos Brandão, juntava esse povo, de comunidade de base, pessoas que tinham uma relação com a questão da cultura, né,” (Medina 2017). Josino informa que relaciona a viola à cultura da classe social simples, meios em que foi aprendendo esse instrumento: “a viola tinha muito da cultura do pobre, da folia, animada com a viola..., e aí eu fui aprofundando na viola...” (Medina 2017).

**Figura 18** – Josino Medina



Fonte: Foto da internet

Esse violeiro vem animando e apresentando diversos eventos, como Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros,<sup>96</sup> encontros e feiras dos Povos do Cerrado,<sup>97</sup>

<sup>95</sup> O FESTIVALE - Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha/MG é um importante movimento artístico que ocorre a cada ano em uma cidade do Vale, organizado pela FECAJE - Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha. “Vale, Vida, Verde, Verso e Viola,” é um dos lemas divulgado. De 23 a 29 de em julho de 2017, ocorreu o 34º FESTIVALE, realizado na cidade de Felício dos Santos, no Alto Jequitinhonha, nordeste de Minas.

<sup>96</sup> Josino Medina e Paulo Amorim (Embaixadores da Lua) foram mestres de cerimônia no VII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros/GO. A dupla adota o improviso nos espetáculos,

e em movimentos populares ministrando oficinas para educadores e crianças. Organizado pela “Rede Cerrado” o Encontro e Feira dos Povos do Cerrado ocorre em área aberta ao público, em diferentes regiões, com a participação de comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas, geraizeiros, vazanteiros, quebradeiras de coco e agricultores familiares.<sup>98</sup> Palestras, debates, filmes educativos, shows e outras atividades fazem parte da programação desses encontros, e ocorrem durante todo o período do evento, com participação de violeiros, cantores, grupos de cultura popular, dentre outros.

Além de composições de sua autoria, Josino Medina tem parcerias com Pereira da Viola, e vem musicando poemas de autores, como do educador Carlos Rodrigues Brandão e da gaúcha Sônia Anja.<sup>99</sup> “Fervoroso militante das questões ambientais, Josino é uma daquelas raras figuras que passeiam pelo Cerrado brasileiro, como se ele mesmo se transmutasse em um elemento da flora, tamanha é sua intimidade com a natureza.”<sup>100</sup>

Em 1992, na cidade de Serra dos Aimorés, Josino Medina, Paulinho Amorim e Keila Pereira formaram o grupo “Embaixadores da Lua.” Em 2003 Josino Medina e Paulinho Amorim lançaram o CD “A Boa Notícia Está no Ar,” composto de ritmos variados, como cocos, cirandas, batuques de congado, contradanças e folias, com o uso principalmente de instrumentos como: voz, violas, violão e caixa de tambor. Em homenagem a Dércio Marques, Josino Medina compõe *No Reino de Deva*, uma das faixas desse CD:

*No meu caminho mora um duende / jeito de gente com outro astral  
O meu vizinho é um vidente / que vem de Deva em qualquer sinal  
Mas só o verá quem já virou humano-amigo / uma espécie quase em extinção  
Que só aparece sob a forma de um menino / com um dedo verde em sua mão*

*Olê tindão, tindolelê meu coração / e planto um pé de amigo na canção*

---

descontraindo o público e os grupos participantes. Nesse evento, apresentação dos grupos foi transmitida pela rádio difusora RD, direto do palco do Encontro (Rissate 2007). Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2007/noticiasDetalhe.php?id=14>. Acesso em: 20 jul. 2017.

<sup>97</sup> Os Embaixadores da Lua – Josino Medina e Paulinho Amorim, foram animadores em vários encontros dos Povos do Cerrado, como por exemplo, no VIII Encontro e Feira dos Povos do Cerrado. Disponível em: [https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo\\_noticia/4548\\_20090911\\_164235.pdf](https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/4548_20090911_164235.pdf). Acesso em: 20 jul. 2017.

<sup>98</sup> De 05 a 08 de junho de 2014, a Rede Cerrado realizou no Complexo Cultural Funarte, em Brasília-DF o VIII Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, reunindo cerca de 700 representantes de comunidades tradicionais. Disponível em: <http://www.redecerrado.org.br/>. Acesso em: 20 jul. 2017.

<sup>99</sup> Josino tem composições gravadas por Pereira da Viola, e em outros discos como “Caminho das Águas,” produzido por Bené Fonteles, “O Velho Chico,” produzido por Nestor Santana, com arranjos de Marcus Viana, “Plantando Sementes,” do Movimento Sem Terra (Medina; Amorim 2003).

<sup>100</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/Josino-Medina-187180844680344/about/?entry\\_point=page\\_nav\\_about\\_item&tab=page\\_info](https://www.facebook.com/Josino-Medina-187180844680344/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info). Acesso em: 11 set. 2016.

[...] (Medina 2003).

Josino Medina (2017) conta que foi na casa do escritor educador Carlos R. Brandão que conheceu Dércio Marques pessoalmente, pois antes só o conhecia de ouvir seus discos, principalmente “Segredos Vegetais:”

Eu tava voltando lá da região amazônica, né, e a gente tinha um amigo lá que tinha os Segredos Vegetais, e a gente ficava lá ouvindo “Segredos Vegetais,” era quase um rito sagrado, aí eu fiz essa música *O reino de Deva*, e quando eu tive contato com Dércio na casa do Brandão, aí eu tive oportunidade de cantar com Dércio essa música, e outras músicas... foi um encontro muito bonito (Medina 2017).<sup>101</sup>

Brandão convidou Josino para musicar vários dos poemas de seu livro “Furundum” e juntos lançaram o CD “Furundum” (2006). “Canções e cores de carinho com a vida” é como Brandão (2001) descreve o conteúdo desse livro. O poema *De quatro pernas*, por exemplo, convida o ser humano a fazer algo para ajudar a sobrevivência dos animais:

*Anta mico e onça-preta / caxinguelê e caititu  
Sagui gambá capivara / paca cotia e tatu*

*Lobo guará e ariranha / porco-do-mato e preá  
suçuarana e preguiça / bugio sagui e sauá  
jaguar e jaguatirica / veado ouriço-cacheiro  
teiú e tamanduá*

*Você que tem duas pernas / pare um pouco pra pensar  
Nessa gente tão bonita / que tem duas e outro par*

*Antes tinha muito mais / agora tem mais ou menos  
e alguns tem menos que mais  
Será que essa gente toda / um dia vai se acabar?*

*Você que vive pensando / pare um pouco pra sentir:  
Pra que a vida dessa gente / viva feliz junto à nossa  
O seu jeito de viver / será que não existe nada  
(nada, nada. Nada mesmo!) / que a gente possa fazer?  
(Brandão; Matuck 2001).*

Josino Medina participou também do CD “O Jardim de Todos” (2006) produzido pela Rara Rosa Produções, com poemas do livro “Jardim de Todos,” de Carlos Rodrigues Brandão,

<sup>101</sup> Dércio morou com Sônia e as filhas do casal, em umas das casas do Sítio Rosa dos Ventos, sul de Minas, construídas por Carlos R. Brandão. Época em que construía casa própria em sítio vizinho.



musicados por Josino, João Arruda, Fernando Guimarães, Carlos Magalhães, Dércio Marques, Paulo d'Ávila, Paulo Piu, Nádia Campos e Lira Marques. Um exemplo de um dos poemas que Josino musicou foi o *No Mês de Agosto, Lá no Cerrado - Um pé de Ipê* (Brandão; Zahara 2004: 20):

*Um pé de ipê  
floriu na minha porta / e hoje foi com ele  
que o sol clareou / o céu do mundo*

*Não fosse a flor do ipê / assim, na minha porta  
E de que cor seria / hoje a cor do dia  
O amarelo do sol / que existe em mim  
E a maravilha sem fim / deste segundo  
(Medina, Brandão 2006).*

Outro exemplo de poema musicado por Josino foi *Lugar de Bicho* (Brandão; Zahara 2004: 64). Nesta poesia os bichos são vistos como irmãos que devem ser livres e ter sua moradia própria:

*Os bichos não são “de circo” / nem circo é “da bicharada”  
Lugar de bicho é no mundo / mundo, mundo, vasto mundo!  
Livre como um sentimento / voando livre e mais nada*

*Lugar de peixe é no rio / de pinguim é no frio  
De saracura é no brejo / de tatu é no buraco  
De passarinho é no vento / lugar de onça é no mato  
[...]  
De bicho não quero ser dono / eu quero ser só um irmão  
Não quero bicho na jaula / no açougue ou na geladeira  
ou nas grades do alçapão / Eu quero é bicho voando  
Livre, livre, livre, livre / no céu desse mundo inteiro  
No céu do meu coração! (Medina, Brandão 2006).*

Nessa composição executada em ritmo de coco, Josino vai repetindo a última estrofe ao final da música, ampliando o significado da letra, alternando a palavra *meu* com a palavra *seu*: *No céu do meu coração! No céu desse mundo inteiro! No céu do seu coração!.....* Em seguida, vozes de crianças pedem para que os bichos sejam cuidados e soltos: *-Vamos lá soltar o passarinho da vovó? – Tem gente que bate em cavalo! – Solta o bicho, solta o bicho, por favor! – É um absurdo, tem gente que pendura galinha viva pelo pé! – Deixa a formiguinha viver! – Não assusta os bichos! – Deixa o bicho em paz! – Solte o cachorro vovô! – Tem maldade maior que ratoeira? – Não pisa na formiguinha!* (Medina; Brandão 2006).

Poemas de Sônia Anja foram também musicados por Josino Medina em seu CD “Sumidouro” (2010).<sup>102</sup> Entre os temas, a música *Eu não vou comprar* chama a atenção para os desastres ambientais resultantes do desrespeito com a natureza:

*Eu não vou comprar / Eu tava só olhando...  
Sei de nada não... / Nem fique me cobrando  
[...]  
Eu não vou comprar / eu tava só olhando  
O pobre dando duro... / O rico aproveitando*

*Quando desabam morros / e a água engole tudo  
Finjo que nem sei / de todo o absurdo...  
O desviar de rios / deserto na floresta...  
E o fogo devastando / o que ainda resta.*

*Eu não vou comprar / eu tava só olhando  
Eu não tô nem aí... / O mundo se acabando (Medina; Anja 2010).*

“Quadras do Sertão – A história do vaqueiro Sebastião Eugênio” (2016) é o CD de Josino Medina no qual musicou quadras que mostram cenas do sertão escritas por: João Guimarães Rosa, Seo Manoel Ferreira, Seo Erotides (da Vila dos Gaúchos, Grande Sertão Veredas, MG) e o Aboio de Manuelzão. Josino traz nesse CD sua experiência de trabalho como vaqueiro ao lado de seu pai, de quem também herdou um cantar e tocar antigo de contradanças e coco voltado. Josino oferece as quadras a seu pai e aos vaqueiros que conheceu:

No ano de 95, de volta à nossa casinha, na beira do Mucuri, enquanto dava movimento a estas quadrinhas, o meu pai foi lembrando de um tanto de coisas antigas como um ABC, contra-danças e côco voltado, coisas muito antigas mesmo, [...] Aos vaqueiros do Vale do Mucuri, Jequitinhonha e do São Francisco, à memória dos vaqueiros Rosalino e Manuelzão, à memória viva do meu pai mais Zé da Rosa, ofereço estas quadras cantadas (Medina 2016).

Percebe-se nas quadras desse CD a relação íntima da vida do vaqueiro com o meio ambiente em que vive, como por exemplo, nas quadras abaixo, trechos da *Cena 7 - A boiada sai, e Sebastião tem de partir na direção do São Francisco, com dúvida no coração*:

<sup>102</sup> O trabalho convidando-nos a encarar nossos medos, defeitos, fraquezas e também admitir nossas qualidades. Sônia Anja comenta que seus poemas encontram eco na melodia de Josino. “Juntos e por meio de ideias, sons e palavras percebemos a nossa identidade, como espelho um do outro e reflexo da humanidade em seu estado mais simples e cotidiano, e nem por isso menos raro” (Anja 2010).

[...]

32. *Vaqueiro quando viaja / viaja lá pro sertão  
Mulher dele ficou em casa / Não tira o lenço da mão*

33. *Eu entrei na mata escura / Piado de um caburé  
Piava que redobrava / Querere, querere, querere*

34. *O galo cantou na serra / Da meia noite pro dia  
O touro berrou na vargem / No meio da vacaria  
Meu coração doeu / De saudade da Maria*

35. *Fui à Fonte das Pedrinhas / Pra fazer as minhas queixas  
As pedrinhas responderam / Amor firme não se deixa (Medina 2016).*

A relação de Josino Medina com o Cerrado é descobrir que o Cerrado faz parte dele mesmo, assim como reconhecer que as comunidades ligadas à natureza têm uma relação de respeito com o Cerrado (Medina 2017). Sua experiência junto à comunidade Mumbuca, no estado do Tocantins, o levou a vivenciar de perto a relação íntima do povo da região com o ambiente de Cerrado. A canção abaixo, *Teima do Capim Dourado* (Josino Medina), mostra claramente essa necessidade de preservação do Cerrado influenciando na sobrevivência de uma comunidade.

*Capim dourado / Dourado pelo Cerrado  
Dourado pra todo lado / Dourado quer me dourar.  
Capim dourado / Dourado pelo Cerrado  
Dourado pra todo lado / Dourado que é pra durar*

*Capim dourado / Não doura antes do tempo  
Tem a hora e o momento / De colher que é de plantar.  
Capim dourado / Nos dá tudo do sustento  
Quem faz dele o seu talento / Tá cuidando pra ganhar*

*Capim dourado / Douradinho de beleza  
Pelas mãos da natureza / A riqueza: O pão já lá.  
Capim dourado / É um fruto do Cerrado /  
E o Cerrado se serrado / Se queimado*

*O que será da gente  
Que vive e que sonha / Ser contente  
Qual fruto e futuro pela frente  
Quem sente é que sabe cuidar*

*Catando coco, menino / Catando coco, menina  
Catando coco enquanto doura o capim.  
Catando coco, menino / Catando coco, menina  
Catando coco enquanto doura o capim (Medina 2010)*

Essa música foi gravada no Jalapão com a participação da Comunidade Mumbuca, município de Mateiros no estado do Tocantins. E pode ser visto por meio da observação em vídeo-clip postado na internet, que principalmente mulheres e crianças cantam e tocam percussão, junto com Josino Medina e outro violeiro da comunidade, tocando a viola de buriti, uma viola típica da região, confeccionada com talo de buriti, palmeira nativa do Cerrado (Medina 2011).<sup>103</sup>

Durante a entrevista Josino cantou outras cantigas lá da comunidade Mumbuca, que falam da convivência dos moradores com o Cerrado, citando nomes de frutas nativas, animais, dentre outros. Essa experiência fez com que Josino criasse um trabalho autoral, usado também em Minas Gerais, explica Medina (2017): “tem várias musiquinhas que foram passadas em um programa de Agricultura familiar, que eu fiz na rádio do acampamento da reforma agrária, em Minas Gerais.” A música *Do osso ao caroço* (Josino Medina), é uma delas, e compõe o CD que foi gravado pelo Programa de Segurança Alimentar e Nutricional em Assentamentos da Reforma Agrária no estado de Minas Gerais (Medina 2017). Conforme os trechos abaixo transcritos da entrevista com Josino Medina (2017), a canção cantada ligeira em ritmo de coco fala dos alimentos típicos da região:

*Eu quero um pouco meu bem / Eu quero um pouco meu bem  
Eu quero um pouco desse coco também, [...]  
Um tudo deve existir / Um tudo pode encontrar  
Entre o osso na moenda e o caroço do juá*

*O pequi, a rapadura, [...] / do coco faz a cocada, [...] / o remédio é com raiz, [...]  
De um tudo tem um pouco / entre o osso na moenda e o caroço do juá [...]*

*Duas carga de mandioca / um alqueire de farinha / o cheiro vem da cozinha  
da vargem vem o feijão / o arroz, o algodão / do milho faz o fubá  
De um tudo tem um pouco / entre o osso na moenda e o caroço do juá, [...]  
de tudo que dá no mato / de tudo que dá na roça, [...]*

Perguntando ao Josino se ele se inspira no ambiente ao seu redor para fazer música, ele responde dizendo, que isto acontece de uma forma mais inconsciente e intuitiva (Medina 2017). E naquele momento, ele cantou então, uma ciranda de sua autoria, *Ciranda da Paz*.

<sup>103</sup> Clip - Capim Dourado Josino Medina. Gravado em Jalapão com a participação da Comunidade Mumbuca – município de Mateiros - TO. Enviado em 26 de out de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xAdkMqAiwB0>. Acesso em: 07 jun. 2016.

Conforme os trechos transcritos abaixo, a canção fala da paz de se viver em harmonia com os seres da natureza:

*Essa ciranda nasce... no rio.... entra na roda córregos d'aguas e nascente  
veredas de toda gente, que a gente encontrar  
vai ajuntando, água de todos os pocinhos, gentes, peixes, passarinhos  
porque vive em paz  
vai ajuntando, água de todos os pocinhos / gentes, peixes, passarinhos  
Porque vive em paz / A paz é que nos faz, buscar / A paz é que nos faz, buscar*

E canta também outras composições de sua autoria que ele diz ser uma ladainha, um canto de procissão, inspirado no rio São Francisco:

*São Francisco Franciscano, ó meu rio ó meu irmão  
suas águas vão lavando, o rio do meu coração  
o pacu a piapara, surubi e matrighã  
nosso rio tão sagrado, tem que ter seu amanhã*

*Beiras do Chico, beiras sem fim, beiras divinas, beiras de mim  
Ah meu São Benedito da companhia, beiras do Chico  
Ah meu São Benedito da companhia, beiras sem fim  
Ah meu São Benedito da companhia, beiras divinas  
Ah meu São Benedito da companhia, beiras de mim  
Se eu pudesse escrever n'agua, tudo certo e sem defeito  
Ah meu rio eu te escrevia, no caderno do meu peito...*

Além dos encontros de cultura que já animou, Josino fala de seu trabalho no Cerrado do Pantanal mato-grossense, realizado junto ao Instituto de Permacultura,<sup>104</sup> e explica como é a participação do boi que ele sempre leva para interagir e divertir os participantes do evento:

[...] a gente sempre leva o boi de janeiro pra em algum momento a gente brincar com o boi, “*menino pega o boi, senão o boi vai te pegar, menino pega o boi, esse boi é pra brincar/ Éh boi, êh boi, êh boi que vai brincar, menino pega o boi, não deixa o boi parar / Eu te pego manhoso, eu te pego com carinho e com amor, eu te levo daqui onde for...*” Porque tem uns meninos manhosos lá no projeto, então a gente tem que chegar com o boi assim manhoso né, e levantar esses meninos (Medina 2017).

Conforme cita Rissate (2007), “Segundo Josino, essa é a brincadeira que mais envolve o público e qualquer um pode entrar na roda, citando um verso para provocar ou acalmar o boi.” Essa brincadeira do boi é baseada na brincadeira do Boi de Janeiro tradicional, que é uma festa popular, explica Josino Medina (2017):

<sup>104</sup> Disponível em: <http://permaculturams.blogspot.com.br/>. Acesso em: 27 jul. 2017.

*“Êvem o sol, êvem a lua, êvem o boi janeiro passeando pela rua / quem foi que disse que janeiro não saia, janeiro tá na rua, com prazer e alegria,”* aí o boizinho deita, aí a gente vai levantar o boi, e canta pra levantar o boi...., e a gente foi adaptando do boi de janeiro, a gente brinca,... durante os encontros, um momento pra descontrair (Medina 2017).

O trabalho ambiental realizado por esse violeiro em região de Cerrado no estado do Tocantins será abordado no terceiro capítulo.

### **2.2.3 Fernando Guimarães**

Compositor, cantor, violonista, Fernando Guimarães nasceu em 1961 na cidade de Caldas/MG. Atualmente mora na zona rural, em uma fazenda na região de Santa Rita de Caldas e também em Poços de Caldas/MG. Fernando Guimarães vem de uma família de tradições musicais, sua avó tocava bandolim, seus tios violão, assim como seu pai e tias com as modas de viola. Conta Fernando: “meu pai viola caipira e minhas tias cantavam lindas modas de viola, cresci ouvindo programas de músicas caipiras no rádio, além disso, acompanhava as companhias de folias de reis que peregrinavam pelas fazendas” (Guimarães 2017).

Apesar de ter crescido ouvindo viola, Fernando se interessou primeiro pelo violão aos 17 anos, instrumento no qual se aperfeiçoou. Posteriormente começou a estudar viola, atraído pela sonoridade que o reporta à sua ligação com a terra:

Cresci ouvindo a viola e ela sempre me foi familiar, mas tocar mesmo, foi desde da década de 90, quando senti necessidade no sentido de inspiração, do quanto ela me aproxima da minha historia, da ligação com a terra e também pelo timbre e pelas afinações (Guimarães 2017).

Fernando Guimarães cresceu na centenária Fazenda Ribeirão Fundo, em Santa Rita de Caldas/MG, onde seus antepassados viveram, e ele, ao lado de seus oito irmãos, passou boa parte de sua vida. Estudou Agronomia, violão clássico e popular, retornando depois à fazenda Ribeirão Fundo, para trabalhar com a família, cuidando das criações e das plantações de feijão, arroz e milho (Albuquerque 2016). E foi nessa fazenda que Fernando gravou em 1987 seu primeiro disco, “Bem Ti Viagem a Ribeirão Fundo,” trazendo a paisagem sonora rural da região:

As gravações deste LP foram realizadas em meio à natureza do lugar, nos cômodos do casarão centenário da fazenda e nas igrejas de Caldas e Santa Rita de Caldas, trazendo ao disco um clima único, em que se pode ouvir o canto de passarinhos, o gado mugindo, e o “ruído” da atmosfera bucólica das montanhas e cachoeiras do Sul de Minas (Albuquerque 2016: 190).

**Figura 19** - Casarão da Fazenda Ribeirão Fundo



Fonte: Foto de Carlos R. Brandão

**Figura 20** - Fernando Guimarães



Fonte: Foto da autora

Esse disco contou com a direção, produção e participação especial do músico e compositor Vital Farias. Várias composições de Fernando Guimarães são gravadas e tocadas por violeiros, assim como também já participou de discos de violeiros, como, por exemplo, no CD “Terra Boa,” primeiro disco de Pereira da Viola.

Seu segundo trabalho, o CD “Cantilenas de Jardim” (2007), contou com a direção musical de Dércio Marques e foi produzido pela “Unidade de Criação Alternativa de Vida, Educação e Arte Rara Rosa,” um grupo de produção cultural, que se apoia nos princípios da economia solidaria. Lucimar Albuquerque, que faz parte do grupo Rara Rosa, cujos projetos vêm produzindo trabalhos como o de Fernando Guimarães, informa que Dércio foi pioneiro em gravar canções de Fernando:

Dércio Marques foi o primeiro artista a gravar canções compostas por Fernando Guimarães em seus discos, destacando “As Manhãs,” assim como “O Pão Nasce do Trigo,” “Folia de Bem Querer,” “Louvor a Santo Reis” e a singela “Feito Borboleta,” um dos grandes sucessos do compositor (Albuquerque 2016: 191).

As composições do CD expressam o ambiente natural, pois para Fernando, a natureza é a mãe da sabedoria. Em suas palavras: “a natureza é uma coisa assim que faz a gente pensar, faz a gente examinar como Deus é grandioso, fazendo essa coisa maravilhosa que é a música e fazer a gente levar esse bem, essa tarefa, essa missão” (Guimarães, 2017). Albuquerque (2016) destaca nesse trabalho a consciência ecológica e simplicidade amorosa de Fernando:

Este segundo trabalho retoma o tema da ecologia, marca fiel nas composições de Fernando Guimarães, e o seu jeito mineiro com toda a simplicidade que lhe é peculiar, sem deixar de lado as inovações musicais presente nos arranjos, na voz e nos violões sempre muito bem acalentados pelas suas mãos de plantador e pelo coração de um ser humano capaz de emocionar cantando (Albuquerque 2016: 191).

Uma das composições de Fernando Guimarães gravadas neste CD, a canção *Feito Borboleta*, interpretada por ele mesmo e por Dércio Marques, Tuca (Saulo D. Graça Muniz), Daniela Lasalvia, Lígia Jacques e Micaela transmite uma mensagem de harmonia entre os seres vivos na natureza, e faz sucesso principalmente com o público infantil. Albuquerque (2016) ressalta nesta canção: “Nossas origens brasileiras e suas influências indígenas anunciam um espaço pacífico que promove a ideia de comunhão, por meio da contemplação da paisagem natural” (Albuquerque 2016: 192):

*Eu quero, quero um canto de paz / O canto da chuva, o canto do vento  
A paz do índio, a paz do céu / A paz do arco-íris, a cara do sol  
O sorriso da lua / Junto à natureza em comunhão  
Eu tô voando como um passarinho / ziguezagueando feito borboleta  
Tô me sentindo como um canarinho / Eu tô pensando em minha violeta  
Êta, êta, êta, êta / Êta, êta, êta, êta  
O som da cachoeira me levando/As águas desse rio me acalmando  
(Guimarães 2007).*

A relação de Fernando Guimarães com o meio ambiente é de admiração, respeito e inspiração, afirma ele, e que por isso compõe principalmente temas relacionados a esse universo, “a água, a natureza, os povos, o meu lugar, enfim, acho que devemos colocar nosso canto em nome da vida, mostrar o lado das possibilidades, portanto, esses temas estão presentes em praticamente todas as minhas canções” (Guimarães 2017). Fernando ressalta suas origens influenciando suas composições:

Gosto muito de cantoria, da cultura popular, do armorial, da música verdadeiramente brasileira, a qual possui galhos por todos os lados, trazidos



pelos imigrantes que vieram para o Brasil. Sinto que minha música carrega um tanto disso tudo, mas principalmente da minha vivência, das minhas tradições, do regionalismo e religiosidade do lugar em que nasci (Guimarães 2017).

O cuidado amoroso com as plantas e o saber ler a natureza são expressos de forma singela em sua composição *Cantilena de jardim*:

*Vamos cuidar do nosso jardim / plantar as rosas com beijos / em cada canteiro  
Em nosso terreiro tem amor / tão encantado e companheiro  
como um beija-flor  
Vamos por as mãos na terra / sentir o cheiro e a força da serra*

*Pra ser um bom jardineiro / é preciso entender as plantas  
O saber das luas / O querer do tempo / E mirar as nuvens  
Pra adivinhar as chuvas (Guimarães 2007).*

Em sua composição *Ao Povo da Floresta*, Fernando enaltece a terra e os povos indígenas com sua luta para sobreviver. Cantos indígenas (gravações reais) participam do CD e estão presentes no início, no meio e no fim dessa música:

*Indo mata a dentro / Pra encontrar você / Aos sons das cachoeiras  
Seguindo um bem viver / De um povo que continua / A sofrer com a invasão  
Tendo que falar a língua dos brancos / Pra salvar o seu chão*

*Enganar pra que / Enganar por quem / De que adianta enganar  
Ser prisioneiro de si mesmo / Pra quê? / Se a vida é bela  
És um belo monte / És um raio lindo de sol  
Que brilha todo dia / Sem cansar / Trazendo toda beleza*

*Oh terra / És patrimônio da vida / Tão bela / És a grandeza do homem  
E a nossa mãe agradece / Pela raiz / Pra ser feliz*

*Viva o tupi-guarani / Tribo dos Caxinauás / Ianomâmis, Pataxós  
Sois o povo da floresta / Além daqueles outros tantos / Dessa aldeia brasileira.  
(Guimarães 2007).*

Fernando explica que descobriu a música, no sentido de poder fazer um bem a si próprio, e a quem está em sua volta, assim como à natureza (Guimarães 2017).

E é importante também nós utilizarmos a música, em benefício da humanidade, né, do nosso o meio, da ecologia, mostrando as coisas que estão erradas, protegendo a natureza, fazendo com que a vida em todo o seu sentido, seja sempre viva, sempre nova, sempre renovando a cada era, vamos dizer assim. É o bem pelo bem (Guimarães 2017).

Na canção *Passarinhada*, Fernando Guimarães musicou um poema de Carlos Rodrigues Brandão que aborda os pássaros do Cerrado buscando o verde pelo mato:

*Na brisa da manhã lá do Cerrado / Um papagaio viajero voava  
Seguido de araras, periquitos / Tiês-sangue, tizius e tesourinhas  
Seriemas, sanhaços, sabiás / E outros bichos que andam pelo ar  
Vinhão buscando um verde pelo mato / Lá onde a passarada passarinha  
E se reúne na copa do arvoredo [...]*(Guimarães; Brandão 2007).

Em relação ao Cerrado, Fernando diz se encantar com a paisagem, “as diversidades de espécies, a abundância de água, as cachoeiras, mas também o seu povo, a cultura, a força que o Cerrado produz em sua gente” (Guimarães 2017).

#### 2.2.4 Wilson Dias

O violeiro, cantor, compositor, pesquisador da cultura popular Wilson Dias, nasceu em 1963 na cidade de Olhos D`água/MG, e atualmente mora em Belo Horizonte/MG. Wilson Dias conta ter conhecido o som da viola ainda no ventre de sua mãe, “... quando escutava meu pai tocar sua violinha para acompanhá-la nas ladainhas. Ambiente sagrado e lindo” (Dias 2017).

Com a idade em torno de sete anos, começou a tocar viola, quando já trabalhava com seu pai na lida diária da roça e escondido pegava a viola, conta ele: “Veza em quando, dava um jeitinho de escapular e pegar a violinha dele escondido. Tinha que deixá-la do mesmo jeito para ele não perceber, ou fingir que não percebia” (Dias 2017). Foi influenciado também pelo mestre violeiro e folião Chico Barrigada.

Em 1994, já morando em Belo Horizonte, tocava violão e cantava nas noites. Nessa época, Wilson Dias foi participar do Festivale – Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, na cidade de Carbonita/MG, e assistiu pela primeira vez a um show de Pereira da Viola, ficando encantado com a sonoridade tirada na viola, decidindo então dedicar-se ao instrumento:

Eu nunca tinha imaginado que a viola tivesse aquele som todo, que ele trazia junto a uma banda maravilhosa, porque até então, o contato que eu tinha com a viola era neste ambiente mais acústico, sagrado e com as duplas caipiras. Daquele dia em diante decidi que iria tocar este instrumento. De volta a Belo Horizonte, peguei uma violinha emprestada com o poeta Gonzaga Medeiros e comecei a brincar e experimentar o seu som. O mesmo foi remontando imagens daquela criança que nasceu e cresceu neste ambiente mágico,

chamado cultura popular. Foi aí que tudo começou. Foi como se eu estivesse reencontrado o meu primeiro amor (Dias 2017).

Wilson Dias diz que sempre buscou e busca aprender uma forma de fazer a viola cantar suas lembranças e entoar cantigas que aprendeu com seus mestres, e que vivem sempre em sua memória (Dias 2017). Uma convivência harmônica entre alma e memória, assim define Wilson como deve ser uma composição:

Talvez a grande composição, de um artista, seja a conquista da simplicidade e a convivência tranquila com a própria alma e memória. É o que permite, sem esforço, que a comunicação se dê em outro nível. Meu trabalho é uma mescla entre temas da cultura popular e canções autorais (Dias 2017).

É importante ressaltar que, para Wilson, uma composição não pode ser fruto de uma intuição descompromissada, “ela pertence a outro nível de elaboração: o olhar e a escuta” (Dias 2017). E é nesse sentido que esse violeiro compõe suas canções interligadas ao meio ambiente em que se vive, assim como mostra em um trecho de sua canção inédita *Verde Jurema*, abordando também a questão indígena:<sup>105</sup>

*Corta cana... deixa a terra pro índio morar*  
*Corta cana... deixa o índio plantar jurema*  
*O filho da folha chorou, o tronco no fogo gemeu*  
*O verde no olhar do pajé, era lindo e desapareceu*  
*Jurema cantou pra plantar, o verde jurema no olhar*  
*O verde brotou nas retinas, dos filhinhos de mãe Jurema...*  
 (Dias 2017).

Wilson Dias se considera um matuto<sup>106</sup> e busca traduzir isso em suas canções, assim explica: “Minhas músicas tem o som das águas, das matas, dos vales, das montanhas e do sertão, para nos fazer lembrar que a beleza da vida mora nos pequenos detalhes” (Dias 2017). Detalhes esses que Wilson colocou até na capa de um de seus seis CDs lançados, o CD “Picuí” (2007). A capa tem uma foto de ramalhete de flores, e inseridas ao lado da caixinha de acrílico, três pedrinhas arredondadas de cristal em tons naturais. Um som leve e macio é ouvido com o movimento de manusear o CD, nos reportando ao ambiente natural.

<sup>105</sup> *Verde Jurema* faz parte do repertório do seu novo disco que está sendo gravado.

<sup>106</sup> Pessoa ligada ao campo, caipira.

**Figura 21** - Wilson Dias, CD Picuá



Fonte: Foto da autora

Uma das faixas desse CD fala sobre o canto do pássaro Acauã, que é conhecida como uma ave agourenta. Wilson relata sobre essa ave contando que: “Quando passava cantando sobre a cumeeira da nossa casa, meu pai dizia: morreu alguém. Quase sempre tinha razão. Ao contrário, o beija-flor, nas portas ou janelas da casa, anunciava a chegada de mais um ser para o planeta” (Dias 2007). Essa canção *Acauã* (Wilson Dias) é interpretada com Wilson Dias (voz, viola e caixa de folia), acompanhado de chimbal, violão, viola e outra caixa de folia. Nas primeiras estrofes da música Wilson Dias canta e toca violão lentamente e na frase *Acauã cantou*, de forma alegre e ritmada entra a viola que executa também solos entre os trechos, enquanto as caixas de folia sustentam o ritmo:

*Morrem um, nascem dois / morrem dois, nascem três  
a vida que vem é a morte que vai / a morte que vai é a vida que vem*

*Acauã cantou sobre a cumeeira / quem morreu, quem morreu  
ela avisou: preta benzedeira  
quem morreu quem morreu / ela avisou: preta rezadeira  
Beija-flor beijou o botão da roseira / quem chegou, quem chegou  
ela avisou: Maria parteira  
quem chegou, quem chegou / ela avisou: foi mais uma herdeira  
É como um trem que vai vem / é como um trem que vem vai (Dias 2007).*

Em relação ao Cerrado, Wilson lamenta a situação alarmante no estado de Minas Gerais: “O que tenho observado é que o Cerrado mineiro praticamente desapareceu, para dar lugar à plantação de eucalipto. Isso é lamentável” (Dias 2017). Do CD “Pote: a melodia do chão,” a composição *Bicho do Mato* (Wilson Dias, Pereira da Viola, João Evangelista Rodrigues) fala do violeiro cantando o grito e a dor no Cerrado cortado e queimado:

*Bicho do mato / regato ligeiro / grita o Cerrado / canta o violeiro  
 Lua no alto / mês de janeiro / mês da alegria / e folia de Reis  
 Meu cavalo corre / eu fico suado / ninguém me socorre / da dor do machado  
 Sou da aroeira / sou pé de pequi / sou gameleira / ferrão de mandi*

*Lá onde moro / tem manga e mangaba / tem pau peroba  
 lá na baixada / ave agoureira / alma penada  
 Bate a porteira e / não passa nada / Trem esquisito / bicho danado  
 Que coisa é aquilo / de mal assombrado / é coisa do cão / do reino encantado  
 entrou pelo chão / olhe o mato queimado [...] (Dias; Viola; Rodrigues 2010).*

No mesmo CD, acompanhados de percussão com ritmos indígenas, Pereira da Viola e Wilson Dias cantam e tocam viola na canção *Pachamama*,<sup>107</sup> que transmite uma mensagem sobre cantos e sons clamando pela natureza viva:

*Em nome da Terra de todos os homens  
 de todos os filhos os sonhos seres e tribos  
 Sagrado esse canto de água de rio  
 canto esse canto de marés bravias / movendo os navios  
 Em nome da Terra dos sítios distantes / da chuva que canta nesta melodia*

*Pelos humilhados / pelos desvalidos  
 se alguém me escutar vem cantar comigo  
 O som da floresta a esperança dos dias / ao choro das folhas queimadas de ira  
 Ao som do galope de nossos cavalos / pelo fim da glória desta tirania  
 escute em silêncio o que o vento diz  
 Em nome do sol da canção dos caminhos [...] (Dias; Viola; Rodrigues 2010).*

Quando perguntei a Wilson, se ele costuma escrever suas músicas em partitura, ele respondeu que não, mas que isso não diminui o labor que é compor uma canção ligada a terra:

Há uma ideia, muitas vezes disfarçada, de que essa música brotada da terra, quase como um pequizeiro ou uma flor do Cerrado, não passa por um labor. Engano. Ela é trabalhada na viola, nos tambores, no canto, como a terra é trabalhada na enxada e nas mãos. Esse é o meu ambiente de criação (Dias 2017).

As músicas instrumentais compostas por Wilson, também são inspiradas nessa relação do violeiro com o meio ambiente e a cultura popular. Para cada composição instrumental de seu CD “Mucuta” (2011), Wilson escreve um verbete no encarte do CD, compartilhando suas memórias do Cerrado. Por exemplo, para a composição *Guizo* o violeiro musicalmente intenciona passar o dia a dia de trabalho na roça:

<sup>107</sup> Significa Mãe terra, palavra de origem da língua *quíchua*, usada em países latinos, como Peru e Bolívia.

A lida na roça, a rotina, a passagem do dia e os afazeres sem fim conduzem essa melodia. Viaja no tempo para reavivar imagens que nunca se contentaram em permanecer no passado. Dá para ouvir a capina ritmada, o ofício no pilão e até o silêncio do instante de descanso. Corte de pau no machado... seco. Feijão cessado em peneira... cadente. Mas o mato tem lá seus perigos e armadilhas, a tensão, o chocalho de cascavel, a ofensa iminente. E tem ideias de menino que bota a canga no cachorro para aliviar o peso do feixe de lenha (Dias 2011).

Já na composição *Colibri*, o violeiro traduz a graça e rapidez deste pássaro, e a doçura que a natureza oferece pelo néctar das flores:

Colibri é ave que entra e sai ligeiro no jardim. É presença sutil e muito breve. Nem dá para ver seu movimento frenético de asas. Mas dá para sentir, para ouvir e para sonorizar. Na infância desse violeiro, a tarefa de molhar os canteiros de flor tinha esse som agitado, da pressa de aproveitar o dia, antes que a noite chegasse para desacelerar o coração e a lida. Anda ligeiro, menino! Lá estava o colibri. Essa é também uma lembrança de néctar, da doçura oferecida pela natureza a quem se abre para a colheita (Dias 2011).

A fluidez das águas que correm, levando vida para a sobrevivência, é expressa na melodia de *Minadouro*:

Melodia corrente, fluida, viva. Minadouro foi o primeiro nome de Olhos D'água, minha terra natal. Era a homenagem a uma nascente que abastecia o povoado. Seu Tunin, meu pai, quis trazer a vida para mais perto dos seus. Trabalhou muito tempo, cavou um rego e tirou do Córrego Pindaíba uma miniatura de rio que corria devagarinho até o terreiro de casa. Era o fim das viagens com lata d'água na cabeça. Um alívio para a meninada, que ainda ganhou redemoinhos para naufragar pauzinhos. Na alma do violeiro, persiste, como um remanso, a lembrança do primeiro dia em que acordou com o barulho da água perto de casa (Dias 2011).

O CD “Mucuta” é composto de 10 composições instrumentais de Wilson Dias, somadas a mais duas últimas cantadas, de domínio público, adaptadas por Wilson. Na última faixa, *Vagalume*, Wilson toca viola e canta acompanhado pela voz infantil afinada e ritmada de sua filha Ana Tereza:

*Vagalume lume do bananal / Seu pai tá aqui, sua mãe tá lá  
Cigana diz que ocê fosse lá / Tocar rabeça pra nós dançar  
[...] / No lugar aonde eu canto pra aquele que bem entende*

*Meu canto é vapor de terra não apita mas ascende  
É feito terra cavada quanto mais tira mais rende [...] (Dias 2011).*

No verbete desta música, Wilson descreve cenas comuns de crianças atraindo vagalumes na região em que passou sua infância: “Bamburral era povoado por vagalumes. Era comum a meninada riscar no ar com um tição para atrair os bichinhos” (Dias 2011). Essa lembrança do violeiro reporta a um ambiente caracterizado por certa harmonia na natureza, visto que a presença de vagalumes indica a pureza ambiental de um lugar ainda em equilíbrio.

Este violeiro afirma desenvolver um trabalho com a viola intencionalmente voltado à conscientização ambiental no Cerrado, e exemplifica com o projeto “Alma de Rio,” que ele desenvolve em parceria com o violeiro Gustavo Guimarães, buscando estabelecer uma conexão entre música, conscientização ambiental e memória coletiva sobre os rios de Minas. Assim descreve Wilson (2017): “São músicas com visões sobre a temática das águas, o pensamento roseano<sup>108</sup> sobre esses mesmos rios que cortam Minas Gerais, compreendendo a relação sagrada entre o homem e a água” (Dias 2017).

Wilson Dias e Gustavo Guimarães acreditam que a música tem o poder de mobilizar pela emoção, “por despertar as sensações da infância, do banho de rio, da roupa batida na pedra, da água que lava quebrantos e de rezas para fazer chover” (2017). Este trabalho tem também o intuito de despertar sentimentos de pertencimento social e espiritual em relação às águas de rios:

Mais que um alerta sobre a preservação dos rios, o projeto busca valorizar a relação entre o rio e o ribeirão ao propor que ambos têm vidas e almas conectadas. Histórias, canções e crenças transmitidas através de gerações permitem a união entre passado, presente e futuro vividos nas barrancas dos rios de Minas. E servem também para despertar nos jovens esse sentimento de pertencimento ao universo cultural permeado pelas águas de rios (Dias 2017).

A canção *Deus é violeiro* (Wilson Dias, Pereira da Viola, João Evangelista Rodrigues), por exemplo, mescla a cultura e religiosidade popular com as águas dos rios:

*Som de água doce trouxe a melodia / canta o dia todo, todo santo dia  
salta a cachoeira, segue a cantoria / um romeiro diz Deus é violeiro  
Música de pedra rola na descida / alimenta os peixes, a sede dos bichos  
a canção da vida é do mundo inteiro / cancionero diz Deus é violeiro  
Rio do Sant’ana, rio São Miguel / corre a tubarana, um raio de céu  
chuva anuncia, rio preto chama / meu parceiro diz Deus é violeiro*

<sup>108</sup> Refere-se ao universo e a linguagem regional nas obras do escritor Guimarães Rosa.

*Córrego das Almas, rio São Domingos / festival de salmos, recital de sinos  
canto sertanejo cai no São Francisco / canoeiro diz Deus é violeiro* (Dias 2013).

O projeto “Alma de Rio” é realizado por meio de shows que Wilson Dias e Gustavo Guimarães vêm desenvolvendo em cidades mineiras, e já ocorreu em Diamantina e Olhos D’água. Os artistas buscam interagir com o público presente, as músicas são intercaladas por declamações de trechos da obra de Guimarães Rosa realizadas pela plateia presente (Dias 2017).

### 2.2.5 Chico Lobo

Violeiro, compositor e cantor, Francisco Antônio Lobo Leite (Chico Lobo), nasceu em 1963 na cidade de São João del Rei/MG, e reside em Belo Horizonte. Chico Lobo é diretor musical, apresentador de TV e rádio, considerado pela crítica como um dos mais ativos violeiros no processo de popularização da tradição musical brasileira, tendo gravados diversos CDs e também DVDs.<sup>109</sup>

Chico Lobo conheceu a viola na infância, e aos sete anos ficava admirado com o som das violas dos grupos de folias, que seu pai recebia em sua casa em São João del Rei. Com doze anos começou a tocar, foi quando ganhou de seu pai a primeira viola (Lobo 2017). Começou a compor ainda bem jovem, conta ele: “Comecei tocando música caipira antiga, depois com 14 anos, tocava Banda de Pau e Corda, Quinteto Violado, aos 16 comecei a compor” (Lobo 2017). Atualmente, 90% das composições que Chico Lobo toca são de sua autoria.

Chico afirma ter uma relação muito íntima com o meio ambiente, “desde criança vou pra sítio, fazenda, beira de Rio, represa e até hoje acampo e levo meus filhos” (Lobo 2017). A vida de um violeiro trabalhando na roça é tema de sua canção *Caipira*:

*Viola quando a noite desce / Se vem lua cheia, traz cantoria  
Vadia estrela menina / Fonte de amor e de alegria  
Por isso eu sou cantador / Violeiro no sertão  
Canto as tristezas da terra / Mas também a força desse chão  
Depois de enxada no campo / É viola na mão*

*Sou caboclo que ao romper do dia / Vai pro roçado na hora da lida  
Mulher cuida do café / E de Rosinha a mais pequeninha  
Por isso eu sou plantador / Colho os frutos do meu chão*

<sup>109</sup> Disponível em: <http://www.chicolobo.com.br/#discografia>. Acesso em: 17 jul. 2017.



*Em troca ofereço suor / Mas recebo com juro o pão  
Depois de enxada no campo / É viola na mão  
Sob o sol sou matuto da roça / Sob a lua eu canto de viola  
Foi assim que me fiz caipira / Sob as bênçãos de Nossa Senhora (Lobo 1995).*

Um Brasil caboclo é mostrado na viola de Chico Lobo e Wilson Dias, que juntos interpretam a composição *Brasil violeiro* (Chico Lobo, Tadeu Martins), que faz parte do CD coletivo “Viva Viola - Viva a Cantoria” (2013), com participação dos violeiros mineiros: Chico Lobo, Joaci Ornelas, Wilson Dias, Bilora, Gustavo Guimarães. O véu de cascata, as palhas do buritizeiro, o som das araras, a terra roxa, compõem o ambiente de Cerrado mostrado nessa canção:

*Eu vejo o sol que invade / tingindo de ouro as matas  
o céu que se mostra num azul / o verde da sapucaia  
a espuma branca das águas / caindo num véu de cascata  
As palhas do buritizeiro / dançando ao som das araras  
a terra roxa no cio / esperando o golpe das enxadas  
das mãos que labutam a terra / numa vida consagrada  
[...]Eu vejo a arte do povo / na tela no livro e na bola  
brilha o sol da liberdade / que aquece e consola  
esse meu Brasil caboclo / cantando na minha viola / [...]*  
(Lobo; Tadeu 2013).

**Figura 22** - CD Viva Viola, Viva a Cantoria



Fonte: Foto da internet

**Figura 23** - Chico Lobo



Fonte: Foto da internet

Chico Lobo compõe em sintonia com a natureza, principalmente os temas instrumentais. Sendo um violeiro autodidata, não escreve, não lê e não tem partituras de suas composições (Lobo 2017).

Uma de suas composições instrumentais, *Vazante*, tema presente em seu primeiro CD “No Braço dessa Viola” (1995), nasceu a partir do fenômeno da cheia dos rios, quando a água escorre do leito e forma lagoas adjacentes onde os peixes procriam. Na próxima vazante, eles então voltam ao rio, mas esse ciclo tão importante vem sofrendo devido à construção de usinas e o assoreamento dos rios, explica Chico (Lobo 2017).

Em outro tema instrumental, *Agreste*, presente em seu CD “Encontro de violas” (2007), mostra o toque de viola dramático, vindo da percepção da semelhança da terra seca e amarela do Alentejo em Portugal e o agreste Brasil, e a dura luta de tirar o sustento da terra (Lobo 2017).

Os dois temas estão presentes também em seu CD instrumental “3 Brasis” (2014), trabalho este indicado ao Prêmio da Música Brasileira 2014, e que mostra os toques regionais brasileiros da Viola Caipira com Chico Lobo, ao lado do violoncelo de Márcio Malard<sup>110</sup> e a clarineta de Paulo Sérgio Santos.<sup>111</sup> Nesse CD, temas relacionados à natureza aparecem também em outras composições de Chico Lobo como: *Desafio de Calango*, *Chapadão da Onça*, *Lua de Sertão*, *Travessia do Sussuarão* (Lobo; Malard; Santos 2014).

O CD “Palmeira Seca” (Chico Lobo e convidados - 2001) foi realizado a partir do romance que se passa no interior do Cerrado mineiro, e faz trilha sonora para a “Minissérie Palmeira Seca,” de Breno Milagres, baseada na obra de Jorge Fernando dos Santos.

Chico Lobo explica sobre temas nesse CD que foram criados a partir dos elementos água, terra, fogo e ar: “Evidentemente o tema de água nasce inspirado em nossas nascentes, sobretudo a nascente do São Francisco, por isso o uso dos vasos de barro na percussão. O Fogo nasce a partir do drama das queimadas, por isso ele é meio dramático” (Lobo 2017). Em alegre ritmo, lembrando a catira, Chico Lobo canta e toca viola iniciando a música *Palmeira Seca*, acompanhado de violoncelos, percussão e coro:

---

<sup>110</sup> Um dos violoncelistas brasileiros que mais ocupou a cadeira de primeiro violoncelista de orquestras sinfônicas. Com 40 anos à frente da Sinfônica Brasileira, com a qual excursionou pela Europa, Estados Unidos e Canadá, e também, excursionou ao lado de artistas como: Wagner Tiso, Tom Jobim, Maria Bethânia e Caetano Veloso. Disponível em: <http://www.chicolobo.com.br/#discografia>. Acesso em: 12 jul. 2017.

<sup>111</sup> Considerado o maior clarinetista brasileiro de todos os tempos, integrante do Quinteto Villa-Lobos com o qual viajou Brasil inteiro, América Latina e outros continentes. Disponível em: <http://www.chicolobo.com.br/#discografia>. Acesso em: 12 jul. 2017.

*Ora a água apaga o fogo / Ora o fogo seca a água  
Essa vida é um jogo / Cada qual com sua mágoa  
Duas margens prendem o rio / O curral cerca a boiada  
Vem o vento e trás o frio / Feito ave em revoada*

*Ora a chuva faz enchente / Vem o tempo e leva a gente  
A vereda é um mundo vasto / No roçado do meu peito  
Semeei uma paixão / Pra colher amor de longe  
Que domasse a solidão / [...] (Lobo; Santos 2001).*

A ligação de Chico Lobo com o Cerrado é forte: “Sou o apaixonado pela fauna e flora do Cerrado e sempre que posso tento ir a algum parque” (Lobo 2017). Sua música passa a ter uma relação com o Cerrado principalmente quando foi convidado a compor a trilha do documentário “Cerrado: O Pai das Águas,”<sup>112</sup> que foi lançado em 1997, pela Opará vídeos, sob direção, produção e roteiro de Dêniston F. Diamantino.<sup>113</sup> Chico conta que viajou por grande parte do Cerrado para compor a trilha desse documentário:

Para compô-la eu viajei junto com o Diamantino pelo Cerrado de Minas, cortando pelo Rio Correntina o sertão da Bahia e chegando à chapada dos veadeiros em Goiás. Evidentemente todos os temas acompanham a fotografia do vídeo e nascem a partir da relação do ser humano e a natureza (Lobo 2017).

Este documentário foi gravado nos Parques Nacionais do Araguaia (TO), Brasília(DF), Chapada Diamantina (BA), Chapada dos Guimarães (MT), Chapada dos Veadeiros (GO), das Emas (GO, Grande Sertão Veredas (MG), da Serra da Canastra (MG) e Serra do Cipó (MG) (Diamantino, 1997). Outros vídeos utilizam músicas de Chico Lobo como trilhas, mais um documentário citado por ele, foi realizado sobre o lobo Guará no Mato Grosso do Sul (Lobo 2017).

Os temas ambientais com a viola também são abordados por Chico Lobo em projetos que desenvolve de ensino de viola pra crianças na zona rural de São João del Rei e Santana dos Montes/MG. Assim afirma Chico: “é impossível junto do ensino de viola não se falar da

<sup>112</sup> Disponível em: [www.oparavideos.com.br](http://www.oparavideos.com.br). Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=-LZEtGJJTw>. Acesso em: 04 jul. 2017.

<sup>113</sup> “Dêniston F. Diamantino é um documentarista brasileiro apaixonado pelo Rio São Francisco e pela cultura barranqueira. Natural de Manga, cidade ribeirinha localizada no norte de Minas Gerais, o diretor dedicou toda a sua vida à produção de documentários que retratam a cultura, o folclore, a história e o meio ambiente, especialmente na região do Vale do São Francisco.” Disponível em: <https://www.oparavideos.com.br/sobre-o-diretor/>. Acesso em: 04 jul. 2017.

preservação do rio, do ambiente de nossas nascentes, da fauna e da flora, pois são temas que passam nas minhas músicas” (Lobo 2017). Por meio do “Instituto Chico Lobo” em parceria com a Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ e a Prefeitura da mesma cidade, três monitores lecionam para 70 crianças, a partir da consultoria Chico Lobo. Como artista, sempre que convidado, empresta sua arte para campanhas de conscientização ambiental, explica ele: “assim penso que consigo contribuir um pouco pra que as pessoas possam pensar numa vivência mais harmoniosa com o meio ambiente” (Lobo 2017).

### 2.2.6 Joaci Ornelas

Joaci Ornelas é cantador, violeiro, compositor, instrumentista, pesquisador da cultura popular, produtor cultural e documentarista. Nasceu em 1966 na cidade de Salinas/MG, e atualmente mora em Belo Horizonte/MG.

Joaci conheceu a viola em Salinas no ano de 1970 e vem se dedicando ao instrumento há 15 anos. Começou seu aprendizado de viola com um repertório de folias, batuques, cantigas de roda entre outras. A música mineira, brasileira, cultura popular e composições próprias, fazem parte de seu repertório atual (Ornelas 2017). Em suas gravações, Joaci mescla instrumentos da cultura popular com instrumentos da música erudita.

**Figura 24** - Joaci Ornelas e Rolando Boldrin



Fonte: Foto da internet

O gosto pela cultura popular e cantigas de domínio público se reflete em algumas de suas composições, como *Alecrim cheiroso*, gravada em seu novo CD “No dizer do sertão” (2016). Nesta canção, Joaci toca viola e violão cantando com Daniela Lasalvia,

acompanhados por flautas, acordeon, violoncelo, baixo acústico e percussão. Conforme os trechos abaixo, a letra compara o *benzim* (o bem querer do coração) à flor do alecrim do campo:

*Alecrim de tão cheiroso ai ai / perfume mais delicado ai ai  
floresce em beira d'água ai ai / carregado de saudade ai ai [...]  
Meu benzim veloso / minha flor do campo / meu querer bem guardado  
Meu benzim veloso / minha flor do campo / meu alecrim dourado [...]*  
(Ornelas 2016).

Outro exemplo de composição sua ligada às tradições da cultura popular está na canção *Viola Brasileira*, gravada em seu CD “Andejo” (2006). Joaci Ornelas canta, toca violas caipiras, violão, caixa de folia e vozes, acompanhado de pandeiro, em ritmo de folia animada. Os trechos abaixo mostram a profissão do violeiro como lavrador e também como tocador de cantorias e folias:

*[...] Uma moda sertaneja / o cantador não fraqueja  
a mão que lavra peleja ofício de semear / viola vem na folia  
trazendo a estrela de guia / profissão de louvar  
[...] Viola que anuncia / a chegada de um novo dia / ponteio de cantoria  
viola de pontear / uma moda brasileira / cantando em terra estrangeira  
as coisas desse lugar* (Ornelas 2006).

Em seu CD “No dizer do sertão” (2016) o violeiro fala de um sertão semiárido, na linguagem que ele captou, “um sertão marcado por essa questão de clima, a geografia, e essa questão da religiosidade profunda, sabe?” Joaci vê o sertão meio árido, mesmo que chova de vez em quando, um sertão dos extremos, assim comenta: “que tem essa fé absurda de continuar a vida, mas o sofrimento ao extremo de seguir nessa mesma condição de vida, que nunca foi diferente” (Ornelas 2017).

A Viola Caipira tem uma função importante na resistência, na fé e na alegria do sertanejo. Joaci Ornelas em parceria com Wilson Dias transmite esses valores na música *Vasto Mundo* (Joaci Ornelas, Wilson Dias), uma das faixas de seu CD “No Dizer do Sertão:”

*[...] Da tristeza não faço conta / nas cordas de uma viola  
Alegria é minha conta / verso na feição da aurora  
[...] Desassombros dessa vida / uma reza de folia  
Meus olhos no firmamento / clara estrela luz do dia*  
(Ornelas; Wilson 2016).

Em *No dizer do sertão* (Joaci Ornelas, Luiz Salgado), faixa que recebe o mesmo nome do CD, percebe-se que a lida do dia a dia da vida do sertanejo tem no ponteio da viola o seu alento de calma:

*[...] A tarde cai no sertão de minha terra / o sol despede do cantar da passarada  
A vida segue o rumo que manda a sorte / no corte afiado no rasgo de enxada  
No fim da lida sertão é calmaria / ponteio de viola em noite enluarada [...]*  
(Ornelas; Salgado 2016).

Joaci Ornelas (2017) explica que procurou usar nesse CD o timbre do sertão, o timbre da viola, sendo que 90 % dos instrumentos são tocados nas folias e nos batuques do sertanejo. Conforme o violeiro, neste CD suas composições não abordam a temática ambiental do Cerrado, mas existe uma influência da vida no Cerrado, é uma influência de sentimento em todo o trabalho, “a relação com as pessoas que eu convivi no sertão, a própria folia que é a 1ª música, e a próxima instrumental, que uso violas, rabecas, tem um rabequeiro que é da folia lá do São Francisco, que é do povo de lá” (Ornelas 2017). A letra dessa folia, *Nobres Foliões* (Joaci Ornelas), é toda inspirada nas folias do São Francisco, explica Joaci.

A folia do Divino de Taboquinha da Tapera, São Francisco/MG é música incidental em *Nobres Foliões*, interpretada por Joaci Ornelas (violas, violão e voz), Pereira da Viola (voz e caixa de folia), Rubinho do Vale (voz), Fernando Guimarães (voz), acompanhados por Rodrigo Salvador e Zé de Domingos (rabecas), Cícero do acordeon (acordeon). Os versos abaixo ressaltam o poder que os foliões exercem em alegrar corações:

*Meus senhores e senhoras / alegrai seus corações  
É chegado os cantadores / esses nobres foliões  
É chegado os cantadores / alegrai seus corações  
[...]* (Ornelas 2016).

Joaci tem uma relação de preservação e aprendizagem com o meio ambiente, e admira a força regenerativa, a resistência e a beleza natural do Cerrado (Ornelas 2017). Esse violeiro sente a relação com o sertão, com a cultura do lugar e o sentimento de Cerrado: “o Cerrado é isso, é algo inexplicável, principalmente em Minas Gerais, de repente tá tudo morto, depois ele ressuscita, o Cerrado é algo vibrante, é algo que transmuta um monte de coisa” (Ornelas, 2016).

Apesar de não trabalhar diretamente com a causa ambiental, esse violeiro vem desenvolvendo projetos e ações para incentivar a prática das sabedorias populares (folias, danças populares, religiosidade) em comunidades rurais da bacia do rio São Francisco, região de predominância do Cerrado (Ornelas 2017). “Mas no campo da cultura popular de tradição, abordamos a viola, o meio ambiente, educação, saberes populares etc.,” explica Joaci. Ele exemplifica citando o documentário “Mestres da Viola” lançado em 2012 e o projeto “Ações

Socioculturais VivaViola” realizado nos anos de 2012, 2013 e 2014 em diversas comunidades rurais no estado de Minas Gerais (Ornelas 2017).

A primeira atividade realizada nessas ações é reunir e ouvir mulheres, homens e crianças para conhecê-los e em seguida conviver com a comunidade, esclarece Joaci (Ornelas 2017).

A realização de alguma ação envolve todos, e são os moradores da comunidade que apontam o que eles querem fazer, e qual a maneira. Nós, os idealizadores, propomos tópicos a serem debatidos, como meio de produção, trabalho, educação, saúde, meio-ambiente e claro, a vida cultural das comunidades (Ornelas 2017).

Joaci Ornelas, Pereira da Viola, Wilson Dias, Gustavo Guimarães, Chico Lobo e Bilora são os violeiros do Projeto Vivaviola, que tem participado dessas ações junto a outros violeiros convidados como Levi Ramiro, Josino Medina, Luiz Salgado. Também participam professores, pesquisadores, fotógrafos, escritores, pessoas da área da saúde e da política dentre outros. As reuniões sempre terminam em cantorias e manifestações da cultura tradicional local. Com relação à realização de atividades de preservação de nascentes e outras do tipo, Joaci Ornelas (2017) relata que apenas por falta de recursos financeiros as comunidades não conseguem realizar essas ações.

No final do dia inteiro de atividade, quase sempre acontece um giro de folia, arreunião de cantos, benditos, ladainhas etc... No final do dia, apresentação em palanque montado dos grupos de dança, principalmente o São Gonçalo, Lundus etc. e tocadores de violas, caixa e rabeça junto com artistas e violeiros que vem de fora. Não há uma ação prática de implantação de técnicas de plantio de horta, de preservação de nascentes ou abertura de poços, porque o projeto é feito quase sempre sem dinheiro. O que há de prático mesmo são a prosa, os debates, as vivências culturais e a alegria da convivência (Ornelas 2017).

Joaci informa que, em suas pesquisas de campo voltadas principalmente para as manifestações de cultura popular e da viola na região de Cerrado mineiro, os músicos continuam bem fiéis aos temas que eles cantam. Ao mesmo tempo eles sentem as transformações geográficas, ambientais e de costumes impostas no dia a dia para eles, mesmo que não transmitam isso imediatamente para as músicas, que pertencem a uma tradição cultural (Ornelas 2017). Além de sentirem a mudança de clima, a mudança de vegetação, muitas vezes se vêem obrigado de abdicar de plantar a sua sobrevivência, para plantar

principalmente eucalipto, devido ao retorno financeiro mais garantido, e pelas condições da terra, explica Joaci, afirmando também que essa prática condena a fertilidade do solo:

[...] a própria terra oferece essa condição mais para eucalipto do que qualquer outro tipo de coisa, porque, não chove o suficiente, então, embora eles não passem isso pra música, mas eles sentem isso no cotidiano. Nessas viagens que eu fiz deu pra ver isso, né, eu ia num lugar que poderia estar uma roça de milho, de feijão, uma coisa assim, tem plantação de eucalipto. Condena o lugar, né, onde há plantação de eucalipto, você não consegue plantar mais nada, passa 10 anos proê reativar a terra pra outro tipo de coisa [...] (Ornelas 2017).

Joaci acredita que a morte generalizada dos afluentes do rio São Francisco tem tudo a ver principalmente, com a mudança e a destruição da vegetação e do Cerrado (Ornelas 2017).

### 2.2.7 Sol Bueno

Cantora, compositora, pesquisadora da cultura popular, Sol Bueno nasceu em 1981 na cidade de Pitangui/MG, e reside atualmente em São Caetano da Moeda Velha – zona rural de Moeda/MG, cidade próxima à capital Belo Horizonte. Além de cantora, Sol Bueno toca Viola Caipira, Violão, Caixa de folia e Kalimba.<sup>114</sup> Atualmente é coordenadora regional e cogestora nacional do Projeto Dandô – Circuito de Música Dércio Marques.<sup>115</sup> Produziu o documentário “Mestres da Viola,” para o qual viajou com Joaci Ornelas realizando entrevistas e registros de tocadores de viola ao longo do Alto São Francisco.

Sol Bueno (2017) recorda da Folia de Reis em Pitangui na sua infância, de seu avô tocador, de seu pai afinando o violão para tocar como viola, dos vinis (LPs) de Renato Andrade, de Rolando Boldrin, e dos Programas da Inezita Barroso. “Todas são memórias que compõem esses primeiros momentos da viola,” comenta a cantora (Bueno 2017). Mesmo tocando viola há oito anos, esta artista não se considera uma instrumentista da viola, apesar de compor nesse instrumento e tocá-lo em suas *performances* e gravações. Quando começou a

<sup>114</sup> Por sua versatilidade, Sol Bueno foi selecionada pelo “Projeto Mulheres Criando,” iniciativa que reconhece o trabalho de cantoras/compositoras. Em 2016 participou do projeto “Elas,” que valoriza a criação autoral de compositoras mineiras. Participou de vários festivais, programas de tevê, gravação de vídeos e protagonizou apresentações coletivas de vídeo e filmes. Disponível em: <https://barulhodeagua.com/2017/05/18/954-sol-bueno-e-atracao-do-cine-teatro-brasil-para-lancamento-do-album-autoral-poeira-dancante/>. Acesso em: 20 de jul. 2017.

<sup>115</sup> Sol Bueno no Dandô. Publicado em 22 de mar. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3LNgSTEakzU>. Acesso em: 21 jul. 2017.



tocar viola, não buscou um repertório, se ateu a tocar, “sentir seu som, seus ponteiros, foi de ouvido, e ainda é. Através do ouvir, comecei a sentir que o som que tocava dentro de mim, conseguia sair pelos dedos nas composições” (Bueno 2017). O repertório que toca na viola é majoritariamente autoral, com o qual acaba de lançar seu primeiro CD, “Poeira Dançante” (2017).<sup>116</sup>

Sol Bueno reconhece a sonoridade da música da cultura popular de tradição em suas composições, “mas elas aparecem como releituras em uma linguagem contemporânea, que se permite mesclar gêneros” (Bueno 2017).

**Figura 25** – Cartaz Dandô: Sol Bueno



Fonte: Foto da internet

**Figura 26** - Sol Bueno tocando viola



Fonte: Foto da internet

Sol Bueno nasceu e cresceu em região de Cerrado, tendo a oportunidade de viver cotidianamente a infância e adolescência diretamente em contato com o mato. Para Sol, o meio ambiente, a natureza, faz parte dela mesma:

Considero que natureza é um conjunto de toda vida, forma de expressão da terra, e que somos natureza. Assim, o meio ambiente não é o que me circunda, mas sou eu em interação com tudo. Não há separação de mais valia de um ser em detrimento de outro. Parei de comer carne ao me dar conta disso (Bueno 2017).

<sup>116</sup> Para o show de lançamento do CD, Sol Bueno convidou os músicos: Gladson Braga (percussão), Letícia Leal (violões), Ricardo Rodrigues (violões) e Rodrigo Salvador (rabecas), e participações especiais de Sérgio Pererê, Meninas de Sinhá, Tambores de Luta, Erick Castanho, Marcelo Taynara, Ana F. e Lud Benquerer. A cantora afirma que: “O show será muito poético e sensorial. As pessoas serão convidadas a imagens poéticas, a cheiros como das ervas e seus chás.” Buzatti, Lucas. “Sol Bueno lança ‘Poeira Dançante’.” *Jornal Hoje em Dia*. Quinta-feira, 20 de julho de 2017. Disponível em: <http://hojeemdia.com.br/almanaque/sol-bueno-lan%C3%A7a-poeira-dan%C3%A7ante-1.468200>. Acesso em: 20 de jul. 2017.

A artista conta que viveu dez anos em Belo Horizonte, e há um ano decidiu voltar a morar no mato, onde se sente mais viva e inteira, em um ambiente rural, comungando com a natureza e a paisagem sonora local:

[...] em uma comunidade com seis casas, convivo cotidianamente com o barulho da cachoeira ao fundo de casa, a serra da moeda em frente, as vacas e cavalos no pasto dos lados da casa, as árvores e sua cria nos ciclos dos dias, as pessoas nas suas produções, as aves, cantos, o canto da seriema pela manhã (Bueno 2017).

Contemplar os ciclos de vida do Cerrado é o que encanta Sol Bueno, que busca escutar e aprender com o Cerrado e especialmente com o poder curativo das plantas nativas:

E eu sinto amor mesmo. Cada florzinha, cada benção, bichinho que voa, a cor do céu, as estrelas, os frutos. Tenho um afeto especial pelas plantas e suas propriedades curativas. Tenciono ser curandeira, mesmo que de mim a priori, e gosto de aprender isso. Assim... no Cerrado eu mais escuto, ouço, e aprendo. É isso que observo: um lugar de contemplar, escutar e aprender. Todos os dias (Bueno 2017).

A exploração e degradação são também observadas por Sol Bueno, pois conta ela que bem perto de onde mora existe muitas mineradoras, bem como “a fábrica da Coca-Cola que tira água sem dó da terra. São 14 poços artesianos que diariamente sacam a água de quem mora ali. Já existem comunidades sem água, que secou, e há previsão de que a de onde moro também seja afetada” (Bueno 2017). A monocultura do eucalipto avançando pelas terras e o uso irrestrito de agrotóxicos também a preocupam. A luta ecológica se deparando com interesses econômicos é dilema colocado por Sol: “Observo nós, povo se organizando e tentando resistir, mas infelizmente também observo o poder público e organizações, que eram pra se prezar éticas, se vender para multinacionais, o dinheiro, o capital” (Bueno 2017).

Em seu CD, “Poeira Dançante,” as composições penetram em uma paisagem visual e sonora do Cerrado. Imagens do Cerrado são mostradas no vídeo-clip de lançamento do CD.<sup>117</sup> A cantora faz uso de papel reciclado no encarte do CD que se apresenta ilustrado com desenhos e pinturas do cotidiano e plantas no Cerrado. Assim sintetiza Sol sobre esse

<sup>117</sup> Vídeo clip - lançamento do CD Poeira Dançante - Sol Bueno. Publicado em 8 de mai. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3VaaSimmfKM>. Acesso em: 21 jul. 2017

trabalho: “São treze composições das quais oito são coloridas pela viola, sendo algumas tecidas unicamente ao som da voz e da viola. Minha atuação tem sido em levar essa música, que canta o Cerrado, e muito dela expressa na viola” (Bueno 2017).

Sol Bueno (2017) explica que o CD está organizado em dois ciclos e quatro estações, fazendo o ciclo de tempos de seca e de chuva. Abre no inverno, com *Floração Cerradeira*, passa por *Canto leve*, falando do sair do casulo, passeia pela primavera, conta de um verão com flores de pequi, muita chuva com *Águas Batuqueiras* e *É de coco*, e se encerra no outono, com *Cantiga do Moinho*, que canta o outono. O trabalho faz menção a vários ritmos e sonoridades como folia, batuque, congado, moda de viola, mas não se pretende tradicional, “nem tem intenção de reproduzir tal qual ouvi e aprendi do original. Se permite moldável, flexível, dançante, fluido. Mas com tudo lá” (Bueno 2017).

Na primeira faixa, *Floração Cerradeira*,<sup>118</sup> Sol cita nomes de plantas e flores do Cerrado, lembrando a extensa floração que desenvolve no período do inverno. Assim descreve a autora: “A letra cita plantas como sucupira preta, bolsa de pastor, coroa, gravatá, quaresmeira, pequi, lobeira, mimosa, algodão do campo, ipê (também citado como “amarela cor dos dias” uma menção honrosa a também Dércio Marques e seus Segredos Vegetais).” A letra também faz menção a Guimarães Rosa, poeta que caminhou pelos cerrados mineiros. É uma visão poética das estações, e abre o CD, que “pela cor e floração, tempo de dançar poeira, situa-se no inverno do Cerrado, período em que também, eu nasci: agosto” (Bueno 2017). “Minha inspiração inicial veio em uma viagem a serra da moeda, na época da floração de inverno, e da paisagem toda roxinha, linda... aquilo me tocou profundamente” (Bueno 2017). Nessa composição, Sol Bueno canta e toca viola caipira, acompanhada de rabecas e rabecão, sons de grilos na madrugada, em ritmo livre e lento:<sup>119</sup>

*É de amor... roxinha... / Te olhar no mato*  
*Sucupira preta / Te achar sagrado relicário*  
*Bolsa de pastor... / Meu cerrado seco...*  
*Vermelha no céu o ar / Suberino véu guarda*  
*Fogo que indendeia vaga / Céu tão estrelado... Óia...*  
*Vai chover? / Campo limpo...*  
*Olhos d'água, vem me enveredar / Coroa, meu gravatá*  
*Fulô de pequi, flor do campo vi / Quando fulora meu tempo de rir*  
*Colore o ipê, meu campo cerrado / Algodão do campo... Alui*

<sup>118</sup> *Floração Cerradeira*. Sol Bueno e viola. Publicado em 22 de mar de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iBFImonIDfw>. Acesso em: 21 jul. 2017.

<sup>119</sup> Gravação com arranjos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ao5OLPSEvAw>. Acesso em: 21 jul. 2017.

*Amarela cor dos dias / Fulô de lobeira  
Também é mimosa pra arapuá / Tempo de sertão, tão rosa  
De dançar poeira / Óia quaresmeira... / também vai florá...*  
(Bueno 2017).

Aprofundando no tema, quando analisa essa sua composição, Sol Bueno menciona detalhes de seu conhecimento sobre o bioma Cerrado:

O Cerrado seco e o vermelho do tempo do inverno, e o céu estrelado, e também faz alusão às queimadas que ocorrem nesse período, ressaltando a suberina (“Suberino véu guarda”) substância presente na cortiça de algumas árvores, que as protegem das queimadas. A frase “vai chover” entra muito mais no imaginário de quem quer puxar uma conversa, mas a interrogação fala da dúvida das águas também, pois é um período de maior seca. A música cita um tipo específico de bioma do Cerrado, o campo limpo, vegetação típica de uma das áreas onde a compositora viveu a infância, mas cita também campo cerrado. A música lembra os olhos d’água presentes no bioma, riquíssimo em recursos hídricos (Bueno 2017).

Em *Ladainha do viver*, como uma prece, a música é um pedido pela chuva no Cerrado. “Os sons ao final são várias preces, lamentos, um requisito da chuva como imperante esperado por quem semeia a terra e dela vive. A inspiração dessa música foi a ladainha da vida, o lidar, a dureza, a mão rachada. A necessidade de chuva” (Bueno 2017), assim como mostra o trecho da canção: [...] *Mil violas em segredo / Toda romaria vai / Pelo riso noite e dia / Ladainha do viver / Essa fé / Que na próxima colheita / Muita chuva há de ter* [...] (Bueno, 2017). Nessa canção, Sol Bueno diz se lembrar de seu avô, um criativo cantador e tocador. Tocando viola, Sol Bueno canta com o violeiro Erick Castanho (voz) e Rodrigo Salvador (rabeça e rabeção).

A fala de Dona Bela, matriarca e rainha da Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário e São João Batista, abre a canção *Tribuzana* (Bueno 2017): “*e era a minha mãe que tirava os terços, ela que era rezadeira, ela tocava folia, ela tocava viola, eu não sei tocar nada. Eu sei, eu bato patangonga, né?*” Depois da fala, Sol Bueno entra tocando patangomes (instrumento percussivo usado no congado e reisado),<sup>120</sup> cantando com Marcelo Taynara,<sup>121</sup>

<sup>120</sup> Típico de Minas Gerais, o Patangome “é composto por uma caixa fechada, que contém contas soltas. Ao ser agitada, as contas se chocam entre si e contra as paredes da caixa, produzindo um ruído de chocalho.” Disponível em: <https://www.onjoangoma.com/patangome>. Acesso em: 20 jul. 2017.

<sup>121</sup> Integrante do projeto “Dandô – Circuito de Música Dércio Marques,” Marcelo Taynara, compositor, arranjador e instrumentista autodidata de Uberaba/MG, mostra em seu trabalho elementos de sua descendência negra e indígena, e influência do congado, trazendo também uma marca peculiar em suas *performances*, efeitos vocais de: pássaros, cachoeiras, sons da natureza e percussão (Corrêa, J. B. 2016).

uma canção, que nas palavras da autora, “traz a mística da força, da coragem, e a continuidade do pedido pela chuva” (Bueno 2017). Falas de Dona Bela aparecem entre as estrofes, e Sol toca caixa de folia, dando maior ritmo e movimento à canção.

Sol Bueno (2017) destaca, no início da fala de Dona Bela, a informação de mulheres tocando viola em tempos passados: “... faz a lindura de citar historicamente que sua mãe, que viveu nos idos de 1890, tocava viola, dando um lugar de existência de idos tempos já haver a presença de mulheres tocando viola” (Bueno 2017). Bueno (2017) conta que ela e sua minha família, vivenciaram vários períodos de necessidade e também falta de água, então, o pedir água se tornava vital. Menciona Sol, que Dona Bela é um exemplo nesse sentido, pois ela se relacionava com os ciclos da natureza fazendo a chuva cair por meio da sua fé.

O ciclo de pedir água é vital, é sagrado, é necessário. Água é sinônimo de fartura, abundância, riqueza, plantação crescendo. A história contada por Dona Bela conta da fé se relacionando com os ciclos da natureza, e dela reconhecida por movê-la, como ao chegar no alto do cruzeiro, a chuva cair. O verão vem chegando. Tempo molhado, das águas. Anuncia-se (Bueno 2017).

Para compor *Águas Batuqueiras*, Sol Bueno se inspirou no sentimento do sagrado da água, nas águas de sua infância, o rio Sanhudo, e também a água do filtro, a água da chuva, a água do subsolo, a água que mantém o Cerrado e seus povos moradores (Bueno 2017). Assim analisa a compositora:

A letra fala das várias formas das águas no Cerrado: nascente, poço, ribeirão, riacho, e cita rios e riachinhos, como Sanhudo, Paraopeba. Fala das enchentes, mas também de cada gota de água contar pra fartura dos leitões dos rios. Nenhuma mina d’água pode ser minimizada em seu gotejar. Com elas dançam e vivem as veredas, e também os povos moradores do Cerrado, lavadeiras, plantadores, vaqueiros, cantadoras, congadeiras, foliões, todos vivendo e circulando com o giro das águas. A música cita o grande aquífero guarani, berço das águas do Cerrado, e traz um trecho em Mejin Krahô, língua também falada e viva no Cerrado (Bueno 2017).

Sol Bueno canta *Águas Batuqueiras* ao som de água de rio, toca kalimba em ritmo livre e lento e ao final da música canta na língua indígena Krahô:

*Águas se nascente, água de poço / Ribeirão riacho  
Me acho nas águas de Opará / Águas Paraopebas, águas de sanhudo [...]  
Pela mãe da água, tudo renasce / Lavadeira canta, plantador faz sonho*

*Aboio é mais lindo, o vaqueiro chora / Cantadora versa, congadeira dança  
 Folião faz giro, no giro das águas / Os tambores falam, as gungas passeiam  
 Pequizeiro flora, murici se molha / Articum faz mesa, toda natureza [...]  
 Canta nele alma... / Côtati (Água grande)  
 Côtati cõtati cõtati jakryre (Água grande, água friinha)  
 Wa há mō txa (eu vou banhar)  
 Amjikin (modo de amar-se comunitariamente)  
 Impej (bom, bonito) (Bueno 2017).*

Sol Bueno conta que chorando fez a música *Ó Deus Salve meu Cerrado*. Em ocasião de estar retornando de sua terra natal, Pitangui, e ver, dos dois lados da estrada, onde antes havia muitos pequizais, os terrenos estão limpos, e todos plantados com eucaliptos. Extensões e extensões de terra, todas destruídas (Bueno 2017).<sup>122</sup>

**Figura 27** - Onde era Cerrado



Fonte: Foto de Sol Bueno

Nessa canção, Sol Bueno canta e toca viola solando e ponteando com outra violeira mineira, Letícia Leal, que faz a base na viola, acompanhadas por violão, rabecas e percussão (Bueno 2017):

*Ó Deus salve meu Cerrado / Salve o pau de atiradeira  
 Ó Deus salve o oratório queimado  
 Salve a santa padroeira  
 Salve a folia em andança / Salve a caixa repicada  
 Salve o santo da bandeira / Que dança*

<sup>122</sup> Algumas imagens estão postadas em seu perfil do Facebook “Onde era cerrado.” Disponível em: [https://www.facebook.com/solbuenomundica/media\\_set?set=a.253587974670529.81578.100000579868486&type=3](https://www.facebook.com/solbuenomundica/media_set?set=a.253587974670529.81578.100000579868486&type=3). Acesso em: 01 ago. 2017.

*Salve a terra incendiada*

*Ó Mãe salve os povoados / Rosário de Ouricuri  
Salve a fé dos santos / Tortos retorcidos  
Auréola cor de pequi  
Ó Mãe salve a terra santa / Salve as ervas feiticeiras  
Ó Mãe guarde do quebranto / As plantas  
Ó Mãe salve a curandeira*

*Ó Deus salve água corrente / Ó Deus salve a cabeceira  
Ó Deus guarde ao vindouro nascente  
As eiras e beiras dos rios  
Ó Deus salve as congadas / Pelo chão tão maculado  
Ó Deus salve a família do Cerrado / Guarda aos mestres o cajado  
Santo ofício labutado / A quem foi em todo canto / Violado!*

*O ingá e a imbirá / Cajuí e sucupira  
Bem te vi aqui / Coral cascavel  
Siriema e guará / Bem te vi lá  
A bacaba, buriti / O ipê, bacupari  
Pjê, pur aqui / Murici, jatobá  
Bate caixa dormideira / Curupira lá...*

*Salve o cabo da enxada / Sonho e suor derramado  
Salve palavra Roseana / Nessa terra revelada  
Tanto mastro sem bandeira / Por cima do descampado  
Ó Deus mãe da terra inteira / Faz viver... / Esse Cerrado  
\*Pje, pur: Terra, plantação em Meji-Krahô, povos indígenas moradores  
da região do Cerrado (Bueno 2017).*

A artista busca transmitir nesta canção, a importância da necessidade ecológica e cultural de manter o Cerrado vivo. Sol Bueno relata o tema em detalhes:

A música traz na viola o movimento de pedido de socorro para o Cerrado. Faz menção à música “Ó Deus Salve o Oratório,” canto da tradição popular. Nele plantas, bichos, pessoas, pedem socorro e mostram sua resistência. Pau de atiradeira, oratório, santa padroeira, folia, caixa repicada, bandeira, rosário de Ouricuri, só existem pela vida do meio em que as pessoas que produzem essa cultura vivem. Ao matar uma árvore, ou um bioma, morre também ali parte de tudo que se cria de cultura junto, tudo que depende desse bioma. Uma curandeira perde a referência de plantas que poderia ter. Um artesão talvez não possa ensinar um aprendiz se não tiver a matéria prima de forma sustentável existindo. Quando canto “tanto mastro sem bandeira por cima do descampado” faço menção à monocultura do eucalipto, que a despeito das tão lindas bandeiras levantadas nas quermesses, parecem mastros vazios, matando o Cerrado. A música é um pedido de sobrevivência do Cerrado (Bueno 2017).

Na canção *Estação*, Sol Bueno canta e toca a viola calmamente, em ritmo livre arpejando, acompanhada de rabeca e rabecão, transmitindo uma mensagem inspirada na relação que sempre teve com seu pai e com o pequi. “A viola tece a delicadeza das flores de pequi, depois os frutos, nas mãos de um pai. Fiz essa música depois de ir colher pequi com meu pai, ritual que preservo todos os anos, desde a infância” (Bueno 2017). Sol compara na canção, o amor ao pé de pequi: [...] *O amor nasce sozinho / No duro acolher do chão / Feito fruto em pequizeiro / Se prepara o tempo inteiro / E em mãos de muito zelo / É sustento é alento [...]*. A forma como seu pai compartilhava a produção do pé de pequi despertou em Sol o sentimento de amor integrado à natureza:

Depois de adulta observei em como depois de colher, meu pai sempre dava tudo e ficava com nada. Isso me deu um profundo sentimento de percepção do amor, integrado com a natureza: como um pé de pequi, pode florir, crescer, ser fruto e se doar inteiro pra outra criação. Torna-se sagrado. Tenho íntima relação com o pequi. Ele me lembra e me desperta o amor infinito, tanto pelas relações humanas vividas ao redor dele, como dele mesmo, imponente no Cerrado, dourado cor de ouro, alimento rico, joia. Amor (Bueno 2017).

Viola, berimbau, violão, percussão, voz, coro, animam a canção *É de coco*, que, nas palavras de Sol, fala do: “caminhar pelo cerrado, nos olhos de uma menina que brinca: serra abaixo, serra acima, viu os olhos da menina” (Bueno 2017). E assim, caminhando pelo Cerrado, a autora se deparou com um local onde “havia” uma cachoeira, e assim a música nasce: “... ao ir visitar um riacho, comendo várias frutas nativas e cantando pelo caminho, ao chegar no lugar da cachoeira, descobrir que ela não estava mais lá, porque alguém havia represado a água em terreno anterior, e mudado o ciclo de água. A cachoeira secou” (Bueno, 2017). É o que mostra os trechos dessa canção: [...] *Lá na pedra grotá d’água / Água n’um quis se jogar / Tá sumindo cachoeira / Lá pras bandas da pixana / Dói de ver o rio seco / Na secura do sertão [...]*.

Em ritmo africano, sons de atabaque, ganzá e chocalhos, a canção *Ori* passa a mensagem da cura pelas plantas, saudando as curandeiras do Cerrado. Assim explica Sol Bueno:

Ori é espaço sagrado, altar da cabeça, lugar de íntima relação e interligação do corpo com o sagrado, o invisível. A letra faz menção às curandeiras e



benzedoras, nossas mamainhas, que na ponta da linha, com muita sabença e sabedoria curam e tratam de um o tudo. A inspiração foi muitas das curandeiras e plantas de cura, uma vontade de saudar todas elas, todas moradoras do Cerrado, como Dona Flor do Moinho, Dona Chica, Dona Irene, minha mãe Ângela, minha vizinha Celina (Bueno 2017).

Sol Bueno conta que, sentada ao lado de uma paineira florida, com as flores dessa árvore caindo ao lado, se sentiu inspirada e pensou sobre os ciclos da vida, sobre renovação, e a partir daí surgiu a *Cantiga do Moinho*. Essa canção que fecha seu CD é explicada por ela com as palavras: “é tempo do que se mói para outro tempo, do que cai para renascer, do que parte para ressurgir de outra forma. É o Cerrado renascendo, e se renovando para voltar em sua floração Cerradeira, seu inverno, que a rigor, trará novamente a flor” (Bueno 2017).

### 2.2.8 Nádía Campos

Cantora, compositora, pesquisadora e arte educadora, Nádía Moreira Campos nasceu em 1986, na cidade de Belo Horizonte /MG, e atualmente reside em Caldas/MG.

Começou a cantar em palco com seis anos de idade. Aos nove anos cantou no disco infantil “Enrola Bola” do músico mineiro Rubinho do Vale. Participou também nos CDs: “Andejo” (Joaci Ornelas); “Cantilenas de Jardim” (Fernando Guimarães); “Umamakaia - espírito do vento” (Sotero Sol); “Cavaleiro Macunaíma” (João Bá); “O Jardim de Todos” (coletânea), poemas musicados de Carlos Rodrigues Brandão. Nádía Campos já dividiu o palco com músicos como Dércio Marques, Doroty Marques, João Bá, Katya Teixeira, Pereira da Viola, João Arruda, Levi Ramiro, Joaci Ornelas, Fernando Guimarães, Pena Branca, dentre outros.<sup>123</sup>

Nádía Campos conheceu a viola na infância pelas mãos de violeiros tanto no contexto urbano, como também no rural. O violão a acompanha desde o início da carreira e a viola vem sendo tocada mais recentemente. A música de raiz é o estilo que gosta de compor (Campos 2017), e em suas *performances* executa, além da voz, instrumentos de cordas e percussão. “O amor pelas coisas simples lhe conduziu pelas raízes brasileiras e latinas. Percorreu diversos rincões pesquisando ritmos, cantos e tradições.”<sup>124</sup> Se sentir parte do todo e se relacionar da

<sup>123</sup> Disponível em: <http://nadiacampos.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2017.

<sup>124</sup> Ibid.

melhor maneira com esse todo, é a forma como esta artista comunga com a natureza (Campos 2017).

**Figura 28** - Nádía Campos



Fonte: Foto da internet

**Figura 29** - Nádía Campos na Cachoeira



Fonte: Foto da internet

Seu primeiro disco “Por que Cantamos” (2008) contém canções autorais e releituras populares tradicionais de folia, danças de trabalho e tonada chilena. O CD foi inspirado no poema do uruguaio Mario Benedetti e teve participação de Dércio Marques (arranjos, viola, violão, voz), Chico Moreira (arranjos, viola, voz) e Poli Brandani (violão e voz).<sup>125</sup> Nesse trabalho estão presentes composições como: *Folia de Peregrinação* (Nádía Campos); *No Mês de Agosto, Lá No Cerrado* (Nádía Campos e Carlos Rodrigues Brandão); *Lua Flor* (Nádía Campos e Carlos Rodrigues Brandão); *Por Que Cantamos* (Nádía Campos, Felipe Arellano, Dércio Marques e Mário Benedetti), dentre outras (Campos 2008).<sup>126</sup>

Seu segundo trabalho, realizado em homenagem a Dércio Marques, “Cantigas de Beira Rio” (2013), tem o repertório todo gravado com temática ligada à natureza, em ritmos tradicionais brasileiros e uma cueca chilena.<sup>127</sup> As palavras de Brandão (2013), apresentando o CD, ressaltam a interligação dessa compositora com a natureza:

Cantigas De Beira Rio é um CD que nos convida a viajar entre rios, beiras de rios e vidas de beira rio. A ternura com que Nádía canta, tirando do fundo

<sup>125</sup> Disponível em: <http://nadiacampos.com.br/discografia/>. Acesso em: 30 jul. 2017.

<sup>126</sup> Também constam nesse CD: *La Jardinera* (Violeta Parra); *Muerte Sin Fin* (Dércio Marques e Jose Gorostiza); *Santa Flor* (Fernando Guimarães, Thanizia Colares e Carlos Assunção); *Ser Criança* (Darlan Marques); *Dança do Cabôco/Dança de Engenho* (Domínio Público, recolhido na Lapinha da Serra/MG) (Campos 2008).

<sup>127</sup> Cueca é o nome do ritmo nacional do Chile, mas que também pode ser encontrado na Argentina, Colômbia, Bolívia e Peru. Disponível em: <http://culturaespanhola.com.br/blog/dancea-cueca-chilena/>. Acesso em: 01 jul 2017.

de seu corpo de mulher-menina um musicar cristalino. Cristalino e fluente tal como a água clara de alguns rios quando ainda são riachos. Rosa dos Ventos, inverno de 1013, Carlos Brandão (Brandão 2013).

Os arranjos são do violeiro Levi Ramiro, Fernando Guimarães e Poli Brandani, com participações também de outros músicos e violeiros como João Arruda (voz), Joaci Ornelas (viola), Pereira da Viola (voz), Bilora (caixa de folia), João Bá (voz), Cláudio da Rabeca (Rabeca), Vicente Junior (acordeon), dentre outros instrumentos como flauta, percussão, piano, violão, quena<sup>128</sup> (Campos 2013). A maior parte das músicas aborda a temática da água (rios, mares), como: *Abrolhos* (João Bá); *Lavadeiras do Jequitinhonha* (João Bá, Nádía Campos, Joaquim Celso Freire); *Constelação de Manaus* (João Bá, Nádía Campos, Fernando Guimarães); *Miren Cómo Corre El Agua* (Folclore chileno registrado por Violeta Parra); *Cantiga do Paraibuna* (Eduardo Rennó, Daniel Almeida); *Caminho das Águas* (Josino Medina, Frei Chico); *Passariquinha* (Domínio Público) (Campos 2013).

João Bá é seu parceiro em várias das composições no CD. Em uma delas, *Borda da Mata*, com arranjo de forró, Nádía toca violão e percussão em ritmos indígenas, cantando com João Bá, acompanhados por Poli Brandani na viola. A canção fala da importância do pequi, um fruto nativo do Cerrado, bastante prestigiado no interior do Brasil, principalmente pelo seu valor nutricional, e muito louvado pelos povos indígenas do Xingu/MT, que festejam a colheita desse fruto em vários dias de festa.<sup>129</sup>

*Na colheita do pequi / cajarana, buriti  
urucum borda da mata / na louvação do Xingu*

*A tribo decora o corpo da seleção do amor  
o pequi não guarda espinho / como manda o beija-flor*

*a cotia rói pequi / amarelo como ouro  
e planta o que para as moças / um dia vai ser tesouro* (Campos; Bá 2013).

<sup>128</sup> Também chamada de kena, é uma flauta primitiva de origem dos índios peruanos e mexicanos, confeccionada principalmente de bambu ou madeira.

<sup>129</sup> Os povos do Xingu todo ano realizam a famosa “Festa do Pequi,” com cantos e danças que duram mais de uma semana. “O Pequi dos índios do Xingu é uma fruta tradicional muito importante na sua alimentação cotidiana. Ao longo de séculos as variedades desta árvore foram melhoradas pelo manejo indígena para diversos usos, obtendo oito diferentes variedades, incluindo o desenvolvimento de uma sem espinho. A colheita do pequi é motivo de muita festa e alegria, sendo elemento fundamental para a vida xinguana. O óleo do pequi é indicado para utilização culinária, cosmética e medicinal.” Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-monitoramento/pequi-dos-indios-do-xingu>. Acesso em: 01 ago. 2017.

Nádia explica a letra desta música, contando que existem muitas relações dos povos do Xingu com o Pequi, uma delas é a observação que quando a flor do pequi é polinizada pelo beija flor, o pequi não nasce com espinho: “existe uma lenda relacionada ao pequi e a cotia, ela roí e planta o pequi, e cada moça na aldeia, depois que se casa, tem direito a colher sempre de um pé, por isso o paralelo com o ouro, o dote da mulher” (Campos 2017).

Na composição *Pirapora do São Francisco* (Nádia Campos, João Bá, Joaci Ornelas), em ritmo de forró, com arranjo do violeiro Levi Ramiro, acompanhados de violão, percussão e acordeon, Nádia Campos e João Bá cantam em defesa do rio São Francisco:

*Pirapora comemora / o dia dos namorados  
Santo Antônio, São Benedito / festa do povo do Cerrado  
Artistas e pescadores / professores, madrigais  
São Francisco é o padrinho dos nossos mananciais*

*O meu canto é franciscano, deixa o meu rio correr  
cantigas de ribeirinhos, deixa o meu rio passar  
O sol se põe no horizonte / troveja no céu do Cerrado  
somos pataxós, tapuias na ciranda e nos bordados  
a brisa é armorial, no quintal da lua cheia / e vem a dança do povo  
louvando nossa sereia (Campos; Bá; Ornelas 2013).*

As paisagem e cidades do Vale do Jequitinhonha/MG são mostradas em *Gerais (Turmalina do Jequitinhonha)* (João Bá, Lone Seiva). Acompanhada de Poli Brandani na viola e Vicente Júnior na rabeca, Nádia canta tocando violão:

*Vou levantando poeira / lá na Serra do Cipó  
vi caraíva e Cerrado / buriti, pequi, timbó  
Colina Grande, Riacho / Gouveia, Serro e Salinas  
sou vaqueiro e sua sina / ei minas de Montes Claros*

*No clarear deste amor / em Belo Horizonte / mangabeira e namorar  
vem Jequitinhonha / Rio das Velhas vai pro mar  
Um dia em Diamantina / uma tarde em Pedra Azul  
Cristal, quintal das estrelas / lá no cruzeiro do sul  
constelação brasileira / uma esperança mineira / no céu que cobre os gerais*

*Por detrás da serraria / a lua nasce bonita / um momento em Carbonita  
uma noite em Turmalina / uma canção pras meninas  
vem saciar minha sede / coração de pedra verde  
me ensina os caminhos do vale (Bá; Lone 2013).*

Em *Flores do Vale* (João Bá, Dércio Marques), com arranjo de Levi Ramiro, que também toca violão e viola, Nádia Campos canta e toca percussão, transmitindo uma mensagem sobre a pureza natural de vida no interior:

*Cachoeira zoa no quebrar da barra / saracura canta na beira do rio  
a coruja dorme lá no pé da serra / patativa brinca com o pendão do milho*

*Borboleta / branca nas flores do vale / pende o pensamento pro lado do amor  
gotas de orvalho / na teia de aranha / brilham na lembrança do interior.*

Comentando sobre a vida no sertão do Cerrado, Nádía Campos (2017) diz que quando vai a esses lugares onde o meio ambiente natural ainda está preservado, ela observa que as pessoas desse lugar refletem isso na sua cultura, na sua forma de agir, de pensar e no seu modo de viver.

[...] é essencial esse contato que eu tive com essas pessoas, são pessoas que passam uma mensagem através das danças tradicionais, das conversas, das benzeções, uma verdade, uma pureza, e eu acredito que é a relação que elas têm com ambiente em que elas vivem, e o ambiente é também reflexo das culturas das pessoas, então eu acho que tá tudo ligado (Campos 2017).

Para Nádía Campos, a música que ela transmite é a vontade de estar integrada com tudo, “quando o ser humano tiver realmente integrado com essa cultura, é que aí o meio vai se transformar. O homem transformando o meio e o meio nos transformando” (Campos 2017). Nádía acredita que a cultura é a coisa mais importante de nossa vida, assim como essa consciência de fazer parte, de querer ver as coisas equilibradas, pois nós somos parte da natureza, “quando a gente tá destruindo a natureza, a gente tá se destruindo” (Campos 2017).

Para Nádía Campos, o Cerrado é em suas palavras “um bioma belíssimo ameaçado à desertificação,” e com esse pensamento ela busca reverenciá-lo na poética das canções que compõe e que interpreta. Nádía já desenvolveu trabalhos musicais voltados para conscientização ambiental em projetos no Cerrado, como por exemplo, na Lapinha da Serra em Santana do Riacho/MG, pelo Centro Cultural Ambiente Vivo (Campos 2017). Em 2014, Nádía acompanhada de crianças, adolescentes e adultos, preparou a opereta “Caminho das Águas” na Associação Cultural e Educacional de Igarapé/MG.<sup>130</sup> Em seu site, Nádía explica um pouco deste trabalho educativo que engloba a cultura popular e o meio ambiente, em busca de soluções para o nosso planeta:

Como arte educadora realiza oficinas de educação artística e ambiental e atua comunitariamente desde os 18 anos de idade. Os projetos que

<sup>130</sup> Disponível em: <http://nadiacampos.com.br/arte-educacao/>. Acesso em: 01 ago. 2017.

desenvolveu com educadores, crianças e jovens tratam de trazer a tona o imaginário lúdico, utilizando um repertório do cancionário popular brasileiro com ritmos e manifestações típicas de nosso país e continente. Muitos deles geraram apresentações que trazem sempre a temática ambiental e social, e refletem sobre a busca de soluções para melhorar as relações na comunidade e a do ser humano com o Planeta Terra.<sup>131</sup>

Nádia também coordenou o Projeto “Arte dos Elementos da Natureza” para crianças da educação infantil do Município de Caldas/MG. “Mensagem das Águas” foi o nome da oficina que Nádia ministrou durante a Conferência Internacional do Meio Ambiente, em Luziânia, dentre várias outras oficinas em outros locais.<sup>132</sup>

### 2.2.9 Erick Castanho

O violeiro, compositor, arranjador e produtor musical Erick Castanho nasceu em 1985, na cidade de Ituiutaba/MG, e atualmente reside em Uberlândia. Essas duas cidades estão situadas no Triângulo Mineiro, região de Cerrado, no Brasil central.

Erick Castanho conheceu a viola em sua casa, através de seu pai que tocava viola quando ele era criança. Começou a tocar viola aos 16 anos de idade, mas só foi se desenvolver melhor com 28 anos, conta esse violeiro: “As primeiras músicas que aprendi na viola foram do Almir Sater, e por muito tempo adaptei clássicos do rock na viola, mas atualmente tenho tocado mais composições próprias, músicas de amigos compositores e coisas de domínio público” (Castanho 2017). Erick explica que suas composições seguem um estilo étnico que abarca influências de músicas folclóricas brasileiras, europeias, andinas e africanas. Atualmente seu trabalho é centrado na música brasileira e regional mineira, em parceria com os projetos “Vozes no Vento” e “Raízes das Gerais,” em uma diversidade de estilos e trabalhos percussivos, formando uma identidade musical inovadora.<sup>133</sup>

Um dos projetos que desenvolveu foi “Cantoria de Abraçar,” levando à Uberlândia artistas de vários estados do Brasil. Erick Castanho é um dos representantes e articuladores do projeto “Dandô - Circuito de Música Dércio Marques.”<sup>134</sup>

---

<sup>131</sup> Ibid.

<sup>132</sup> Ibid.

<sup>133</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/erickcastanhoelemental/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/erickcastanhoelemental/about/?ref=page_internal). Acesso em: 02 ago. 2017.

<sup>134</sup> Disponível em: <http://www.erickcastanho.com.br/p/midia.html>. Acesso em: 01 ago. 2017.

**Figura 30** – Cartaz Dandô: Érick Castanho com viola de cabaça



Fonte: Foto da internet

O seu primeiro CD, “Elemental” foi lançado em 2015,<sup>135</sup> aborda vários temas ligados à natureza e aos povos indígenas. Sobre essa ligação, assim relata o músico:

Desde o título do CD “Elemental” (água, terra, fogo, vento), até mesmo nas referências percussivas e de arranjo (indígenas). A mata, frutas, animais, são temáticas presentes nas letras e sonoridades deste disco também, e são de certa forma, transpostas para o palco nas apresentações que faço (Castanho 2017).

Participam deste CD, mais de 30 músicos e artistas, dentre eles Katya Teixeira, Luiz Salgado, João Bá, João Arruda, Daniela Borela, André Salomão, Adele Aud, e Pedro Antônio, formando um mutirão de cantoria com intuito de espalhar experiências culturais.<sup>136</sup>

A música *Orquestra Natural* (Erick Castanho, Aldo França, Sérgio C. Jr.) inicia o CD Elemental:

*Saio pela estrada /Ao raiar de um lindo dia  
Ponteando a viola / E tocando uma melodia  
As cigarras me acompanham /A natureza é um encanto  
Seriema em contraponto / Bem-te-vi entra no meio*

<sup>135</sup> Disponível em: <http://www.erickcastanho.com.br/2015/12/lancamento-do-cd-elemental.html>. Acesso em: 01 ago. 2017.

<sup>136</sup> Disponível em: <https://barulhodeagua.com/2015/12/21/770-erick-castanho-mg-lanca-elemental-primeiro-disco-da-carreira-no-teatro-rondon-pacheco-em-uberlandia/#more-7188>. Acesso em: 01 ago. 2017.

*O sabiá no contracanto / A viola eu ponteio  
Que beleza é toda mata / Em seresta! [...]*  
(Castanho; França; Cardoso Jr. 2015).

A canção vai mostrando um dia no campo, com chuva, relâmpagos, que passam e depois o som dos sapos na lagoa, a festa dos grilos no clarão da lua cheia, a natureza em harmonia faz a mata em seresta embalando seu sono pra recomeçar o dia seguinte. Erick canta e toca viola e violões, acompanhado por vozes, acordeon, caixa, alfaia, moringa, triângulo e baixo. A música inicia lentamente e vai tomando ritmo animado, silenciando no final em sons noturnos (gravações de grilos e corujas).

A sua relação com o meio ambiente vem do berço familiar e é expressa em suas *performances* musicais. Erick assim a define: “Relação de defesa através dos cantares, e criação e vivências através da família. Sendo este o cerne de tudo. Uma relação de máximo respeito possível, e de crença em valores de preservação e convivência harmoniosa com esse meio” (Castanho 2017).

Erick faz uso de papel reciclado no encarte do CD que também contém ilustrações com pinturas e desenhos da natureza. Uma das violas artesanais que Erick Castanho toca no CD Elemental, é uma Viola de cabaça confeccionada por Levi Ramiro.

As composições *Orquestra Natural*, *Natureza em Aquarela*, e *Rastro do Fogo*, foram composta por Erick em parceria com o seu pai, Aldo França, e tratam sobre as impressões que tem do meio ambiente em que convive, “e de como interagimos positivamente ou negativamente com a natureza” (Castanho 2017).<sup>137</sup> Erick conta que muitas dessas observações foram feitas na Estância Amaera,<sup>138</sup> onde seu pai passa boa parte do tempo atualmente.

A canção *Natureza em Aquarela* (Erick Castanho, Aldo França), chama a atenção sobre como o homem não sabe cuidar da pintura da natureza que pode se descolorir...

*Toda a vida da natureza / se reveste de profunda beleza  
Na minha alma tem uma tela / que dos meu olhos faz janelas  
E meu mundo é uma fita / numa gota de orvalho refletida  
Raios de luzes se apresentam / cores diversas se arrebetam  
Amarelo, violeta, verde, azul, anil / Como a aquarela de flores*

<sup>137</sup> Compõem também esse CD músicas como: *Riacho de Areia* (Folclore mineiro); *Raízes* (Erick Castanho, Daniel Santiago); *Ventos do Minho*, *Histórias Além-Mar* (Erick Castanho); *Folia do Cristo Rei* (Erick Castanho, Aldo França); *Alvorecer* (Erick Castanho, Aldo França); *Viajante* (Erick Castanho, Aldo França); *A lua Girou* (Folclore baiano).

<sup>138</sup> “Raízes - Erick Castanho (Estância Amaera).” Clip filmado na Estância Amaera - Araguari/MG. Publicado em 27 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YEZwpsfEowk>. Acesso em: 03 ago. 2017.



*Da natureza que nunca se cansa*

*Ôh... / As nuvens do firmamento azul / trazidas pelo vento sul  
formam um arco-íris no céu / com as gotas caídas em véu  
Veja o beija-flor / de flor em flor / cada uma de uma cor  
Beija como se cada flor / fosse o seu único amor  
E a esperança verde / que se esconde do ver*

*De fato só vemos o mato / mas há vida escondida / na aquarela de flores  
Da natureza que nunca se cansa. Ôh...  
Essa pintura tem um autor: é obra de nosso Senhor  
da qual o homem não sabe cuidar / e a Aquarela se descolorirá...  
(Castanho; França 2015).*

Érick gosta de observar os detalhes e em como tudo se conecta no Cerrado, e principalmente seu poder de regeneração:

É lindo como o Cerrado se mostra aparentemente distorcido e pobre. Mas já sabemos que é a característica mais linda, já que tem em seu bioma seres e plantas plenamente adaptados e únicos neste sistema ecológico. O Cerrado também possui uma incrível habilidade em se recompor e se restaurar (Castanho 2017).

Várias músicas de seu disco “Elemental” têm com tema a luta e valorização do bioma Cerrado e busca elevar a sua importância, que equivale aos outros biomas brasileiros, afirma Érick. O artista usa a viola como meio de levar a mensagem de conservação deste bioma (Castanho 2017). Além das composições próprias, Érick toca e canta em suas *performances* músicas de amigos como as do violeiro Luiz Salgado, que também tratam dessas questões.

A canção *Rio* (Luiz Salgado) presente nesse CD fala de rios, correntezas, cachoeiras, peixes como bagre, piau, lambari, surubim e a piracema. É interpretada por Érick e Luiz Salgado, e iniciada ao som de água de rio correndo, com o poeta João Bá recitando versos sobre o rio São Francisco: *O velho Chico / é um rio de integração nacional / Portanto / não pode ser interrompido na sua viagem / Êh rio! / Como era bom te ver / são meu solhos, com saudades de você...*

Interpretando a canção *O Rastro do Fogo* (Erick Castanho, Aldo França), Erick Castanho toca viola e violão, cantando com João Arruda e Adele Aud. As lágrimas dos animais e plantas com as queimadas no Cerrado são temas dessa canção, que no final da letra alerta o homem que padecerá quando perceber o prejuízo que causa e que leva a um futuro incerto:

*Vejo fumaça no céu, chamas / Quentes, vermelhas, levantam poeira  
 se aproxima a fumaça e fuligem confundindo a vista  
 dá vertigem, nada mais se avista  
 Olhos incendeiam e choram / Cinzas, poeira em lama  
 À beira de uma estrada / Há uma voz em chamas que clama  
 Foge do fogo a anta / Corre pra se salvar  
 Pássaros voo levantam / Some o lobo guará  
 Morrem no fogo os bichos / O preguiça vai se queimar  
 Sina também do tatu / Voando como o sabiá  
 Salve essa bandeira / Corre o tamanduá / Queima a aroeira  
 Árvore não pode andar / Queima a mata inteira / Só resta a fumaça no ar  
 Não fica madeira / só carvão de jacarandá / terra seca e poeira  
 Árvore não pode andar / Queima a mata inteira  
 Esparrama fumaça no ar / Esparrama fumaça no ar  
 Só resta a fumaça no ar / O homem errado / agoniza a natureza  
 num futuro de incerteza / de lágrimas e tristeza  
 No dia em que entender / A chorar, padecerá / e seus olhos vão arder  
 qual as chamas no Cerrado (Castanho; França 2015).*

Este violeiro afirma acreditar na arte como forma de disseminar valores acerca dessa bandeira de conservação ambiental:

As tradições e as vivências nos dão plena capacidade de levar adiante a mensagem da importância que o Cerrado tem para o equilíbrio do ecossistema brasileiro e também para as culturas populares que estão presentes nessa área. Sem dúvida, a viola, bem como a arte de forma geral desempenham um papel estratégico para a formação de jovens e a conscientização de adultos sobre a importância do bioma que nos cerca (Castanho 2017).

Em ocasião de assistir à participação desse violeiro como músico convidado do “Dandô - Circuito de Música Dércio Marques,” ocorrido em Brasília/DF, no dia 01 de dezembro de 2015, Érick Castanho canta e toca viola várias composições relacionadas ao Cerrado, intercalando falas de conscientização ambiental. Em uma dessas falas, Érick conta da tristeza que sente quando viaja quase toda semana de Uberlândia a Formosa/GO, cidade onde atua como professor no Instituto Federal de Goiás – IFG/Campus Formosa, e observa a paisagem cada vez mais vazia de Cerrado nativo, que vem sendo substituído por monoculturas e outros fatores.

### 2.2.10 Luiz Salgado

O violeiro cantador e compositor, Luiz Salgado, nasceu em 1976 na cidade de Patos de Minas/MG e reside atualmente em Araguari, cidade do Triângulo Mineiro. Convivendo diretamente com o Cerrado mineiro vem levantando bandeiras ecológicas, por meio de um trabalho musical mesclado com a modernidade, mas influenciado principalmente pelas festas populares como Folias de Reis e Congado, que são duas fortes manifestações culturais da região.

No seu ofício de cantador faz de sua viola não só um instrumento musical de trabalho, mas também uma ferramenta de combate. Com seus acordes, ponteados e versos, canta o cerrado, o mato, a prosa, o causo, tornando sua música uma atitude diante da cultura e da vida, imprimindo uma maneira de ver o mundo e celebrar a beleza da tradição, da natureza, dos costumes e do folclore dessa região de Minas Gerais.<sup>139</sup>

Luiz Salgado conheceu a viola em Patos de Minas na sua infância, nas Folias de Reis, e toca este instrumento há 16 anos. Começou tocando músicas do Tião Carreiro, Folias de Reis e alguns temas simples instrumentais e músicas autorais. Além de um amante do meio ambiente ele diz “é nele que encontro inspiração para muitas de minhas músicas,” Luiz afirma que se dedica a compor músicas regionais, com temas inspirado também na cultura popular (Salgado 2017).

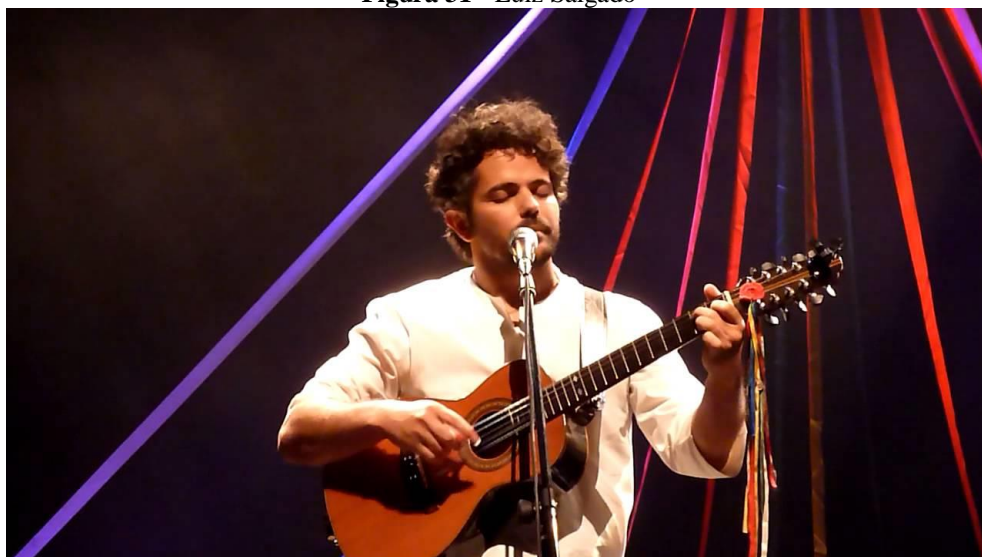
Os detalhes, a riqueza, o povo, a singeleza e grandeza do Cerrado são pontos que chamam a atenção desse violeiro que busca defender esse ambiente: “Uso a viola como uma ferramenta de combate ao desmatamento e destruição desse bioma. Muitas de minhas músicas têm essa temática voltada à proteção do Cerrado” (Salgado 2017). A água, o fogo, a mata e os animais são temas que ele aborda muito em suas composições. A canção *Curupira*, presente em seu CD, “Sina de cantadô” (2008), é um dos exemplos. A música é cantada por uma criança, Júlia de Almeida, acompanhada por Luiz Salgado e um toque especial do solo de uma Clarineta dialogando com as vozes:

*O curupira / parece até mentira / é um menino que tem os pés virados pra trás  
Protetor / da fauna e da flora / curupira se transforma / em vários animais  
Ele é muito veloz / é rapidinho / montado em seu porco espinho  
defende toda a floresta  
Caçadores, lenhadores / de medo, sentem um arrepio*

<sup>139</sup> Disponível em: <https://www.luizsalgado.com.br/>. Acesso em: 04 jul. 2017.

*Quando ouvem o assovio / que o curupira solta  
Saem correndo, ninguém volta /mas que beleza a natureza  
É salva pelo curupira  
Curupira, curupira / Curupira! Vira, vira qualquer bicho / curupira*  
(Salgado 2008).

**Figura 31** - Luiz Salgado



Fonte: Foto da internet

Luiz Salgado declara que desenvolve intencionalmente um trabalho musical com a viola voltado à conscientização ambiental no Cerrado devido à necessidade de preservação desse bioma tão importante, que se encontra em estado de destruição e “para alertar as futuras gerações da importância do Cerrado para o Brasil e pra o mundo, visto que esse bioma é reconhecido, inclusive, pela sua riqueza hídrica e pela diversidade em sua fauna e flora” (Salgado 2017).

Compondo também seu CD, “Sina de cantadô,” em *Carcará, Guardiã do Cerrado* (Luiz Salgado), Luiz canta a melodia em andamento lento, e toca viola com acordes bem elaborados, em roupagem moderna, e ao mesmo tempo com toque de música regional. O solo na viola é acompanhado de violão, baixo, sanfona, percussão, com destaque para o canto do Carcará gravado no Cerrado da cidade onde mora. A letra coloca o carcará, ave típica do Cerrado, como observador dos prejuízos causados pela mão do homem, e deseja que o tamanduá se salve da mata em chama e seja forte como o carcará:

*Avoa, carcará / Guardiã lá do Cerrado  
Gavião, carcará / No teu voo mora o mistério  
O Cerrado é seu império / Bela ave de rapina*

*Avoar é sua sina / Então avoa, carcará*

*Vive lá no ar, carcará / Nos olhando lá de cima  
A verdade é nua, carcará / Toma conta do Cerrado  
Senão daqui um bocado / Carcará só vai chorar  
Olha o tamanduá / Correndo na mata em chamas  
Corre tamanduá / Ou a extinção te alcança  
O perigo tá no ar / Se te alcançar, ocê some  
O perigo é o bicho homem / Então corre, tamanduá  
Corre, tamanduá / Protege os seus filhotes  
Não morre, tamanduá / Que Deus lhe dê boa sorte  
Ocê vai ter que ser forte / Como é forte o carcará (Salgado 2008).*

Apesar de saber a força que a melodia tem na música, as suas letras são mais fortes do que as melodias em relação à transmissão da temática ambiental “eu sou mais explícito nesse ponto de composição no caso de compor letras” (Salgado 2017).

Esse violeiro busca mostrar que sua música é do Cerrado, mas é também uma música regional do mundo, com raízes que dialogam com a África, Europa e Brasil.<sup>140</sup>

Continuando a entrar pelo interior do Brasil, dando prosseguimento à investigação, serão abordados alguns trabalhos e relatos de violeiros e violeiras presentes no Cerrado do Distrito Federal e estado de Goiás.

## **2.3 Vivências no Planalto Central**

### **2.3.1 Marcos Mesquita**

O violeiro, cantor, compositor e professor de Viola Caipira, Marcos Mesquita da Silva nasceu em 1960 na cidade do Rio de Janeiro/RJ, mas cresceu em Brasília/DF, onde reside até o momento presente.

Marcos Mesquita começou a tocar violão em 1974. A viola iniciou em 1975, na ocasião em que seu irmão comprou uma viola e levou para casa, “e assim comecei futucar nela e em um ano cheguei a compor duas músicas. Eu já conhecia a viola, ouvindo Quinteto

<sup>140</sup> Outros trabalhos do violeiro: “Trem Bão” (2003); DVD “Noite e Viola” (2010); CD Infantil “Navegantes” (2012); CD “2 Mares” (2013) Parceria com Katya Teixeira; CD “Quanto mais meus óio chora, mais o mar quebra na praia” (2016). Disponível em: <https://www.luizsalgado.com.br/vendadosalgado>. Acesso em: 05 jul. 2017.

Violado, Quinteto Armorial” (Mesquita 2017). Marcos conta que estudou viola durante um ano, e depois parou para se dedicar ao violão clássico, reencontrando novamente com a viola em 1982.

Começou compondo com influências da música medieval e oriental, depois da música caipira, das composições de Almir Sater, da música popular brasileira e do rock dos anos setenta (Mesquita 2017). Gravou com seu filho, Vitor Mesquita, com quem forma o duo “Viola Progressiva,” o recente CD “Here Comes The Sun” (2017)<sup>141</sup> com composições da banda de rock britânica, “*The Beatles*,” e uma composição autoral, com forte influência do rock dos anos 70 e 80. Porém, Marcos Mesquita continua também a estudar a música brasileira e a música caipira:

Estudo diariamente a música caipira raiz e estou voltando a estudar canções da música popular brasileira (Beto Guedes, Tim Maia, Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Sá, Rodrix e Guarabira, 14 Bis, Legião Urbana, Novos Baianos, Paulinho da Viola, Almir Sater, Renato Teixeira, Paulo Simões, Milton Nascimento entre outros). Além disso, continuo estudando novas composições dos *The Beatles* e instrumentais de outros violeiros (Mesquita 2017).

**Figura 32** - Marcos Mesquita e Vitor Mesquita



Fonte: Foto da internet

---

<sup>141</sup> Duo Viola Progressiva faz show de lançamento do novo CD. Disponível em: <http://agendaculturalbrasil.com.br/agenda/1607/duo-viola-progressiva-here-comes-the-sun.html>. Acesso em: 03 ago. 2017.

Mesquita (2017) se considera um músico compositor e intérprete eclético: compõe e toca música caipira tradicional de raiz, de compositores que se inspiram na música caipira, mas já fazem uma fusão, como Almir Sater e Renato Teixeira, e novos violeiros como Fernando Deghi, Aparício Riberio, assim como também toca e estuda a música medieval, música erudita e popular. Rompendo as fronteiras e fazendo a fusão da música rural com a música urbana, esse violeiro esclarece que suas composições aparecem conforme a inspiração: “minha forma de compor é despretensiosa, vem de acordo com a inspiração e assim podem vir canções ou músicas instrumentais com as influências citadas ou outra coisa nova, sem padrões pré-estabelecidos” (Mesquita 2017).

Em sua relação com o meio ambiente, Mesquita diz ser contra o desperdício e a favor do uso consciente de nossos recursos naturais de forma renovável. Tem um sentimento de ligação não só com os elementos naturais, mas também com a energia invisível presente nos lugares:

Sou muito ligado às coisas simples, como os movimentos da natureza e os movimentos da fauna, inclusive a humana e a relação entre uns e outros. Observo a Lua, o Sol, os ventos, a chuva, o cantar dos pássaros, a energia invisível presente nos momentos e lugares onde ando, a relação das pessoas... (Mesquita 2017).

A natureza também está presente em composições de sua autoria, como por exemplo, a peça instrumental *Em algum lugar bonito* (Marcos Mesquita), que abre seu primeiro CD “Em algum lugar bonito...” (1999). Com um arranjo instrumental bem elaborado, nessa peça Marcos Mesquita toca viola acompanhado por Gilza Silva (flauta doce baixo), Fátima Gouveia (flautas doce: contralto, tenor, baixo), Wilton Mesquita (flauta doce grande baixo), Pachá Gallina (violoncelo), Ricardo Vasconcelos (contrabaixo acústico), Wellington Vidal (pandeiro e sonáglia), Fernando Abreu (tambor de folia). O canto gravado de pássaros no início da peça entremeia as melodias e concluindo no final, reporta o ouvinte ao meio ambiente natural.<sup>142</sup> Segue a próxima faixa com o canto do bem-te-vi e de vários outros pássaros, iniciando a próxima canção, *Vem me Ver* (Marcos Mesquita), executada com voz e viola caipira, acompanhado por Suelene Fernandes (vocal), Carlinhos 7 Cordas (violão 7 cordas), Fernando campos (violão folk 6 cordas) e Hamilton Holanda (bandolim):

*Acorda vem, na janela ver / Ouvir o som que a gente faz*

<sup>142</sup> Disponível em: <https://soundcloud.com/marcos-mesquita-10/em-algum-lugar-bonito>. Acesso em: 03 ago. 2017.

*A lua mansa no céu sem fim / E a gente aqui cantando assim / Ô, ô, ô, ô, ô, ô  
Vem ouvir, vem ouvir / Passarinho cantando ao luar  
Vem ouvir, vem me ver / Cantando versos de amor  
Que eu fiz pra você / Nesta noite de luar  
Que eu fiz pra você / Nesta noite meu bem (Mesquita 1999).*

Compondo o mesmo CD, em ritmo tradicional básico da viola, o cururu, Marcos Mesquita toca e canta *Estrela da Madrugada* (Marcos Mesquita), em estilo dupla caipira, com Aparício Ribeiro fazendo a segunda voz, acompanhados por Fábio Pessoa (violões e baixo elétrico). Os últimos versos da canção comparam a viola com o sol, com a lua, com o voo dos pássaros, e o brilho de uma estrela no céu noturno:

*[...] Viola traz equilíbrio / Viola traz bem estar  
Viola é sol nascente / É uma noite de luar  
Quem não gosta de viola / Tá precisando gostar*

*Viola minha viola / É como uma passarada  
Voando no céu azul / Livre não temendo nada  
É uma estrela de luz / No meio da madrugada (Mesquita 1999).*

Em seu segundo CD, “Planalto Central” (2005) - Viola Caipira instrumental e Banda, a viola é acompanhada de instrumentos como: violões, gaita ponto, percussão, bateria, baixo elétrico. A capa e todo o encarte do CD mostram desenhos e pinturas do céu no Cerrado, com fundos de plantas nativas como: *Buritis*, flores da *Sempre-viva* (cuja haste dourada é chamada *Capim-dourado*) e outras plantas típicas do Cerrado. O trabalho é de autoria do artista plástico Rômulo Andrade e faz parte de uma coleção produzida na década de 70, que deu origem a seu trabalho conhecido hoje como “A poética do Cerrado.” Os desenhos e pinturas valorizam a natureza de forma deslumbrante e transcendente, assim comenta o historiador e poeta Paulo Bertran,<sup>143</sup> sobre o trabalho de Rômulo no encarte do CD:

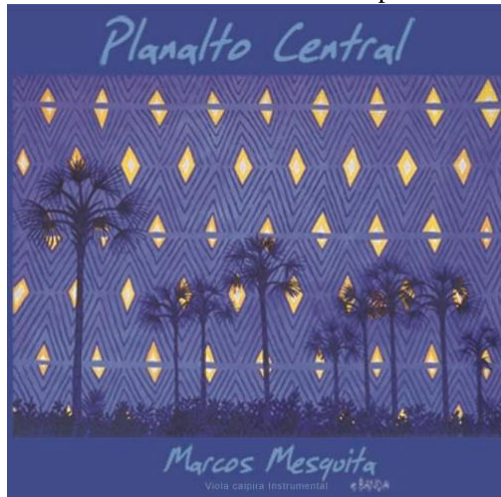
*[...] Carioca com metade da vida em “Brasília - a - Luminosa,” misto entre índio Tamoio embebido em luzes do mar e a primeira geração dos brasilienses, (que são os primeiros amantes do Cerrado) apaixonados pela grandiosidade do seu planisfério libertador... Ao longo de uns vinte anos, Rômulo estudou e construiu em seus desenhos a imagem mais poética e*

<sup>143</sup> “Paulo Bertran introduziu o conceito de “Eco-História,” contribuindo ativamente com a historiografia brasileira. Em 2002, Paulo Bertran redescobriu (a descoberta foi em 1871) a maior cidade de pedra do Brasil, na Serra dos Pireneus, localizada no município de Pirenópolis. O monumento natural, com cerca de 500 hectares, abriga formações rochosas imponentes.” Museu Arqueológico e Histórico do Planalto Central. Realização: Universidade de Brasília. Apoio: IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; IGPA - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia – PUC Goiás. Disponível em: <http://museucerrado.esy.es/wp-content/uploads/2017/06/Museu-Arque%C3%B3logico-e-Hist%C3%B3rico-do-Planalto-Central.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2017.



transcendente que se poderia esperar da natureza do Cerrado... O impacto da deslumbrante natureza do Brasil e dos cerrados matriciais... (Bertran 2005).

**Figura 33** - Arte de Rômulo Andrade: pés de buritis



Fonte: Foto da internet. Capa do CD Planalto Central

**Figura 34** - Cerrado Sempre Vivo. Rômulo A.



Fonte: Foto de Helena Oliveira

**Figura 35** - Álbum "Berço das águas," desenhos anos 80/90. Rômulo Andrade



Fonte: Foto do Facebook Romulo Andrade

Amante do Cerrado, Mesquita (2017) se sente completamente integrado ao Planalto Central, e isso se expressa em seu trabalho musical:

Minha relação com o Cerrado está em todo o meu ser, pois estou em Brasília, desde 1960 e este Planalto Central, que nos proporciona esta visão do Céu privilegiada, influencia diretamente em meu jeito de ser que é expresso em minha arte, mesmo que seja por músicas instrumentais, sem precisar da palavra, é uma coisa de energia (2017).

Esse violeiro conta que chegou a Brasília ainda bebê, com a idade de quatro meses, e cresceu brincando no Cerrado, em uma época que se encontrava cobras na cidade, e próximo à cidade havia bandos de araras e periquitos que pousavam perto das pessoas:

[...] nessas Super Quadras tinha cobra, era normal. Numa chácara ali em Planaltina, eram cenas assim, tipo o Pantanal, perto de Águas Emendadas, eram dezenas e dezenas de araras voando perto da gente, isso na década de 70, ... numa chácara que eu sempre costumo ir. Ali, todo fim de semana, era dezenas de araras voando pertinho da gente, pousava perto da gente, centenas de periquitos voando, parecendo Pantanal, fazendo sombra de tanto, centenas, escurecia embaixo, todo fim de semana, era normal, veado campeiro (Mesquita 2017).

Nessa época, conta Mesquita (2017), pousava em torno de 20 araras ao lado dele, a poucos metros, e atualmente não tem mais nada, só raramente: “de vez em quando assim, de anos em anos, aparece uma ou duas. Desses 20 anos pra cá eu acho que vi arara umas 3 ou 4 vezes só.” Mesquita comenta também que, no Plano Piloto, tinha Cerrado entre as quadras, e esse Cerrado foi quase todo retirado.

Sua reverência aos seres do Cerrado é exemplificada com o carcará, uma ave que esse violeiro só conhece no Cerrado, e menciona o fato de pessoas que trabalham em chácara não darem valor a esse animal. Assim comenta Mesquita:

[...] se o carcará começa a comer galinha, eles vão logo lá e mata. Eu já não tenho coragem de matar um carcará, carcará pra mim é igual um, é um símbolo do Cerrado, é como se fosse um rei, né! Eu olho um carcará assim, eu faço quase que uma veneração, porque é um símbolo do Cerrado (Mesquita, 2017).

Mesmo se sentindo naturalmente ligado a essa situação, sua forma de composição não é muito intencional, não é muito racional, explica ele, “eu acho que minha própria composição é um conjunto de tudo que acontece, comigo, com essa coisa toda” (Mesquita 2017). Mesquita dá o exemplo de sua música *Água*, em que ele tinha uma composição só no “laralá,” uma composição que ele diz ser “um flash do Pink Floyd e não tinha letra,” e com a aproximação do evento anual da “Associação Novo Encanto de Desenvolvimento

Ecológico,<sup>144</sup> que participou durante anos, em uma das atividades que realizavam sempre em agosto, surgiu a letra da música *Água*, “tem quase 10 anos isso, e o pessoal chamou a gente pra abrir lá as palestras, relacionadas a água, aí eu pensando naquilo tudo, eu coloquei uma letra no lalalá, não foi intencional, eu ia tocar no evento da Novo Encanto, aí eu fiz ela,” explica Mesquita (2017).

*Água / que cai sobre nossas cabeças / Limpa, e acalma*  
*Água / que lava os pés da criança / e daquela menina / da beira do rio*  
*Água da chuva / água do mar / lágrimas / que limpam a alma*  
*Água movimenta a vida / a vida em nós que precisamos viver / pra aprender a amar*  
*Na correnteza do rio / do coração da gente / que desagua no mar*

Para este artista, essa música é como ele entende a água, a água toda do planeta ela é uma água só, está dentro e fora de nós mesmos:

*Água que cai sobre nossas cabeças*, quando a gente toma banho, faz fluir as energias, acalma. O menino brincando na beira do rio. E também a água que flui no nosso coração, quando a gente fala de mágoa, a mágoa eu sinto que é uma água parada, a pessoa retém um sentimento e segura, aí a água é como se fosse uma represa no coração. *Água movimenta a vida, é vida em nós, que precisamos viver, pra aprender a amar, na correnteza do rio, do coração da gente...*, fazendo uma ligação do rio que flui, com a água dentro da gente, aprender a amar e deixar o rio fluir de certa forma, tá tudo uma coisa ligada na outra *Na correnteza do rio que deságua no mar*, é o curso natural da vida, fluir e chegar onde tem que chegar, né (Mesquita 2017).

Água e coração, para Mesquita estão relacionados. O homem destrói as coisas naturais, e não só o que está em volta, mas primeiro destrói a si próprio, com palavras ofensivas, destrói com sentimentos que ele tem dentro, comenta o violeiro: “então a gente vê que o homem tá errado, destrói um ao outro e a si próprio principalmente. [...] não adianta a pessoa ser formada em ecologia se ela não tiver aquele sentimento pra entender a natureza” (Mesquita 2017). Fazemos parte da natureza, nós estamos dentro de um círculo, dentro de uma energia, dentro do universo, fazendo parte do universo, reforça Mesquita (2017).

<sup>144</sup> A Novo Encanto realiza atividades em Brasília e em todo Brasil, de conscientização da questão da água, Mesquita (2017) informa uma dessas ações, ocorrida tempos atrás, em Caxambu, Minas Gerais, ocasião em que a fábrica “Nestle” queria privatizar tudo e através da Associação Novo Encanto e a Comunidade no geral, eles conseguiram barrar a privatização das águas na região.

### 2.3.2 Chico Nogueira

O compositor violeiro Francisco Sérgio Nogueira Filho, nasceu em Taubaté/SP, e atualmente mora na cidade satélite Guará, próxima à Brasília/DF.

Chico Nogueira conheceu a viola em sua região, Vale do Paraíba, Taubaté, onde este instrumento era tradicional, mas segundo ele, estava esquecido. Nesta região, a viola é o instrumento principal nas festas tradicionais, como Folias de Reis, Folias de São Gonçalo, Congadas, Cavalhadas. E quando morou no sítio de seus pais, em Pindamonhangaba/SP, conheceu o Violeiro e Capitão de Folia de São Gonçalo, “Seu Gonçalo:” “Ele trocou com meu pai uma Violinha Gianinni, meia regra, por um Curió.<sup>145</sup> Ali se abriu um portal em minha vida” informa Chico, que com 21 anos comprou sua primeira Viola (Nogueira 2017).

Chico Nogueira (2017) lembra que, em sua primeira apresentação, tocou “Eleanor Rigby” (Lennon e McCartney) junto com a turma do violeiro Braz da Viola no SESC de São José dos Campos/SP. Esse violeiro conta ter tocado muito o repertório da Orquestra de Viola Caipira de São José dos Campos, e sente honrado de ter estado com Braz da Viola neste empreendimento, à época, pioneiro no Brasil (Nogueira 2017).

Atualmente Chico toca músicas autorais e vem trabalhando composições de músicos como a Chilena Violeta Parra, Victor Jara, Atahualpa Yupanqui, Silvio Rodrigues, Chico Buarque, Brahms, entre outros, instrumentais e canções tradicionais, além de alguns clássicos da Viola Caipira. A maior parte de seu repertório é autoral, recebendo diversas influências, como por exemplo, as escalas árabes que vem atualmente aplicando na viola (Nogueira 2017).

Chico Nogueira é integrante do Grupo “Mambembrincantes,” que mescla vários ritmos brasileiros incorporando personagens de festas tradicionais brasileiras como: Bumba-meu-boi, Jaraguá, Burrinha e bonecos gigantes, em um repertório que combina: ciranda com viola caipira; afoxé com rabeça; percussão com modas de viola; entre outras. “Assim é o espetáculo do grupo: vibrante, dançante, sensível e emocionante. Mexe com os corpos e as cabeças de gente de todas as classes sociais e faixas etárias. Uma riqueza de cores e alegria que convida todos a celebrar a vida!”<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> Pássaro que vem desaparecendo de várias regiões do Brasil.

<sup>146</sup> O grupo percorreu diversos estados brasileiros, além de países da Europa e América do Sul. Disponível em: <http://mambembrincantes.blogspot.com.br/>. Acesso em: 03 ago. 2017.

**Figura 36** - Grupo Mambembrincantes



Fonte: Foto da internet

Chico Nogueira não vê distinção entre ele e o meio ambiente: “Somos um só movimento, um só pulso. Minha música se sintoniza com a vida que permite que estejamos aqui. E canta em louvor à beleza de nosso povo...” (Nogueira 2017). Esse sentimento se reflete em seu trabalho musical com a viola, em canções como *Mata Escura*, em temas de personagens como Jaraguá, Boi, Burrinha, que sempre teve uma ligação com a terra e seus tradicionais e sábios habitantes, esclarece Nogueira (2017), que dá exemplos de espetáculos que fizeram com personagens como o Curiango, Florestino Muda:

Recentemente, no espetáculo “Rebrincando a Mambembagem” foi apresentado o personagem “Curiango”, que conta a história deste pássaro tradicional do Cerrado brasileiro. No passado fizemos um boneco gigante em forma de vaso de Girassol, chamado “Florestino Muda.” Todos os personagens tem música própria, feitas a partir de ritmos tradicionais brasileiros, e plenamente harmonizadas com Viola Caipira (Nogueira 2017).

Na ocasião em que o grupo Mambembrincantes preparava um espetáculo novo, para uma turnê do SESC/SP, Chico explica que resolveram trabalhar na imagem de um pássaro do Cerrado, que ocupasse uma estrutura tradicional do grupo, no espetáculo, o lugar que ocupava Jaraguá, o passarinho do reisado. A inspiração de escolherem o Curiango veio pela vivência no Distrito Federal, quando se entra, durante a noite, em qualquer propriedade. Assim explica Chico: “... a gente costuma ver um passarinho que fica na estrada, ele fica no chão, o farol

chega bem pertinho dele com o carro, e quando chega bem pertinho ele sai voando. O nome dele tem a ver com o som dele, parece que ele tá falando: curião, curião!” (Nogueira 2017).

A escolha do Curiango, também está relacionada a uma estória que Chico leu certa vez, e que ele acredita ser de origem Krahô: “... um sujeito, a companheira o abandonou, e ele ficava cantando toda noite na esperança de encontrá-la, e ele acabou se transformando nesse pássaro que é o Curiango que tem esse canto que pros índios parece triste” (Nogueira 2017).

No espetáculo do grupo Mambembriçantes “Rebrincando a Mambembagem,” é recitada a poesia para o Curiango:

*No meio da noite, no meio das pedras,  
do Cerrado, da floresta, bem quietinho, escondidinho,  
canta sozinho, o Curiango...  
Canta, e seu canto é chamando o seu benzinho...  
E ele, carinhoso passarinho, abraça o povo todinho!*

Logo em seguida, o Curiango entra ao som da música:

*Meu benzinho vai chegar, quando ouvir este canto de amor  
Cadê meu benzinho, canta o Curiango  
pra não ficar sozinho é que canta o Curiango...  
Que este mundo é ninho, abraça o Curiango,  
este povo todinho, ele vai abraçando...  
Vai se embora, tá na hora, diga adeus, meu Curiango.*

Outra composição que fala de pássaros e cita o nome de vários deles, é a canção *Passarada* (Chico Nogueira, Marcelo Ruiz), gravada no CD “Mecedina” (2006), terceiro CD do grupo Mambembriçantes. Nesta gravação, em animado ritmo de coco, Chico Nogueira toca viola e canta com Érica Cortez (coro), Alfrida Tozieva (viola clássica) e Marcos Ramalho (percussão):

*Eu cantava passarada / Meu canto é que avoava  
Bem-te-vi, Sabiá, Juriti, Zabelê / Azulão voou  
Canarinho, Tangará, Colibri, Colheiro / Uirapuru flautou*

*Eu, na rua a chuvarada / Meu canto se ensopava  
Pingo fininho pra embolar / aluvião de Côco / Transbordou Catira  
Invernadinho Sanfonear / trovão de Martelo doido / Inundou o som da Lira*

*Eu, no rio me deixava / Meu canto é que se lavava  
Água fria que corrente / liga fluida de pulsar  
Molho deste pão da gente / a verdade há de fartar  
(Nogueira; Ruiz 2006).*

Morando no Cerrado, esse tema permeia seu trabalho autoral, mas não é o seu foco, afirma Chico Nogueira (2017). Cantar sempre foi, para este violeiro, tão natural quanto fazer comida, varrer a casa, pegar uma criança no colo, e tendo morado muito tempo em uma chácara rica de Cerrado no Distrito Federal, algumas composições foram inspiradas no contato direto com esse bioma:

[...] observar alguns animais do Cerrado que a gente teve a felicidade de ver lá, além daquilo que o pessoal chama de gambá que é o saruê, muitos saruê, agente via muito coelho selvagem, a gente via eventualmente até lobo guará. Chegamos a ver veadinhos, muitos pássaros, carcarás, aquela corujinha pequena assim, ocelote, coruja grande, o próprio curiango, a gente tinha alguns curiingos que moravam ali, e outro bichinhos do Cerrado, algumas cobras, cobra coral, a sucuri menor, a jiboia, tudo isso a gente viu lá algumas vezes (Nogueira 2017).

Chico e sua família moraram na chácara “Sumaúma,” (nome de uma árvore amazônica considerada sagrada, a rainha da floresta), localizada no Condomínio Euler Paranhos, próximo à cidade satélite Paranoá/DF, um dos locais que Dércio Marques gostava de se hospedar, quando vinha ao Distrito Federal a trabalho. No vídeo “Carneirinho com o Bentinho,” gravado nessa chácara, a música “Carneirinho” de Carlos Babau, da “Cia. Carroça de Mamulengos,” é interpretada por Chico Nogueira que toca viola cantando com seu netinho Bento da Terra Cortez, e juntos cantam os nomes de animais (Nogueira 2016).<sup>147</sup>

Além de animais do Cerrado, a existência de muitas plantas nativas chamava a atenção de todos na chácara, como a Canela de Ema, que era abundante, comenta Chico Nogueira (2017), e sua família a chamava de “um reinado de Canela de Ema.”

**Figura 37** - Flor do Cerrado: Canela de Ema



Fonte: Foto da autora

<sup>147</sup> “Carneirinho com o Bentinho.” Publicado em 02 de ago. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VZF8uXtY53s>. Acesso em: 03 ago. 2017.

Chico Nogueira relata que no terreno em frente havia uma quase do tamanho de uma árvore grande: “eu nunca tinha visto uma Canela de Ema tão grande e ficava imaginando o tanto de tempo que demora pra uma Canela de Ema crescer, imagino que aquela árvore devia ser muito ancestral, tá lá algumas centenas de anos” (Nogueira 2017).

A experiência com esse meio ambiente do Cerrado o influenciou em suas composições, afirma Chico, que também conta sobre a fartura de frutas nativas existentes no local: “a gente comia muito pequi, muito jatobá, muita gabioba, muito araçá, muitas frutas de lá, a gente comia de montão” (Nogueira 2017). Fato este que o inspirou a compor a canção *Jabuticabeira*, assim justifica Chico: “apesar dela não ser bem nativa aqui, é nativa brasileira e existe em regiões do Cerrado. Eu conheci um menino em Alto Paraíso, que contava que naquelas capoeiras tinha muita jabuticabeira, aquela grandona” (Nogueira 2017).<sup>148</sup>

*No fundo do quintal / A Jabuticabeira*  
*Na beira do Umbuzal / Entre a Laranja e a Pera,*  
*Cantei que bem te vi / Nos galhinhos da amoreira*  
*E nas flores do Pequi / João de Barro, Lavandeira...*  
*Eh, eh, eh, eh, eh, eeehhh / A vida inteira*  
*Eh, eh, eh, eh, eh, eeehhh / Jabuticabeira*  
 (Nogueira 2013).

A Viola Caipira traduz a beleza profunda e transcendente do Cerrado, comenta Chico. “Isso se manifesta em beleza, cor, harmonias e sabores. O Cerrado é nossa casa, farta e múltipla, com todo alimento, e todo remédio que precisamos pra viver bem, por aqui” (Nogueira 2017).

### 2.3.3 Roberto Corrêa

Instrumentista, compositor e pesquisador, o professor de Viola Caipira, Roberto Nunes Corrêa nasceu em 1957, na cidade de Campina Verde/MG, no Triângulo Mineiro, onde conheceu a viola. Mudou-se ainda jovem para Brasília/DF, no ano de 1975, cidade onde reside atualmente.

Roberto Corrêa começou a tocar viola com vinte anos de idade, primeiramente compondo para o instrumento. Atualmente toca suas composições, músicas de outros compositores que escreveram para a viola e arranjos que ele mesmo faz, sem estilo definido

<sup>148</sup> *Jabuticabeira* (Chico Nogueira) está postada em vídeo na internet, com o grupo “Mambembrincantes,” antecedida por duas músicas: *Mambembrincantes* (Carlos Gomide), *Dona da casa seu terreiro alumiou* (Domínio Público). “Mambembrincante e Jabuticabeira.” Publicado em 10 de set de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VdJiJ9Pe4kg>. Acesso em: 03 ago. 2017.



(Corrêa 2017), se dedicando também à viola de cocho: “Fascinado pela viola caipira e pela viola de cocho, dedicou-se a explorar seus mistérios e a expandir seus limites.”<sup>149</sup>

Reconhecido por seu talento e dedicação, sua discografia mostra a diversidade de seu trabalho, “suas pesquisas são referenciais no universo da viola, e suas *performances* têm levado a viola caipira e a viola de cocho aos palcos de dezenas de países do mundo.”<sup>150</sup>

Conhecedor da cultura da sua região, a cultura do caipira, esse violeiro compõe também moda de viola como na época do seu avô (Corrêa 2017). Roberto Corrêa conta que seu avô era violeiro, mas foi assassinado em 1939, ainda novo, deixando letras de modas de viola, com as quais faz parceria, musicando-as:

[...] na verdade é uma porção, 40 modas de viola num livro de conta correntes, então eu faço parceria com ele. Então quando eu faço modas de viola com essas letras do meu avô, aí sim eu faço no estilo da época dele, porque eu conheci pessoas, violeiros, da mesma idade dele que ficaram já com 70, 80 anos, então eu sei como é que se fazia modas de viola dos catira. Então, tanto eu faço coisas bem inovadoras, mas também coisas bem tradicionais (Corrêa 2017).

Integrado com o meio ambiente, é como Roberto Corrêa (2017) diz se sentir, e isso é expresso em seu trabalho musical, como por exemplo, na composição *Tardinha* (Roberto Corrêa, Câmara Cascudo), gravada no CD “Temperança” (2009):

*Tardinha, tardinha / serenamente cai à sombra do alto céu azul*  
*Água quieta, água quieta*  
*E a longa sombra do arvoredado n'água da lagoa... / E o sossego nos capoeirões*  
*E o aboio no ar...*  
*Tardinha, tardinha / no silêncio, o grito das seriemas fugindo...*  
*E no galho escuro da oiticica / sinistra, solitária, branca*  
*a mãe-da-lua canta... (Corrêa; Cascudo 2009).*

O seu livro “A Arte de Pontear a Viola,” é dividido em duas partes, a primeira é uma parte geral da pesquisa, e a segunda é o método prático, dividido em mecânica das mãos, ritmos das músicas caipiras e os estudos progressivos. Cada um desses estudos é nomeado com o nome de um pássaro: Coã; Jaó; Urutau; Curiango; Alma-de-Gato; Trinca-Ferro; Curiaca; Fogo-Pagô; Socó-Boi; Pass’o-Preto; Caracará; Bacurau; Tiziu; Urubu-Rei; dentre outros (Corrêa 2000). Questionando a Roberto Corrêa (2017), se o canto de cada pássaro o

<sup>149</sup> Disponível em: <http://robertocorreia.com.br/biografia>. Acesso em: 10 jul. 2017.

<sup>150</sup> Ibid.

inspirou no momento de compor os estudos, ele respondeu que a ideia era, em suas palavras, “primeiro fazer uma homenagem aos pássaros, a gente convive muito com isso, mas essa ideia do voar, de sair da terra, ficar voando,” foi mais no sentido lúdico, de influenciar o aluno a fazer música:

Os estudos, a ideia de colocar os pássaros foi até uma ideia lúdica, vamos dizer assim, os pássaros são realmente pássaros do Cerrado, que eu conheço lá da minha região que é o Triângulo Mineiro, ali daquela região de Campina Verde, do pontal do Triângulo, os pássaros que a gente conhece lá. A ideia é trabalhar com o aluno, primeiro o estudo de uma forma matemática, didática mesmo, e depois trabalhar com ele a outra face da música que é você fazer música, e daí o nome do pássaro, que é você sair voando, que é fazer música... (Corrêa 2017).

Roberto Corrêa trabalha com os alunos já repertório, não importa que a música seja simples ou complexa, estimula a fazer música para tocar para as pessoas, qualquer local que seja, “o estudo se transforma não em um estudo didático, mas fazer música, e daí a ideia de fazer suíte dos pássaros, são estudos pequenos, então 3, 4 formam uma música mais completa” (Corrêa 2017).

Inspirado no canto de um pássaro, Roberto Corrêa compôs *Araponga isprivitada*, gravada em seu CD instrumental “Uróboro” (1994). A ideia ocorreu, quando seu pai imitou o canto da araponga, na época em que seu pai teve uma fazenda no Mato Grosso, com matas virgens (Corrêa 2017). Assim relata Roberto:

[...] lá tinha o pássaro que a gente chama de pássaro Ferreiro, que é tipo o ferreiro batendo plim, plim, plim, plimplimplim, vai repicando né, então em Campina Verde não tinha esse pássaro, aí meu pai imitou o pássaro pra mim e eu acabei fazendo a composição Araponga isprivitada (Corrêa 2017).

O movimento do som imitando esse pássaro é perceptível quando se ouve a composição.<sup>151</sup>

A natureza no Cerrado traz inspiração a este artista, que absorve elementos dentro da composição, mas não de forma proposital, afirma Corrêa (2017) citando também exemplos de suas composições sobre cobras, inspiradas nas cobras da fazenda de seu pai no Triângulo

<sup>151</sup> *Araponga isprivitada* - primeira participação de Roberto Corrêa no programa “Viola Minha Viola,” na época apresentado por Moraes Sarmiento e Inezita Barroso, em dezembro de 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QLFkuWaNp9A>. Acesso em: 03 ago. 2017.

Mineiro: “a gente convive muito com cobras, papai tem uma fazendinha, lá é um lugar que tem muitas cobras, a gente procura zelar das cobras, são muitas cobras, de vários tipos” (Corrêa 2017). A música *Peleja de Siriema com Cobra*, composta pra Viola de Cocho, é um dos exemplos. Roberto descreve a forma como usou os recursos de composição para representar a cena de embate entre os dois animais:

A estrutura da música tem a introdução como se tivesse armando o cenário, né, aí sim eu faço a imitação do canto da seriema. Aí a seriema se aproxima da cobra, eu faço uma imitação da cobra, mas no sentido assim, também tudo metáforas, a gente vê muito nos cinemas os indianos soprando aquela flautinha, aquela cobra fazendo aquele negócio, então eu faço um negócio meio oriental, meio lembrando isso, mais pra caracterizar a cobra. E o rasqueado que é o ritmo, é a briga dos dois animais (Corrêa 2017).

Ouvindo essa peça, gravada no CD “Uróboro” (1994), ou assistindo a *performance* de Roberto fica clara a representação da Seriema, e é possível observar o movimento dos dois animais em sua *performance* com a viola de cocho.<sup>152</sup>

O contato com seu pai fazendeiro, que vive, mora em fazenda, as questões relativas ao Cerrado, e a modernidade de Brasília, influenciam no trabalho musical desse violeiro:

[...] as frutas, as águas, o zelo disso tudo, essa lida com fazenda, claro, que isso acaba me inspirando, não sei se a palavra é inspirar, mas juntamente com Brasília, que eu sempre fico Brasília/Campina Verde, Campina Verde/Brasília, com essa modernidade, eu acho que de alguma forma, isso acabou marcando, influenciando mesmo, até determinando o tipo de música que eu faço, que é uma música sem fronteiras (Corrêa 2017).

Um defensor do Cerrado, assim se diz Roberto Corrêa, “até fiz um pacto, que resultou em um poema gravado no meu CD, *Temperança*” (Corrêa 2017).

*Encerrado que eu era no errado do existir*  
*Livre, livre, me tornei - cerrado, cerrado meu - quando em ti me transformei*  
*O meu corpo é o teu chão, tuas pedras, tuas águas*  
*E minh'alma teus caminhos, tua fauna, tua flora*  
*Em ti minha vida está - cerrado, cerrado meu*  
*E em mim teu encanto mora*  
*Eu, cerrado encordado, renascido e libertado*  
*Pleno, vasto enfim, vivo agora* (Corrêa 2009).

<sup>152</sup> “Peleja de siriema com cobra - Roberto Corrêa.” Voa Viola - Brasília, 17 de dez. 2010, Sala Villa-Lobos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7mofgqfbeg>. Acesso em: 03 ago. 2017.

Este poema *Pacto* surgiu depois de uma época muito difícil na vida de Roberto Corrêa, em que convivía com uma doença que podia matá-lo, ou deixá-lo aleijado, sem poder tocar, por conta de um tumor que tinha no cérebro, esclarece ele (Corrêa 2017). Na época, escolheu a opção de tentar resolver sem a cirurgia, porque a cirurgia envolvia tirar o tumor e a área em volta, que era cérebro e também região motora. Não se sabia quais eram as sequelas que teria, mas Roberto lutou muito, e uma das razões foi a música:

[...] mas graças a Deus eu consegui resolver isso sem cirurgia, mas eu tive, vamos dizer assim, uma lida com a morte durante um tempo, uns quatro anos que eu fiquei lidando com a morte, lutando pela vida, e mais por conta das minhas músicas, a razão da minha vida naquela época era a música, as minhas composições (Corrêa 2017).

Roberto explica que seu avô foi assassinado com 39 anos de idade, com um tiro na cabeça, e como ele estava com o tumor na cabeça, nas palavras do violeiro (Corrêa 2017): “sentia a história meio misturando, então quando eu fiz 40 anos eu falei, não, a minha história é minha, não é do meu avô, aí fui tirar umas férias, porque eu tava trabalhando pra caramba.” Roberto queria deixar vários trabalhos prontos, as músicas, as composições, e complementa que: “tava gravando discos antes de morrer, vamos dizer assim” (Corrêa 2017).

Nessa época, Roberto conta que teve um contato intenso com o Cerrado do Parque Nacional de Brasília, mais conhecido como “Água Mineral.”<sup>153</sup> Fazia caminhada nesse Parque todas as manhãs, na trilha “Cristal d’água.” Mas, todos ao redor falando de praia, ele viajou pra passar 15 dias, não aguentou, voltou pro Cerrado após uma semana de praia: “[...] fui caminhar no Cerrado, mês de maio, junho, muito seco, e aí, naquele momento, eu entendi que o meu lugar era o Cerrado, eu não era das montanhas, eu não era do mar” (Corrêa 2017).

Roberto conta que nesse momento ficou numa alegria muito grande, se sentindo integrado, “esse aqui é meu lugar, essa é minha região,” e caminhando no Cerrado, encontrou uma cobra que o inspirou a fazer o poema *Pacto*:

[...] curiosamente lá no final da trilha “Cristal d’água,” lá do outro lado tem uma trilha de cobras, você sabe que as cobras andam em trilhas né, e eu falei pode aparecer cobra aqui que não vai me picar, não vai acontecer nada, e tá tá tá... Pois, não há de ver, que apareceu uma cobra grandona preta no meio

<sup>153</sup> O Parque Nacional de Brasília é uma unidade de conservação brasileira de proteção à natureza, que possibilita caminhadas em trilhas no Cerrado, e banhos em piscinas de águas correntes naturais.

do caminho, e eu falei, bom, agora, eu vou ter que me aproximar da cobra, e vê o que acontece, eu sabia que lá embaixo tinha soro e tudo. Então eu fui chegando a mão devagarzinho nela, assim, e aí ela ficou quietinha e entrou no Cerrado, foi aí que eu fiz o poema Pacto (Corrêa 2017).

Na viagem que fez para praia como não havia levado a viola, Roberto Corrêa começou a escrever poesias na areia do mar, o que o despertou para escrever poesias, por isso escreveu o *Pacto*, e outras, como o poema *Caliandra*. Assim descreve Corrêa (2017): “[...] porque tudo seco, aquele galhinho, aquele arbustozinho, a caliandra poderosa, vermelha em cima, então aquilo me inspirava muito, na minha luta contra a doença.”

*Guerreira vermelha de punhos em riste / caliandra, caliandra, na seca resiste  
Ativa e tão linda na vida insiste / caliandra, caliandra / que bom que existe.*

Roberto relata que sua inspiração veio da força transmitida pela flor: “Inspirando nela, pela luta, pela força dela, trazendo pra mim” (Corrêa 2017). Ainda com a mesma inspiração, Roberto diz ter feito também outro poema, *Caliandra Flor*:

*Caliandra flor caliandra / rubra luz do Cerrado / bela e radiosa chama  
Plena / no alto plana  
Caliandra flor caliandra / rude lua do chão / alada plenitude  
Lua flor / rubra rude (Corrêa 2009).*

**Figura 38** - Roberto Corrêa



Fonte: Foto da internet

**Figura 39** - Flor do Cerrado: Caliandra



Fonte: Foto da autora

Na gravação de *Caliandra flor*, no CD “Temperança” (2009), em ritmo lento, Roberto toca viola arpejando acordes, cantando o primeiro poema. Mantendo os acordes melodiosos na viola, declama na sequência o outro poema sobre a Caliandra.

A partir desse momento, Corrêa (2017) conta que passou a ficar um crítico sobre os desmatamentos, sobre as agressões ao Cerrado, e teve uma época em que morava na Asa Norte, na Quadra 416, e ficava indignado com as podas que o governo do GDF fazia nas árvores:

[...] eles faziam aquelas podas que amputavam as árvores, não havia necessidade alguma, eles pegavam e cortavam um galho imenso, ninguém passava debaixo, até hoje eu vejo isso. E fui pro correio brasiliense denunciar essas podas, e criou-se até uma situação, o próprio GDF teve que se explicar. Aí veio um especialista, eu não era um especialista, mas achava um absurdo, mas aí veio o especialista dizendo que aquelas podas eram fundamentais, então criou uma questão. [...] não sei se eles utilizam essa madeira pra alguma coisa, mas justificativa eu não encontro, eu moro no Cerrado, a gente não precisa de nada disso, a gente não faz poda da madeira do Cerrado, a gente faz poda no jardim, por um motivo ou outro, então é uma crítica que eu tenho até hoje, sobre a lida que o GDF tem aqui em Brasília sobre essas árvores (Corrêa 2017).

Mesmo não desenvolvendo um trabalho com a viola intencionalmente voltado à conscientização ambiental no Cerrado, Roberto Corrêa (2017) acredita que de alguma forma sua música passa essa mensagem.

#### **2.3.4 Aparício Ribeiro**

Compositor, violeiro e cantor, Aparício Ribeiro nasceu em 1946, na cidade de Patos de Minas/MG, e há muitos anos mora no Distrito Federal, atualmente em Taguatinga, cidade satélite próxima à Brasília. Aparício Ribeiro conheceu o som da Viola Caipira na década de 1960, ainda na juventude, ouvindo as duplas da época, em que a viola se destacava chamando sua atenção, tocada por grandes músicos de estúdio como, Julião, Zé do Rancho e Moreno, assim como, por algumas duplas de sua cidade que tocavam esse instrumento (Ribeiro 2017). Sua primeira viola foi uma antiga, meia regra, com apenas 10 ou 12 casas, mas não se dedicou a tocar, nessa época:

Uma passagem interessante me ocorreu na época: como a maioria dos meninos, eu criava canários da terra e vendia, comprava e numa dessas transações eu troquei um casal de canários por uma viola meia regra, aquela que tem só 10 ou 12 casas, limitando a escala até aí. Pedi a um amigo violeiro que me ensinasse a afinar porem, desisti logo e a vendi nas mesmas condições da aquisição (Ribeiro 2017).

Mas a viola ficou latente em seu ser, “estava sempre falando e elogiando seu timbre, era ouvir e arrepiar. Num belo dia do ano de 1983, eu ganhei uma viola de presente de aniversário. Ali tudo começou, aos 36 anos” (Ribeiro 2017). Há mais de 30 anos Aparício diz procurar aprender a viola caipira, iniciando com clássicos caipiras como, *Chico Mineiro*, *Cabocla Teresa*, *Menino da Porteira*, dentre outros. Depois começou a ouvir e tocar composições de músicos como Almir Sater, Renato Teixeira,..., e atualmente, além desses, procura aprender a tocar vários estilos e suas composições próprias: “Componho sempre, prefiro o estilo caipira/regional com seus vários ritmos, enriquece muito o aprendizado da mão direita. Componho, também, samba-canção” (Ribeiro 2017). Toada, querumana, cateretê, calango, batuque, moda campeira e pagode-de-viola são alguns exemplos de ritmos tocados por Aparício. “Suas composições se reportam ao homem do campo na sua maneira de viver, seus amores, sua simplicidade, seu ambiente, e também à natureza, e a temas abstratos como a felicidade e a saudade.”<sup>154</sup>

Aparício Ribeiro vem atuando em prol do resgate e valorização da música caipira e regional. Em 1993, junto com o violeiro Volmi Batista fundaram o Clube do Violeiro Caipira de Brasília.<sup>155</sup> Os dois violeiros foram criadores do Encontro Nacional de Folia de Reis no Distrito Federal e são radialistas da Rádio Cultura de Brasília.



Fonte: Foto da internet

<sup>154</sup>

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/aparicio.ribeiro.1/about?lst=100008720404531%3A100001512558487%3A1501940656&section=bio&pnref=about>. Acesso em: 03 ago. 2017.

<sup>155</sup> Entidade sem fins lucrativos cujo objetivo é resgatar e valorizar as músicas caipira/regional e folclórica. Aparício Ribeiro foi o primeiro presidente do Clube do Violeiro Caipira de Brasília.

A relação de Aparício com a natureza, afirma ele, é de “respeito, admiração e de espiritualidade, pois vejo no meio ambiente a presença da grande energia universal: Deus” (Ribeiro 2017). Esse violeiro tem várias composições sobre o meio ambiente, principalmente sobre o Cerrado, devido à admiração e respeito que diz sentir por esse bioma. Em suas palavras: “A vegetação peculiar: árvores tortas, cheias de cascas grossas, de porte médio, frutíferas, flores belíssimas, gramíneas, o horizonte, o nascer e o por do sol, à noite o céu estrelado ou enluarado. A beleza do Cerrado é ímpar” (Ribeiro 2017). Em suas apresentações, Aparício procura tocar músicas que falam da natureza e do Cerrado.

Dentre as várias composições de Aparício que falam do Cerrado, algumas descrevem sua beleza e enaltece sua constituição, outras alertam para sua preservação. Nos encartes dos seus discos, Aparício escreve verbetes justificando os temas das músicas.

Um dos exemplos é a música instrumental *Queimadas* gravada em seu CD “Cerrado” (2007). No encarte do CD, Aparício escreve um verbete alertando contra as queimadas: “As queimadas destroem o meio ambiente e são responsáveis pelo aquecimento global. Que tal parar com essa prática?” (Ribeiro 2007). Nesta gravação, Aparício toca viola em ritmo canção/lamento, lembrando música nordestina, estilo meio medieval, acompanhado de caron e pau-se-chuva.

Em outra música deste CD, em ritmo de toada/canção, Aparício canta e toca viola acompanhado de cavaquinho, sanfona, pandeiro, caxixi, baixo, a canção *Cerrado*, que menciona o nome de vários animais, plantas, rios, cachoeiras, enaltecendo a beleza e riqueza do Cerrado, pedindo que o Brasil desperte e cuide do que é seu:

*Nosso cerrado tem lobo-guará / Várzeas e brejos onde vive a saracura  
Jagatirica, onça-parda e tangará / Rios e riachos cristalinos nascem lá  
Nosso cerrado histórias já contou / Interessante e pitoresca a do Sô João  
“Grande Sertão Veredas” retratou / O sertanejo com seu jeitão  
Crenças e ais / Belas paisagens desapareceram  
Não se veem mais / Aquele bem-te-vi / Pousado ali  
Nosso cerrado tem a juriti / Tem o ipê roxo, o amarelo e a sucupira  
Dentre as flores, mais bonita, a do pequi / Tem do folclore a dança do catira*

*Nosso cerrado tem terra de cultura / Tem medicinais pra curar o coração  
Tem cachoeira caindo das alturas / Das nossas águas é o guardião  
Vivas chapadas / Berço das águas, o grande sertão  
Trilhas e picadas / Repare o sabiá / Pousado aqui  
Nosso cerrado tem a capital / Onde a esperança habita o coração  
Brasília é patrimônio universal / Todos que a veem sentem grande emoção  
Nosso cerrado das águas emendadas / O por do sol é o mais bonito que já vi*



*Um céu de estrelas e de luas prateadas / Tem nas veredas o buriti / E muito mais*

*Tem curios, bicudos e canários / Brejos e gerais / Aquele bem-te-vi pousado ali  
Num passe de magia põe-se a cantar / Repare o sabiá pousado aqui  
Tem sua sinfonia pra nos mostrar / Viva o nosso cerrado  
É preciso preservar tanta beleza / Rios nascentes fauna e flora  
Que riqueza / Desperta Brasil / Cuida do que é seu (Ribeiro 2007).*

A canção *Berço das Águas*, gravada no CD “Berço das Águas” (2012), cita o nome de vários rios que nascem no Cerrado e de várias frutas nativas. Nessa música, Aparício canta e toca viola em ritmo de toada, acompanhado por violão e percussão:

*O cerrado é o berço das águas / Da bacia Amazônica, da bacia do Prata  
Da bacia do São Francisco / Araguaia, Tocantins, Xingu, Parnaíba  
Rio das Velhas, Urucuia, Abaeté, Jequitaiá  
Tietê, Paranapanema, Rio Grande, Paranaíba  
Mata ciliar gameleira, vereda buriti / Nascente de grandes rios  
Me causa arrepios saber / De sementes estranhas  
Rasgando as entranhas / Desse solo vermelho:  
Que é do Pau terra, da sucupira, do jatobá  
Que é dos ipês, do pequizeiro / Que é do ingá*

*Não ao fogo que queima / Não ao grileiro de terra  
Não àquele que faz guerra / ao invés da paz  
Mamacadela, gabirola, araçá / Pequi, Cajuzinho, jenipapo, baru, bacupari  
Tatu bola, cutia, tamanduá bandeira / Patativa, tiziu, sabiá laranjeira.  
(Ribeiro 2012).*

Aparício traz nessa canção, a lembrança de sua juventude, na época em que andava pelo mato comendo frutas nativas que encontrava na região:

Mamacadela, gabirola, araçá, pequi, cajuzinho, jenipapo, baru, bacupari, eu me reportei ao Cerrado por lembranças da minha juventude, da minha meninice, a gente saía pelos campos do Cerrado ali, os capão de mato perto de Patos de Minas, uma cidade que era pequena, provinciana, saía catando essas coisas, cajuzinho, gabirola, araçá,... (Ribeiro 2017).

Em seu CD de Viola Caipira instrumental autoral “Serras e Veredas” (2010), além de mostrar as potencialidades da Viola como instrumento solo, Aparício aborda a fauna, a flora, os costumes, a gente, a beleza e os caprichos da natureza deixando claro em suas palavras, sua preocupação com a preservação da natureza (Ribeiro 2010). O encarte se reporta aos perigos de extinção de espécies vegetais e animais, as consequências do aquecimento global,

colocando como “abomináveis” as práticas de queimadas e o desmatamento. Para cada composição, Aparício descreve em verbete comentando sobre o tema abordado.

Para a composição instrumental *Dança das formigas*, por exemplo, Aparício diz se reportar a um formigueiro, durante o vai e vem das formigas em busca de víveres para seu ninho, e descreve: “Observando um formigueiro, o vai e vem das formigas operárias com suas cargas nas “costas” me pareceu uma dança. As formigas formam uma sociedade organizada e coerente com os objetivos: exemplo para nós humanos” (Ribeiro 2010). Nas palavras do violeiro “a *Dança das formigas* ocorreu de verdade, eu tava observando um formigueiro, aquilo não é estória só pra ilustrar a composição não, aquilo ocorreu mesmo” (Ribeiro 2017). Perguntei então, se o ambiente o influencia no uso de recursos musicais de composição, tonalidades, acordes, melodias, altos e baixos, o colorido da música..., e a respeito dessa composição Aparício explicou:

[...] é muito intuitivo e visual, eu vi que ela tava andando bem rápida né. Mas aquela sequência, aquela divisão, digamos assim, essas frases, eu coloquei o nome de *Danças das formigas*, eu achei que pareceu com aquele vai e vem que eu tava vendo lá. Procurei colocar dentro daquela sequência de passos que elas tavam dando ali, elas tavam andando bem mais rápidas um pouco, mas eu coloquei mediano, o andamento (Ribeiro 2017).

Observando a partitura dessa peça, escrita pelo professor Marcos Mesquita, ficam visíveis as partes que se repetem na música, dando um sentido de movimento:

**Figura 41 – Partitura: Dança das Formigas**

**DANÇA DAS FORMIGAS**  
Aparício Ribeiro

Viola Caipira

2 DANÇA DAS FORMIGAS

Aparício esclarece que não escreve partituras, conhece um pouquinho de harmonia, e tem tudo na base da intuição (Ribeiro 2017). Em sua composição instrumental *Flor do Cerrado*, do mesmo CD, “Serras e Veredas,” conta que, observando uma flor no Cerrado, começou a compor em lá menor, e depois da metade da música, o vento bateu na flor, ele fez uma modulação pra lá maior, e volta pro tom menor pra terminar:

[...] eu tava num momento de uma certa tristeza, numa certa dor, depois alegrou um pouco, armou um vento, bateu naquela flor, balançou ela, alguma coisa assim que fez com que ela ficasse mais alegre aos meus olhos, aí eu coloquei em tom maior. Depois o vento passando, a vida foi voltando e voltei pro tom menor (Ribeiro 2017).

Nesta composição *Flor do Cerrado*, Aparício toca viola em ritmo de milonga, acompanhado de violão e baixo, e descreve a flor, no encarte da capa do CD, com o poema:

*Flor do ipê, do pequiizeiro / Flor de baru, do cajueiro*  
*Flor desconhecida que brota nas trilhas*  
*A outra é Brasília / A flor do cerrado*  
 (Ribeiro 2010).

Outra composição instrumental relacionada à formiga é *Formigão*, tocada por Aparício em ritmo de pagode-de-viola. No verdete é explicada a importância das formigas como responsáveis pela oxigenação do subsolo (Ribeiro 2007).

Para a composição *Paturi*, tocada em ritmo de rasqueado, Aparício comenta no verbete imaginar o voo do Paturi, uma mistura de pato do mato com marreco, presente nos lagos, cursos d’água e nascentes de serras e veredas (Ribeiro 2010). Em outra faixa, *Águas do Paranaíba* tocada em ritmo livre, Aparício faz uma homenagem ao rio Paranaíba.<sup>156</sup> Lembranças de sua infância e juventude povoam as histórias relacionadas a esse rio que nasce perto de sua cidade, Patos de Minas, conta o violeiro:

[...] minha mãe era muito zelosa com os filhos, mas a gente ia, criança, rapazinho, cê sabe como é que é, o negócio é fazer mesmo malandragem traquinagem, tudo escondido dos pais [...] a gente andava uns 200m, de um certo ponto, o único ponto que tinha uma praia, bem pequena, o rio é barranco, não tem praia, [...] depois entrava dentro do rio e depois vinha, e vinha andando, e aí de vez em quando o rio ficava fundo, isso na época da

<sup>156</sup> O rio Paranaíba nasce na Serra da Mata da Corda/MG e se junta ao rio Grande formando o rio Paraná, importante contribuinte da bacia do Prata.

vazante, porque o rio cheio era um perigo, e por aí eu fiz essa homenagem a esse rio, [...], as águas do meu querido rio Paranaíba (Ribeiro 2017).

Em outra peça instrumental, *Campeiro*, em ritmo de marchinha, Aparício toca viola, acompanhado de percussão. A música abre o CD “Berço das Águas” (2012), e no encarte o autor comenta sobre os alimentos do veado-campeiro e como seu habitat vem sendo reduzido:

O veado-campeiro ou veado-branco, veado-galheiro, suaçutinga ou suaçuapara, habita o cerrado e a região dos pampas. Sua população está bastante reduzida, principalmente pela ocupação agropecuária de seus habitat, por causa da caça, da febre aftosa, transmitida pelo gado e das queimadas. Alimentam-se de gramíneas e também de outras plantas como o alecrim-do-campo, o assa-peixe, o capim-favorito e vagens de barbatimão (Ribeiro 2012).

Em ritmo de toada-xote, Aparício toca viola e canta sua composição *Brisa vem, vento vai*, acompanhado de sanfona, baixo e percussão. O músico alerta no verbete sobre as atividades que vem destruindo o Cerrado e afetando a sobrevivência dos animais: “[...] Animais que vivem no cerrado como a onça-pintada, o tatu canastra, o lobo-guará, o cachorro do mato, espécies de lagartos e cobras correm o risco de serem extintos” (Ribeiro 2012). Em ritmo de guarânia, Aparício toca viola na música instrumental *Lobo Guará*, acompanhado de percussão. No verbete do encarte, Aparício informa que o lobo-guará é o maior canídeo da América do sul, explicando também sobre a importância do fruto da lobeira para a sobrevivência desse animal típico do Cerrado: “[...] Alimenta-se de vegetais, frutos silvestres e pequenos animais. Na sua dieta é indispensável o fruto da lobeira que serve como um vermífugo natural; na ausência desse fruto, o animal morre [...]” (Ribeiro 2012).

Em ritmo de cateretê, acompanhado por sanfona e percussão, Aparício toca viola e interpreta a canção *Serras e Veredas*. O verbete informa que as veredas são ricas em água, palmeiras e buritis, além de servir como abrigo, refúgio e pouso de aves, é uma fonte de alimento e de reprodução para a fauna aquática e terrestre (Ribeiro 2012).

*[...] Sou um violeiro sonhador / O cantar sempre me acalma  
Me tornei um trovador / Sinto coisas em minh'alma  
Das Gerais as trilhas são / Lembranças envolventes  
De saudades mais me bate o coração / Serras, cerrados, veredas, nascentes*

*“O sertão é todo mundo” / O “velho Chico” corre lá  
Corre meio moribundo / Esperança não pode faltar*

*Crenças, lendas, tradições / Mais de mim tem no sertão  
Cantos rezas, mutirões / Tudo isso e um povo “bão”* (Ribeiro 2012).

Na composição instrumental *Ipê amarelo*, Aparício toca viola em ritmo de samba-choro acompanhado de violões, cavaquinho e pandeiro. O verbete informa que a palavra *Ipê* é de origem *Tupi* e significa árvore cascuda. Também informa que o *Ipê amarelo* é encontrado no Cerrado e em todas as regiões do Brasil, e é considerado um símbolo de nosso país, chamando a atenção pela beleza exuberante de suas flores (Ribeiro 2012).

**Figura 42** - Flor do Cerrado: Ipê Amarelo



Fonte: Foto da autora

**Figura 43** - Ipê Amarelo, Brasília/DF



Fonte: Foto da internet

Em ritmo toada/recortado, acompanhado de percussão, em outra música instrumental de sua autoria, *Pequizeiro*, no encarte é informado o quanto o pequizeiro, árvore típica do Cerrado brasileiro tem valor econômico. Seu fruto, o pequi, na língua indígena significa “casca espinhenta”, e no final, Aparício acrescenta: “Ainda é tempo de salvar o Cerrado da devastação” (Ribeiro 2012).

### 2.3.5 Victor Batista

Violeiro, compositor, cantor e arte-educador, Victor Hugo Batista nasceu em 1971 na cidade de Belo Horizonte/MG e reside atualmente em Pirenópolis/GO.

Victor Batista conheceu a viola em 1991 em uma viagem, na qual pesquisava junto ao grupo folclórico “Congá” da UFMG-Belo Horizonte: “me deparei com a Viola Caipira sendo tocada por um Mestre que já virou estrela: Seu Nelson Jacó. Ali comecei a enamorar com este instrumento e não parei mais de tocá-la” (Batista 2017).

Batista (2017) informa que começou tocando músicas do universo da cultura popular, para depois mergulhar no universo caipira e ir aprendendo cada vez mais sobre a Viola. Atualmente a maior parte de seu repertório constitui-se de composições próprias e algumas releituras de compositores como Tião Carreiro, Almir Sater, Renato Teixeira, Paulinho Pedra Azul, Rubinho do Vale, Pereira da Viola, Chico Lobo, Luiz Gonzaga e outros (Batista 2017). Victor diz que sua carreira foi construída ao longo do tempo, em estilo de Música Regional Caipira. “Procuro musicar poesias que falam um pouco do cenário dos lugares que vivenciei e até do lugar onde moro” (Batista 2017).

**Figura 44** - Victor Batista



Fonte: Foto da internet

Victor Batista é integrante do grupo “Camerata Caipira” com Isabella Rovo, Nelson Latiff e Bosco Oliveira. O repertório do “Camerata Caipira” mescla ritmos brasileiros. Juntos gravaram o CD “Camerata Caipira” (2014), pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal - FAC/DF, realizando turnês no Brasil e exterior, como na Austrália, Portugal e Holanda.<sup>157</sup>

O primeiro CD de Victor Batista “Além da Serra do Curral” (2004) tem participações de grandes artistas mineiros como Rubinho do Vale, Chico Lobo, Carlinhos Ferreira, Tatá Sympa, Marcelo Pereira, e integrantes do grupo Minadouro.<sup>158</sup>

Victor Batista se mudou para São Paulo capital, onde se apresentou em manifestos políticos e festivais como o Encontro Nacional de Violeiros de Ribeirão Preto, organizado

<sup>157</sup> A estreia foi em um festival internacional em Nova Zelândia: Womad Festival. Disponível em: <http://tnb.art.br/rede/cameratacaipira>. Acesso em: 02 ago. 2017.

<sup>158</sup> Além de ter participado dos grupos folclóricos Congá e Sarandeiros, ambos da Universidade Federal de MG, Victor Batista foi também integrante da Orquestra Mineira de Violas e do Grupo Minadouro.

pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST. Victor fez a direção das gravações dos CDs do MST: “Cantares da Educação do Campo” e “Terra e Arte.” Atualmente faz parte da direção da Associação dos Violeiros e Violeiras do Brasil.<sup>159</sup>

Desde o tempo em que Victor Batista morava em Belo Horizonte, frequentava a Serra do Cipó, no município de Santana do Riacho/MG. Sua relação com meio ambiente é a vivência, é o contemplar: “O revoar e o canto dos pássaros. O respeito pela vida do ser selvagem que vive e depende da mata. É o respeito pelo ciclo da lua e suas influências na terra. A gratidão pela abundância da água e da riqueza natural que nos é dado” (Batista 2017).

Para Victor Batista (2017), o Cerrado é um bioma que está sendo estudado atualmente e que vai ser estudado por muito tempo, por sua riqueza ambiental e importância para os outros biomas.

É uma riqueza de água, fauna e flora ainda muito desconhecida. O bioma que podemos chamar de “esponja” que capta e distribui águas tanto para norte quanto para o sul do Brasil. Um bioma muito importante para existência de outros biomas do nosso país. Mas, que infelizmente está em extinção por conta da monocultura e que vai se espalhando como um câncer acabando com toda esta riqueza (Batista 2017).

Na época em que morou em São Paulo, capital, Victor sentia muita falta de conviver com o Cerrado, e quando se mudou para Pirenópolis, cidade com a tradição histórica do ciclo do ouro, da cultura Goiana e turística, ficou mais íntimo do Cerrado (Batista 2017). Foi quando começou a ver pessoas frequentando as cachoeiras sem nenhum cuidado com o lixo que elas produziam. “Simplesmente deixam muitos quilos de lixo à beira da cachoeira até hoje, infelizmente,” comenta o violeiro (Batista 2017), que viu nesse momento, uma forma de levar a consciência ecológica por meio da música:

A música, um conceito meu, tem que ter mensagens para as pessoas. A música é uma magia que encanta os ouvidos e enchem os corações. [...] no momento de relaxamento das pessoas que estão usufruindo da natureza era o tempo ideal de dialogar com eles sobre os benefícios que temos em usar conscientemente (Batista 2017).

---

<sup>159</sup> Disponível em: <https://benfeitoria.com/cdcoracaocaminhador>. Acesso em: 02 ago. 2017.

Em seguida, participou de um trabalho coletivo na cidade de Pirenópolis, com o objetivo de construir uma cartilha ambiental para alunos da Educação Fundamental do estado de Goiás, a ser depois distribuído para outras regiões do Brasil, o que acabou não acontecendo, comenta Batista (2017). Sua missão foi compor músicas que falavam sobre o Cerrado, complementando assim essa cartilha de educação ambiental, desenvolvida para crianças e jovens e que resultou na gravação de seu CD “(en)Cantando com a Biodiversidade” (2012).

Victor Batista tem tido diversas parcerias no Brasil, em seu trabalho musical de defesa do Cerrado:

A minha companheira, os parceiros e amigos que conheci ao longo da minha vida, um bocado de poetas e cantadores pelo nosso Brasil, vieram e contribuíram fazendo parcerias diversas comigo. Hoje, quando assistir alguma das minhas apresentações musicais eu falo um pouco desta vivência com o Cerrado. Parafrazeando Luiz Salgado: a minha Viola passou a ser mais uma arma pra defender o Cerrado! (Batista 2017).

Os temas ambientais permeiam seu trabalho musical, mas o seu maior desafio foi falar do céu do Centro-oeste brasileiro. Narra Victor: “Nunca havia visto um céu mais aberto e estrelado na minha vida. De todos os Céus, este daqui é uma loucura! Só não vê quem não presta assunto nisto!” (Batista 2017). Tocando viola e triângulo, Victor Batista expressa esse sentimento em sua composição *Céu mais lindo*, uma das faixas de seu CD “Manchete do Tico-tico” (2012).<sup>160</sup> Em ritmo de baião, Victor toca e canta alegre, intercalando com ponteados na viola, acompanhado de cavaquinho e zabumba:

*Chegada aurora me dá uma euforia / Saio de casa, começo a caminhar  
Sertão, o Cerrado por inteiro / Centro-oeste brasileiro  
Céu mais lindo de olhar  
[...]  
Me encanto e derramo o meu prato / Debaixo de um Jatobá  
Certeza ao chegar aqui um dia / Toda essa harmonia  
Você vai se emocionar / O céu mais lindo está nesse lugar  
(Batista 2012).*

Apesar de saber ler e escrever partitura, Victor Batista diz não ter paciência, e se afirma um autodidata: “Meu aprendizado foi mais oral então eu não tenho essa prática, tenho

<sup>160</sup> “Manchete do Tico-tico” valeu ao autor a indicação de Melhor Cantor Regional pelo Prêmio da Música Brasileira 2014. Disponível em: <https://benfeitoria.com/cdcoracaocaminhador>. Acesso em: 02 ago. 2017.



a memória boa” (Batista 2012). Como a maior parte dos entrevistados neste trabalho, Victor não tem partituras de suas músicas, com exceção de poucas, mas não foram escritas por ele.

Durante seus shows, além de contar sobre o histórico da Viola Caipira, Victor fala sobre a importância da preservação do meio ambiente: “Falo também sobre a cidade que vivo para o povo imaginar, pensar e refletir sobre a importância do Cerrado” (Batista 2017). Um exemplo está na música *Serra dos Pireneus*, que fala sobre a região de Pirenópolis. Em ritmo de guarânia é interpretada por Victor na voz e viola acompanhado de percussão e violão. A letra comenta que as pedras são tiradas da serra, destruindo a natureza, visando o lucro a custo do sacrifício humano:

*Ao pé da Serra / Reverencio sua beleza  
Quando vejo a natureza / Abrigando tantas nascentes.  
Vale Dourado / E o Morro do Cabeludo  
Preservados dos abusos / Dos que pensam diferentes.*

*Naquela Serra / Rica é a sua harmonia  
Alimenta grandes bacias / Tocantins e Paraná.  
Serra dos Pireneus / Com a sua companhia  
Passo a olhar-te noite e dia / Sua beleza eternizar.*

*Canela D’ema, Pequiizeiro / Flor Polliana, Seriema  
Pepalantus, Pássaros pretos a cantar.  
E bem de perto / Virgem grande é a mata  
Flores, frutos do Cerrado / Rupestre vai continuar.*

*E nas calçadas / Sons pedras viram beleza  
Extraídas com avareza / Vidas de homens por outros lucros.  
Que o futuro está chegando / E a Serra se acabando  
Qual exemplo vamos deixar? (Batista 2012).*

Em ritmo de música latina, Victor fecha o CD “Manchete de Tico-tico” com a música *Semente*, cantando e tocando viola e caixa de folia, acompanhado de violão, deixando a mensagem da importância da semente para o Cerrado florestar:

*Voa, voa passarinho / Vai cumprir com seu dever  
Leva a semente pra longe / Outra árvore crescer  
Novo fruto vai nascer*

*O vento vem zunando / Também ajuda a semear  
Carregando a semente / Da árvore pr’outro lugar  
A importância da semente / Da árvore continuar  
O Cerrado florestar*

*Semente que mata / Semente que nasce*

*Semente que cura / O mal de muita gente  
Os segredos da semente / O papel muito importante  
Na cadeia fauna e flora / Vida natural é a nossa forma  
(Batista; Narciso 2012).*

A música *Guardião do Cerrado* abre seu CD “(en)Cantando com a Biodiversidade” (2012), em ritmo de valsa, Victor canta e toca viola, como também, faz a melodia entre as estrofes com a flauta doce:

*Sou guardião do Cerrado / juro que vou proteger  
a fauna e a flora é a vida / e o Cerrado permanecer  
Sou guardião / não joga lixo no chão*

*Sou guardião do Cerrado / e todos vão querer ser  
Quando souber a importância / da vida e do bem querer  
Sou o guardião / do Cerrado e cerradão  
(Batista 2012).*

No mesmo CD, *Cadeia Alimentar*, em ritmo alegre, semelhante a uma pessoa saltitando quando caminha, Victor canta e toca viola fazendo também a melodia na flauta doce entre as estrofes, trazendo um timbre lúdico a essa canção, que retrata o dia a dia de animais no Cerrado, em seu ciclo natural:

*Caminhando no Cerrado eu vi Tamanduá  
Caçando formiguinha para poder almoçar  
Corre, corre formiguinha ela quer se livrar  
Do tamanduá / da cadeia alimentar*

*Adiante no Cerrado eu vi lobo guará  
E corria como um doido como fosse trabalhar  
O sol estava se pondo ele caça pra jantar / capivara corre sem parar  
da cadeia alimentar / do lobo guará  
e a formiga do tamanduá / corre, corre, corre, corre sem parar  
da cadeia alimentar / do tamanduá / do lobo guará  
e a formiga do tamanduá corre, corre, corre, corre sem parar....  
(Batista 2012).*

Em ritmo caipira de cururu, Victor canta e toca viola com solos e ponteados entre as estrofes, na canção *O Equilíbrio da Natureza*. Essa música compõe também o CD “(en)Cantando com a Biodiversidade,” e mostra, como nos trechos abaixo, a valorização dos encantos que a natureza tem:

*[...] Quem toca o fogo mata o solo / terra tem vida tem muito valor  
A natureza faz cantoria / com a cigarra / juruviara  
gente de fora vem / fazer serenata / pra linda flor  
Mãe natureza cheia de encantos / que nos revela ser cantador*

*A natureza com a sua magia / entre amassa-barros e arapuãs  
acordam cedo saldando o dia [...]  
A natureza se equilibra / o equilíbrio da natureza* (Batista 2012).

O ambiente do Cerrado influencia a compor, também, peças instrumentais, como por exemplo, *Natureza do Cerrado* (Victor Batista, Marta Narciso), gravada no CD “Manchete de Tico-tico.” Nessa peça, ao som de chuva e trovoadas, Victor toca viola acompanhado de Diggerodoo’s<sup>161</sup> confeccionados de Eucalipto e PVC. Para essa composição, o violeiro se inspirou em uma chuva torrencial que vivenciou e que fez ressuscitar a terra seca:

[...] tem aquela chuvona e depois ela para, né, esses altos e baixos, do Cerrado, [...] a vegetação seca tá quase morta e depois vem a chuva e vem aquela abundância de água e ela se ressuscita, né. Esse fenômeno é maravilhoso, o Cerrado tem isso, né, então tá muito seco, morto, e de repente vem a chuva e brota tudo bonito né, e isso está representado na música *Natureza do Cerrado* (Batista 2017).

Victor compara a natureza dual do Cerrado, o seco e o chuvoso, com a natureza de comportamento repentino da ave Carcará:

[...] a natureza é aquela calma né, a seca, parece um Carcará. O Cerrado é um Carcará, ele fica esperando a hora da presa dele morrer pra ele pegar, ou então ele passar por ali, aí ele vai fazer o rasante e já pega, cobra por exemplo. Então eu vejo que o Cerrado é mais ou menos isso, né, quando chega a época da cheia, das águas, o Cerrado é abundância em água. Então vem aquela chuvona violenta, que quando eu cheguei aqui, teve época das primeiras chuvas que eu passei aqui, que eu fiquei abismado com a quantidade de água descendo, eu falei, gente vai inundar tudo aqui, eu vou morrer afogado, o mundo tá acabando..., e a minha companheira falou, não, pode ficar tranquilo, aqui é assim mesmo, e eu falei, nossa senhora! (Batista 2017).

Comparando com suas composições instrumentais, Victor acredita que as músicas com letra têm uma força maior, chega para as pessoas com mais veracidade, no sentido de levar a mensagem de preservação do Cerrado (Batista 2017).

---

<sup>161</sup> Instrumento de sopro aborígine australiano.

### 2.3.6 Doroty Marques

Cantora, compositora, violeira multi-instrumentista e arte educadora, Doroty Marques Rocha nasceu em 1946, na cidade de Araguari, localizada no Triângulo Mineiro. Desde 2003, mora no povoado São Jorge, município de Alto Paraíso de Goiás, localizado na região da Chapada dos Veadeiros/GO, onde coordena o projeto “Turma Que Faz,” voltado para crianças e famílias da região.

Entre os vários produtos de seus trabalhos, esta artista gravou oito discos, escreveu duas cartilhas ambientais, e vem formando diversos professores multiplicadores de seu trabalho e de seu método.<sup>162</sup>

Doroty Marques conta que conheceu a Viola Caipira com cinco anos de idade no Triângulo Mineiro. Alguns tios maternos de Doroty tocavam viola: “[...] minha família, pai do Uruguai, e minha mãe caipira mineira, de Uberaba. A Viola Caipira veio da parte dos caipiras mesmo, certo? cantavam lá: *toda vez que eu viajava, pela estrada de ouro fino...*” [...] (Marques 2017). Contudo, Doroty Marques só começou a tocar viola com trinta anos de idade, iniciando com folclore, catira e folia de reis, e depois em outras músicas que compõem seu trabalho como musicista e arte-educadora.

Esta artista recorda da época em que fez vários shows com as conhecidas duplas caipiras, Tônico e Tinoco,<sup>163</sup> Vieira e Vieirinha,<sup>164</sup> e o violeiro Tião Carreiro:<sup>165</sup> “[...] toquei com esses violeiros né, que eram as duplas caipiras que saíam cantando no sertão, fazendo shows juntos, eu já tinha 34 anos, eu e o Tônico Tinoco, eu e o Tião Carreiro, Vieira e Vieirinha” (Marques 2017). Doroty lembra também de quando Cascatinha (da dupla

<sup>162</sup> Artistas do XVII Encontro de Culturas. Projeto da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos veadeiros, de 15 a 30 de julho de 2017. Vila de São Jorge - GO. Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2017/grupo/153/doroty-marques>. Acesso em: 21 jul. 2017.

<sup>163</sup> A dupla caipira Tônico (1917 - 1994) e Tinoco (1920 - 2012), oriunda no interior paulista, é considerada uma das maiores referências na música caipira, e obteve também recordes mundiais de vendas de discos.

<sup>164</sup> A dupla de irmãos do interior paulista, Vieira (1926 - 2001) e Vieirinha (1928 -1991), cantam juntos desde a infância, convivendo com os primos, os irmãos “Zico e Zeca,” e os irmãos “Liu e Léu,” cantando e dançando catira. As três duplas são conhecidas e prestigiadas no universo da música caipira e sertaneja.

<sup>165</sup> O mineiro, compositor, cantor e violeiro de Montes Claros, Tião Carreiro (1934 - 1993), influenciou muitas duplas e gerações de violeiros. Intuitivo, Tião Carreiro nunca estudou em escola de música, e “foi autodidata também na escrita, ao ponto de criar letras com cheiro de terra e mato para várias músicas de seu vasto repertório” (Peripato, 2008). Doroty lembra de quando o violeiro vinha chorar em seu ombro: “Tião carreiro tinha aquela cara de desespero dele que o Pardinho ia morrer, que ele não gostava de ter outro companheiro, tava com Pardinho, o Tião, e vinha com aquela choradeira,... e o Pardinho que enterrou ele, né? Que ironia...” (Marques 2017).

Cascatinha e Inhana)<sup>166</sup> ficava atrás dela propondo formarem uma dupla: “Ah, sabe quem queria fazer dupla comigo? O Cascatinha queria, por que a Inhana morreu, ele queria, vinha atrás, me enchia o saco. Isso foi na época dos militares, 82, 83, 84, por aí...” (Marques 2017).

Em um dos shows realizados por Doroty e Dércio no Teatro Pixinguinha, em São Paulo, Doroty foi convidada pelo pesquisador e produtor musical Marcus Pereira, para gravar seu primeiro disco: “Semente” (1978). Nesse LP, ela interpretou músicas como: *Canção cansada* (Paco Bandeira); *João Semente* (João de Castro), com a participação especial de Dércio Marques; *Eterno como areia* (José Maria Giroldo); *Vento vadio* (Sérgio Sá); *Caminhada (Minha história)* (Sergio Sá); *Mourão de cerca* (José Maria Giroldo); *Não mande a geada não* (Maria do Céu); *Salário nanico* (Saulo Laranjeira), dentre outras. No texto de apresentação deste LP, a cantora fala de seu tempo de criança, quando corria atrás de borboletas no campo e sentia uma sensação de liberdade imensa: “meus pés descalços pisavam em terra cálida e firme e isso me dava segurança e felicidade, pois eu tinha o essencial: alimento, amor e liberdade” (Marques 1978). Doroty mostra também sua fidelidade com seus ideais de vida, quando afirma que “Por ser fiel ao que sinto e ao que eu penso perdi muitos empregos. Mas ganhei uma alegria muito rara, a de estar bem comigo mesma” (Marques 1978).

Em seu segundo disco “Erva Cidreira” (1980), interpretou músicas como: *Arreuni* (Chico Maranhão); *Erva Cidreira* (Doroty Marques); *Mineirinha* (Raul Torres); *Lua sertaneja* (Gilberto Abrão Jacob e Aduino Santos); *Umbuzeiro* (Elomar Figueira de Melo); *As flores do meu jardim* (Ricardo Vilas); *Inté as porteira do céu* (Hélio Contreiras); *Parcelada* (Elomar Figueira de Melo) - com participação de Elomar, dentre outras.

Tocando Viola Caipira, Doroty interpreta com seu irmão Dércio Marques, a canção *Arreuni* no programa “Empório Brasil,” apresentado por Rolando Boldrin, gravado em 1989.<sup>167</sup>

<sup>166</sup> A dupla de casal do interior paulista, marido e mulher, Cascatinha (1919 – 1996) e Inhana (1923 - 1981), ficou famosa principalmente quando interpretaram *Índia* (José Assuncion Flores e M. Ortiz Guerrero - versão: José Fortuna), *Meu Primeiro Amor* (Herminio Jimenez - Versão de: José Fortuna - Pinheirinho Júnior) e *Colcha de Retalhos* (Raul Torres).

<sup>167</sup> Doroty Marques & Dércio Marques - Arreuni - Empório Brasil – Rolando Boldrin – Programa SBT - 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h03C9wL4JbQ>. Acesso em: 21 jul. 2017.

**Figura 45** - Dércio e Doroty Marques. Empório Brasil, 1989



Fonte: Foto da internet

Nos trechos abaixo dessa canção, nota-se a importância de se juntar para fazer cantoria, fortalecendo as lutas e ideais.

*Antonce se a gente veve lutando / Antonce a gente deve se arreuni*  
*Antonce se a gente veve lutando / Vale mais, vale mais, vale mais*  
*A gente se arreuni*  
*Antonce se a gente já veve lutando / Antonce eu peço pra gente se arreuni [...]*  
*Antonce se a gente veve em paz / Vale mais, vale mais, vale mais*  
*Antonce a gente veve brincando / Antonce se a gente veve brincando*  
*Antonce a gente torna se juntá*  
*Tem que avisá todos colegas / Tem que avisá [...]* (Maranhão 1980).

Para a música *Umbuzeiro* (Elomar Figueira de Melo) destaca-se a participação especial, executando um arranjo bem elaborado, o “Quinteto Armorial,” um reconhecido grupo de música instrumental brasileira formado em 1970, na cidade de Recife/PE, integrando músicos como Antônio José Madureira (arranjo e Viola Caipira), Antônio Carlos Nóbrega de Almeida (Rabeca), dentre outros.<sup>168</sup>

Nessa canção, a temática ambiental é abordada em poucos versos, com significado forte de perda do Umbuzeiro, uma árvore considerada sagrada no sertão, cujo fruto é o umbu ou imbu. Imbu, palavra de origem tupi-guarani, “ymbu,” significa “árvore que dá de beber”, “uma referência a sua característica de armazenamento de água, especialmente da raiz (usada

<sup>168</sup> Gravação original: Doroty Marques. *Umbuzeiro* (Elomar Figueira Mello). Acompanhamento: Quinteto Armorial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zot22HdGIe4>. Acesso em: 21 jul. 2017.

também por seres humanos e animais), qualidade necessária para sobrevivência nos longos períodos de seca.”<sup>169</sup>

*Mais cadê meus umbuzeiro / Que florava todo ano*  
*Nas baixada nas vereda mana mia / Cadê o pé de umbu meu mano*  
*Mais cadê meus umbuzeiro*  
 (Melo 1980).

Este disco foi considerado por jornalistas e críticos de música brasileira como um dos melhores trabalhos musicais do ano, e ainda o é, afirma Albuquerque (2016) acrescentando: “uma característica notada nas obras dos Marques é que elas podem ser consideradas “atemporais,” dada a sua profundidade cultural e também por não serem pautados em modismos musicais efêmeros” (Albuquerque 2016).

Doroty Marques (2017) coloca que, desde que ela voltou pra música em 1977, sua preocupação era com a natureza:

[...] a gente, na guerra, os homens iam só a matar, e não ia resolver mais, ele teria que se preocupar com algo maior, porque a terra, a natureza, a água o ar,... Então, com 30 anos eu enxerguei isso, não adiantava a guerra, bala. Cantava verso, viola, sanfona, e nem assim tava adiantando, cê concorda? [...] (Marques 2017).

Depois de ter lançado dois discos, “Semente” e “Erva Cidreira”, Doroty percebeu que ela seria mais uma artista fazendo show nos grandes teatros sempre, e assim esclarece a cantora: “eu não queria ser, já tinha gente boa demais lá, eu parti pros povão, parti pras favelas, pras ruas, pra floresta, pro Cerrado, pro Mato Grosso, Pantanal, eu parti pra onde ninguém vai” (Marques 2017). Com o uso da viola, dentre outros instrumentos musicais e recursos artísticos, Doroty começou a fazer projetos de arte-educação, se dedicando a trabalhos com os mais jovens: “[...] educar o ser humano, a criança, com relação à natureza, né, que gente adulta não dá pra mudar, não adianta pegar o cara com 18, 19 anos, é muito mais difícil, então você vai pra criança, o mais jovem, dá mais pra dialogar, não estão mais fechados, mais magoados” (Marques 2017).

Doroty Marques vem trabalhando há 25 anos com arte-educação, produzindo operetas, junto a diferentes camadas sociais, em periferias, favelas do Rio de Janeiro, São Paulo e

<sup>169</sup> O umbuzeiro é também conhecido como imbuzeiro. As raízes do umbuzeiro, em formato de batatas, podem ser utilizadas na culinária popular ou pra uso medicinal. Em períodos de estiagem forte, a água armazenada nas raízes pode ser consumida por pessoas e animais. Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/umbu/>. Acesso em: 04 ago. 2017.

Minas Gerais, assim como na Região Amazônica e Centro-Oeste (Albuquerque 2016). A experiência dessa artista em várias regiões do Brasil a fez descobrir a potencialidade do povo brasileiro, assim relata Doroty:

[...] eu andei nesse país inteiro, do Rio Grande do Sul ao Amapá, e do Acre lá ao Piauí, e é um povo lindo maravilhoso, que tem uma criatividade imensa, mas que dentro de um sistema, ela não pode aparecer. Essa alegria através da viola, da sanfona, do pandeiro, dessa forma dele mostrar a religiosidade dele, a alegria dele, a tristeza dele, desapareceu [...] (Marques 2017).

Doroty luta para que não percamos nossa identidade cultural, e por isso também o uso da viola em seus projetos ambientais, explica ela:

E a viola é um dos nossos pontos, na identidade cultural, e ela foi sendo substituída totalmente pela guitarra no rock, concorda?, nos últimos 40 e tantos anos, e ... tipo, toca a guitarra, porque não tocar viola? Não que a guitarra não possa ficar na roda, mas porque a viola desaparecer? Então essa sempre foi a minha batalha com nosso povo! [...] e quando eu passo lá no Paraíba do sul, ali, em 5, 6 cidades, né, mais de 1000 crianças, cantando o rio, então, é, isso aí tudo, a viola sempre teve presente, a viola sempre foi um instrumento de conquista, um instrumento de motivação, um instrumento de fazer o jovem né, num deixar ele... (Marques 2017).

Nesse trabalho, Doroty dialoga com as crianças sobre a importância de cada rio da região, e resultou na gravação do CD “Paraíba Vivo” - Paraíba em Cantos - Em Cantos do Paraíba (1998), fazendo parte de um projeto em defesa do Rio Paraíba do Sul. O disco é composto de 14 faixas e tem a participação de corais de alunos de cinco escolas da região de São Luiz do Paraitinga, e do Grupo Rio Acima (Paraíbuna), Grupo Paranga (São Luiz do Paraitinga), Zé Gomes, Turma Que Faz, dentre outros. O CD foi produzido pela Vale Verde - Associação de Defesa do Meio Ambiente,<sup>170</sup> e faz parte de um programa de conhecimento, recuperação e conservação da bacia do Paraíba: “Desenvolvido pela artista Doroty Marques, baseia-se num trabalho de pesquisa musical que busca resgatar nas melodias piraquaras a consciência ecológica” (Vale Verde 1997).

<sup>170</sup> A Vale Verde – Associação de Defesa do Meio Ambiente é uma organização não governamental (ONG), sem fins lucrativos, fundada em 1988. Acreditando ser a educação o ponto de partida para as grandes transformações, a Vale Verde, apoiada por outras empresas e instituições, desenvolve o programa ambiental PARAÍBA VIVO - Mergulhe nessa ideia, com recursos do FNMA (Fundo Nacional do Meio Ambiente), MMA (Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal) (Vale Verde 1997).



**Figura 46** - Capa do CD Paraíba Vivo



Fonte: Foto da internet

A composição *Água é Vida* (Doroty Marques) abre o CD, em meio a sons de água, Doroty entra tocando Viola Caipira, cantando:

*Sou / infinita gotinhas / Uma a outra / pouco a pouco se juntou  
Fui crescendo, crescendo / E a vida começou*

*Desço a montanha / Corro pro mar  
No caminho / Vou criar  
Lindo vale verdejante / Paraíba vai chamar*

*Eu sou água pura / Em mim brotam peixes  
Florestas e flores / Sou um rio  
Rio é água / Água é vida [...] (Marques 1997).*

Conforme a música vai crescendo entram Zé Gomes (Violão e Bandolim), com Luana e Lucena (Turma Que Faz) participando no coro, acompanhadas por percussão.

Em ritmo alegre de marchinha carnavalesca, ao som de viola, violões, cavaquinho, tambor e caixa, a segunda composição, *Cantiga do Paraitinga* (Paulinho Baroni) é interpretada pelo Grupo Paranga, Renata, Parê e Nena, acompanhados por alunos da EEPG Cel. Domingues de Castro de São Luiz do Paraitinga. A letra é um pedido de socorro do rio poluído:

*Eu vou nadar, nadar, nadar com você / Nadar com você, nadar com você /  
Eu vou nadar, nadar, nadar com você / Com você vai ser legal*

*Eu sou o rio Paraitinga / Estou pedindo socorro / Precisando de amor  
Jogaram lixo em mim / E o esgoto também / Veja só o que aconteceu  
[...] (Baroni 1997).*

Compondo também esse CD, na canção *Árvores e Flores do Paraíba* (Doroty Marques - adaptação de Domínio público), Doroty Marques (sanfona) é acompanhada por Zé Gomes (rabeça), com o coro dos alunos da escola Olavo Bilac. O coro canta em resposta a cada pergunta da canção referente à primeira frase de cada estrofe, cantada por Doroty indagando sobre quem plantou cada árvore ou flor:

*Lindo pé de ipê / Quem que te plantou?  
Foi a natureza / que o rio molhou  
[...]  
Secular paineira / Quem que te plantou?  
Foi a natureza / que o rio molhou  
[...]  
Pau-Brasil extinto / Quem que te plantou?  
Foi a natureza / Que o rio molhou  
Bromélia e orquídea / Quem que te plantou?  
Foi a natureza / Que o rio molhou*

*Reina, reina, reina amor / Jesus Senhor  
Minha Mantiqueira / Quem te matou?  
Foi tanto progresso / Que destruiu a flor  
Reina, reina, reina a dor / Jesus Senhor  
E a Mantiqueira / Quem que te matoooooou (Marques 1997).*

A letra também menciona o nome de outras árvores e flores da região, como figueira, jatobá, quaresmeira e pau d'alho. A música termina com o som de água de rio.

Na composição *Aves* (Doroty Marques - adaptação de Domínio público), Doroty (voz, viola) é acompanhada por Zé Gomes (rabeça), percussão e vozes dos alunos da escola Marta Habib e Turma Que Faz. A música termina com o canto de pássaro e som de água de rio. Conforme os trechos a seguir, a letra mostra o rio pedindo por sua sobrevivência e a permanência da floresta e pássaros ao seu redor:

*Como sou um rio daqui / E não quero ir embora  
Quero floresta, quero passarinho*

*Nesse mato não tem passarinho / Nem jacu, macuco, sabiá  
Andorinha voou foi embora / Fazer ninho num galho de amora  
Pelo bem dessa menina / Pelo bem dessa senhora / Pelo bem que se namora  
[...]  
Mas como sou um rio daqui / E não quero ir embora  
Quero floresta, quero passarinho  
Não vejo Martin pescador / Pica-pau, saracura, beija-flor  
Garça branca voou disse adeus / Sou um rio sem fauna e sem flor  
(Marques 1997).*

Este CD tem uma característica alegre, brincante e dançante, com exceção da composição *Origens* (Doroty Marques), com um timbre instrumental mais melancólico, abordando o tema indígena. Doroty (voz e sanfona) é acompanhada por Zé Gomes (Viola de arco e Violino), e “Turma Que Faz,” junto com os alunos que cantam respondendo o significado de cada nome indígena cantado por Doroty, sendo a maioria, nomes de cidades, serras e rios da região:

*Caçapava é / clareia na mata*  
*Jacareí / Jacaré nas águas*  
*Guaratinguetá / Garças brancas*  
*Pindamonhangaba / É brincar de anzol*  
*Tremembé / Tribo da região*  
*Paraíba / Rio de águas barrentas*  
*Paraitinga / Rio de águas claras*  
*Paraibuna / Rio de águas escuras*  
*Bocaina / É um corte aberto na Serra*  
*Mantiqueira / A chuva que goteja*  
*Tupinambás-Charruas / Os índios da floresta*  
*Puris-Guaianazes / O povo da floresta*  
*Tamoios-Goitacazes / Os donos da floresta*  
*Nação guarani / tupã de proteja*  
*Caraíba matou / os índios da floresta*  
*Paraíba sabe / Paraíba viu!*  
*Paraíba chorou!!! (Marques 1997).*

Conversando com Doroty Marques (2017), perguntei se durante este trabalho, os jovens ficaram interessados na Viola Caipira, ela respondeu afirmando que é necessário ter uma relação mais próxima com o instrumento para que o jovem se interesse:

Sabe o quê que é nossa grande tragédia? Nós num conhece nós mesmo. Entendeu? Eu estive em lugares que a pessoa adora uma viola, mas nunca viu uma viola de pertinho, nunca passou os dedos nas cordas de aço da viola, tá entendendo? Nunca acariciou ela, como é que você quer que ele, né?, tem alguma relação (Marques 2017).

Alguns dias depois, encontrei outra resposta à minha pergunta, assistindo a um vídeo postado no youtube no ano de 2014, em que mostra uma jovem da “Turma Que Faz” (São Jorge - Alto Paraíso/GO), tocando Viola Caipira. Ela e mais quatro jovens do grupo (voz, violão, percussão) aparecem usando a camiseta do Projeto “Turma Que Faz,” com a logomarca do projeto: camiseta de cor verde com desenho de uma coruja, com nome e local do projeto. Juntos com Doroty Marques (viola voz), João Arruda (voz e viola de cabaça),

Kátya Teixeira (voz), interpretam *Arreuni* (Chico Maranhão), no programa “Sr. Brasil,” apresentado por Rolando Boldrin. O programa inicia com a frase: “O coração de um cantador, é terra que ninguém passeia” (poesia popular).<sup>171</sup>

O Projeto “Turma Que Faz” acompanha o trabalho de Doroty durante anos, por meio de vivências significativas “que promovam a autoestima, a comunicação e expressão, a convivência familiar e comunitária, o reconhecimento do contexto em que vivem e a consciência ecológica e patrimonial.”<sup>172</sup> Dentre as atividades desenvolvidas estão: atividades musicais, com aulas de percussão, viola, violão e construção de instrumentos musicais para as crianças e adolescentes da Vila de São Jorge, (sendo que, o canto e percussão são também atividades semanais da “Turma Que Faz,” para as 120 crianças no município de Alto Paraíso/GO); atividades diárias de artes plásticas, estimulando as crianças a reconhecer, valorizar e pintar os elementos da fauna e da flora do Cerrado; artes cênicas; esportes, dentre outras.

A “Turma Que faz” monta todo ano uma Opereta apresentada no mês de julho, no Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, com temáticas voltadas à cultura popular e meio ambiente:

Integrada às atividades musicais, os conteúdos de artes cênicas são apresentados de maneira fluida e oral durante os ensaios e produção da Opereta da Turma, montagem anual feita pelos participantes do projeto, com a participação de toda a comunidade da Vila de São Jorge, sempre com temas ligados à cultura popular e ao meio-ambiente. Ao final do processo, o grupo faz uma apresentação pública no palco principal do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros para aproximadamente 3 mil pessoas.<sup>173</sup>

Em 2009, Doroty Marques e Dércio Marques, lançaram com a “Turma Que Faz,” o CD “Criunaná.” Cada música do encarte do CD tem uma pintura com flores da região realizada por Zé da Paixão (Turma Que Faz) que também confecciona vários dos instrumentos do grupo. Dércio Marques, Doroty Marques, Turma Que Faz, Érika Gisel, Celiomar Marques Vidal (Buriti) são os músicos participantes deste trabalho, que usam

---

<sup>171</sup> Doroty Marques e jovens da “Turma que Faz.” Sr. Brasil - Rolando Boldrin - 16/11/14. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=euUlce4v264>. Acesso em: 21 jul 2017.

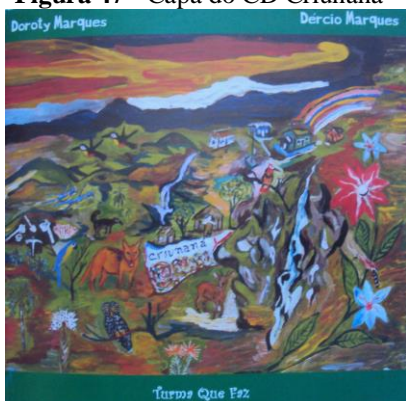
<sup>172</sup> Disponível em: [www.turmaquefaz.org.br](http://www.turmaquefaz.org.br). Acesso em: 23 jul 2017.

<sup>173</sup> Ibid.

instrumentos como: viola caipira, viola de cabaça, violino de cabaça, violões, sanfona, calimbas, tambores, berimbau indiano, cajon, tchacabun, pau de chuva. Parte dos instrumentos, como por exemplo, violas de cabaça, calimbas e marimbas são fabricados por profissionais da “Turma Que Faz.” O trabalho tem participação especial de pássaros (araras e outros), rios, cachoeiras, ventos, crepúsculo, insetos, morros... (Marques; Turma Que Faz, 2009). Na apresentação do CD, Doroty (2009) explica como surgiu o projeto, e como foi gravado ao vivo esse trabalho, estimulando a criatividade musical dos participantes:

Certo Dia. Nasceu em um povoado, no meio do cerrado cheio de flores, pássaros e cachoeiras, um espaço de arte e ecologia: Turma Que Faz. Crianças, jovens e adultos de mãos dadas, construíram esse sonho do sentir, criar e multiplicar, confiando em si próprio e na comunidade. Este CD é mais um fruto que colhemos. Foi gravado ao vivo improvisando as linguagens, ritmos e harmonias, tendo como público, cenário e sons, a Natureza da Chapada dos Veadeiros. Este disco é para sentir. Povoado de São Jorge, Maio de 2009. Doroty Marques. Alto Paraíso - Goiás – Brasil (Marques 2009).

**Figura 47** - Capa do CD Criunaná



Fonte: Foto da autora

**Figura 48** - Encarte do CD Criunaná



Fonte: Foto da autora

O CD constitui-se das 13 seguintes faixas:

1. *Rarasá* – Canto das Araras. Gravado nas Corredeiras do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros;
2. *Prututu* – Canto das Borboletas. Gravado na Cabana Turma Que Faz;
3. *Marurê* – Canto das Flores. Gravado no Quintal da Cabana Turma Que Faz;
4. *Gaporim* – Canto do Garimpo. Gravado no Garimpo do Parque Municipal Pregoia;
5. *Ainei* – Canto do Fogo. Gravado no Sítio Raizana;
6. *Moromariri* – Canto dos Bichos do Brejo. Gravado no pátio da Escola Zeca de Farias;
7. *Tutumoia* – Canto da Siriema. Gravado nas Corredeiras do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros;
8. *Tombe* – Canto das Abelhas. Gravado no Parque Municipal do Pregoia;

9. *Quemanai* – Canto da Terra. Gravado no Sítio Raizama;
10. *Quinaná* – Canto dos Pássaros. Gravado no Quintal da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. Participação Especial: Os Pássaros;
11. *Catamarriá* – Canto do vento. Gravado no Quintal da Cabana Turma Que Faz;
12. *Criunaná* – Canto das Águas. Gravado no Córrego Preguiça;
13. *Tecamaiá* – Canto do Crepúsculo. Gravado no Sítio Raizama.

Esse ano de 2017 o trabalho apresentado no Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, foi a Opereta Popular “Poeira Cósmica.” O tema aborda sobre a vinda de seres de outros planetas,<sup>174</sup> para ajudarem o planeta Terra a cuidarem da natureza, assim explica Doroty:

[...] é sobre seres de outros planetas, né, Marte Júpiter Saturno e Vênus, eles vem pintar um encontro no meio do Cristal, porque no plano do cristal, eles se comunicam com tudo, sabe. Porque aqui é a terra do Cristal, eles vêm tentar comunicar com o homem, e ver no quê que ele pode ajudar pro homem parar com essa destruição toda do planeta Terra, e por quê que o homem tá fazendo isso (Marques 2017).

O pensamento dos seres de outros planetas é que o homem precisa saber que, se ele acabar com o planeta Terra, vai acabar com os outros planetas também, “porque é tudo um sistema, não é isolado, jogado ali, né!” (Marques 2017). Os seres trazem então uma poeira cósmica, esclarece Doroty, para tentar ajudar a recuperar nossa sensibilidade, nosso equilíbrio e o azul do céu:

Existe na ciência essa partícula cósmica, ela é tão pititinha que você não enxerga, mas diz a ciência que ela cai no universo. Então, os seres de outro planeta tá trazendo, porque ele acha que nós perdemos a sensibilidade, o equilíbrio das coisas, porque nós não recebemos mais essa partícula cósmica, por causa da poluição. Você já viu? Olha aí no computador, não tem mais o azul da Terra, é só aquele trem lá, satélite artificial, e a camada de ozônio, aquele pretãaaaaa!!! Você não vê mais o azul igual a gente via, lembra? Você não vê 10% de azul mais. Então eles vêm conversar com a gente (Marques 2017).

E quando os seres chegam, por não falarem a mesma língua, se comunicam por meio do cristal, e são os animais do Cerrado que os levam até o homem, narra Doroty:

<sup>174</sup> “A ideia surgiu uma vez em que a arte-educadora foi a Brasília para resolver trâmites burocráticos. Quando questionada sobre onde morava, ao dizer “vila de São Jorge”, perguntaram: ‘Ah, naquele lugar onde moram os ET’s?.’ Ela respondeu: ‘Sim, só tem extraterrestre por lá. Inclusive eu.’” (Almeida 2017).

Os seres de outros planetas, eles encontram primeiro com os bichos do Cerrado, os bichos é que levam eles pro homem, entendeu? Eles encontram com a mãe arara, encontram com a onça, capivara, com a mãe d'água, no final que eles levam pro ser humano, e os seres já vão notando a distância que tá o homem da natureza dele próprio, entendeu? (Marques 2017).

Doroty informa que confeccionou tudo com o grupo, enfeites, bonecos em forma de animais, os seres visitantes: “Os seres de outros planetas são lindos! Nós temos os bonecos de tudo, entendeu? Do tamanho natural” (Marques 2017).

As imagens abaixo mostram trechos da opereta “Poeira Cósmica” apresentada em 28 de julho de 2017. A foto à esquerda Doroty Marques toca viola na apresentação com participação do violeiro João Arruda (viola de cabaça). As fotos seguintes mostram trechos desta opereta de Doroty com a “Turma Que Faz:”

**Figura 49** - Opereta “Poeira Cósmica”



Fonte: Fotos de Alik Wunder

A opereta apresentou diversos ritmos latinos e brasileiros, músicas de Violeta Parra, composições de Doroty e de Dércio Marques, e temas relacionados à região da Chapada dos Veadeiros e do Cerrado: “uma canção sobre São Jorge e outra sobre a preservação do bioma

levaram o público a cantar junto com os músicos num grande coro de diversas vozes” (Almeida 2017).<sup>175</sup>

Após a realização dessa opereta em julho de 2017, Almeida (2017) informou que a mensagem de preservação e conscientização foi passada pelos figurinos e cenografia do espetáculo permeado por música, dança, projeções, bonecos e acrobacias no tecido e no solo, espalhando a poeira cósmica ao final da apresentação:

Os seres extraterrestres aterrissaram em trios em frente ao palco, nas naves coloridas montadas com os tecidos acrobáticos. Uma por uma, as crianças sacolejaram em direção ao solo, descendo de suas naves espaciais ao chamado da mestra Doroty, para encontrar os seres que aqui habitam, como a anta, a onça, o curupira e a caipora. Ao final do espetáculo, o brilho prateado da “poeira do cosmo, da união e da sabedoria” foi espalhado pelo público, fazendo alegria em forma de purpurina (Almeida 2017).

O trabalho ambiental como arte educadora vem acompanhando Doroty em sua trajetória nas últimas décadas. Em 1992, no Rio de Janeiro, Doroty Marques foi convidada especial da Conferência Eco-92, sendo premiada pela Organização das Nações Unidas (ONU) por seu trabalho com crianças e jovens nesse evento. Nesse evento internacional, representando o estado de São Paulo por meio da Secretaria do Menor, foi exibida a opereta popular chamada “O dia que surgiu a noite” (criação conjunta de Doroty Marques com adolescentes e crianças).<sup>176</sup> Assim conta Doroty sobre a floresta e aldeias indígenas que montou com as crianças nesse importante evento:

Fizemos mais de 9000 flores, penduradas em arame fininho, lá em cima do circo... rodeando tudo ali, você abria a lona pra entrar, você já tava no meio das flores, foi divino! E eu montei lá duas aldeias, as ocas eu fiz tudo de sapê, paulistano, aquele capim,..., aldeia indígena no meio da floresta, representada por 200 crianças das favelas de São Paulo, foi onde eu ganhei o prêmio da ONU (Marques 2017).

---

<sup>175</sup> As cores e ritmos da Turma Que Faz e Doroty Marques no XVII Encontro de Culturas, por Marina Almeida. 02 de ago. 2017. Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2017/noticia/1011/as-cores-e-ritmos-da-turma-que-faz-e-doroty-marques-no-xvii-encontro-de-culturas>. Acesso em: 03 ago. 2017.

<sup>176</sup> “O espetáculo apresentando dança, música e teatro de bonecos, foi exibido com sucesso por quatro dias consecutivos, contando com um público nacional e internacional de aproximadamente 1500 pessoas por dia” (Albuquerque, 2016: 91).



Em São Paulo, município de São José dos Campos, Doroty fundou uma escola de arte e cultura, conseguindo adquirir 12 alqueires de terra para trabalhos com crianças carentes da periferia da cidade.<sup>177</sup>

Dentre as operetas ambientais que organizou, destaca-se também o projeto “Cadê meu rio que estava aqui?” envolvendo todas as escolas públicas da região de Penápolis/SP, resultando no replantio da mata nativa dos arredores da cidade e o plantio de 5.000 mudas de árvores frutíferas nos quintais das casas.<sup>178</sup>

Além de Doroty Marques, que vem desenvolvendo um trabalho de educação ambiental por meio da arte, com a Viola Caipira inserida no contexto, outros trabalhos de educação ambiental vêm sendo intercambiados principalmente pela Viola Caipira. Tema que será ampliado no próximo capítulo.

---

<sup>177</sup> Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos veadeiros, de 15 a 30 de julho de 2017. Vila de São Jorge – GO. Projeto da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. Artistas do XVII Encontro de Culturas. Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2017/grupo/153/doroty-marques>. Acesso em: 21 jul 2017.

<sup>178</sup> Ibid.

### 3 A Viola Caipira e a Educação Ambiental

*Lá do céu evem caindo, três raminhos de fulô  
o do meio evem dizendo, que este rio é meu amor  
[...] Todo verso que eu sabia, veio o vento e carregou  
no caminho dessas águas muita gente acordou  
[...] O pacu a piapara, matrighã e surubim  
nosso rio tão sagrado, não pode morrer assim  
Morrer assim, nosso rio tão sagrado  
O pacu a piapara, matrighã e surubim  
[...] Em cima daquela serra, tem um ninho de saracura  
jacaré andou dizendo, água pura é cultura / [...]  
(Medina; Chico 2013).*

O rio São Francisco nasce no Cerrado, na serra da Canastra, em Minas Gerais, e deságua no oceano Atlântico, na divisa entre Alagoas e Sergipe. É o maior rio totalmente brasileiro, com 2.800 km de extensão. Existe um debate político ambiental sobre os prós e os contras do projeto de transposição deste rio para abastecer o nordeste.

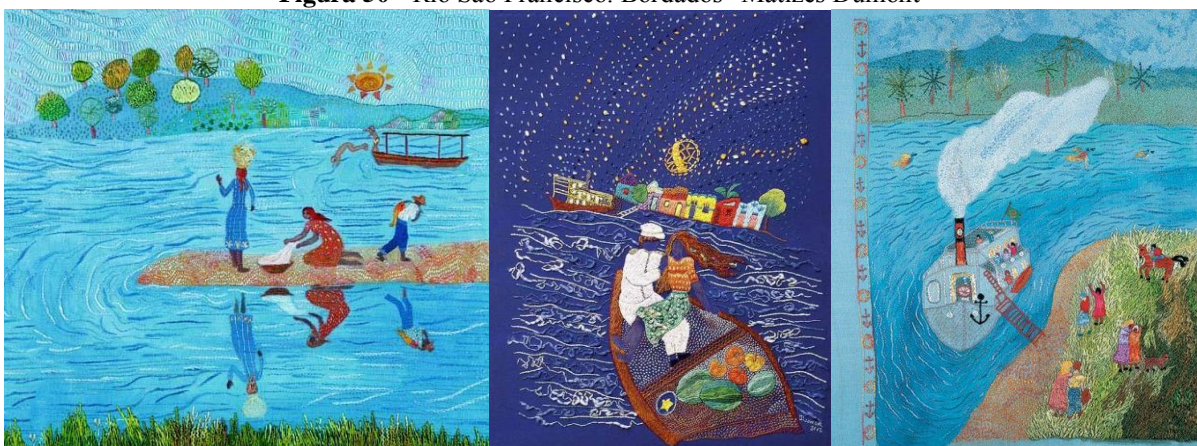
A música *Caminho das Águas*,<sup>179</sup> referente aos trechos acima citados, foi adaptada em cima de versos de domínio público, pelo violeiro Josino Medina e o músico pesquisador Frei Chico<sup>180</sup> durante uma viagem de barca, que realizaram juntos com educadores, estudantes, pesquisadores e artistas,<sup>181</sup> descendo todo o rio São Francisco durante 30 dias, desenvolvendo um trabalho de pesquisa e conscientização ambiental com as comunidades ribeirinhas. Josino Medina participou ativamente com a Viola Caipira, durante todo o trajeto da viagem.

<sup>179</sup> Frei Chico interpreta *Caminho das Águas* no programa Sr. Brasil - Rolando Boldrin - TV Cultura. Programa exibido em 21 jul. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6iO8Vv6nWeM>. Acesso em: 09 nov. 2015. Essa canção é uma das faixas do CD de Nádia Campos, “Cantigas de Beira Rio” (2013), interpretada por Nádia e Pereira da Viola.

<sup>180</sup> Francisco van der Poel, conhecido como Frei Chico, é franciscano Holandês e chegou à cidade de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha - MG, nos anos de 1967. A região era considerada na época, uma das mais pobres do mundo, e suas viagens pelo Vale eram realizadas no lombo de burro. Frei Chico ficou encantado com a riqueza cultural do Vale, e fundou em 1970, com apoio da artesã ceramista Lira Marques, o Coral Trovadores do Vale (artesãos, enfermeiros, professores, secretárias, carpinteiros, motoristas, jardineiros, serviçais, estudantes, balconistas, donas de casa...). Esse Coral pesquisa e interpreta cantos de: canoieiros, tropeiros, boiadeiros, machadeiros, lavadeiras, penitência, excelências, louvor de anjo, benditos, folias. Disponível em: <http://trovadoresdovale.blogspot.com.br/> e <http://virusdaarte.net/frei-chico-um-holandes-no-vale-do-jequitinhonha/>. Acesso em: 11 set. 2016.

<sup>181</sup> O escritor educador Carlos Rodrigues Brandão e o músico artista plástico Bené Fonteles (idealizador do Movimento Artistas pela Natureza) são exemplos da tripulação presente nessa barca.

**Figura 50** - Rio São Francisco. Bordados “Matizes Dumont”



Fonte: Fotos da internet

Uma das canções que Josino Medina (2017) afirma sempre usar em seus trabalhos ambientais com a viola é *Não jogue lixo no chão* (Vital Farias), música que compõe o CD “Monjolear” - Dércio e Doroty Marques e a escola da Criança – Espaço Adolescer (1996) e é cantada por Dércio Marques e alunos da escola. A letra defende a terra como mãe da vida, e deve ser tratada com carinho:

*Não jogue lixo no chão / chão é pra plantar semente  
Pra dar o bendito fruto / pra alimentação da gente*

*O peixe que sai do rio / o amor que sai do peito  
A água limpa da fonte / um sentimento perfeito  
A terra que tudo cria / não pede nada demais  
Ser tratada com carinho / para vigorar a paz*

*Não jogue lixo no chão / nem rios, lagos e mares  
A terra é nossa morada / onde habitam os nossos pares*

*A natureza é quem cria / o amor imediatamente  
Milagre que faz da vida / bendito fruto do ventre  
Se queres sabedoria / aprenda isto de cor  
A terra é a mãe da vida / útero, ventre maior*

*Não jogue lixo no chão / chão é pra plantar semente  
Pra dar o bendito fruto / pra alimentação da gente  
(Farias 1996).*

Josino Medina participou também de um importante trabalho de resgate cultural e educação ambiental junto à comunidade Mumbuca, grupo quilombola situado no estado do

Tocantins.<sup>182</sup> Este trabalho foi registrado em dois CD's: "Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca" (2010) e "Violinha de Vereda, Viola de Buriti" (2010), produzidos com a comunidade, com apoio da Funarte.<sup>183</sup> Fragmentos de textos, canções e cantigas presentes nos dois CD's são citados no trabalho "Santa memória da Comunidade Mumbuca: tessituras de versos poéticos," realizado pela professora do Centro Universitário Luterano de Palmas/TO, Maria de Fátima Rocha Medina (2011).

A comunidade Mumbuca é nacionalmente conhecida pela atividade artesanal com o capim de vereda (capim dourado) iniciada no século passado, por Dona Laurinda, e transmitida por sua filha D. Miúda às gerações mais recentes, passando a ser, a partir do ano 2000, a principal fonte de renda (Medina, M. F. R. 2011). As imagens abaixo mostram cenas do trabalho com capim dourado na comunidade Mumbuca:

**Figura 51** - Coleta do capim dourado



Fonte: Foto da internet

**Figura 52** - Artesanato com capim dourado



Fonte: Foto da internet

Essa comunidade mantém uma forte ligação com o Cerrado da região, "Para os moradores, "mumbuca" significa a terra onde houve abelhas azuis em abundância, ou mais precisamente, o lugar em que os antepassados, vindos de outros rincões, estabeleceram raízes, e de onde os artesãos não desejam sair" (Medina, M. F. R. 2011: 297).

Na colheita do capim dourado, assim como ocorria com outras plantações, ocorrem festas e cantorias, como aponta Maria de Fátima R. Medina (2011), que relaciona também o canto de trabalho a esse contexto:

<sup>182</sup> Os primeiros remanescentes de escravos africanos da região migraram dos recantos de Formosa, Santa Rita e Correntes, na Bahia (Medina, M. F. R. 2011).

<sup>183</sup> A Funarte - Fundação Nacional de Artes é ligada ao Ministério da Cultura.

Todo ano, após vinte de setembro, famílias inteiras adentram as veredas em busca da matéria prima que, por meio de habilidosas mãos artesãs, se transformam em peças do cobiçado artesanato. E como ocorria na época das plantações de arroz e algodão, há festa e cantorias para iniciar o tempo da colheita do capim de ouro nos campos de vegetação rasa que alternam com árvores do cerrado e palmeiras. Buritizais e sempre-vivas testemunham a lida e o canto de Santinha, Martina, Raimunda, Adelson e de tantos companheiros. Esse cenário remete aos antigos e renovados cantos de trabalho os quais marcam o compasso das atividades laborais, especialmente de camponeses, e são semelhantes no mundo inteiro (Medina, M. F. R. 2011: 297).

A região apresenta uma paisagem com areias brancas e águas cristalinas que brotam em forma de fervedouros, rios e cachoeiras. “É também lugar em cujos céus passeiam araras azuis em meio a serras e dunas as quais se distribuem harmoniosamente na plana paisagem” (Medina, M. F. R. 2011: 297). A situação ainda é precária na comunidade Mumbuca, em relação ao saneamento básico, variedade e aquisição de alimentos, saúde e educação. Os homens cuidam de pequenas roças familiares, enquanto as mulheres tecem o artesanato de capim dourado. E nesse ambiente, Santinha, uma das moradoras, relembra os cantos antigos da época de colheitas e mutirões: “nostalgicamente, traz animadas cantigas de rodas que eram executadas em período de plantio e de colheita de arroz” (Medina, M. F. R. 2011:301).

**Figura 53** - Josino Medina e Santinha



Fonte: Foto de Geovane Maranhão

**Figura 54** - D. Miúda e Josino



Fonte: Foto de Geovane Maranhão

As imagens acima mostram o ambiente descontraído na ocasião da visita de Josino Medina aos moradores da comunidade Mumbuca. A foto à esquerda, Josino toca rabeça e Santinha canta e toca viola de buriti. Santinha é o nome que os moradores da Mumbuca chamam a filha de Dona Laurentina que vem passando a tradição do artesanato com capim

dourado (Medina, M. F. R. 2011). A foto à direita, Josino toca viola de buriti para Dona Miúda, matriarca da comunidade Mumbuca.

Os habitantes da comunidade Mumbuca que substituíram os roçados de arroz e de algodão pelos campos de capim dourado, buscam esse capim a partir do dia 20 de setembro, época em que “as hastes da sempre-viva estão prontas para serem tecidas, e as sementes estão secas para serem relançadas ao campo” (Medina, M. F. R. 2011:301). Em *Teima do capim dourado* (Josino Medina), uma das faixas do CD “Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca” (2010), se verifica a valorização desse conhecimento regional: *Capim dourado não doura antes do tempo / Tem a hora e o momento / De colher que é de plantar*. Santinha, abre essa faixa do CD, expondo em sua fala, a preocupação ambiental com a diminuição de recursos como o capim dourado, tão importante na sobrevivência da comunidade:

Eu preocupo muito com o capim dourado, porque ele tinha muito e já está pouco. Já está bem pouco. Às veredas que tinha aí, não têm mais. A gente se não tiver muito cuidado, amanhã ou depois vai procurar um capim dourado e não encontra mais. Igual às outras coisas que está faltando; que era do cerrado e não encontra mais. O capim dourado foi uma mãe aqui no Jalapão. Não foi só pra nós aqui na Mumbuca. O Jalapão tudo teve a condição de possuir um fogão, possuir uma cama, uma rede (Santinha 2010).

Durante o trabalho de Josino Medina nessa comunidade, Santinha desde o primeiro contato, se mostrou muito interessada no assunto das tradições, e enquanto tecia peças de capim dourado, cantava pequenos fragmentos de versos, como “*Pula, pula, piabinha,*” “*Calango verde fez a morena chorar*” (Medina, M. F. R. 2011). Durante as diversas transmissões de cantigas de roda por Santinha, ocorridas em situações espontâneas e alegres entre crianças, adolescentes, jovens e adultos foi possível perceber a referência importante que ela é para a comunidade, demonstrando assim, ser um relevante espaço de *performance* (Medina, M. F. R. 2011).

Rocha Medina (2011) reforça a força de união que o canto tradicional proporciona, e faz reviver a infância e o passado: “Assim, o clima saudável e de proximidade, estabelecido espontaneamente, mostra o poder que um pequeno canto possui de envolver as pessoas e de desligá-las das tarefas cotidianas e automatizadas” (Medina, M. F. R. 2011: 308).

A temática das canções gravadas nas 27 faixas do CD “Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca” (2010) está relacionada ao ambiente natural da região, sendo que, 22 cantigas foram informadas por Santinha. O tema água, por exemplo, aparece nas cantigas:

*Peixe bom, peixe da beira do mar; Pula, pula piabinha; Jaú; O vapor da cachoeira.* O tema árvore está nas cantigas: *Pau pereira; Olha laranjeira.* Sobre os animais, as cantigas se diversificam entre: *Urubu; Sabiá; A Ema gemeu; Calango verde; História do amigo barruão; A jiboia; Carneirinho.* Sobre as cantigas dos animais, Maria de Fátima R. Medina (2011) destaca o respeito ao meio ambiente que a comunidade expressa no canto *A jibóia*:

[...] o trato com a jiboia é de amistosidade e respeito ao meio ambiente, como exemplifica o verso seguinte: *Tindolelê, tindolalá / arreda da estrada / deixa a jiboia passar / a jiboia é cobra mansa / ela vem do Ceará / Tindô, tindô lelê, tindô, tindô lalá* (Medina, M. F. R. 2011: 309).

Os dois CD's são gravados com o instrumento regional local, a Viola de Buriti, também chamada de Viola de Vereda. Conversando com Maria de Fátima Rocha Medina (2017), que trabalha na área de pesquisa e extensão tendo desenvolvido o projeto junto com Josino Medina na Comunidade Mumbuca, ela informou que Josino descobriu a Viola de Buriti nesse trabalho, e que este instrumento andava esquecido. Na igreja da comunidade, por exemplo, se tocava somente guitarra e instrumentos eletrônicos. Depois que Josino Medina viu a viola e a valorizou começaram então a fazer o instrumento, chegando a vender várias violas em Palmas/TO, na Feira do Livro, assim como também, passaram a tocar a Viola de Buriti na igreja (Medina, M. F. R. 2017). Conforme coloca esta pesquisadora: “A utilização da viola de buriti, que após longo silêncio voltou ao cenário, na execução das rodas e demais canções, torna a atividade poético-cultural muito mais propícia ao entretenimento” (Medina, M. F. R. 2017).

**Figura 55** – Maurício tocando viola de buriti



Fonte: Foto de Samuel Lemos

**Figura 56** – Crianças tocando viola de buriti



Fonte: Foto de Samuel Lemos

As imagens acima mostram na foto à esquerda, Maurício e a filha, Sofia, durante gravação de CD's, em 02 de abril de 2010, e na foto à direita, no mesmo dia, crianças da comunidade Mumbuca tocam viola de buriti, durante a gravação de CD's.

Participantes do CD, os dois agricultores da comunidade Mumbuca, Maurício Ribeiro (35 anos de idade), principal músico da comunidade, e Arnon Tavares (25 anos de idade) criaram o grupo “Tradição do Jalapão,” fazendo sucesso com a viola de buriti, buscando nas lembranças da infância a inspiração para recriar o instrumento, em uma época que a precariedade do acesso à região não propiciava a acessibilidade de instrumentos musicais industrializados. O Cerrado, os artesanatos com o capim dourado e a viola de buriti estão presentes nas músicas dos dois moradores quilombolas, que praticamente trocaram seus antigos violões pela viola de vereda.<sup>184</sup>

As violas são confeccionadas com talos maduros de buriti, comuns nas veredas do Cerrado, e unem-se as três partes do talo com grampos feitos de taboca. O rastilho e o cavalete, onde as cordas são presas e as tarrachas, responsáveis pela afinação, são esculpidos em vinhático. As cordas são feitas de linhas de pescar de diversas espessuras, sendo os únicos materiais industrializados utilizados.<sup>185</sup>

As imagens abaixo mostram esse instrumento. A foto à esquerda, Arnon coloca corda na viola de buriti, e a foto à direita, a viola de buriti aparece junto à palmeira de buriti, matéria-prima da viola:

**Figura 57** - Arnon colocando cordas na viola de buriti



Fonte: Foto de Geovane Maranhão

**Figura 58** - Viola de buriti, viola de vereda



Fonte: Foto de Geovane Maranhão

<sup>184</sup> Disponível em: [http://www.voaviola.com.br/roster\\_violeiro.php?g\\_co\\_seq=822](http://www.voaviola.com.br/roster_violeiro.php?g_co_seq=822). Acesso em 29 de nov. 2010.

<sup>185</sup> Ibid.



A fala de Santinha abre o CD “Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca” (2010) com frases que valorizam a riqueza no Cerrado:

O Cerrado é rico de bens e frutos e maravilhas, né? [...] ele tem uma vitamina, tem medicina. [...] O Cerrado aqui da Mumbuca, Jalapão, é um Cerrado riquíssimo. [...] só de falar das maravilhas do Cerrado do Jalapão, eu transpiro um amor profundo no nosso coração (Santinha 2010).

Em seguida Santinha canta a canção tradicional *Abre a roda, gente*, com versos como: *Abre roda, gente / eu também quero rodar [...] Alfavaca ramalhuda / Descanso dos passarinhos / Eu faço que vou embora / Vou te esperar no caminho.*

A partir da vivência em Mumbuca, Josino Medina compõe *Violinha de Vereda, Viola de Buriti*, a penúltima música deste CD, interpretada por Josino Medina, com participação de vinte e sete moradores da comunidade e dois visitantes (coro). Na letra, quando canta, *sa minina*, Josino se refere à Santinha:

*Violinha de vereda / Viola de buriti  
Quando eu toco esta viola, sa minina  
É como lembrar de ti*

*Meu irmão fez a viola / Viola fez cantoria  
Pra alegria não faltar, sa minina  
Nem o pão de cada dia.  
No Mumbuca tem najá / Macaúba e cucuri  
Catulé, tucum, mangaba, sa minina  
Amei mais o murici / Violinha de vereda...*

*No Mumbuca tem pequi / Que nem tem peixinhos no mar  
Piaçaba tem de sobra, sa minina  
Cobre as casas do lugar.  
Uma noite eu fui ao céu / Na casa de Laurentina  
Reluziam em meu chapéu, sa minina  
As estrelas lá de cima / Violinha de vereda...*

*As meninas do Mumbuca / Tecem versos com capim  
Ainda vou fazer um verso, sa minina  
Só procê lembrar de mim.  
No encontro com Doutora / Conheci o amor profundo  
Medicina do cerrado, sa minina  
Chuvarada num segundo / Violinha de vereda...*

*Quantas rodas têm na mente / De Santinha da Mumbuca  
Canta até na língua cabocla, sa minina  
Santa é a sua cuca.*

*Fervedouro do Soninho / Agora vou conhecer  
Quero ser uma gota d'água, sa minina  
Nascente do bem-querer / Violinha de vereda...*

*Orlean faz um toquinho / Dá vontade de dançar  
Mano véio assunta tudo, sa minina  
Como é bom saber tocar  
Tem um melzinho a Mumbuca / Vale qual capim dourado  
É a escola da vida, sa minina  
Aprendendo com o Cerrado (Medina 2010).*

Nessa canção, Josino Medina valoriza o aprendizado com o Cerrado, por meio de sua cultura e natureza, como por exemplo, se refere a várias frutas nativas encontradas na região, como: *mangaba, murici, pequi*; cocos que são frutos de palmeiras - *najá* (nome popular do coco Inajá), *macaúba, cucuri, tucum, pati, catolé* (também conhecido por gueiroba, gariroba,...). Quando canta *Tem um melzinho a Mumbuca / Vale qual capim dourado*, se refere ao mel das abelhas nativas, sem ferrão, que é um mel também de uso medicinal e de valor mais alto que o mel da abelha-europeia (*Apis mellifera*). O *fervedouro do Soninho* mencionado na letra é um local turístico com água cristalina que mantém os banhistas boiando.<sup>186</sup>

**Figura 59** - Viola de buriti e fervedouro do Soninho/Mumbuca



Fonte: Foto de Geovane

<sup>186</sup> Fervedouros são piscinas naturais que não deixam as pessoas afundarem, devido a uma rocha impermeável que não oferece vazão para o lençol freático logo abaixo. Quando a água nasce, a pressão é tão grande que empurra a areia para cima. A água fica com alta densidade e as pessoas quando entram nos poços flutuam em partículas de areia. No Jalapão foram catalogados aproximadamente 120 fervedouros. Os cenários formam oásis em meio à vegetação fechada com poços de água azul ou verde transparente e fundos com areia branquíssima. Disponível em: <http://desviantes.com.br/blog/post/os-incriveis-fervedouros-do-jalapao-to/>. Acesso em: 11 ago. 2017.

Para a última faixa do CD, Josino Medina (2017) conta que gravou *O Mumbuca é Lindo*, uma composição que fez para alertar sobre o lixo que tem poluído a região, principalmente vindo por turistas e visitantes:

*O Mumbuca é lindo / Como é lindo o Jalapão  
Só não pode esquecer / E jogar lixo no chão*

*O Mumbuca é lindo / Como é o capim dourado  
Só não pode esquecer / E sujar nosso Cerrado*

*Mumbuca ê, Mumbuca á / O mundo inteiro reconhece este lugar....  
(Medina 2010).*

O outro CD fruto deste trabalho, “Violinha de Vereda, Viola de Buriti” (2010), tem participação especial da dupla “Arnon e Maurício.” As composições, a maioria instrumental, têm nomes relacionados à cultura e ao meio ambiente local. E todas tocadas com violas de buriti. São elas: *Tradição do Jalapão* (Arnon Tavares, Maurício Ribeiro, Sirlene Matos); *Tico-tico* (Maurício Ribeiro, Arnon Tavares); *Passarinho pescador* (Arnon Tavares Maurício Ribeiro); *Meu capim* (Comunidade de Mumbuca, adaptação Genésio Tocantins); *Mão na caixa da viola* (Arnon Tavares, Maurício Ribeiro); *Pula sabiá* (Arnon Tavares, Maurício Ribeiro); *Violinha de vereda instrumental* (Josino Medina); *Catando cucuri* (Maurício Ribeiro, Arnon Tavares); *Sicupira preta* (Maurício Ribeiro); *Siriema* (Maurício Ribeiro, Arnon Tavares); *Caju rasteiro* (Maurício Ribeiro, Arnon Tavares); *Puladinho do cerrado* (Maurício Ribeiro, Arnon Tavares); *Toque do juriti* (Maurício Ribeiro, Arnon Tavares); *Fervedouro do soninho* (Josino Medina); *Sicupira* (Maurício Ribeiro); *Violinha de vereda* (Josino Medina); *Toque da rolinha* (Maurício Ribeiro, Arnon Tavares), dentre outras.

A canção *Tradição do Jalapão* apresenta a natureza da região, suas águas, frutas nativas, e a gratidão pela estadia de Josino Medina que ficou considerado como um amigo da comunidade:

*Meus amigos, eu vim aqui foi / Mostrar minha tradição  
Viemos de muito longe / Somos lá do Jalapão  
A você que não conhece / Só precisa conhecer  
Cachoeiras, fervedouros / Vocês vão gostar de ver*

*Tem também o capim dourado / Que é lá do Jalapão  
Deu início na Mumbuca / E espalhou pelo mundão  
Eu vou falar do cerrado / Que é lá do Jalapão  
As frutas que temos / Servem pra alimentação*

*Vou falar o nome delas / Pra vocês que estão aqui*

*Temos o coco catulé / O pequi e o buriti  
Temos também a mangaba / Cucuri e o murici  
Eu canto esta canção / Com a viola de buriti*

*Por aqui vou encerrar / Esta humilde canção  
É com muita alegria / E amor no coração  
Nós queremos agradecer / Nosso amigo Josino  
Teve com nós na Mumbuca / Na beira do Rio Soninho  
(Tavares; Ribeiro; Matos 2010).*

Em *Sicupira Preta*, além de informar que a *sicupira preta* e a *sicupira branca* servem para remédio, também são mencionadas frutas nativas do Cerrado como o *puçá preto*, o *puçá crôa*, e a mangaba que é a fruta da *mangabeira* também são mencionadas:

*Sicupira preta / Sicupira branca  
Serve pra remédio / Serve pra madeira*

*Tem o pau de pente / Tem a bananeira  
Tem também / a mangabeira*

*Tem o puçá preto / Tem o puçá crôa  
Você pode comer / Que a fruta é muito boa (Ribeiro 2010).*

Arnon e Maurício, aprendizes da escola da vida, e tendo o Cerrado como professor. Eles desenvolveram a confecção e os toques da viola que encanta pelo timbre peculiar, criativo e diversificado, o que se verifica nas músicas integrantes deste CD. Em 24 de março de 2010, Arnon Tavares e Maurício Ribeiro acompanhados por Josino Medina, mostraram o trabalho musical e as violas de buriti no Café literário do VI Salão do Livro do Tocantins, ocorrido em Palmas.<sup>187</sup> Os dois violeiros foram classificados entre os 24 semifinalistas do Festival “Voa Viola,” também em março de 2010,<sup>188</sup> e receberam de críticos a menção de realizarem a “verdadeira música do sertão.”<sup>189</sup>

O reconhecimento do trabalho de Maurício Ribeiro levou-o a participar do espetáculo “Violas Singulares,” junto com os violeiros Sidnei Duarte e Rodolfo Vidal, como parte do

<sup>187</sup> Disponível em: <http://www.ulbra-to.br/Noticias/Viola-de-Buriti-no-VI-Salao-do-Livro.aspx>. Acesso em 24 de jul. 2017.

<sup>188</sup> O Voa Viola é um projeto nacional que mostrou a variedade e o alcance que a viola tem em diferentes segmentos da música brasileira. O festival foi realizado no intuito de aproximar a comunidade violeira, fomentar carreiras, ampliar o público e estimular a troca de informações sobre a viola. Disponível em: [http://www.vitrinedotocantins.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=59025:viola-de-buriti-do-jalapao-no-voa-viola&catid=40&Itemid=36](http://www.vitrinedotocantins.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=59025:viola-de-buriti-do-jalapao-no-voa-viola&catid=40&Itemid=36). Acesso em: 24 jul. 2017.

<sup>189</sup> Ibid.

projeto “Sonora Brasil”<sup>190</sup> - Circuito 2015 - 2016, cujo tema foi Violas Brasileiras, com participação de importantes violeiros brasileiros. Os outros espetáculos, no mesmo circuito, foram: “Violas Caipiras” com Levi Ramiro e Paulo Freire, “Violas em Concerto,” com Fernando Deghi e Marcus Ferrer, “Violas no Nordeste,” com Antônio Madureira, Cássio Nobre e Ivanildo Vilanova. “O Sonora Brasil é um projeto temático que tem como objetivo difundir expressões musicais identificadas com o desenvolvimento histórico da música no Brasil” (Sonora Brasil 2015:8). Para as “Violas Singulares” foram escolhidos músicos representantes de três regiões, Paraná, Mato Grosso e Tocantins.

As violas singulares são aquelas que não foram difundidas além de suas regiões de origem, permanecendo sempre ligadas a gêneros musicais bastante regionalizados, como o fandango do norte do Paraná e sul de São Paulo, o cururu e o siriri do estado do Mato Grosso e os ritmos tradicionais do Cerrado (Sonora Brasil 2015: 43).

Nesse espetáculo Maurício executou composições próprias e outras de Josino Medina e de parceria com Arnon Tavares e Sirlene Matos. As letras das músicas apresentadas no repertório estão impressas no livro do projeto Brasil Sonora. O livro é distribuído gratuitamente no espetáculo, divulgando assim as mensagens sobre a cultura e o meio ambiente característico da região de Cerrado no Tocantins, também em registro impresso.<sup>191</sup>

Por meio de suas *performances* musicais, de uma forma ou de outra, todos os músicos entrevistados nesta pesquisa transmitem uma mensagem de sensibilização em relação à natureza e a grande maioria tem ligação forte com o bioma Cerrado. Além de Josino Medina, boa parte das violeiras e violeiros entrevistados deixou claro que desenvolve um trabalho de conscientização ambiental em relação ao Cerrado, por meio da música, principalmente Dani Lasalvia, Wilson Dias, Chico Lobo, Sol Bueno, Erick Castanho, Luiz Salgado, Aparício Ribeiro, Victor Batista e Doroty Marques.

Atuando mais diretamente junto a uma comunidade, temos também no estado de Minas Gerais, o exemplo de Sol Bueno (2017) que, apesar de dizer que não se considera

---

<sup>190</sup> O projeto Sonora Brasil é organizado pelo Sesc – Serviço Social do Comércio, e circula em várias regiões do país.

<sup>191</sup> 22/11/2015 - Na Prosa Arrumada, Saulo Laranjeira recebe o Projeto Violas Singulares, composto pelos músicos Sidnei Duarte (viola de cocho), Rodolfo Vidal (viola fandanguera), e Maurício Ribeiro (viola de Buriti). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HsUNOB5mdQ>. Acesso em: 03 ago. 2017.

violeira no aspecto de instrumentista e sim compositora que compõe na viola, de forma autodidata, toca sempre suas composições na viola. Nesse sentido, Sol Bueno utiliza a viola no projeto de arte-educação que desenvolve em São Caetano da Moeda Velha, zona rural próxima à Belo Horizonte, onde mora. O trabalho consiste no “Projeto Cauê Ciranda de Sabenças Populares,”<sup>192</sup> que faz menção ao Aquífero Cauê, que existe no subsolo da região e que as mineradoras e a exploração ambiental têm impactado (Bueno 2017). Nesse projeto Sol Bueno trabalha canções que falam da riqueza ambiental e da importância da preservação. Acontece toda quarta feira à noite, com aproximadamente 20 crianças. Sol Bueno explica que “são rodas de *sabenças*, então tem grupo com mulheres, crianças e idosos. A viola sempre está presente” (Bueno 2017). A imagem abaixo mostra uma vivência do Projeto Cauê:

**Figura 60** – Projeto Cauê



Fonte: Foto do Facebook

A cantora violeira, Sol Bueno (2017) explica que procura envolver a todos no projeto Cauê, inclusive compondo músicas relacionadas ao conhecimento regional, como no caso da canção que vem trabalhando no momento, *Dá macaúba*: “uma cantiga de jogar verso, em que o mote é sobre a macaúba, rica na região, e cada verso jogado tem a ver com alguma riqueza da região, principalmente percebida como meio ambiente:”

*Dá macaúba, dá coquinho*  
*Dá dá*  
*Enfeita o meu terreiro*  
*E a casa do sabiá*

<sup>192</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/Cau%C3%AA-Ciranda-de-Saben%C3%A7as-Populares-1887144218219155/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/Cau%C3%AA-Ciranda-de-Saben%C3%A7as-Populares-1887144218219155/photos/?ref=page_internal). Acesso em: 30 jul. 2017.

No estado de Goiás Victor Batista (2017) relata que, na época em que chegou à cidade de Pirenópolis, ele e um grupo de pessoas que trabalha com educação e outras atividades, foram convidados para coletivamente desenvolverem uma cartilha de educação ambiental, com um CD junto.

Victor Batista ficou com a função de compor música de conscientização ambiental para o CD. Outros grupos ficaram com funções como: elaborar exercícios sobre o Cerrado; informar sobre o Cerrado; tirar fotografias do cerrado para compor a cartilha. “(en)Cantando com a biodiversidade” (2012) foi o CD que Victor montou com seis composições que compôs no curto prazo que teve, conta ele: “fiz seis músicas falando do Cerrado, até citei uma música falando do céu, o que mais me chamou no Cerrado é o céu, porque tá te abraçando, você vai pra um lugar que não tem muita luz e o céu vai fazendo assim, um abraço em você” (Batista 2017). As seis músicas do CD são: *Guardião do Cerrado*; *Cadeia Alimentar*; *Semente*; *O Equilíbrio da Natureza*; *Serra dos Pireneus*; *Céu mais lindo!*

Existe uma mochila que foi feita para esse trabalho acrescenta Victor Batista (2017), um projeto de mochila nas costas com CD e a cartilha dentro da mochila, a mochila ficou pronta, mas a cartilha ficou na elaboração. A partir desse momento, Victor Batista começou a copiar, distribuir e também comercializar o CD: “eu vendo por cinco reais, são seis músicas, o custo é pequeno, então eu já faço esse gancho, pras crianças” (Batista 2017). Victor vem tendo um retorno positivo do CD: “Muitos retornos de mães quando eu dou esse CD pras pessoas, falam, nossa, eu adorei esse CD, e ele não para de girar, como são seis músicas, a criança vai ouvindo várias vezes a mesma música” (Batista 2017).

Victor acha importante colocar que a distribuição desses trabalhos tem uma falha imensa e muitas vezes não chega às mãos das crianças. Para ele, trabalhos deste tipo devem ser incluídos pedagogicamente em escolas: “Eu acho que tem que ter na verdade, um incentivo, pra que os professores e gestores das escolas conheçam esses trabalhos e que eles possam inserir em seu cotidiano” (Batista 2017).

Esse violeiro tem desenvolvido um trabalho musical junto à COEPI - Centro de Orientação Educacional de Pirenópolis, que funciona como um ponto de cultura, um espaço amplo, onde as crianças fazem oficinas de leitura, mosaico, xilogravura, música, dentre outras atividades (Batista 2017). Quem dirige a COEPI é a cantora musicista Isabella Rovo, integrante com Victor Batista do grupo “Camerata Caipira.” Victor conta que o grupo “Camerata Caipira” conseguiu, no momento presente, aprovar um projeto para desenvolver

um CD direcionado para crianças abordando os animais e a flora do Cerrado: “É mais uma ferramenta que a gente tem pra fazer reforçando essa educação” (Batista 2017).

Ainda dentro do estado de Goiás, a caminho de Tocantins, especificamente na Chapada dos Veadeiros, temos o trabalho de arte-educação realizado por Doroty Marques na comunidade do Povoado São Jorge. O projeto intitulado “Turma Que Faz” conta com o apoio da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, Asjor - Associação Comunitária da Vila de São Jorge e apoios de órgãos como: Prefeitura Municipal de Alto Paraíso; Conselho Municipal de Direitos da Criança e Adolescentes / FIA - Fundo da Infância e Adolescência da Infância; PETI - Alto Paraíso (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil); Petrobras; Ministério da Cultura.

Nas imagens abaixo, Doroty Marques toca viola acompanhada pela “Turma Que faz:”

**Figura 61** – Doroty Marques tocando viola com a “Turma Que Faz”



Fonte: Fotos da Internet

O resultado do trabalho de Doroty Marques com o Projeto “Turma Que Faz” manifesta-se a cada edição do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, com uma nova opereta no palco envolvendo em torno de 100 a 250 crianças e adolescentes da região. As temáticas das operetas são diversificadas, mas sempre com o intuito de contribuir com a educação ambiental de forma lúdica, buscando despertar a consciência dos envolvidos no trabalho e do público participante. A base musical principal da opereta é a voz, a Viola Caipira e os instrumentos percussivos. Além da recente opereta “Poeira Cósmica” já foram apresentadas várias outras operetas, como “O que é o que é: faca sem ponta, galinha sem pé,” “Caliandra a flor do Cerrado,” “Canto das Águas,” “O Vaqueiro e o Bicho Frôxo,” “A Anta e a Velha,” “O dia que nasceu a noite,” entre outras, com a participação de seu irmão Dércio Marques, até o ano de 2011. A imagem abaixo mostra Doroty Marques tocando viola com



Décio Marques em uma dessas participações de Décio no Encontro das Culturas Tradicionais:

**Figura 62** – Doroty e Décio Marques



Fonte: Foto da Internet

A opereta “O dia que nasceu a noite,” foi apresentada em 27 de julho de 2012 em homenagem a Décio Marques, poucas semanas após seu falecimento. “A revolução sobe ao palco” é o título que Mário Braz inicia a matéria sobre o evento, e acrescenta: “Envolvendo mais de cem crianças da Vila e de Alto Paraíso, o projeto está há mais de seis anos desempenhando revoluções na vida de seus participantes” (Braz 2012), e segundo ele, esta é uma das programações mais aguardadas de todo o Encontro.<sup>193</sup>

Esta opereta conta uma lenda indígena em que um sol imperioso leva luz e calor excessivos à Terra, que se encontra sem a camada de Ozônio, e um grupo de guerreiros indígenas saem em busca de solução, e pelo caminho interagem com as comunidades diversas que os apoiam.

O musical foi bastante envolvente, com interação entre atores e plateia, comenta Braz (2012): “A sensibilidade é espalhada a toda a audiência, que aguarda, irrequieta, o desfecho da história, interagindo com as canções executadas pela Turma.” Dentre os músicos

<sup>193</sup> “A revolução sobe ao palco.” XII Encontro das Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros - 20 a 28 de julho de 2012. Mário Braz. Em 03 de ago. 2012. Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2012/noticia/579/a-revolucao-sobe-ao-palco>. Acesso em: 14 ago. 2017.

participantes estavam o violeiro paulista Noel Andrade, Doroty Marques e sua filha, a musicista arte educadora Érika Gisel Rocha, e os jovens músicos da “Turma Que Faz.”

**Figura 63** – Opereta “O dia que nasceu a noite”



Fonte: Fotos da autora

Braz (2012) informa que durante a peça os guerreiros recebem um pote mágico guardado pelo Pai da Mata, contendo a saída para acabar com os dias sem noite, mas curiosos, abrem antes do combinado, e surge então uma noite sem fim sobre o planeta. Surge no meio da plateia uma imensa cobra que é clamada para colaborar e se nega. O líder indígena convida todo o público infantil que sobe ao palco e todos juntos solucionam a questão e restauram o equilíbrio no planeta:

O grito pela Cobra Grande surge como saída à perenidade dos turnos do dia. Tochas abrem caminho ao grande réptil ofídio que surge no meio do público. O espetáculo está ali, ao lado do espectador. A dança da Cobra Grande deixa todos vidrados à espera de uma solução ao caos instalado na Terra. Na ansiedade por uma resposta positiva ao grito de socorro, a Cobra nega seu auxílio, e justifica ter ajudado diversas vezes a humanidade, que perdeu todas as oportunidades de estabelecer um mundo harmônico. Passando por cima do desespero, a grande Guia indígena clama a todos os guerreiros infantis a se unirem e transformarem o mundo, assim Dia e Noite, Sol e Lua voltam a coexistir dentro do espaço-tempo de 24 horas (Braz 2012).

A mensagem ecológica é passada de forma inesquecível, como afirma Braz (2012): “A cada presente, cai a consciência ambiental e moral mais pura, que só a Opereta da Turma que Faz pode proporcionar, e é para toda a vida.”

As imagens a seguir mostram a Cobra Grande caminhando no meio da plateia, um momento de surpresa para todos:

**Figura 64** – Crianças e a Cobra Grande

Fonte: Foto da autora

**Figura 65** – Cobra Grande

Fonte: Foto da autora

Característica marcante no projeto é a criação coletiva, em todo processo de preparação da opereta, tendo por base o reaproveitamento e reciclagem de materiais diversos para confecção de cenários, instrumentos, adereços, fantasias, bonecos de arame e outros. As imagens abaixo mostram alguns exemplos:

**Figura 66** – Criança com máscara

Fonte: Foto da autora

**Figura 67** – Menina e a cobra grande

Fonte: Foto da autora

**Figura 68** – Bonecos de arame

Fonte: Foto da autora

**Figura 69** - Bonecos de arame

Fonte: Foto da autora

Nos últimos anos Doroty desenvolveu com a “Turma Que Faz” junto à população local, três cartilhas sobre o Cerrado, com ilustrações pintadas a guache pelas crianças com imagens do bioma (Albuquerque 2016). As cartilhas foram reeditadas em formato de coletânea em 2015 contando as histórias do cristal, da fauna e flora do cerrado e da Chapada dos Veadeiros. As autoridades locais, a partir desse trabalho nomearam as ruas e praças de São Jorge com os nomes das árvores do cerrado, catalogados pelas pessoas da comunidade (Albuquerque 2016).

Com o objetivo de criar uma obra com música e dança sobre frutos do Cerrado existentes na região, a “Turma Que Faz” realizou uma pesquisa de boca a boca na comunidade, mas encontraram dificuldade em achar nos livros, histórias, fotos e referências sobre o assunto. Doroty Marques relata que esse foi o motivo de juntos desenvolverem uma cartilha sobre os frutos do Cerrado. Esta cartilha é composta por 21 frutos do Cerrado, com poesias e ilustrações pintadas pelos integrantes do projeto.

Por isso resolvemos juntos, 100 crianças, jovens e os educadores a fazer essa cartilha bem popular em forma de poesias, contendo receitas típicas e bem colorida com nossos frutos do Cerrado, para todos os seres que não tem acesso a grandes bibliotecas e nem a sites da internet.<sup>194</sup>

Conforme alguns versos da poesia para o fruto *Araçá* (Goiabinha do Cerrado), a preocupação ambiental também é explorada na cartilha:

*Araçá meu araçá / você tem de 3 a 5 metros  
Produce de 30 a 80 frutos / só pra nos alimentar*

*Fico muito triste / quando vejo você  
Ser usado como / lenha e carvão  
E me pergunto / será que vai sobrar  
Araçá para minha geração?*

*Seu fruto quando / maduro e curado  
Serve para fazer / polpa, doces e geleias*

*Com suas flores branquinhas / que explodem de agosto a outubro  
Podemos fazer chá / ele cura a cólica e a disenteria  
E a gente volta a brincar!*

<sup>194</sup> Disponível em: <https://pt.slideshare.net/comidamateira/receitas-frutos-do-cerrado>. Acesso em: 03 ago. 2017.

Nos últimos versos da poesia de outro fruto, o *Ingá*, além de passar o conhecimento tradicional, o despertar de uma canção de proteção da planta, surge da inspiração emanada pelas flores:

[...]  
*Do tronco do ingazeiro / pode-se fazer chá e banhos*  
*Auxilia a cicatrização de ferimentos / suas flores, de estames longos*  
*Branças e perfumadas / bailam ao ritmo do vento*  
*Meus olhos e olfato / acendem uma canção!*  
*Cantar pra te proteger / hoje, amanhã e depois*  
*Dos seres sem coração!*

Em “Educando pelas trilhas do Cerrado - Um Roteiro para Introduzir a Educação Ambiental em Escolas e Comunidades,” Andrigueto (2015) coloca como objetivos da Educação Ambiental dos novos tempos, o resgate da essência da vida, os valores significativos, os papéis cooperativos, a autoconfiança individual e coletiva de comunidades tradicionais, grupos, professores.

É o tempo de vivenciarmos uma nova postura coletiva em prol da conservação do nosso ambiente. Saímos da noção do indivíduo para içar o conjunto. É o tempo de propormos uma onda coletiva do bem. Como começar? Olhando o passado e projetando o futuro com base nos conhecimentos que já alcançamos (Andrigueto 2015: 55).

O processo coletivo e participativo na construção de valores e práticas para o equilíbrio ambiental é também apontado, no mesmo livro, pela antropóloga educadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, profa. Dra. Rosângela Azevedo Corrêa, idealizadora do Museu do Cerrado, um museu virtual que tem por missão divulgar os conhecimentos científicos, os saberes e os fazeres populares relacionados à sociobiodiversidade do Cerrado.<sup>195</sup>

A educação para a gestão ambiental ocorre, então, por meio de um processo participativo no qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, adquirem conhecimentos, atitudes e competências voltados para a conquista e a manutenção de um meio ambiente ecologicamente equilibrado (Corrêa, R. A. 2015: 71).

<sup>195</sup> O Museu do Cerrado é “um espaço aberto para divulgação de ações/projetos para a conservação, preservação e recuperação do Cerrado e a valorização do patrimônio ecológico, arqueológico e cultural dos Povos do Cerrado.” Disponível em: <http://museucerrado.esy.es/>. Acesso em: 03 ago. 2017.

Na região de Cerrado pesquisada verifica-se que o trabalho musical dos músicos entrevistados está conectado ao meio ambiente em que se vive. E uma parte dessas violeiras e violeiros demonstram uma preocupação ecológica, chegando a desenvolver um trabalho de educação ambiental por intermédio do fazer musical com a Viola Caipira. A seguir, na próxima seção, algumas ponderações sobre essas constatações serão realizadas.

### **3.1 O trabalho de violeiras e violeiros no interior do Brasil: diálogo e reflexões**

Desde Portugal, a Viola Caipira apresenta sua relação com o meio ambiente, por meio das composições dos tocadores. Sardinha (2001) traz vários exemplos de violeiros morando em meio rural, dentre eles, o violeiro António Jacinto, que com 67 anos de idade, continua vivendo de suas plantações na roça:

[...] apenas acompanhado do seu sobrinho e mulher, rodeado só de céu e colinas, onde brotam os matos, os sobreiros e as azinheiras. Mais cerca do casario, pastagens para gado, trigais e searas de aveia, centeio, cevada, tremoços. Oliveiras e algumas árvores de fruto compõem o resto da paisagem, no Monte das Figueirinhas. António Jacinto cria «uma porção» de cabeças de gado (vacas, ovelhas, cabras e porcos pretos), mas vive fundamentalmente da cultura da terra, que é de sua pertença... (Sardinha 2001: 34).

Pesquisando sobre a Viola Campaniça em Portugal, Sardinha (2001) apresenta canções recolhidas no Alentejo cujos nomes mostram essa ligação com a natureza e a vida no campo, como por exemplo: *Fui Colher uma Romã; Marcela, Marcelinha; Pastorinha Vem Comigo; Na Várzea da Ribeirinha; Já Lá Vem o Barco à Vela; Vai-te Embora, Passarinho; Meu Lírio Roxo do Campo; Ó Minha Amora Madura; Avoa, Pombinha, Avoa; Pastorinha, Vem Comigo; Toda a Bela Noite que Eu Ando.*

Sardinha (2001) chama a atenção para uma canção que reporta aos cantos de viola no nordeste do Brasil: “o impressionante *Vem à Janela!*, lindíssima serenata a vozes, em terceiras, mas fazendo uma cadência da dominante com um intervalo de quarta, muito semelhante a certos cantos à viola do nordeste brasileiro” (Sardinha 2001: 183). Além da ligação com a

terra, o fazer musical com a viola vem também de uma velha tradição portuguesa espalhada por todo o país de se fazer serenata.

Era um importante meio de galanteio e de declaração de amores e namoros, numa época em que todas essas situações enfrentavam algumas dificuldades de execução, por razões de ordem vária. A viola desempenhava, nessas circunstâncias, papel de relevo, já que servia de animador musical ao grupo e às suas investidas poético-amorosas (Sardinha 2001: 161).

Conforme Sardinha (2001), a Viola Caipira sempre esteve inserida nos serões, uma velha prática portuguesa envolvendo todas as classes, de todas as províncias. Familiares, amigos e vizinhos se juntam a fim de se distraírem durante as longas noites de inverno. Sardinha aponta que a viola era “presença indispensável nesses serões em que as pessoas amigas e vizinhas se reuniam na casa de uma delas em volta da lareira, cantando, cantando muito, toda a sorte de modas” (Sardinha 2001: 161). Em uma época em que não existia televisão, a viola fazia parte de seus passatempos noturnos, e assim o violeiro era, nessas circunstâncias, “o fazedor de música por excelência, a mais procurada companhia para se ter um serão alegre e divertido” (Sardinha 2001: 161).

Aqui no Brasil essas características também se apresentam desde a colonização. E mesmo depois da televisão é comum saraus musicais ocorrerem reunindo violeiras e violeiros em cantorias, seja em ocasião de eventos culturais, em festas tradicionais, seja em volta de uma fogueira no quintal de alguma residência urbana ou em meio rural, em sítios e fazendas. Cantorias e saraus ocorrem, por exemplo, há mais de 20 anos no “Sítio Rosa dos Ventos,” um espaço solidário compartilhado pelo dono, o antropólogo educador Carlos R. Brandão, localizado em Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas no sul de Minas Gerais. Frequento este espaço, desde janeiro de 1995. O “Canto Jasmim,” que é meu sítio vizinho, situa-se entre o sítio “Rosa dos Ventos,” o sítio da Ingride e o sítio que foi do músico Dércio Marques. São locais onde ocorrem cantorias com músicos como Fernando Guimarães, Paulo Piu, João Arruda, Alik Wunder, Nádia Campos, Guilherme Melo, João Bá, Levi Ramiro, Kátya Teixeira, Dani Lasalvia, Joaci Ornelas, Doroty Marques, Maryta de Humahuaca, e diversos outros músicos que lá passaram, como Ivan Vilela, Pereira da Viola, Josino Medina, dentre outros.

Nas imagens abaixo, Brandão recebe grupos de Folias de Reis em Festa de Reis que organizou no Sítio Rosa dos Ventos em 06 de janeiro de 2016. A foto à esquerda mostra a

chegada de foliões. Brandão aparece de camisa azul e óculos à direita da foto. A foto à direita mostra o casal anfitrião, Brandão e Maria Alice, acompanhados pelo alferes da bandeira dos foliões, e logo abaixo, caminhando, o poeta e cantador João Bá de chapéu e bengala:

**Figura 70** – Chegada de Folia de Reis



Fonte: Fotos da autora

**Figura 71** – Brandão, Maria Alice, João Bá



Fonte: Fotos da autora

A maior parte dos violeiros entrevistados para este trabalho já visitaram ou são frequentadores da “Rosa dos Ventos em Pocinhos” (forma comum de se referirem ao espaço). Diversos outros exemplos temos em todas as regiões abordadas neste trabalho, sejam nas cidades, povoados, condomínios, chácaras, ou sítios em zona rural, a Viola Caipira sempre está presente “arreunindo” e alegrando as cantorias.

**Figura 72** – João Bá, Fernando Guimarães, João Arruda



Fonte: Foto da autora

**Figura 73** – Nádia Campos e Guilherme Melo



Fonte: Foto da autora

As imagens acima são exemplos de cantorias no Sítio Rosa dos Ventos. A foto à esquerda mostra João Bá deitado na rede, declamando um poema aos sons de João Arruda tocando viola de cabaça e Fernando Guimarães no violão. A foto à direita, a cantora Nádia



Campos e Guilherme Melo tocam viola acompanhando a chegada dos foliões, em janeiro de 2016.

Os músicos Dércio Marques, Doroty Marques e João Bá são grandes artistas agregadores de pessoas. Eles vêm há décadas provocando a união e compartilhamento dos saberes musicais ligados à cultura popular, à música regional (a música da terra) e à Viola Caipira.<sup>196</sup> O produtor cultural mineiro e contador de causos, Tadeu Martins,<sup>197</sup> em “O grito de Dércio Marques será ouvido no Vale” relata que antes de conhecer Dércio Marques pessoalmente, já admirava seu trabalho nos discos “Terra, Vento, Caminho” e “Canto Forte, Coro de Primavera,” e sugere que esses dois discos “devem ser adquiridos, pois se incluem entre as melhores obras da música popular brasileira.” Ao final da matéria, acrescenta: “Dércio Marques, com seu canto forte, de muita raça e sentimento, é um artista que deve ser conhecido, respeitado e amado pelo nosso povo” (Martins 1981).

Essa matéria de Tadeu Martins foi escrita para o “Jornal Geraes,” divulgando a apresentação de Dércio Marques no 2º Festivale, o festival de cultura popular que ocorreu em 17, 18 e 19 de julho de 1981, na cidade de Pedra Azul, no Vale do Jequitinhonha/MG. Dentre os músicos participantes concorrentes neste 2º Festivale estava Paulinho Pedra Azul, músico nascido nessa cidade, interpretando *Cortinas de Ferro* (Paulinho Pedra Azul): *E os mortos já falam mais / E os vivos não vivem mais, jamais [...] / Se abriremos as bocas das portas proibidas / Achamos comidas pra fome matar... [...]*. Canção que depois Paulinho Pedra Azul a gravou em seu primeiro álbum: “Jardim da fantasia” (1982) e foi dedicada a Dércio Marques, Doroty Marques e Elomar (Pedra Azul 1982).

*Jardim da Fantasia* (Paulinho Pedra Azul), composição gravada nesse disco, ficou conhecida nacionalmente: *Bem te vi, bem te vi / andar por um jardim em flor / chamando os*

<sup>196</sup> João Bá, Dércio Marques e Paulinho Pedra Azul cantando *O menino e o mar* (João Bá). Publicado em 26 de maio de 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iqRLk4LoH\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=iqRLk4LoH_Y). Acesso em: 06 ago. 2017. Dércio Marques cantando *Disco voador* (Palmeira e Biá) com orquestra sinfônica. “Brasil Clássico Caipira.” TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HjsK0CSUYtk>. Acesso em: 06 ago. 2017.

<sup>197</sup> Tadeu Martins já se apresentou em mais de 400 cidades brasileiras, e em países como a Argentina, Uruguai, Itália, França e Estados Unidos. Em seu CD “Causos, Cordas e Cordéis,” Tadeu Martins conta causos ao som de Viola Caipira com os músicos: Fernando Sodré, Chico Lobo, Dimas Soares, Rubinho do Vale, Pereira da Viola, Milton Edilberto (Martins 2009). Produtor de eventos há mais de 30 anos, Tadeu Martins tem dez livros editados, participante também de programas de rádio e televisão e de colunas em vários jornais como “Geraes,” “Estado de Minas,” “Brazilian Voice” (Nova Jersey - EUA). Teve participação, com quadro fixo, nos programas “Feira Rural,” “TV Cidade” e “Jornal dos Municípios” (TV Bandeirantes) e “Projeto Buriti” (Rádio Inconfidência). Foi apresentador dos programas “Rancho Fundo” (TV Minas) e “Sala de Cultura” (TV Cultura). Disponível em: <http://lojamusicaquevemdeminas.blogspot.com.br/2011/03/tadeu-martins-causos-cordas-e-cordeis.html>. Acesso em: 05 ago. 2017.

*bichos de amor / tua boca pingava mel [...]*. Klécio Albuquerque toca Viola Caipira nessa gravação. Paulinho Pedra Azul fez também parceria com Dércio Marques na canção *Anjos da Terra*, gravada em seu Álbum “Sonho de Menino” (1986) e no disco de Dércio Marques “Anjos da Terra” (1999).<sup>198</sup>

Diversas gerações de violeiros foram e ainda são influenciadas por estes músicos. O violeiro Joaci Ornelas, por exemplo, ressalta a influência de Dércio Marques em sua vida. Para Joaci, Dércio transpassa a questão de ser artista, exercendo uma influencia não só musical, mas “uma influência mágica, de vida, é uma coisa que ficou pra todos nós, que é a simplicidade, o exercício da comunhão com o todo, com a natureza, com a espécie humana e isso é que é fundamental” (Ornelas, 2017). Joaci reforça o espírito humilde, solidário e desapegado de Dércio:

O Dércio, a música dele, tava a serviço de qualquer um que quisesse cantar, que quisesse participar, o Dércio não tinha essa de ser artista, ser diferente, ou ser melhor, ou ser acima... O Dércio, a música dele estava disponível, onde ele tivesse cantando, podia chegar qualquer um, de qualquer raça, de qualquer espécie inclusive, de qualquer parte do universo e cantar de igual e igual pra ele (Ornelas, 2017).

Um exemplo pode ser visto nas imagens abaixo, que mostram Dércio Marques participando do “Projeto Cantoria da Terra,” desenvolvido pela autora em 1989.<sup>199</sup>

Na foto à esquerda, Dércio Marques canta com um senhor que passava de ônibus pela rodovia, ouviu a voz profunda e sentida de Dércio na Cantoria, desceu do ônibus e foi até o palco pedir pra Dércio cantar uma música de Roberto Carlos, e juntos cantaram *E Por Isso Estou Aqui*: a canção que inicia: *Olha dentro dos meus olhos...* Na foto à direita, Dércio acompanha a cantora mineira Aline, uma das artistas entre os diversos músicos participantes da cantoria.

<sup>198</sup> Anjos da Terra - Dércio Marques e Paulinho Pedra Azul. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6GOF9hB8m0c>. Acesso em: 05 ago. 2017.

<sup>199</sup> Já mencionado na introdução desta pesquisa, esse projeto finalizou o curso de “Especialização Ciências Sociais no Trabalho em Comunidades,” que concluí no Centro de Pós Graduação em Desenvolvimento Agrícola - CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/RJ.

**Figura 74** – Dércio Marques. Cantoria da Terra

Fonte: Arquivo da autora

**Figura 75** – Aline e Dércio Marques

Fonte: Arquivo da autora

Para Joaci, a relação de Dércio com a natureza por meio da música e da arte, o influencia muito mais no dia a dia, na prática, do que propriamente na composição, ele explica: “é algo que te leva pro dia a dia, que a gente leva com a prática, ele tinha uma relação quase digna com a natureza, da forma que lida com a natureza” (Ornelas, 2017). Mas, Joaci reconhece que a composição, a instrumentação, o timbre de voz e o sentimento de cantar de Dércio Marques o influenciaram também musicalmente.

Albuquerque (2016) acredita que o trabalho musical de artistas como Dércio e Doroty, integrantes de uma “rede” independente das gravadoras de discos e das emissoras de rádio e de televisão, “evidencia uma resistência no habitar o mundo, expresso como uma forma sonora de uma verdadeira geopoética.” São artistas, cujas escolhas musicais disseminam novas formas de sentir e agir perante a natureza, aponta Albuquerque (2017):

[...] pretendem participar de todo um processo de inovação de sensibilidades, de ideias, de imaginários e de práticas, através de outro olhar sobre o planeta Terra, e sobre as reações entre nós e ela, em todas as suas dimensões, para reencontrar o sentido e a significação do ato de habitar [...] (Albuquerque 2016: 66).

Como aponta Capra (2002), o surgimento de redes de intercâmbio, vem há muitos anos caracterizando organizações e movimentos populares:

O movimento ambientalista, o movimento em prol dos direitos humanos, o movimento feminista, o movimento pacifista e muitos outros movimentos políticos e culturais de origem popular organizaram-se todos em redes que transcendem as fronteiras nacionais (Capra 2002: 118).

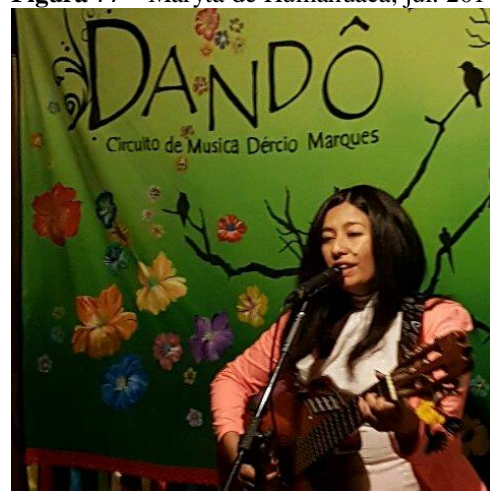
E nesse sentido, temos o exemplo do Projeto Dandô - Circuito de Música Dércio Marques, que funciona como uma rede colaborativa entre artistas disseminando o intercâmbio e o fazer musical regional dentro e fora do Brasil. As imagens abaixo, por exemplo, mostram a cantora, produtora e pesquisadora argentina Maryta de Humahuaca<sup>200</sup> participando da edição do Dandô em Brasília em 16 de julho de 2017. Conforme o cartaz de divulgação do evento, o violeiro Chico Nogueira foi o anfitrião que abriu o espetáculo:

**Figura 76** – Cartaz Dandô: Maryta de Humahuaca



Fonte: Foto do Facebook

**Figura 77** – Maryta de Humahuaca, jul. 2017



Fonte: Foto de Cabocla Inez

O projeto Dandô no Brasil tem tido a participação frequente de músicos e violeiros que levam uma mensagem forte de resgate da cultura popular, assim como de convivência com a natureza. Várias das observações participantes desta pesquisa e algumas entrevistas ao vivo foram realizadas em edições do Dandô ocorridas em locais como Brasília/DF e Sítio Rosa dos Ventos/MG, e observações em edições nas cidades de Uberlândia/MG, Uberaba/MG e São João da Boa Vista/SP. Percebe-se que muitas vezes a música exerce um papel que vai além do acontecimento sonoro podendo até influenciar o ouvinte em decisões nas esferas não musicais, é o que Oliveira Pinto (2012) expõe.

<sup>200</sup> Maryta de Humahuaca canta *Eres Todo*, uma música abordando a Pachamama (mãe terra). Videoclipe publicado em 5 de dez. de 2012. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=C\\_q4jrABbNs](https://www.youtube.com/watch?v=C_q4jrABbNs). Acesso em: 05 ago. 2017.

Para o violeiro Victor Batista (2017), por exemplo, seu conceito de música parte do princípio de que a mesma tem que ter uma mensagem para os ouvintes, da mesma forma durante suas apresentações considera esse um momento ideal para dialogar. Investigando uma dessas apresentações de Victor Batista, especificamente, em ocasião de sua participação no Projeto Dandô em Brasília ocorrida em novembro de 2015, percebe-se a comunicação constante do artista com a plateia, não somente por meio das mensagens de seu repertório, mas pelos comentários que faz entre uma canção e outra. Em um momento de sua apresentação, por exemplo, sem cantar, Victor toca de forma instrumental, duas músicas tradicionais do cancioneiro caipira, *Saudade de minha terra* (Goiá, Belmonte) e *Rio de Lágrimas* (Lourival dos Santos, Tiço Carreiro, Piraci) e a plateia, de forma espontânea, acompanha cantando as letras das músicas. Victor aproveita o momento de sensibilização e inter-relacionamento com o público para comentar sobre a tragédia ambiental em Minas Gerais, na cidade de Mariana, recente na época, lamentando pelas populações das cidades e comunidades que dependem do rio doce, agora contaminado com a lama e minério da barragem rompida que inundou toda a região (Corrêa, J.B. 2016).

Nessa apresentação do Circuito Dandô, a bandeira em defesa da natureza no Cerrado é levantada por Victor que menciona flores, frutos, matas, rios, nascentes, e especificamente o santuário de duas nascentes, da bacia do Paraná e da bacia do Tocantins, que se encontram na Serra dos Pirineus em Pirenópolis, onde mora, e vai desaguar em Mar del Plata na divisa do Brasil com a Argentina. Victor comenta em seguida, que isto significa que tudo está ligado, assim como todos nós estamos ligados energeticamente. As mudanças climáticas e o atraso das chuvas é a comprovação de que o que se faz com a natureza vai refletir depois (Corrêa, J. B. 2016).

Victor Batista (2017) afirma que sua vivência com as anuências do Cerrado, caracterizadas pela seca e a baixa, influenciam em suas composições, assim como, ver de perto o Cerrado se acabando, afeta seus sentimentos:

E vendo as dificuldades, o Cerrado acabar, a monocultura sendo uma coisa de primeira necessidade no estado, no Cerrado, isso corta qualquer coração, coração de humano, porque o desumano não tá nem aí, tá só desmatando. E é de uma forma..., eles vêm desmatando coisa que a gente nem espera. São dois tratores com uma corrente e vai passando... (Victor Batista 2017).

Essa situação fez muita diferença em suas composições, Victor garante, ele acredita que não vai acrescentar para ninguém, se ele mostrar em sua música a forma que se destrói o Cerrado. Então, ele prefere falar o contrário, mostrar a beleza, a riqueza do Cerrado e reforçar cada vez mais a valorização desse bioma (Batista 2017).

Da mesma forma a beleza da natureza é naturalmente expressa na música de Fernando Guimarães, que busca apenas enaltecê-la, mesmo estando preocupado com sua proteção. Como ele mesmo diz: “meu canto está relacionado a toda esta natureza belíssima que me rodeia, que me chama atenção e que corre sério risco de extinção pela ação da mão do homem” (Guimarães 2017). Este violonista cantor, que também compõe na viola, percebe a ligação que a música tem com todos:

[...] eu vejo assim como uma maior grandeza pra mim, quando a gente se conecta com a natureza e transcreve tudo aquilo que a gente ouve, vê, misturado com os sentimentos e consegue fazer uma composição, fazer algo importante, não só pra mim, mas pra outras pessoas, que tem uma ligação com essa natureza, com essa terra, uma ligação com esse todo, com esse universo que nós vivemos (Guimarães 2017).

Para o violeiro Chico Nogueira (2017), das representações simbólicas, como a poesia, a pintura, e mesmo a arquitetura e outras mais, em sua experiência pessoal, a música é a expressão que mais nos aproxima do que é natural: “num certo sentido do que é vital e daquilo que de alguma forma constitui essencialmente a vida.” E por isso, a proximidade do cantar com sua vivência cotidiana com tudo que o cerca (Nogueira 2017).

Para Roberto Corrêa (2017), o ambiente do Cerrado e a vegetação acabam influenciando de certa forma o artista: “não importa a arte que ele esteja, qual sua arte, se é pintura, eu acho que o lugar acaba influenciando a arte da pessoa, tem alguma coisa que aquele artista acaba representando daquele lugar, daquela cultura” (Corrêa 2017).

Para Chico Nogueira (2017), a Viola Caipira traduz a beleza profunda e transcendente do Cerrado. Mesmo com essa percepção, esse violeiro diz que o Cerrado não é o seu foco e acrescenta: “A minha busca é a da beleza. Por isso optei pela Viola Caipira. Por isso tenho a felicidade de viver na beleza, na fartura e na peculiaridade deste Cerrado” (Nogueira 2017). Mas, conforme o poema abaixo *Novo dia*<sup>201</sup> de sua autoria, postado recentemente, fica visível

---

<sup>201</sup> Todo dia um poema novo. Disponível em: <http://chiconogueira-mambembrincantes.blogspot.com.br/>. Acesso em: 03 ago. 2017.

seu compromisso ambiental. No poema, Chico mostra o desgaste da terra maltratada, mas com o brilho de esperança em se tecer um novo dia:

*Nosso tempo mostra a briga  
da ganância sem pachorra,  
que dispara toda a zorra,  
matando tanta cantiga...*

*Hoje há que se ser valente,  
pelo (des)gosto de terra seca,  
de cavalo, gado e cerca,  
de vilania até indecente...*

*E nestas nossas cercanias,  
tanto a gente foi perdendo,  
que o triste, se vertendo,*

*com saudade da Alegria...  
Só até vir o novo dia,  
nos construindo e tecendo...  
(Nogueira, 2017).*

A esperança de um novo amanhã é argumentada na visão de Carlos R. Brandão (2007), que acredita em uma relação harmoniosa dos seres humanos em aprendizagem com a natureza, para revivificar e reverdecer nosso planeta. Assim propõe:

Uma esperança porque podemos re-aprender a interagir com a natureza como irmãos do universo, em vez de seguirmos nos relacionando com ela como se fôssemos apenas os senhores da terra. Uma esperança porque está em nossas mentes e em nossas mãos a vocação de recriarmos os cenários naturais e sociais de reprodução da Vida e o equilíbrio natural do planeta, reverdecedo e revivificando a única morada que por enquanto temos para viver (Brandão 2007: 106).

Atualmente, ações ecológicas estão espalhadas por todo o Brasil. Segundo matéria televisiva, do programa Repórter Eco (2016) na TV Cultura, a produção de alimentos orgânicos dobrou nos últimos tempos. Hoje no Brasil existe mais de 12.000 produtores orgânicos, que é uma forma de produção que garante mais água, mão de obra, gente no campo, saúde para o ser humano e para o planeta. Os produtos orgânicos fazem bem ao meio ambiente e também ao ambiente interno do ser humano, pois auxilia no aumento da capacidade subjetiva, inteligência, percepção e sensibilidade de quem os consome (Repórter Eco 2016). O funcionamento do nosso corpo se compara ao do planeta Terra, os dois são

compostos em torno de 70 a 80% de água, que quando é suja, contaminada e bloqueada, causa sérios prejuízos ao equilíbrio como um todo.

O trabalho do fotógrafo Sebastião Salgado e sua esposa Lélia D. W é um exemplo de ações ecológicas bem sucedidas. Diante de um cenário de degradação ambiental, que se encontrava a antiga fazenda de gado da família de Sebastião Salgado, na cidade de Aimorés/MG, mobilizaram parceiros, captaram recursos e em abril de 1998 criaram a organização ambiental “Instituto Terra,” dedicada ao desenvolvimento sustentável do Vale do Rio Doce. A fazenda da família Salgado, antes totalmente degradada, em pouco mais de uma década transformou-se em uma floresta rica em diversidade de espécies da flora da Mata Atlântica. “A experiência comprova que junto à recuperação do verde, nascentes voltam a jorrar e espécies da fauna brasileira, em risco de extinção, voltam a ter um refúgio seguro” (Instituto Terra 2017).<sup>202</sup>

Esse tipo de projeto vem sendo executado com sucesso em outras regiões do Brasil e em outros casos são projetos idealizados. Como exemplo, o violonista Marcos Mesquita (2017), em seu dia a dia, vem conversando com as pessoas sobre a necessidade de preservação do meio ambiente, mas a conscientização ambiental por meio da música é colocada como não sendo sua intenção. A forma que Mesquita (2017) pensa em colaborar nesse sentido é por meio do plantio de árvores, de qualquer espécie: “Eu tenho vontade de fazer um trabalho com o meio ambiente, mas assim, um projeto efetivo mesmo, com dinheiro para fazer recuperação de áreas.”

Marcos Mesquita (2017) afirma que tudo o que ele faz tem música no meio e exemplifica com um projeto que tem em mente para plantar um milhão de árvores, dentro do DF, junto às comunidades, e cada comunidade fica responsável pelo cuidado das árvores. Durante todo o processo desse projeto, ele pretende desenvolver atividades artísticas, tanto levando quanto valorizando a arte local, por meio de patrocínios que possibilitem a remuneração de todos os envolvidos.

Como usuário e apreciador dos instrumentos musicais artesanais, Mesquita (2017) percebe a escassez de madeira para fabricar os instrumentos com qualidade e menciona então, sua vontade de trabalhar com reflorestamento do jacarandá preto:

---

<sup>202</sup> Mais de 7.000 hectares de áreas degradadas estão em processo de recuperação na região e mais de 4 milhões de mudas de espécies de Mata Atlântica já foram produzidas no viveiro da fazenda, para abastecer tanto os plantios próprios, quanto os projetos de restauração na região. Disponível em: [http://www.institutoterra.org/pt\\_br/conteudosLinks.php?id=22&tl=UXVlbSBzb21vcw==&sb=NQ==#.WZLmF9KGMdU](http://www.institutoterra.org/pt_br/conteudosLinks.php?id=22&tl=UXVlbSBzb21vcw==&sb=NQ==#.WZLmF9KGMdU). Acesso em: 09 ago. 2017.



[...] se eu ganhar dinheiro, eu compro uma área preservada na Bahia onde tem o jacarandá preto, que é uma madeira proibida de corte, e compro áreas devastadas em volta, aí eu vou reflorestar tudo, pra depois expandir a área que tem o jacarandá preto, pra depois daqui a 100 anos pra outras gerações você ter aquelas madeiras que tão acabando (Mesquita 2017).

Para Mesquita (2017) essa ação não é difícil, se o homem quiser ele faz, e exemplifica a floresta da Tijuca do Rio de Janeiro, a maior floresta urbana do mundo, que foi toda plantada pelo Barão de Mauá: “É uma floresta, ninguém acha que aquilo foi plantado, juntou os escravos e plantou lá.” Mesquita (2017) reporta também a outra área reflorestada que conhece em Pirenópolis, a fazenda de um amigo dele, e realça a capacidade que o homem tem de reconstrução:

[...] você olha assim é mata verde, arvores altíssimas, tudo replantado por escravos, uns 100 anos atrás, cê acha que não é, que é tudo natural, nunca imagina que aquilo tudo fosse plantado. Então o homem destrói, mas o homem constrói, agora pra isso, o homem precisa se conscientizar disso, né (Mesquita, 2017).

Mesquita (2017) sugere também o desenvolvimento de hortas em escolas como forma de se trabalhar a questão ambiental.

Já o violeiro Aparício Ribeiro (2017) desenvolve um trabalho musical com a viola intencionalmente voltado à conscientização ambiental relacionada ao Cerrado, o que é visível em suas várias composições sobre o tema. Mas acredita que só isso não basta, ele aponta a necessidade de metas políticas para realmente garantir o futuro desse bioma. Assim alega:

Está a olhos vistos, seu encolhimento devido à expansão e criação das cidades, desmatamento para a pecuária e agricultura, sem a devida reposição sustentável de espécimes do próprio Cerrado. As autoridades devem implementar políticas de barramento dessas ações, urgente, sob pena de as próximas gerações não conhecerem o Cerrado. A minha música é apenas “uma gota d’água” no oceano das boas intenções. Viva o Brasil! Viva o Cerrado! (Ribeiro, 2017).

Outro violeiro que reconhece desenvolver um trabalho musical para conscientização ambiental no Cerrado é Wilson Dias, com seu projeto “Alma de Rio,” abordando rios de Minas Gerais buscando relacionar cultura e meio ambiente. Assim como Chico Lobo, em

projetos de ensino de viola para crianças na zona rural do interior de Minas, por meio do repertório musical, acaba trabalhando também temas ambientais (Lobo, 2017).

Além da preocupação com o Cerrado, Luiz Salgado busca, por meio da música, retratar a alma simples do povo do interior. “Minha música trata de coisas simples e ao mesmo tempo relevantes. A preservação do Cerrado e de toda fauna e flora, assim como a cultura mineira e brasileira. Acredito que a cultura é um canal transformador e criador” (Salgado 2013).

Luiz Salgado e Erick Castanho assumem literalmente desenvolverem composições na viola com o intuito de levar mensagens de conscientização a jovens e adultos, quanto à importância de preservação do Cerrado como um todo, e até mesmo acreditando ser a música uma forte arma de defesa desse bioma. Já Dani Lasalvia vem desenvolvendo trabalhos direcionados principalmente à questão das águas, durante suas atuações em escolas, teatros e espaços culturais. Ela enfatiza o Cerrado, por saber de sua importância primordial como o pai das águas que correm para outras regiões.

As composições e trabalhos desses artistas despertam, muitas vezes, o interesse do ouvinte em conhecer aquela cultura local ou os ambientes abordados. Neste sentido, pesquisas e trabalhos assim desenvolvidos podem levar também a uma revitalização de uma cultura local. Cambria (2015), em relação ao resultado da adoção de estratégias participativas de pesquisa afirma: “colocando em diálogo etnomusicologia, desenvolvimento comunitário e ação ambiental, seus significados mudaram significativamente, favorecendo a reconstrução da própria comunidade e seu empoderamento” (Cambria 2015: 10).

A pesquisa e o trabalho musical realizados na Comunidade Mumbuca, estado do Tocantins, é um exemplo de pesquisas participativas que revitalizam uma cultura. Conforme Marchi, et al (2002), no livro “Tocadores - homem, terra, música e cordas”, a viola de buriti encontrada no Tocantins é utilizada como instrumento de iniciação e tocada apenas pelas crianças da região. Na Comunidade Mumbuca, o trabalho de violeiros como o da dupla “Arnon e Maurício” e também do violeiro Josino Medina vem mostrando a valorização e o potencial peculiar deste instrumento rústico, que ascende no cenário da música. Tal valorização da viola é fruto de um reavivamento da cultura local, a partir do projeto de pesquisa e trabalho musical realizado por Maria de Fátima Rocha Medina e Josino Medina em 2010 (Medina M. F. R. 2017).

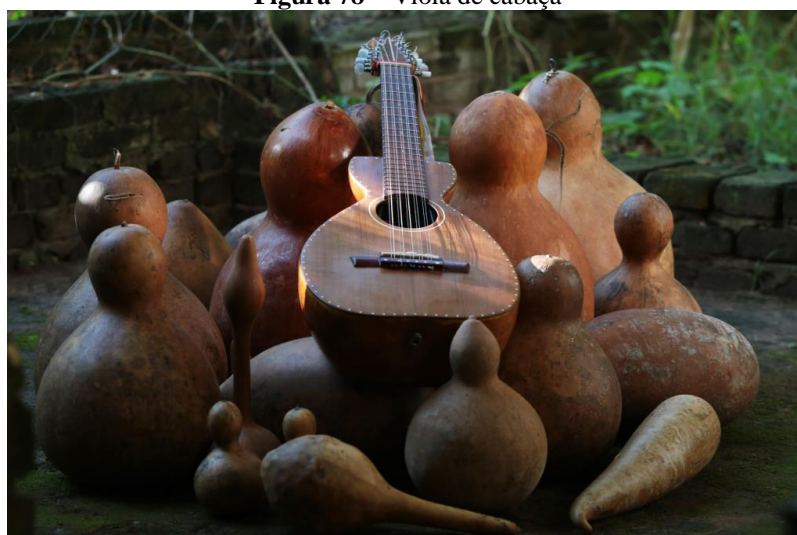
O trabalho de pesquisa na Comunidade Mumbuca aponta para uma valorização dos cantos tradicionais, que ocorrem de forma integrada dentro da comunidade, acompanhados

pela viola de buriti. As mensagens em defesa do Cerrado são expressas em versos simples e fáceis de memorização e improvisação, permeados de ritmos e movimentos corporais que facilitam a absorção e participação comunitária, como relata Maria de Fátima R. Medina (2011):

Embora possa haver exceção, textos curtos com refrãos e/ou paralelismos são comumente os preferidos por moradores da zona rural, o que não é diferente na comunidade de artesãos. São mais fáceis para os processos de memorização, adaptação, improvisação, como também de utilização em atividade laboral. E pelo caráter coletivo desse tipo de canto, provocativo quanto aos ritmos e aos movimentos corporais, ele seduz o observador que torna mais um participante do evento. Por isso na *performance* não há separação entre cantadores e ouvintes: há uma só comunidade vibrante e participativa (Medina M. F. R. 2011: 308-309).

Além do resgate cultural do uso e fabricação da viola de buriti, verifica-se também na região de Cerrado investigada, a proliferação de instrumentos artesanais confeccionados por cabaça e outros materiais. A imagem abaixo mostra várias formas e tamanhos de cabaças, e uma viola de cabaça fabricada por Levi Ramiro:

**Figura 78** – Viola de cabaça



Fonte: Foto da internet

Madeiras velhas ou outros tipos de materiais reciclados são também utilizados na fabricação de violas. O pesquisador, marceneiro e artesão José Leite<sup>203</sup> morador de

<sup>203</sup> Esse pesquisador é artesão desde criança, e fabrica instrumentos em sua marcenaria, perto de Luziânia/GO. Aprendeu luteria de violinos na Austrália em 1980, estudou mais de 18 anos a história do

Brasília/DF relata sobre a diversidade brasileira de madeiras nobres, propícias para a construção de instrumentos musicais, e que devido aos impactos ambientais, causados principalmente por decisões políticas e econômicas, são atualmente encontradas em pequenas quantidades, como exemplo: vinhático, caviúna, cedro-vermelho de cheiro, jacarandá, imbuia, pau-ferro, mogno, umburana, bálsamo, angico-preto, louro-preto, pau-brasil, sucupira-preta, e outras árvores ainda desconhecidas em suas potencialidades sonoras (Marchi et al 2011).

Esse artesão afirma que não corta e nem deixa cortar árvores para serem utilizadas em seu trabalho, prefere usar restos de serrarias e principalmente madeiras velhas e usadas (mourões de cerca, paus de mata-burro, pontes, camas, portas, janelas, lenha mal queimadas) que possuem uma qualidade de valor sonoro musical único: “Não existe nenhum tratamento conhecido pela apressada sociedade de consumo, com toda sua tecnologia, que substitua aquilo que o tempo devagar modifica na estrutura da madeira” (Marchi, et al 2002: 98).

Outro exemplo é mostrado em uma das séries do programa “Nos Braços da Viola” apresentado por Saulo Laranjeira, na TV Brasil. O projeto “Lutiê, Arte, Ofício e Cidadania” busca atender crianças e jovens de baixa renda, alguns a beira do risco social. Este depoimento foi dado por um integrante do mesmo projeto, criado pelo lutiê e músico Pedro Alexandrino e desenvolvido na fazenda Soledade, no município de Barões de Cocais em Minas Gerais, em 2006. Conforme a narração (Laranjeira, 2009), essa iniciativa resultou na primeira orquestra do Brasil em que os músicos, de ambos os sexos, tocam e fabricam os próprios instrumentos. Não é só um projeto formador profissional, as violas caipiras são totalmente feitas com madeiras de reflorestamentos, não se usa a madeira nativa justamente pela questão ambiental (Laranjeira 2009). A musicista e educadora, Ana Patrícia Rocha, desenvolve nesse protejo uma metodologia para os alunos aprenderem a tocar viola. Em apenas um ano e meio de trabalho, violeiras e violeiros se apresentaram para um grande público com sucesso, comprovando assim que iniciativas sustentáveis como a do Projeto Lutiê colaboram para a o surgimento de novas gerações de violeiros e violeiras no Brasil (Laranjeira 2009).<sup>204</sup>

Observa-se cada vez mais o aumento da participação feminina no universo da Viola Caipira. Até mesmo em festas tradicionais, como as Folias de Reis, que por diversos motivos,

---

violino, especializando em instrumentos do século XVI e XVII e meados do XVIII, e pesquisa construção de violas desde 1993, no Brasil e Portugal (Marchi et al 2011).

<sup>204</sup> Lutiê, Arte, Ofício e Cidadania e Ana Patrícia Rocha no Programa “Nos Braços da Viola” (2009). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9rhamBXnXMo>. Acesso em: 09 ago. 2017.

mostram historicamente a predominância de participação masculina, vêm atualmente apresentando crescente a participação de mulheres em funções variadas, como carregar a bandeira, cantar e tocar instrumentos diversos, dentre eles a viola. Até mesmo a recente Associação Nacional dos Violeiros do Brasil - ANVB tem sido mencionada como Associação Nacional dos Violeiros e Violeiras do Brasil. Essa entidade vem efetivando ações que culminou na criação do Dia Nacional da Música e Viola Caipira, em homenagem solene realizada na Câmara dos deputados, em Brasília/DF, no dia 13 de julho de 2017.<sup>205</sup>

Sardinha (2001) em diversas passagens de seu estudo sobre a viola campaniça em Portugal, cita a existência de violeiros cegos que viajavam tocando viola, como os antigos trovadores. Dentre essas citações, a mulher aparece cantando e tocando viola. O mesmo autor cita a existência de uma madre religiosa transmitindo seus sentimentos, por intermédio das cordas de uma viola: “Em relação ao século XVIII, Mário Costa, Danças e Dançarinos em Lisboa, sem indicar a fonte, afirma que a célebre Madre Paula, do Convento de Odivelas, costumava tocar viola para o seu amante e senhor D. João V” (Sardinha 2001: 67).

Sardinha (2001) coloca que, com as transformações no campo e a mudança de diversas famílias do meio rural para meios urbanos, a viola passa a ser tocada socialmente em tavernas, onde a circulação noturna é predominante masculina (Sardinha 2001). Este fato é reconhecível devido ao fato cultural, que antigamente, o papel de cuidar dos filhos e da casa, ficava naturalmente ao encargo feminino. Com o passar do tempo, cada vez mais, as mulheres vão ganhando espaço e sendo valorizadas não somente pelo lado feminino e maternal, que permanece, mas pelo seu potencial como ser humano capaz de desenvolver atividades diversas, conforme sua aptidão, inteligência e oportunidades.

A cantora e violeira Sol Bueno chama a atenção para a antiga presença feminina utilizando a viola. Dona Bela, participante do seu CD, menciona que sua mãe tocava viola a época dos anos de 1890. Neste sentido, Sol Bueno, como violeira, compõe a música *Debaixo da meia noite*, se referindo aos mitos, as histórias e aos giros das folhas e o tocar da viola no meio da noite: *uma violeira alegre / faz a sua cantoria*, diz a letra. Sol Bueno argumenta sobre o silenciamento da existência de mulheres tocando viola:

---

<sup>205</sup> Por ser a data de nascimento de Cornélio Pires (1884-1958), reconhecido pesquisador da cultura caipira no Brasil, o dia 13 de julho foi o escolhido. Uma sessão solene em homenagem a Cornélio Pires e à criação do Dia Nacional da Música e Viola Caipira, ocorreu no dia 13 de julho de 2017, no Plenário Ulysses Guimarães, na Câmara dos Deputados, em Brasília/DF. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/538027-CAMARA-HOMENAGEIA-O-DIA-NACIONAL-DA-MUSICA-E-DA-VIOLA-CAIPIRA.html>. Acesso em: 29 jul. 2017.

A letra frisa violeira, como também uma demarcação da existência das mulheres na viola, tão silenciado pelos eventos, cartazes, seminários, encontros feitos em torno desse instrumento. É como se não houvesse mulheres tocando viola. Elas existem, e se não tantas, em parte também o motivo é o machismo e conservadorismo do círculo, que muitas vezes pelas letras, abordagens se fazem machistas (Bueno 2017).

Para Sol Bueno (2017), a história cultural da mulher existe e não pode ser silenciada: “Como mulher preciso dar voz a minha fala, e nela empodero todas as mulheres.” Bueno (2017) reforça o fato de que no Cerrado muitas mulheres participam dos festejos, folias e cantorias. Para além da questão de gênero, sua composição traz essa relação de vida na raiz cultural, “a letra faz enfoque na mística, e celebra os ciclos de festejar a imensidão da riqueza das noites do Cerrado.” Ouvindo a paisagem sonora noturna no Cerrado, a autora conta que veio a vontade de ouvir junto “a delicadeza da viola” e assim surgiu a inspiração de compor *Debaixo da meia noite*, que menciona na canção, uma violeira fazendo cantoria.

O conceito de paisagens sonoras do Cerrado está presente em seu CD, “Poeira Dançante.” E os sons como os de passarinhos, água, grilos e outros surgem de vivências da autora. Sol Bueno diz que todas as composições nasceram dessa contemplação, da observação de um sentimento de ser tocada por algo e de sentir necessidade de expressar: “Às vezes nem é a necessidade, é o verso, a melodia que já aparece ali dentro, como sentimento do vivido” (Bueno 2017). Sol Bueno vive no Cerrado desde seu nascimento e este fato se integra a compositora, que busca transmitir suas vivências de proximidade com a cultura popular e o meio ambiente. Ela tenta levar à sua plateia a reflexão sobre a degradação ambiental no Cerrado e como isso afeta a sobrevivência dos povos que vivem nessa região (Bueno 2017).

É interessante notar como essa compositora traz em algumas de suas composições gravadas em seu CD, “Poeira Dançante” (2017), a experiência com os povos indígenas Krahô do Tocantins, que tem vivenciado nos últimos anos. Conversei com Sol Bueno à época de uma edição do projeto Dandô em Brasília, no qual ela participou em 2016. Nesta ocasião em que a conheci, ela me informou que desde que teve acesso ao CD “Cantigas Krahô,” por intermédio de nosso amigo, o violeiro Joaci Ornelas, ficou influenciada a visitar a Terra Indígena Krahô, passando a frequentar as aldeias anualmente. Cabe ressaltar que, gravei junto com o povo Krahô esse CD “Uso Sustentável do Cerrado na Terra Indígena Krahô,” durante o projeto que lá coordenei pelo PPP/ISPN (Programa de Pequenos Projetos/Instituto Sociedade

e Natureza, Brasília/DF), finalizado em 2005. De acordo com a disponibilidade dos recursos, foram feitas apenas 100 cópias, doadas para as aldeias Krahô e para algumas pessoas de meu círculo de convivência.

A fala de Zé Miguel Khôc Krahô, contando a “História do fogo no Cerrado” abre esse CD como já mencionado no primeiro capítulo, iniciando a seção “O Cerrado e seus desafios.” As cantorias e falas do CD reportam à questão ambiental local e a importância da preservação do Cerrado para a existência de frutos e animais nativos. Todas as cantigas abordam os elementos da natureza: animais, plantas, riachos e frutas do Cerrado. No CD também tem gravações de flautas pequeninas de 2 cm, feitas de sementes de tucum (coco de palmeirinha nativa rasteira) e de cabacinha, bem como o som de uma “Orquestra do brejo.” Assim intitulei a gravação da harmoniosa cantoria com diversos tamanhos e tipos de sapos, em um laguinho da aldeia Pedra Branca, durante a noite.

Nas letras das canções *Agua Batuqueiras* e *Ó Deus Salve o meu Cerrado*, do CD de Sol Bueno, a compositora menciona algumas palavras na língua Krahô e as traduzem no encarte do CD, informando que são originadas da língua Meji-Krahô, povos indígenas da região do Cerrado: *Cô cati* - água grande; *Cô jakryre* - água friinha; *Wa há mō txa* - eu vou banhar; *Amjikin* - modo de amar-se comunitariamente; *Impej* - bom, bonito; *Pje, pur* - terra, plantação (Bueno 2017).

Assim como Sol Bueno foi influenciada pelo CD que gravei junto ao povo indígena Krahô, eu também fui influenciada por trabalhos realizados por musicistas pesquisadoras, que fortaleceram o meu interesse em conhecer e trabalhar com grupos indígenas, no início da década de 1990. O primeiro trabalho da compositora, antropóloga e pesquisadora Priscilla Ermel,<sup>206</sup> em seu LP “Saber sobre viver” (1985) com temáticas ambientais e sons da natureza permeando todo o disco me tocou profundamente. Um exemplo está na canção *Se dilata o coração*, citando o rio morrendo em silêncio, conforme o trecho: [...] *Se dilata o coração da serra / e adensa a tarde / que enevoa um frio imenso / quando o amor mais arde / e o rio desce a serra / prestes a morrer / no silêncio [...]*(Ermel 1985). A fala da sábia mestra poetiza Cora Coralina abrindo a canção *O cântico da terra - hino do lavrador* (Cora Coralina, Priscilla Ermel) (Ermel 1985) marcou-me também. E principalmente, a composição *Floresta*

<sup>206</sup>Artista multimídia e antropóloga, possui mestrado em ciências sociais - antropologia/música indígena; doutorado em ciências - sociologia da música negro-africana e pós-doutorado em antropologia audiovisual com o projeto “A Tradição Oral na Música Brasileira.” Disponível em: <http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/57697/priscilla-barrak-ermel/>. Acesso em: 09 de set. 2017.

(Priscilla Ermel), que inicia com falas de mulheres e crianças do grupo indígena Cinta-Larga, seguida de uma flauta de taboca (orê orê), de outras falas e imitação de vozes de bichos feitas pela índia Pichuvy e sua pequena filha aprendendo a língua. De forma suave e tranquila, Priscilla canta e toca viola caipira e violoncelo nessa canção, que reporta a sua saudade de momentos vividos na aldeia, mencionando o grito das araras, o fogo na mata, o rio, a cotia, o mutum, o piau, a índia amamentando o filho que um dia será guerreiro:

*E a floresta veio embora / inda que não fosse a hora  
e o grito das araras fogueou meu coração  
e o céu de rosto quente acarinhava a gente  
coisa do sol poente*

*E fez fogo em toda a mata / mandioca corpo em brasa  
Índia pele acastanhada amamentando o filho seu  
Coisa de amor que cresce junto da coragem  
Filho guerreiro*

*Cotia, mutum, piau / fere a flecha o vendaval  
Coração acovardado com medo da solidão  
É a danada da saudade batendo na gente  
E só o rio entende... (Ermel 1985).*

Priscilla Ermel além de tocar Viola Caipira em quatro canções desse disco, toca também Viola de Cocho em sua composição *Saber sobre viver* (Ermel 1985).<sup>207</sup> Dércio Marques chegou a contar-me que conheceu Priscilla Ermel ainda jovem, ocasião em que ela o pediu que lhe ensinasse a tocar violão.

Outro importante trabalho que influenciou o meu interesse pelos povos indígenas, foi o da cantora e pesquisadora da cultura indígena brasileira, Marlui Miranda,<sup>208</sup> principalmente ouvindo o seu CD “IHU Todos os Sons” (1995), em que Marlui Miranda grava repertório musical indígena brasileiro recolhido ao longo de duas décadas de trabalho. A palavra *Ihu* é dos povos Kamayurá e significa “som.” Neste trabalho Marlui buscou ser fiel aos timbres, tradição vocal e fonética sonora. No encarte do CD Marlui relata como aprendeu as canções em grupos indígenas como as tribos Jaboti, Pakaa Nova e Surui, Assurini em Belém do Pará, Tukano, Nambikwara, Tupari, Yanomani, Kayapó, e o mito Suyá *Metunji iarén* por meio de estudos de etnomusicologia de Anthony Seeger (Miranda 1995). A canção *Araruna* Marlui

<sup>207</sup> Priscilla Ermel - Saber Sobre Viver (1985) Álbum Completo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WQJSEyu\\_96E](https://www.youtube.com/watch?v=WQJSEyu_96E). Acesso em: 09 de set. 2017.

<sup>208</sup> Marlui Miranda - Kworo Kango. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hA8o22ILk64>, e IHU Todos os Sons (1995) - Completo/Full Album. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3dS2fUcHhgz>. Acesso em: 09 de set. 2017.



Miranda aprendeu com Nahiri Assurini, quando trabalhou no filme de Hector Babenco “Brincando nos Campos do Senhor,” em Belém do Pará (Miranda 1995).

Só depois de ouvir esses trabalhos musicais foi que conheci o Parque Nacional do Xingu, quando participei por uma semana, da Festa do Pequi em 1995. Hospedei-me nas ocas dos caciques Tacumã da tribo Kamayurá, e Atamãe da tribo Waurá. Na sequência, realizei pela Funai - Fundação Nacional do Índio, um diagnóstico de nutrição e saúde na Terra indígena Krahô, permanecendo pela primeira vez, 40 dias em diversas aldeias desse território em 1996. Assim, iniciei uma série de consultorias em projetos desenvolvidos junto à Kápey - União das aldeias Krahô e à Escola Agroambiental Catxêkwyj, na Terra indígena Krahô. Tive também algumas atuações com os povos indígenas no Acre, pela Secretaria Assistência Técnica e Extensão Agroflorestal - SEATER, sediada na cidade Rio Branco/AC.

Toliver (2004) quando descreve sobre a *Grand Canyon Suite*, assunto mencionado no primeiro capítulo dessa pesquisa, faz a observação de que, mesmo o compositor dessa obra, Ferde Grofé, relatando sua experiência em companhia com os indígenas durante o tempo que passou na região que o inspirou a compor a obra, em que ouvia tambores tocando toda a noite durante as reuniões indígenas, eles estão ausentes em sua música.

Verifica-se que o conhecimento dos povos indígenas brasileiros é abordado e valorizado em muitas das canções de violeiras e violeiros investigadas nesta pesquisa, mostrando também a cultura desses povos e a paisagem sonora típica das regiões, principalmente ligadas ao Cerrado.

Para a musicóloga Denise Von Glahn (2014), os músicos estão em constante diálogo com o ambiente natural, seja pelo fato de nossos instrumentos saírem do ambiente, ou pelas características ambientais de umidade do ar, de temperatura fria ou quente expandindo ou comprimindo os instrumentos de cordas, madeiras e metais. Assim sendo, as propriedades acústicas dos nossos ambientes afetam os sons que ouvimos, do mesmo modo o ambiente também pode influenciar as inspirações para compor uma peça musical. Glanh (2014) investigando como as mulheres compositoras se expressam sobre a “Mãe Natureza,” ouve suas músicas para identificar o que elas valorizam em relação às suas percepções e como isso se apresenta em sua arte e seu senso de identidade com a natureza.

Essa autora descobriu que ao longo do século XX o acesso das mulheres à natureza e à educação aumentou, e assim as mulheres passaram a descrever ambientes maiores, a paisagem ampla, ao invés de somente pequenos detalhes do mundo natural. Glanh (2014) apreendeu também nessa investigação, que, as mulheres não demonstram um interesse em

possuir ou controlar a natureza, e a mesma é considerada como parte maior de um mundo natural. A autora percebe a preservação dos lugares nas músicas ouvidas e relaciona este fato a um tipo de ato sustentável. O pensamento de que a paisagem sonora é um bem comum mostra que todos nós somos parte do meio ambiente, e cabe a todos nós preservarmos os sons do lugar (Glanh 2014). Coaduna-se com essas reflexões Titon (2014), quando ressalta que devemos pensar na paisagem sonora do mundo natural como um recurso compartilhado, um bem comum, pois ninguém é dono.

Brandão (2008) lembra uma história contada no século XIX, em que o governo dos Estados Unidos propôs a uma tribo de índios sobreviventes, a compra de “longos e bons pedaços de suas terras.” O líder indígena responde a carta, que ficou conhecida como a “Carta da Terra,” inspirando diversos seguimentos. A carta assegura que a terra é sagrada, é nossa mãe e devemos cuidar dela. Conforme trecho da carta, citado por Brandão (2008) a terra não se vende, não tem preço:

“É possível comprar ou vender o céu e o calor da terra? Tal ideia é estranha para nós. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como podemos compra-los? Cada pedaço dessa terra é sagrado para o meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada areia da praia, cada bruma nas densas florestas, cada clareira e cada inseto a zumbir são sagrados na memória de meu povo. A seiva que corre através das árvores carrega as memórias do homem vermelho” (Brandão 2008: 74-75).

Se formos aliados da natureza, ela também será nossa aliada, e se formos inimigos, ela se torna nossa inimiga, mesmo quando não parece, é o que nos alerta Brandão (2008). O mesmo autor também reforça sobre o perigo de que, “ao ‘conquistar’ e ‘utilizar’ os recursos naturais em proveito próprio, a espécie humana possa estar gerando, pouco a pouco – mas em uma velocidade crescente e em uma viagem sem volta - os cenários e as condições de sua própria destruição” (Brandão 2008: 81). É possível sensibilizar as pessoas em busca de uma sociedade sustentável para frear esse risco de destruição, como afirma Brandão (2008):

A proposta de uma sociedade sustentável participa de todo um conjunto de palavras, ideias e ideários que sonham transformar mentes e sensibilidades de pessoas. Mudanças de padrões e modos de ser e viver, de sentir e pensar, que aos poucos nos convertam à uma compreensão de que os desejos pessoais e coletivos de conquista desenfreada e de uma equivalente sede de acumulação de bens e de poderes nos conduzirão a uma inevitável competição destruidora (Brandão 2008: 137).

A mudança comportamental é apontada por Souza (2015) como fundamental para o mundo alcançar a desejada sustentabilidade. Para essa mudança ocorrer é necessário que nós nos reconheçamos como parte integrante do ambiente, nos sensibilizando e nos responsabilizando pelos problemas desse meio. “Mais do que direitos e deveres, cidadania ecológica implica compromisso. O sentido de cidadania deve estar presente sempre, norteando decisões, atitudes e ações concretas” (Souza 2015: 61).

Projetos musicais que trabalham com a conscientização ecológica levam à comunidade participante e aos músicos envolvidos o despertar de uma reflexão crítica. Nesse sentido, Doroty Marques é outro grande exemplo de artista que trabalha com a conscientização ecológica, pensando nas futuras gerações e na sobrevivência do planeta. Neste sentido, ela vem a anos se empenhando em seu trabalho com a “Turma Que Faz” na região de Cerrado da Chapada dos Veadeiros. Este fato pode ser verificado nos temas abordados em suas operetas e por meio de seus depoimentos:

A mensagem que eu fiz com as crianças, que se a gente não deixar despertar e cultivar a nossa sensibilidade, o nosso equilíbrio e a nossa sabedoria, e procurar uma sabedoria mais perto da terra, mais perto do ser humano, a gente não vai deixar nada pras futuras gerações. Essa é a minha mensagem,... despertar, formar uma emoção, o interesse. Deixar de tanto consumo, e partir pra uma nova forma de agir, uma nova forma de viver, desse jeito nós tamo acabando com tudo, cê concorda? (Marques 2017).

Conforme o depoimento de Jefferson, um dos integrantes da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, os aprendizados e estudos junto à Doroty Marques e à “Turma Que Faz” é para ele uma faculdade. Esse trabalho o fez enxergar sobre a importância de se preservar o Cerrado e o meio ambiente, abrindo muitas oportunidades de trabalho e estudos, acendendo nele também o desejo de ajudar sua comunidade (Almeida 2017).

O trabalho e o depoimento de Doroty Marques é mostrado pela “Fundação Mais Cerrado”<sup>209</sup> no videoclipe “Mulheres do Cerrado,” “dedicado a todas as mulheres que lutam pelo nosso Cerrado.” Doroty inicia sua fala com as seguintes palavras:

<sup>209</sup> Entidade civil sem fins lucrativos fundada em 2015, que tem por missão: “Criar um modelo de desenvolvimento econômico, social e ambiental sistêmico, onde as atividades propostas integrem e potencializem as vocações naturais da região, estabelecendo diretrizes para o estímulo de atividades que promovam a preservação e a recuperação do Bioma Cerrado.” Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/redemaiscerrado/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/redemaiscerrado/about/?ref=page_internal). Acesso em: 02 ago. 2017.

O ser humano, ele tá deixando de valorizar a si próprio, para valorizar a máquina. Acho que é o grande erro. E é através da arte que eu pretendo sensibilizá-lo né, mostrar que não, que né, que nós temos outro caminho, outra coisa a ser feita. É isso que a velha faz todos os dias. Chamar a atenção dele, pra ele próprio em relação à natureza (Marques 2016).

Doroty alega também que o grande erro do ensino no Brasil é que o essencial não é ensinado, que a escola só informa e não forma cidadãos (Marques 2016). A artista ainda acrescenta que não se ensina ecologia, se o povo não tiver uma identidade cultural, pois “o povo mal conhece o lugar onde mora, como ele vai valorizar isso?” (Marques 2016).

A importância do sentir e do olhar feminino é valorizada por Doroty como uma forma de se preservar o meio ambiente, pela ligação instintiva que a mulher tem com o útero, com a vida. Em suas palavras: “se fosse só nós, nosso jeito de sentir, de amar, de parir, nós conviveríamos bem mais harmoniosamente com o Cerrado: a mulher do Cerrado, a mulher da floresta, a mulher da Caatinga” (Marques 2016).<sup>210</sup>

Andrigueto (2015) assinala que cada pequeno processo de sensibilização do ser humano em relação à natureza é vital para a educação ambiental, e deve ser contínuo e transdisciplinar. De acordo com essa autora:

[...] a Educação Ambiental nasce de pequenos processos de sensibilização, na ressignificação do papel do ser humano e da natureza, no despertar para relações mais harmônicas e coletivas, em atividades na natureza, em salas de aula e fora dela, na mídia, em grupos e como política de Estado. É um processo educativo, por isso deve ser contínuo e permanente, inter e transdisciplinar (Andrigueto 2015: 54).

Nesse sentido, Rosângela A. Corrêa (2015), reforça a importância do diálogo entre disciplinas e atores diversos, como meta importante da educação ambiental:

[...] compreendemos que a educação ambiental deve promover a compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões: geográfica, histórica, biológica, social, cultural e espiritual, considerando o meio ambiente como o conjunto das inter-relações entre o mundo natural e o mundo social, mediado por saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos. É preciso proporcionar condições para o diálogo entre as áreas

<sup>210</sup> Mulheres do Cerrado - Doroty Marques. Disponível em: Publicado em 31 de mar de 2016 - <https://www.youtube.com/watch?v=9jWQptkV19c>. Acesso em: 02 ago. 2017.

disciplinares, saberes e fazeres dentro da escola e com os diferentes atores sociais envolvidos com a gestão ambiental (Corrêa, R. A. 2015: 73).

Essa autora coloca a necessidade de homens e mulheres na prática educacional transformarem suas próprias salas de aula em objetos de pesquisa, em vez de apenas se basearem na pesquisa realizada por outros (Corrêa, R. A. 2015).

A vocação transdisciplinar como base geradora das orientações é também colocada por Brandão (2005) como importante nesse âmbito educacional:

Penso considerar este conjunto integrado e interativo de trabalho científico, pedagógico e ambientalista, de vocação biodiversa e sustentável, realizado em vários planos e direções de atividades, como um sistema integrado de educação ambiental (Brandão 2005: 71).

Brandão (2005) menciona as relações entre e através de diferentes categorias sociais: grupos, pessoas com valores e percepções ecológicas diversas.

[...] são pessoas, famílias e outros grupos humanos criadores e participantes de modos de vida e culturas criadoras e portadoras de diversos tipos de percepções de natureza, de sistemas de compreensão das interações sociedade-natureza, ou pessoa-ambiente e, de maneira mais motivada na direção de nossos objetivos, com diversas percepções, significados e valores a respeito da biodiversidade e da sustentabilidade (Brandão 2005: 72).

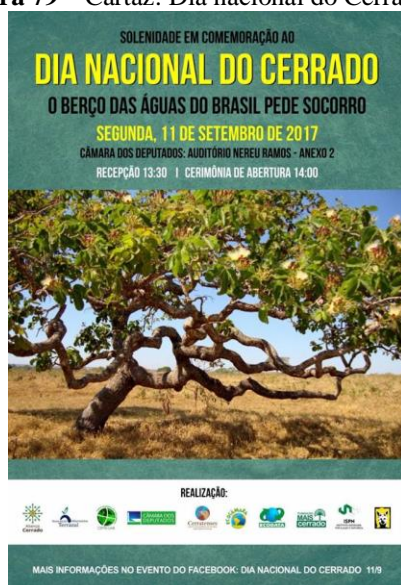
Dentro da Ecomusicologia são oferecidas novas formas de abordagens musicais transdisciplinares que podem e devem ser trabalhadas pelos educadores, argumenta Allen (2014). As abordagens nesse campo devem também passar pela estética, e, assim como a estética trata de filosofias de beleza, a estética na sustentabilidade nos faz refletir sobre o mundo que queremos sustentar, não somente considerando o meio ambiente, a identidade e a economia, mas também um mundo belo, alegre, emotivo, onde todos se sintam bem (Allen 2014). Titon (2014), por sua vez explica que, de acordo com estudos em ecologia acústica e poluição sonora, sons desagradáveis fazem o pulso bater mais rápido, afetam o sistema nervoso. Deste modo, ocorre a liberação de adrenalina, criando um conflito interno, programado no sistema límbico e não pelo raciocínio. Como vivemos em um mundo em constante vibração, assim como nossas células vibram, tudo está vibrando, quanto menos ruído em uma paisagem sonora, mais saudável é essa paisagem (Titon 2014).

Esse processo não se passa somente na paisagem sonora do ambiente, mas também na paisagem sonora interna de nosso corpo. Tanto o planeta quanto o nosso corpo são compostos de 70 a 80% de água, nossas veias são como os rios. Se, as águas dos rios estão poluídas ou obstruídas, toda a natureza adoece, assim também ocorre em nosso corpo. Por isso, a necessidade urgente da busca de novos valores, onde a terra e as águas sejam respeitadas, sem desmatamentos, poluições e agrotóxicos e assim, estaremos respeitando a nós mesmos e aos outros seres vivos. Neste sentido, a medicina do futuro trabalha com a prevenção, com a alimentação saudável e orgânica, que não polui nosso corpo, nem a terra. A prevenção por meio de alimentos benéficos é mais viável aos governos até economicamente, visto que está comprovado, que os custos com remédios, tratamentos e hospitais caem paulatinamente quando se tem saúde.

Titon (2016) sugere que nos relacionemos uns com os outros e com os seres da natureza de forma respeitosa e harmônica. Daí a importância também de preservar os ambientes naturais, não só pela questão da sustentabilidade ambiental, mas pela questão do amor e da harmonia entre todos os seres vivos.

O trabalho musical de violeiras e violeiros vêm semeando mensagens de cuidado com a terra e os seres vivos. Esses trabalhos colaboram para despertar e alertar sobre a urgência atual com a sobrevivência no Cerrado. Segundo o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia - IPAM, 1,9 milhão de hectares de Cerrado já foram desmatados de agosto de 2013 a julho de 2015, perdendo assim, mais 1,7% da vegetação nativa remanescente.

**Figura 79** – Cartaz: Dia nacional do Cerrado



Fonte: Foto da internet

**Figura 80** – Cartaz: S.O.S Cerrado



Fonte: Foto da internet

Bustamante (2017) acredita que atualmente, devido à situação crítica do Cerrado, pessoas estão buscando soluções para o problema, tanto em nível nacional quanto em nível internacional:

Eu acho que os processos do Cerrado estão acontecendo de forma muito mais intensa, por isso a tomada de decisão tem que ser mais rápida. Eu tenho sentido que felizmente as pessoas têm colocado mais atenção no bioma e que ele tem sido mais observado tanto pela ciência internacional como dentro do Brasil. As pessoas estão percebendo que o processo está crítico. Afinal, esta é uma situação que não dá para esperar dez anos, existe um censo de urgência para que as devidas atitudes sejam tomadas (Bustamante 2017).

Capra (2002) coloca que, somos moradores da “casa Terra” e “devemos nos comportar como se comportam os outros moradores dessa casa - as plantas, os animais e os micro-organismos que constituem a vasta rede de relações que chamamos de teia da vida” (Capra 2002: 223). E, de acordo com Brandão, existe sempre a esperança, pois “está em nosso poder de decidirmos, juntos e irmanados, o empenho em recriarmos os cenários naturais e sociais de reprodução da Vida e do equilíbrio natural do Planeta” (Brandão 2008: 128).

Um exemplo de luta ambiental é encontrado na Mata Atlântica do sul de Minas. Em fins da década de 1990 e início dos anos 2000, eu estava presente em reuniões com o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, um dos principais referenciais teóricos dessa pesquisa, juntamente com um grupo de moradores do bairro Rural Pedra Branca, em Caldas/MG. Nesta época foi fundada a entidade ambientalista “Águas Claras,” em prol da defesa ambiental da região, que luta principalmente contra as irregularidades e crimes ambientais das mineradoras. Essa foi a época dos primeiros encontros e cantorias no Sítio Rosa dos Ventos, com participações frequentes de músicos como: Dércio Marques, Fernando Guimarães, e diversos outros músicos e violeiros e violeiras como Pereira da Viola, Josino Medina, Ivan Vilela, Doroty Marques, Dani Lasalvia, dentre outros.

Essa entidade “Águas Claras,” colaborou na luta para criação do Santuário Ecológico da Pedra Branca, uma área de proteção ambiental criada em 2006, com 12.000 hectares de Mata Atlântica, com objetivo de proteger o rico ecossistema da região. Matas, rios e cachoeiras compõem o cenário local desta região onde se encontra as principais nascentes da bacia do Rio Grande, além de 14 espécies botânicas em processo de extinção. Apesar de ser uma área de proteção ambiental, o Santuário da Pedra Branca abriga atualmente 10

mineradoras de granito ornamental, cuja extração das pedras é exportada para o exterior. Mesmo autuadas por irregularidades e crimes ambientais, algumas dessas mineradoras ainda continuam em funcionamento.

Moradores do sul de Minas participaram da audiência pública na Assembleia Legislativa em Belo Horizonte/MG, ocorrida em 30 de agosto de 2017, para discutir o assunto, reivindicando que o Santuário se transforme em área de proteção ambiental do estado, e não do município como é atualmente, e que não seja permitido novas mineradoras na região, exigindo também que as já existentes trabalhem de forma sustentável.

O ambientalista Daniel Tygel, que trabalha com agricultura orgânica na região afirma que a região possui outros potenciais econômicos como plantação de uvas, turismo e a agricultura familiar, e que a terra local é riquíssima, de solo vulcânico, com importância científica não só nacional como internacionalmente. Daniel Tygel participou dessa audiência e pediu também a garantia que os moradores da região possam trabalhar de forma sustentável para atender ao município.<sup>211</sup>

**Figura 81** – Ambientalistas e moradores do sul de Minas na Assembleia Legislativa



Fonte: Foto da internet

Luciana Rodrigues Brandão, filha de Carlos Rodrigues Brandão, frequentadora da Rosa dos Ventos, informa no grupo de e-mails do Sítio Rosa dos Ventos, as boas notícias sobre os resultados dessa audiência pública, onde a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Assembleia Legislativa de Minas Gerais aprovou os três

<sup>211</sup> Sul de Minas pede criação de Área de Proteção Ambiental da Pedra Branca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2EDv8-TiR54>. Acesso em: 09 set. 2017.



requerimentos resultantes dessa audiência. Luciana pede apoio para subsidiar o transporte do grupo até Belo Horizonte: “que continuemos no esforço de cobrir os gastos com o transporte do nosso pessoal de Caldas até BH, para que eles pudessem nos representar lá. E fomos muito bem representados, não há dúvida!” (Brandão, L. R. 2017).<sup>212</sup>

E na sequência, seu pai, Carlos R. Brandão, também pede esse apoio em e-mail dirigido ao grupo Sítio Rosa dos Ventos, propondo um leilão de livros, colocando assim em prática, mais uma vez, as ações que vem desenvolvendo para contribuir com a defesa do meio ambiente:

Gente amiga de Caldas, Grandes notícias! Continuemos juntos e juntas! Eles trabalham pela morte da Vida e o lucro da empresa. Nós, pela morte do lucro e a vitória da Vida! [...] Minha ideia é fazermos um amplo “leilão de livros e tudo o mais,” na Rosa dos Ventos e em algum lugar de Caldas, para logramos o que falta para cobrir os gastos da viagem e para fazer um “Caixa da Pedra Branca.” Aceitamos prendas e ajudas. Quem puder, que comece a organizar desde já, Até breve, Carlos (Brandão 2017).

E nesse sentido, Nádia Campos, uma das musicistas entrevistadas dessa pesquisa, moradora de Caldas/MG, propõe uma cantoria solidária, em prol de angariar recursos também para colaborar nos gastos da ida dos ambientalistas e moradores da Pedra Branca a essa audiência pública.

**Figura 82** – Maria Alice e Brandão. Sítio Rosa dos Ventos **Figura 83** – Árvore das nascentes. Matizes Dumont



Fonte: Foto de Luciana R. Brandão



Fonte: Foto da internet

<sup>212</sup> Apoio à Audiência Pública pela APA da Pedra Branca. Disponível em: [https://www.catarse.me/audienciapela Pedra Branca?ref=facebook&utm\\_source=facebook.com&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=project\\_share](https://www.catarse.me/audienciapela Pedra Branca?ref=facebook&utm_source=facebook.com&utm_medium=social&utm_campaign=project_share). Acesso em: 09 set. 2017.

Assim percebem-se, na prática, pensamentos como o de Titon (2016), que investiga como uma ontologia sonora pode conduzir a uma atividade comunitária, em contraste com a consciência instrumental e a racionalidade econômica. As trocas sociais e culturais são valorizadas de forma cooperativa e não competitiva, onde as trocas econômicas possam manter relacionamentos pessoais ao invés de impessoais e contratuais (Titon 2016).

O projeto Dandô é um exemplo de formas solidárias de divulgação cultural musical regional, nacional e internacional, e que ocorre como uma rede colaborativa, onde também são semeadas musicalmente mensagens em defesa do meio ambiente.

Assim como cada abelhinha é importante na construção de uma colmeia, cada trabalho, cada ação de cuidado com a natureza, tem sua importância no equilíbrio do universo como um todo. É como o exemplo que se menciona sobre a importância de um beija flor que leva a água no bico, colaborando para apagar o incêndio. É fundamental reaprendermos juntos, cada qual com suas peculiaridades, a interagir com a vida e a natureza com ideias e ações fundadas em valores criativos, unindo as artes com outras ações ecológicas necessárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a relação entre os tocadores de Viola Caipira e o meio ambiente, em algumas regiões do bioma Cerrado no interior do Brasil, foi o objetivo central deste trabalho, que foi alcançado. A metodologia utilizada permitiu adentrar por esse caminho, por meio da análise das falas dos entrevistados entrelaçadas a outras fontes de pesquisa. As violeiras e violeiros, por meio de suas narrativas orais e escritas sobre o tema pesquisado contribuíram com fontes documentais e visuais. Assim, eles significaram suas vivências, identificando os sentidos pessoais e coletivos que imprimem ao exercício de tocar a Viola Caipira, principalmente em suas experiências com o bioma Cerrado. A Viola Caipira construiu uma cultura que lhe é própria, ao se constituir historicamente, e assim, vem construindo também uma cultura voltada à defesa do meio ambiente.

Respondendo aos objetivos específicos da pesquisa, que se destinaram a pesquisar: a Viola Caipira, sua história e *performance* em relação ao homem/natureza; levantar e identificar os significados das motivações dos violeiros para interpretar e comporem um repertório voltado para o meio ambiente, ao lado do esforço para apontar a importância deste estudo na formação da “Ecomusicologia” no Brasil percebemos o seguinte. A relação homem/natureza acompanha este instrumento, desde sua vinda de Portugal para o Brasil. Os artistas entrevistados revestem-se de múltiplos significados e representações referentes às aspirações, aos sonhos e aos projetos de vida. Assim, este instrumento mostrou possuir uma natureza cultural e educativa, funcionando desta maneira como um tipo de discurso, uma forma musical de ensino. A Viola Caipira instituiu em sua materialidade, sensibilidades e valores, mensagens em defesa do Cerrado, por meio das canções e das atitudes dos violeiros e violeiros na região de Cerrado pesquisada. A educação em defesa do meio ambiente e do Cerrado, por meio da Viola Caipira tenta formar um cidadão consciente para a sociedade brasileira.

Embora uma parte dos músicos entrevistados abordasse musicalmente vários temas relacionados ao seu envolvimento com a natureza, muitos afirmam não pensar nessa influência quando escolhem os elementos musicais no momento de compor. Mesmo que não tenham dúvidas, que isto ocorra de forma sutil.

Em relação ao Cerrado, mesmo os entrevistados que não desenvolvem um trabalho com a viola intencionalmente voltado à conscientização ambiental desse bioma, alguns deles acreditam que de alguma forma sua música passa esta mensagem, como por exemplo, Roberto

Corrêa, Pereira da Viola e Joaci Ornelas. E assim, alguns artistas mesmo sem a intenção, mostraram em suas palavras, que acabam tendo uma postura política e espiritual em relação à vida desse bioma. Já outros violeiros emprestam sua arte para as campanhas de conscientização ambiental no Cerrado, como Chico Lobo, por exemplo.

Boa parte dos entrevistados afirma ou mostra na maioria de suas composições que falam da natureza e da ligação direta percebida com o ambiente de Cerrado, como por exemplo, Levi Ramiro, Wilson Dias, Josino Medina, Sol Bueno, Luiz Salgado, Érick Castanho, Aparício Ribeiro, Victor Batista e Doroty Marques.

A consciência de fazer parte, de querer ver as coisas equilibradas, percebendo que somos parte da natureza e destruindo-a estamos também nos destruindo é um consenso entre os entrevistados. Este fato é exemplificado nas palavras e práticas musicais de João Arruda, Fernando Guimarães, Chico Nogueira, Marcos Mesquita e das violeiras Kátya Teixeira, Dani Lasalvia, Nádia Campos, Sol Bueno e Doroty Marques.

As musicistas Sol Bueno e Doroty Marques, além de estarem comprometidas com a proteção do Cerrado, desenvolvendo trabalhos musicais com o intuito de fazer uma educação ambiental, realizam também um resgate cultural privilegiando em algumas gravações a execução da viola Caipira com a Rabeca, dois instrumentos usados tradicionalmente na cultura popular do interior brasileiro. O uso da Viola e da Rabeca também foi identificado em outros trabalhos como os de Kátya Teixeira, Chico Nogueira, Joaci Ornelas e Pereira da Viola. A valorização dos conhecimentos ambientais e musicais dos povos indígenas brasileiros também foi destacada em várias das composições investigadas nesta pesquisa, bem como as mensagens sobre a importância dos rios, da flora e fauna no Cerrado.

Assim como Doroty Marques, Josino Medina mostrou uma relação direta com trabalhos musicais ambientais em comunidade. Os dois artistas mostraram resultados práticos de suas atuações no Cerrado, despertando consciências para a questão ambiental local. Eles também têm resgatado os conhecimentos tradicionais das comunidades atuadas, como por exemplo, no caso de Josino, a utilização da Viola de Buriti.

Os trabalhos de violeiras e violeiros acabam não sendo tão divulgados quanto deveriam, de forma que possibilitem um alcance de público maior, para colaborar com maior intensidade no despertar de consciências em relação à natureza e ao Cerrado. Mas, esses trabalhos são importantes e com o passar do tempo vão rendendo frutos, assim como as sementes que são semeadas pelo vento e pelos animais, no futuro se transformam em bosques.

Nesse sentido ressaltar a importância de iniciativas como o projeto Dandô e outros abordados nesta pesquisa.

Com base nessas conclusões, faz-se necessário destacar a certeza de que, por meio da consciência da importância do caráter político, social, cultural e ambiental do trabalho realizado com a Viola Caipira, a cultura produzida pelas violeiras e violeiros pôde ser compreendida. Da mesma maneira, foi possível construir, analisar e inserir fontes de conhecimentos orais, visuais e escritos no campo da Ecomusicologia. Nesse processo educativo, por meio da Viola Caipira em defesa do Cerrado pôde-se perceber também a constituição de uma cultura que reflete os valores e o clima cultural dos artistas envolvidos com a viola. Assim, notou-se também que, quanto mais impactado o ambiente do Cerrado em que o violeiro vive, mais isso se reflete em suas composições, principalmente daqueles que moram ou têm um contato mais intenso com o Cerrado, seja em sítios, povoado, distritos, pequenas cidades, ou que estão sempre viajando da cidade para o interior, possibilitando assim, maior contato com a natureza desse bioma, seja a lazer ou em atuação profissional.

As limitações encontradas ao longo deste trabalho estão relacionadas à falta de tempo de ir a campo nos locais em que se faz educação ambiental, seja em recitais ou em comunidades e vilarejos, por meio da Viola Caipira. Senti falta de ver a região, entrevistar o público ouvinte, a comunidade, observar as mudanças de hábitos e atitudes em relação ao Cerrado. Porém, por outro lado, o desenvolvimento desta pesquisa possibilitou, ainda, produzir um mapeamento de diversas ações que merecem se tornar realidade, por meio de pesquisas posteriores. Cito a ampliação dos estudos relacionados à mulher violeira, suas composições e *performances* com a Viola Caipira no Brasil, um assunto silenciado, ou pouco explorado.

Para permitir a ação social de preservar o Cerrado, por meio da contribuição da Viola Caipira é fundamental que, o sentido de raízes, de identidade comum e de comunidade gere uma compreensão humana entre grupos fortalecendo a formação da identidade, em uma era global tendendo para uma cultura homogeneizada.

## REFERÊNCIAS

Albuquerque, Lucimar Magalhães de. “Doroty e Dércio Marques: geógrafos da canção.” Tese de Doutorado em Geografia. Instituto de Geografia. UFU - Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

Allen, Aaron S. Allen, “Introduction.” In: Aaron S.; Titon, Jeff Todd; Von Glahn, Denise. “Sustainability and Sound: Ecomusicology Inside and Outside the Academy.” *Music & Politics*, Volume 8, Number 2, Summer 2014. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/m/mp/9460447.0008.205/--sustainability-and-sound-ecomusicology-inside-and-outside?rgn=main;view=fulltext>. Acesso em: 26 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. “Ecomusicology.” In: *The Grove Dictionary of American Music*. New York: Oxford University Press, 2013. Disponível em: <http://www.oxfordmusiconline.com:80/subscriber/article/grove/music/A2240765>.

Almeida, Marina. “As cores e ritmos da Turma Que Faz e Doroty Marques no XVII Encontro de Culturas.” 02 de agosto de 2017. Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2017/noticia/1011/as-cores-e-ritmos-da-turma-que-faz-e-doroty-marques-no-xvii-encontro-de-culturas>. Acesso em: 03 ago. 2017.

Andrade, Cláudia; Câmara, Nathalie Bernardo da. *Festa do Divino - As Folias de Planaltina - Distrito Federal*. FAC - Fundo da Arte e da Cultura - Secretaria de Estado de Cultura do DF. Ministério da Cultura. Cateretê - Associação Artística e Cultural de Planaltina - DF, Planaltina - DF, 2009.

Andrigueto, Andréia Cassilha. “Analisando a educação ambiental por meio de diferentes abordagens.” In: Souza, Mery Lucy do Vale e; Andrigueto, Andréia Cassilha; Souza, Regina Célia Pereira Fernandes de. *Educando pelas trilhas do Cerrado. Um Roteiro de Ações para Introduzir a Educação Ambiental em Escolas e Comunidades*. Brasília: Rede de Sementes do Cerrado, 2015.

Anja, Sônia. Texto de apresentação de CD. In: Medina, Josino; Anja, Sônia. *Sumidouro*. 2010. 1 CD.

Andrade, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. 3ª ed. Comentário e hipertextos Cláudia Neiva de Matos (UFF). São Paulo Vila Rica; Brasília INL, 1972.

Araújo, Alceu Maynard de. A Viola Cabocla. *Revista Sertaneja*, números 4, 5, 6, 7, 8, 9, 13 e 14, de julho de 1958 a maio de 1959. Disponível em: <http://www.widesoft.com.br/users/pcastro4/viola.htm>. Acesso em: 07 dez. 2011.

Arruda, João. Vídeo: João Arruda cantando “Desague,” composição de João Arruda e Alik Wunder. Laboratório Cisco e Estúdio Venta Moinho: Vozes da Terra. Publicado em 2 de mar. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ThDJXe7XWo4>. Acesso em: 14 jul. 2017.  
\_\_\_\_\_. “O menino e a Terra.” Intérprete: João Arruda. In: Arruda, João. *Celebrasonhos*. Estúdio Bordão da Mata, Borda da Mata - MG, 2007. 1 CD.

Bá, João. “Jalapão Encantado.” Intérprete: João Bá. In: Bá, João. *Cavaleiro Macunaíma*. Produção e direção musical João Arruda e Levi Ramiro. 2013. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Carrasqueira, Toninho. “Bom Jesus dos Dendês.” Intérprete: João Bá. In: Bá, João. *Cavaleiro Macunaíma*. Produção e direção musical João Arruda e Levi Ramiro. 2013. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Freire, Joaquim Celso; Campos, Nádia. “Lavadeiras do Jequitinhonha.” Intérpretes: Titane, Lígia Jaques, Nádia Campos e Déa Trancoso. In: Bá, João. *Cavaleiro Macunaíma*. 2013. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Seiva, Lone. “Gerais (Turmalina do Jequitinhonha).” Intérprete: Nádia Campos e Felipe Arellano. In: Campos, Nádia. *Cantigas de Beira Rio*. 2013. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Marques, Dércio. “Flores do Vale.” Intérprete: Nádia Campos. In: Campos, Nádia. *Cantigas de Beira Rio*. 2013. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Bahia, Luiz Carlos. “Chapéu de Palha.” Intérprete: João Arruda. In: Arruda, João. *Celebrasonhos*. Estúdio Bordão da Mata, Borda da Mata – MG. 2007. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Candeia.” Intérprete: João Bá e Titane. Coro: Paulinho Pedra Azul, Lígia Jaques, Taquinho, Titane, Klécio Albuquerque. In: Bá, João. *João Bá - 50 anos de carreira*. São Paulo, 2002. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Sater, Almir. “Boieiro do Nabileque,” Intérprete: Almir Sater. In: In: Bá, João. *João Bá - 50 anos de carreira*. SP, 2002. 1 CD.

\_\_\_\_\_; França, Vidal. “Facho de Fogo.” Intérprete: Diana Pequeno, Marlui Miranda, Dércio Marques. In: Bá, João. *João Bá - 50 anos de carreira*. SP, 2002. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Klécio Albuquerque. “Circo das Ilusões.” Intérprete: Dércio Marques e Guru Martins. In: In: Bá, João. *João Bá - 50 anos de carreira*. SP, 2002. 1 CD.

Baroni, Paulinho. “Cantiga do Paraitinga.” Intérprete: Grupo Paranga, Renata, Parê e Nena, alunos da EEPG Cel. Domingues de Castro de São Luiz do Paraitinga. In: Marques, Doroty. *Paraíba Vivo – Paraíba em cantos. Em Cantos do Paraíba*. Vale Verde, 1997. 1 CD.

Barroso, Dalva. “Implantação do Sistema de Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica nos Municípios do Estado do Pará.” In: Bursztyn, Marcel (org.). *A Difícil Sustentabilidade. Política energética e conflitos ambientais*. Coleção Terra Mater. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

Batista, Victor. “Céu mais lindo.” Intérprete: Victor Batista. In: Batista, Victor. *Manchete do Tico-tico*. Pirenópolis - GO, 2012. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Serra dos Pireneus.” Intérprete: Victor Batista. In: Batista, Victor. *Manchete do Tico-tico*. Pirenópolis - GO, 2012. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Narciso, Marta. “Semente.” Intérprete: Victor Batista. In: Batista, Victor. *Manchete de Tico-tico*. Pirenópolis - GO, 2012. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Narciso, Marta. “Natureza do Cerrado.” Intérprete: Victor Batista. In: Batista, Victor. *Manchete de Tico-Tico*. Pirenópolis - GO, 2012. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Guardião do Cerrado.” Intérprete: Victor Batista. In: Batista, Victor. *(en)Cantando com a Biodiversidade*. Pirenópolis - GO, 2012. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Cadeia alimentar.” Intérprete: Victor Batista. In: Batista, Victor. *(en)Cantando com a Biodiversidade*. Pirenópolis - GO, 2012. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “O Equilíbrio da Natureza.” Intérprete: Victor Batista. In: Batista, Victor. *(en)Cantando com a Biodiversidade*. Pirenópolis - GO, 2012. 1 CD.

Bertelli, Letícia de Queiroz. “Dércio Marques: da Latinoamérica ao Brasil de Dentro.” Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, 2016.

Bertran, Paulo. “Rômulo Andrade.” Depoimento - encarte de cd. In: Mesquita, Marcos. *Planalto Central*. 2005. 1 CD.

Boff, Leonardo. “Depoimento de Leonardo Boff.” Exibido em 28 de maio de 2016. *TV Supren, União Planetária*. Brasília. Disponível em: <http://www.uniaoplanetaria.org.br/tvsupren/programas>. Acesso em: 28 de mai. 2016.

Borges, Maristela Corrêa. “A errância e os lugares de vida e ritual no município de São Romão.” In: Costa, João Batista; Oliveira, Cláudia Luz de (orgs). *Cerrado, gerais, sertão - comunidades tradicionais nos sertões roseanos*. São Paulo: Intermeios, 2012.

Brandão, Carlos Rodrigues. “Paulo Freire: Cultura e Educação Popular.” – Círculo de Diálogos III. In: *Seminário: Paulo Freire: Vida e Obra: diálogos que permanecem*. Auditório da ADUnB. PPGE

- (Programa de Pós Graduação em Educação) – FE (Faculdade de Educação). UnB (Universidade de Brasília). Brasília/DF, 29 de jun. 2017.
- \_\_\_\_\_. Texto de apresentação - encarte de CD. In: Campos, Nádya. *Cantigas de Beira Rio*. 2013. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Viola Cósmica e Voz do Sertão.” Texto de apresentação - encarte de CD. In: Viola, Pereira da. *Viola Cósmica*. Lapa Discos. Belo Horizonte, 2010. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. *Minha casa, o mundo*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O vôo da arara-azul. Escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental*. Campinas: Armazém do Ipê, 2007.
- \_\_\_\_\_. *As Flores de Abril. Movimentos sociais e educação ambiental*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- \_\_\_\_\_. Os Gerais, o Sertão e o Cerrado. In: Brandão, Carlos Rodrigues; Rocha, Evandra. *O Jardim da Vida*. Goiânia: Editora KELPS, Editora da UCG, 2004.
- \_\_\_\_\_; Zahara, Isis. *O Jardim de Todos*. Campinas: Editora Autores Associados (Ciranda de Letras), 2004.
- \_\_\_\_\_. *São Francisco meu destino. Lendas e contos de rio e de beira de rio seguido de cantório, falatório e gestuário em uma cena e um ato*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_; Matuck, Rubens. *Furundum*. Campinas: Editora - Autores Associados, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Sacerdotes de Viola - Rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Editora Vozes, Petrópolis, 1981.
- [http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/sacerdotes\\_viola.pdf](http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/sacerdotes_viola.pdf). Acesso em: 13 fev. 2013.
- Braz, Mário. “A revolução sobe ao palco.” XII Encontro das Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros - 20 a 28 de julho de 2012. Publicado em 03 de ago. 2012. Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2012/noticia/579/a-revolucao-sobe-ao-palco>. Acesso em: 14 ago. 2017.
- Budasz, Rogério. “Música e Cultura.” In: Budasz, Rogério (Org.). Pesquisa em música no Brasil métodos, domínios, perspectivas. Vol. 1. Goiânia, ANPPOM, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A Música do Tempo de Gregório de Mattos - Música Ibérica e Afro-Brasileira na Bahia dos séculos XVII e XVIII*. Curitiba: Editora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná, 2004.
- Bueno, Sol. “Floração Cerradeira.” Intérprete: Sol Bueno. In: Bueno, Sol. *Poeira Dançante*. Belo Horizonte/MG, 2017. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Águas Batuqueiras.” Intérprete: Sol Bueno. In: Bueno, Sol. *Poeira Dançante*. Belo Horizonte/MG, 2017. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Ó Deus Salve meu Cerrado.” Intérprete: Sol Bueno. In: Bueno, Sol. *Poeira Dançante*. Belo Horizonte/MG, 2017. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Ladainha do Viver.” Intérprete: Sol Bueno, Erick Castanho. In: Bueno, Sol. *Poeira Dançante*. Belo Horizonte/MG, 2017. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Tribuzana.” Intérprete: Sol Bueno, Ana F., Marcelo Taynara. In: Bueno, Sol. *Poeira Dançante*. Belo Horizonte/MG, 2017. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Debaixo da meia noite.” Intérprete: Sol Bueno. In: Bueno, Sol. *Poeira Dançante*. Belo Horizonte/MG, 2017. 1 CD.
- \_\_\_\_\_; Ornelas, Joaci. *Mestres da Viola - Uma viagem musical pelo rio São Francisco - I. Revista*. Belo Horizonte: Realização Associação Nacional dos Violeiros do Brasil, 2011. Disponível em: <https://anvbrasil.files.wordpress.com/2013/01/revista-mestre-da-viola.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- Bursztyn, Marcel. “A Cara do Brasil.” In: Duarte, Laura Maria Goulart; Theodoro, Suzi Huff (orgs.). *Dilemas do Cerrado. Entre o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in)justo*. Coleção Terra Mater. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.



Bustamante, Mercedes. “A conservação do Cerrado é urgente.” *IPAM Amazônia*, 2017. Disponível em: [http://ipam.org.br/mercedes-bustamante-conservacao-do-cerrado-e-urgente/?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=boletim\\_ipam\\_mercedes\\_bus tamante\\_a\\_conservacao\\_do\\_cerrado\\_e\\_urgente&utm\\_term=2017-08-18](http://ipam.org.br/mercedes-bustamante-conservacao-do-cerrado-e-urgente/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=boletim_ipam_mercedes_bus tamante_a_conservacao_do_cerrado_e_urgente&utm_term=2017-08-18). Acesso em: 12 ago. 2017.

Buzatti, Lucas. “Sol Bueno lança ‘Poeira Dançante’.” *Jornal Hoje em Dia*. Quinta-feira, 20 de julho de 2017. Disponível em: <http://hojeemdia.com.br/almanaque/sol-bueno-lan%C3%A7a-poeira-dan%C3%A7ante-1.468200>. Acesso em: 20 de jul. 2017.

Cambria, Vincenzo. Diferença: uma questão (re)corrente na pesquisa etnomusicológica. *Música e Cultura: revista on-line de etnomusicologia*, n. 3, 2008. Disponível em: <http://musicaecultura.abetmusica.org.br/index.php/revista/article/view/108>. Acesso em: 23 ago. 2015.

Campos, Nádia; Bá, João. “Borda da Mata.” Intérprete: Nádia Campos e João Bá. In: Campos, Nádia. *Cantigas de Beira Rio*. 2013. 1 CD.

\_\_\_\_\_. Bá, João; Ornelas, Joaci. “Pirapora do São Francisco.” Intérprete: Nádia Campos e João Bá. In: Campos, Nádia. *Cantigas de Beira Rio*. 2013. 1 CD.

\_\_\_\_\_. *Por que Cantamos*. Estúdio Bordão da Mata, Borda da Mata/MG. 2008. 1 CD.

Capra, Fritjof. *As conexões ocultas - ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2002.

Cerratinga - Produção Sustentável e Consumo Consciente (site). *Cerrado*. Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN. Brasília/DF. 2014. Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/cerrado/>. Acesso em: 22 ago. 2016.

Castanho, Erick; França, Aldo; Cardoso Jr., Sérgio. “Orquestra Natural.” Intérprete: Erick Castanho, Adele Aud, Sérgio Cardoso Jr.. In: Castanho, Erick. *Elemental*. 2015. 1 CD.

\_\_\_\_\_; França, Aldo. “Natureza em Aquarela.” Intérprete: Erick Castanho, Adele Aud, Sérgio Cardoso Jr.. In: Castanho, Erick. *Elemental*. 2015. 1 CD.

\_\_\_\_\_; França, Aldo. “O Rastro do Fogo.” Intérprete: Erick Castanho, João Arruda e Adele Aud. In: Castanho, Erick. *Elemental*. 2015. 1 CD.

César, Chico. “Feixe.” Intérprete: Dani Lasalvia. In: Lasalvia, Dani. *Madregaia*. Direção musical: Dércio Marques e Dani Lasalvia. Projeto realizado pela Lei Rouanet. Estúdio Bordão da Mata, Borda da Mata - MG, 2007. 2 CD.

Chiaradia, Clóvis. *Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena*. Dicionário Ilustrado Tupi-Guarani, s/d. Disponível em: <http://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/caipira/>. Acesso em: 22 de ago. 2013.

Corrêa, Jussânia Borges. “A Viola Caipira no Dandô: cultura popular e meio ambiente.” VII Encontro de Musicologia da USP Ribeirão Preto: A viola caipira na universidade: o regional, o local e o universal. *Revista da Tulha*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 77–93, jul.– dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/120505/128790>. Acesso em: 10 jul. 2017.

\_\_\_\_\_; Andrade, Valéria Medeiros (Coord.) et al. *Abelhas Nativas Brasileiras: Conservação Ambiental*. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2002.

\_\_\_\_\_. *As Asas do Anjo - Ensaio: Ecologia e Espiritualidade*. Belo Horizonte: Trem da História, 1994.

Corrêa, Roberto Nunes. “Viola Caipira: das práticas populares à escritura da arte.” Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. Cascudo, Câmara. “Tardinha.” Intérprete: Roberto Corrêa. In: Corrêa, Roberto. *Temperança*. Viola Corrêa. Brasília/DF, 2009. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Pacto.” Intérprete: Roberto Corrêa. In: Corrêa, Roberto. *Temperança*. Viola Corrêa. Brasília/DF, 2009. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Caliandra flor.” Intérprete: Roberto Corrêa. In: Corrêa, Roberto. *Temperança*. Viola Corrêa. Brasília/DF, 2009. 1 CD.

\_\_\_\_\_. *A Arte de Pontear Viola*. Ministério da Cultura. Projeto Três Américas - Associação Cultural. Brasília - Curitiba: Ed. Autor, 2000.

\_\_\_\_\_. “Araponga isprivitada.” Intérprete: Roberto Corrêa. In: Corrêa, Roberto. *Uróboro*. Viola Corrêa. Brasília/DF, 1994. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Peleja de siriema com cobra.” Intérprete: Roberto Corrêa. In: Corrêa, Roberto. *Uróboro*. Viola Corrêa. Brasília/DF, 1994. 1 CD.

Corrêa, Rosângela Azevedo. “Alfabetização ecológica: ABCerrado.” In: Souza, Mery Lucy do Vale e; Andrigueto, Andréia Cassilha; Souza, Regina Célia Pereira Fernandes de. *Educando pelas trilhas do Cerrado. Um Roteiro de Ações para Introduzir a Educação Ambiental em Escolas e Comunidades*. Brasília: Rede de Sementes do Cerrado, 2015.

Descola, Philippe. “Além de natureza e cultura.” *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, v. 3, p.7-33, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/5620/4120>. Acesso em: 18 set. 2017.

Diamantino, Dêniston F. *Cerrado: O Pai das Águas*. Belo Horizonte: Opará vídeos, 1997. 1 DVD.

Dias, Wilson; Rodrigues, João Evangelista. “Deus é Violeiro.” Intérprete: Wilson Dias. In: Dias, Wilson. *Lume*. 2013. 1 CD.

Dias, Wilson. (adapt. Dom. público). “Guizo.” Intérprete: Wilson Dias. In: Dias, Wilson. *Mucuta*. 2011. 1 CD.

\_\_\_\_\_. (adapt. Dom. público). “Minadouro.” Intérprete: Wilson Dias. In: Dias, Wilson. *Mucuta*. 2011. 1 CD.

\_\_\_\_\_. (adapt. Dom. público). “Colibri.” Intérprete: Wilson Dias. In: Dias, Wilson. *Mucuta*. 2011. 1 CD.

\_\_\_\_\_. (adapt. Dom. público). “Vagalume.” Intérprete: Wilson Dias e Ana Tereza. In: Dias, Wilson. *Mucuta*. 2011. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Viola, Pereira da; Rodrigues, João Evangelista. “Bicho do Mato.” Intérprete: Pereira da Viola. In: Viola, Pereira da; Dias, Wilson; Rodrigues, João Evangelista. *Pote: a melodia do chão*. Picuá Produções. Belo Horizonte, 2010. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Viola, Pereira da; Rodrigues, João Evangelista. “Pachamama.” Intérprete: Pereira da Viola e Wilson Dias. In: Viola, Pereira da; Dias, Wilson; Rodrigues, João Evangelista. *Pote: a melodia do chão*. Picuá Produções. Belo Horizonte, 2010. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Horta, Gervásio. “Acauã.” Intérprete: Wilson Dias. In: Dias, Wilson. *Picuá*. Picuá Produções. Belo Horizonte, 2007. 1 CD.

Duarte, Laura Maria Goulart. “Desenvolvimento sustentável: um olhar sobre os cerrados brasileiros.” In: Duarte, Laura Maria Goulart; Theodoro, Suzi Huff (orgs.). *Dilemas do Cerrado. Entre o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in)justo*. Coleção Terra Mater. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

Duarte, Laura Maria Goulart; Leonardos, Othon H.; Theodoro, Suzi Huff. “Cerrado: o celeiro saqueado.” In: Duarte, Laura Maria Goulart; Theodoro, Suzi Huff (orgs.). *Dilemas do Cerrado. Entre*

*o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in)justo*. Coleção Terra Mater. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

Duckles, V., H. M. Brown, et al. "Musicology." In: *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. Oxford: 1980.

Duckles, V., J. Pasler, et al. "Musicology." In: *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. Oxford: 2001.

Edilberto, Milton. "Natureza Oculta." Intérprete: Dércio Marques. In: Marques Dércio. *Segredos Vegetais*. 1988. Álbum duplo. LP.

Ermel, Priscilla. "Floresta." Intérprete: Priscilla Ermel, índios Cinta-Larga. In: Ermel, Priscilla. *Saber sobre viver*. São Paulo: Timbre Promoções Culturais, Gravadora e Editora Ltda. ME, 1985. 1 LP.

\_\_\_\_\_. "Se dilata o coração." Intérprete: Priscilla Ermel. In: Ermel, Priscilla. *Saber sobre viver*. São Paulo: Timbre Promoções Culturais, Gravadora e Editora Ltda. ME, 1985. 1 LP.

\_\_\_\_\_; Coralina, Cora. "O cântico da Terra." Intérprete: Priscilla Ermel, Cora Coralina. In: Ermel, Priscilla. *Saber sobre viver*. São Paulo: Timbre Promoções Culturais, Gravadora e Editora Ltda. ME, 1985. 1 LP.

Farias, Vital. "Não jogue lixo no chão." Intérprete: 3ª série e Doroty Marques. In: Marques, Dércio e Doroty. *Monjolear - Dércio e Doroty Marques e a escola da Criança - Espaço Adolescer*. Uberlândia/MG, 1996. 1 CD.

Fundação Mais Cerrado. "Missão e História da Fundação Mais Cerrado." Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/redemaiscerrado/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/redemaiscerrado/about/?ref=page_internal). Acesso em: 02 ago. 2017.

Gadotti Moacir. *Pedagogia da Terra*. Série Brasil Cidadão. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2000.

Geertz, Clifford. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura." In: Geertz, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 03-21.

Giacomini, Josiane. "Violeiro." Texto de apresentação - encarte de cd. In: Ramiro, Levi. Purunga. 2016. 1 CD.

Gray, Patricia M., et al. "The Music of Nature and the Nature of Music." *The American Association for the Advancement of Science*. Volume 291, Number 5501, Issue of 5. Science Magazine, 2001. Disponível em: [http://www.socsci.uci.edu/~rgarfias/aris/courses/asian/Science--Gray-et-al\\_%20291-\(5501\)-52.html](http://www.socsci.uci.edu/~rgarfias/aris/courses/asian/Science--Gray-et-al_%20291-(5501)-52.html).

Guidon, Jaqueline; Nóbrega, Felipe P. de (Colégio N. Sra. Da Glória). "S.O.S Atlântica." Intérprete: Felipe P. de Nóbrega e Dércio Marques. In: Marques, Dércio e Doroty. *Cantos da Mata Atlântica*. 1999. 1 CD.

Guimarães, Fernando; Mendes Rio, João. "Boi da Montanha." Intérprete: João Arruda, Fernando Guimarães, João Mendes Rio. In: Arruda, João. *Venta Moinho*. Sítio Rosa dos Ventos - MG e Campinas - SP, 2013. 1 CD.

\_\_\_\_\_. "Cantilena de jardim." Intérprete: Fernando Guimarães. In: Guimarães, Fernando. *Cantilena de jardim*. Projeto Grupo Rara Rosa. Estúdio Bordão da Mata, Borda da Mata - MG, 2007. 1 CD.

\_\_\_\_\_. "Ao Povo da Floresta." Intérprete: Fernando Guimarães, Daniela Lasalvia e Micaela. In: Guimarães, Fernando. *Cantilena de jardim*. Projeto Grupo Rara Rosa. Estúdio Bordão da Mata, Borda da Mata - MG, 2007. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Brandão, Carlos Rodrigues. “Passarinhada.” Intérprete: Fernando Guimarães. In: Guimarães, Fernando. *Cantilena de jardim*. Projeto Grupo Rara Rosa. Estúdio Bordão da Mata, Borda da Mata - MG, 2007. 1 CD.

Hill, Megan E. “Soundscape.” Source: *The Grove Dictionary of American Music*, 2nd edition. Oxford Music Online, 2014. Disponível em: <http://www.oxfordmusiconline.com:80/subscriber/article/grove/music/A2258182>. Acesso em: 24 abr. 2016.

Instituto Terra. “O sonho de plantar uma floresta deu origem ao Instituto Terra.” Disponível em: [http://www.institutoterra.org/pt\\_br/conteudosLinks.php?id=22&tl=UXVlbSBzb2lvcw==&sb=NQ==#.WZLmF9KGMdU](http://www.institutoterra.org/pt_br/conteudosLinks.php?id=22&tl=UXVlbSBzb2lvcw==&sb=NQ==#.WZLmF9KGMdU). Acesso em: 09 ago. 2017.

Japiassu, Hilton. *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1975.

Jatobá. “Matança.” Intérprete: Coral do projeto EmCantar (Uberlândia/MG), Daniela Lasalvia e Kátia Teixeira. In: Marques, Dércio e Doroty. *Cantos da Mata Atlântica*. 1999. 1 CD.

Kerman, Joseph. Cap. 5 “Ethnomusicology and ‘Cultural Musicology’.” In: *Contemplating Music: Challenges to Musicology*. Cambridge: Harvard University Press, 1985. Traduzido para o português: Musicologia. Coleção Opus 86. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. American musicology in the 1990s. *The Journal of Musicology*, v.9, n.2, p.131-144. Spring, 1991.

Klink, Carlos A. “O Papel da Pesquisa Ecológica na Gestão Ambiental e Manejo dos Ecossistemas.” In: Bursztyn, Marcel (org.). *A Difícil Sustentabilidade. Política energética e conflitos ambientais*. Coleção Terra Mater. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

Krahô, Zé Miguel Khôc. “História do fogo no Cerrado.” Intérprete: Zé Miguel Khôc Krahô. In: Corrêa, Jussânia Borges (Coord.). *Cantigas Krahô. Projeto: Uso Sustentável do Cerrado na Terra Indígena Krahô*. Realização: Kàpey - União das Aldeias Krahô. TO. Brasília: ISPN - Instituto Sociedade, População e Natureza, 2005. 1 CD.

La Carta de La Tierra. Valores e princípios para um futuro sustentável. San José da Costa Rica: Secretaria Internacional do Projeto Carta da Terra, 1997.

Langengach, Miriam (editado por). *A Rede Ecológica – Um Guia de Educação Ambiental*, p. 145 - 151. Rio de Janeiro: PUC, 1999.

Laranjeira, Saulo. Projeto Lutiê, Arte, Ofício e Cidadania e Ana Patrícia Rocha no Programa “Nos Braços da Viola.” *TV Brasil*, Laranjeiras Produções. Belo Horizonte/MG, 2009.

Lewy, Matthias. *Além do punctum vistum: A ecologia sonora dos moradores da região circum-Roraima*. Brasília: Projeto de Pós-doc. UNB, 2014.

Leandro, José Dário. *Da Poesia Épica à moda-de-viola: uma aliança inseparável entre literatura e música*. Dissertação. Instituto de Letras. Universidade de Brasília, 2011.

Little, Paul E. “Os Conflitos Socioambientais: um Campo de Estudo e de Ação Política.” In: Bursztyn, Marcel (org.). *A Difícil Sustentabilidade. Política energética e conflitos ambientais*. Coleção Terra Mater. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

- Lobo, Chico; Malard, Márcio; Santos, Paulo Sérgio. 3 Brasis. Kuarup. 2014. 1 CD.
- \_\_\_\_\_.; Martins, Tadeu. “Brasil violeiro.” Intérprete: Chico Lobo e Wilson Dias. In: Lobo, Chico; Ornelas, Joaci; Dias, Wilson; Bilora; Guimarães, Gustavo; Viola, Pereira da. *Viva Viola - Viva a Cantoria*. 2013. 1 CD.
- \_\_\_\_\_.; Santos, Jorge Fernando. “Palmeira Seca.” In: Lobo, Chico; & convidados. *Palmeira Seca - trilha sonora original*. Belo Horizonte, 2001. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Trilha Sonora Original”. In: Diamantino, Dêniston F. (direção, produção e roteiro). *Cerrado: O Pai das Águas*. Belo Horizonte: Opará vídeos, 1997. 1 DVD.
- \_\_\_\_\_. “Caipira”. Intérprete: Chico Lobo. In: Lobo, Chico. *No braço dessa viola*. Belo Horizonte, 1995. 1 CD.
- Londres, Flavia [et al.]. *As sementes tradicionais dos Krahô: uma experiência de integração das estratégias on farm e ex situ de conservação de recursos genéticos*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2014. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Caderno-ANA-Sementes-2014-KRAHO.pdf>. Acesso em 23 ago. 2016.
- Maranhão, Chico. “Arreuni.” Intérprete: Doroty Marques, Dércio Marques. In: Marques, Doroty. *Erva Cidreira*. 1980. Marcus Pereira. 1 CD.
- Marchi, Lia; Saenger, Juliana; Corrêa, Roberto. *Tocadores – homem, terra, música e cordas*. Curitiba: Olaria Cultural. 2002.
- Marques, Dércio. “Segredos Vegetais.” Intérprete: Dércio Marques. In: Marques Dércio. *Segredos Vegetais*. 1988. Álbum duplo. LP.
- \_\_\_\_\_. “Coração Americano: Fundamentos.” *Jornal Versus*, n.13, p.22-23, ago./set. 1977. In: Bertelli, Letícia de Queiroz. Anexo A: “Dércio Marques: da Latinoamérica ao Brasil de Dentro.” Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Terra, vento, caminho*. Marcus Pereira, 1977. 1 LP.
- \_\_\_\_\_. *Canto Forte - Coro da Primavera*, Copacabana, 1979. 1 LP.
- Marques, Doroty. *Mulheres do Cerrado* - Doroty Marques. Videoclipe - Fundação Mais Cerrado. Publicado em 31 de mar de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9jWQoptkV19c>. Acesso em: 02 ago. 2017.
- \_\_\_\_\_. “Texto de apresentação do CD.” In: Marques, Doroty; Marques, Dércio; Turma Que Faz. *Criunaná*. 2009. 1 CD.
- \_\_\_\_\_.; Andrade, Noel; Gisel, Érika; 7<sup>as</sup>, 8<sup>as</sup> séries e Ens. Médio do Col. Marista Arquidiocesano. “Chia, Pia, Canto Agora.” Intérprete: Coral - 7<sup>as</sup>, 8<sup>as</sup> séries e Ens. Médio do Col. Marista Arquidiocesano, Doroty Marques. In: Marques, Dércio e Doroty. *Cantos da Mata Atlântica*. 1999. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Água é Vida.” Intérprete: Doroty Marques, Luana e Lucena (Turma Que Faz). In: Marques, Doroty. *Paraíba Vivo – Paraíba em cantos. Em Cantos do Paraíba*. Vale Verde, 1997. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. - adaptação de Domínio público. “Árvores e Flores do Paraíba.” Intérprete: Doroty Marques e alunos da escola Olavo Bilac. In: Marques, Doroty. *Paraíba Vivo – Paraíba em cantos. Em Cantos do Paraíba*. Vale Verde, 1997. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. - adaptação Domínio público. “Aves.” Intérprete: Doroty Marques e alunos da escola Marta Habib, Turma Que Faz. In: Marques, Doroty. *Paraíba Vivo – Paraíba em cantos. Em Cantos do Paraíba*. Vale Verde, 1997. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Origens.” Intérprete: Doroty Marques e alunos da escola Marta Habib, Turma Que Faz. In: Marques, Doroty. *Paraíba Vivo – Paraíba em cantos. Em Cantos do Paraíba*. Vale Verde, 1997. 1 CD.
- \_\_\_\_\_.; 3<sup>a</sup> Série. “Rap do Cerrado.” Intérprete: 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> séries do primeiro grau e Dércio Marques. In: Marques, Dércio e Doroty e a escola da Criança – Espaço Adolescer. *Monjolear*. Uberlândia/MG, 1996. 1 CD.

\_\_\_\_\_. Texto de apresentação do LP. In: Marques, Doroty; Marques, Dércio. *Criança Faz Arte*. 1984. 1 LP.

\_\_\_\_\_. Texto de apresentação do CD. In: Marques, Doroty. *Semente*. Marcus Pereira. 1978. 1 CD.

Martins, Tadeu. *Causos, Cordas e Cordéis*. Belo Horizonte/MG, 2009. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “O grito de Dércio Marques será ouvido no Vale.” *Jornal Geraes*. Ano IV, nº 12. Vale do Jequitinhonha/MG, 1981.

McCreless, Patrick. “Contemporary music theory and the New Musicology: na introduction,” *Music Theory Online* (The Online Journal of the Society for Music Theory), vol. 2.2, 1996.

Medina, Josino. Texto - encarte de CD. In: Medina, Josino. *Quadras do Sertão – A história do vaqueiro Sebastião Eugênio*. Produção: Companhia para Sonhos. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Cena 1 (Num lugar jibóia, a casa).” In: Medina, Josino. *Quadras do Sertão – A história do vaqueiro Sebastião Eugênio*. Produção: Companhia para Sonhos. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Cena 7 (A boiada sai, e Sebastião tem de partir na direção do São Francisco, com dúvida no coração).” In: Medina, Josino. *Quadras do Sertão – A história do vaqueiro Sebastião Eugênio*. Produção: Companhia para Sonhos. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Chico, Frei. “Caminho das águas.” Intérprete: Nádia Campos, Pereira da Viola. In: Campos, Nádia. *Cantigas de Beira Rio*. 2013. 1 CD, e SR. BRASIL. Direção de Rolando Boldrin. “Caminho das águas.” Intérprete: Frei Chico, programa exibido em 21 jul. 2013. TV Cultura. Publicado em 24 de jul. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6iO8Vv6nWeM>. Acesso em: 09 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Clip - Capim Dourado Josino Medina*. Gravado em Jalapão com a participação da Comunidade Mumbuca – município de Mateiros - TO. Enviado em 26 de out. de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xAdkMqAiwB0>. Acesso em: 07 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. “Teima do capim dourado.” Intérprete: Josino Medina, Santinha. In: Medina, Josino; Comunidade Mumbuca. *Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca*. 2010. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Violinha de Vereda, Viola de Buriti.” Intérprete: Josino Medina, Comunidade Mumbuca. In: Medina, Josino; Comunidade Mumbuca. *Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca*. 2010. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Anja, Sônia. “Eu não vou comprar.” Intérprete: Josino Medina. In: Medina, Josino; Anja, Sônia. *Sumidouro*. 2010. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Brandão, Carlos Rodrigues. “Um Pé de Ipê.” Intérprete: Josino Medina. In: Brandão, Carlos R.; Medina, Josino; Arruda, João; Guimarães, Fernando; Magalhães, Carlos; Marques, Dércio; d’Ávila, Paulo; Piu, Paulo; Campos, Nádia; Marques, Lira. *O Jardim de Todos*. Grupo Rara Rosa. 2006. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Brandão, Carlos Rodrigues. “Lugar de Bicho.” Intérprete: Josino Medina. In: Brandão, Carlos R.; Medina, Josino; Arruda, João; Guimarães, Fernando; Magalhães, Carlos; Marques, Dércio; d’Ávila, Paulo; Piu, Paulo; Campos, Nádia; Marques, Lira. *O Jardim de Todos*. Grupo Rara Rosa. 2006. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Amorim, Paulo. Texto de apresentação do CD. In: Medina, Josino; Amorim, Paulo. *Embaixadores da Lua. A boa notícia está no ar*. 2003. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “No Reino de Deva.” Intérprete: Josino Medina, Paulo Amorim, Keila Pereira. In: Medina, Josino; Amorim, Paulo. *Embaixadores da Lua. A boa notícia está no ar*. 2003. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Tawaraná.” Intérprete: Pereira da Viola. In: Viola, Pereira da. *Tawaraná*. Lapa Discos. Belo Horizonte, 1996. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “O Sopro do Vento.” Intérprete: Pereira da Viola, Josino Medina. In: Viola, Pereira da. *Terra Boa*. Independente. 1994. 1 CD.

Medina, Maria de Fátima Rocha. “Santa Memória da Comunidade Mumbuca: tessituras de versos poéticos.” *Anais do II Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís: métodos, acervos, cartografias*. p. 294-312. Universidade do Estado da Bahia - 31 de agosto a 2 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.portaldepoeticasorais.com.br/site/textos/ANAIS%202%20Parte2.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Meireles; Cecília; Pequeno, Diana. “Tema do Canindé.” Intérprete: Dércio Marques. In: Marques, Dércio. *Segredos Vegetais*. 1988. Álbum duplo. LP.

Melo, Elomar Figueira de. “Campo Branco.” Intérprete: Dércio Marques. In: Marques, Dércio. *Segredos Vegetais*. 1988. Álbum duplo. LP.

\_\_\_\_\_. “Umbuzeiro.” Intérprete: Doroty Marques. In: Marques, Doroty. *Erva Cidreira*. Marcus Pereira. 1980. 1 CD.

Merriam, Alan P. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

Disponível em:

[http://www.posgrado.unam.mx/musica/lecturas/etno/complementarias/Merriam%20Alan-The Anthropology of Music-1.pdf](http://www.posgrado.unam.mx/musica/lecturas/etno/complementarias/Merriam%20Alan-The%20Anthropology%20of%20Music-1.pdf). Acesso em: 03 nov. 2015.

Mesquita, Marcos. “Vem me ver.” Intérprete: Marcos Mesquita e Suelene Fernandes. In: Mesquita, Marcos. *Em algum lugar bonito...* 1999. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Estrela da Madrugada.” Intérprete: Marcos Mesquita e Aparício Ribeiro. In: Mesquita, Marcos. *Em algum lugar bonito...* 1999. 1 CD.

Mestres da Viola, *Uma viagem musical pelo rio São Francisco*. Associação Nacional dos Violeiros do Brasil, Belo Horizonte: 2011. 1 DVD.

Miles, Stephen. “Critical Musicology and the Problem of Meditation.” *Notes*, Second Series, v. 53, n. 3, p. 722-750. 1997. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/899713>. Acesso em: 02 abr. 2014.

Miranda, Marlui. *Ihu - Todos os sons*. Pau Brasil Som Imagem e Editora Ltda., 1995. 1 CD.

Moscal, Janaina. “Sons da luta sem terra: a agroecologia como ‘projeto de transformação social’ musicado.” *Anais do VI ENABET (encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia)* - tema: Música e Sustentabilidade, p. 233-239, João Pessoa, 2013. Disponível em:

<http://abetmusica.org.br/conteudo.php?&sys=downloads>. Acesso em: 04 nov. 2015.

Movimento Artistas pela Natureza. “Carta dos Artistas.” Brasília: *Jornal VIVA*, de junho de 1992.

Nettl, Bruno. “‘Musical Thinking’ and ‘Thinking about Music’ in Ethnomusicology: An Essay of Personal Interpretation.” *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, Vol. 52, No. 1, The Philosophy of Music (Winter, 1994), pp. 139-148.

Nogueira, Chico. “Novo Dia.” *Blog. Chico Nogueira - Todo dia um poema novo*. Postado em: terça-feira, 1 de agosto de 2017. Disponível em: <http://chiconogueira-mambembrincantes.blogspot.com.br/>. Acesso em: 03 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. “Carneirinho com o Bentinho,” adaptação da música “Carneirinho” de Carlos Babau, da “Cia. Carroça de Mamulengos.” Intérprete: Chico Nogueira, Bento da Terra Cortez. Publicado em 02 de ago. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VZF8uXtY53s>. Acesso em: 03 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. “Jabuticabeira.” “Mambembrincante e Jabuticabeira.” Publicado em 10 de set de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VdJiJ9Pe4kg>. Acesso em: 03 ago. 2017.

\_\_\_\_\_; Ruiz, Marcelo. “Passarada.” Intérprete: Chico Nogueira e Érika. In: *Mambembrincantes. Mechedina*. Taguatinga - DF, 2006. 1 CD.

Oliveira, Allan de Paula. “O Tronco da Roseira - Uma antropologia da viola caipira.” Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. 2004. Disponível em: <http://www.musa.ufsc.br/allan.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

Oliveira Pinto, Tiago de. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 out. 2015.

Ornelas, Joaci. “Alecrim cheiroso.” Intérprete: Daniela Lasalvia e Joaci Ornelas. In: Ornelas, Joaci. *No dizer do sertão*. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Nobres Foliões.” Intérprete: Joaci Ornelas, Sol Bueno. In: Ornelas, Joaci. *No dizer do sertão*. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Dias, Wilson. “Vasto Mundo.” Intérprete: Joaci Ornelas, Wilson Dias. In: Ornelas, Joaci. *No dizer do sertão*. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Salgado, Luiz. “No dizer do sertão.” Intérprete: Joaci Ornelas, Luiz Salgado. In: Ornelas, Joaci. *No dizer do sertão*. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Viola Brasileira.” Intérprete: Joaci Ornelas. In: Ornelas, Joaci. *Andejo*. 2006. 1 CD.

Pacini, Prof<sup>a</sup> Ieda; Maurício, Adriana; Ramos, Adriana; Vieira, Rosana; Kuchinisk, Andréa; Mendonça, Andréa. “Quem foi?” Intérprete: Coral e bandinha – Educação infantil, 1<sup>as</sup> séries do Colégio Marista Nossa Senhora da Glória e os alunos do Centro Social Irmão Justino, Doroty Marques. In: Marques, Dércio e Doroty. *Cantos da Mata Atlântica*. 1999. 1 CD.

Pedra Azul, Paulinho. “Cortinas de Ferro.” Intérprete: Paulinho Pedra Azul. In: Pedra Azul, Paulinho. *Jardim da Fantasia*, RCA, 1982. 1 LP.

Pegg, Carole; Myers, Helen; Bohlman, Philip; Strokes, Martin. “Ethnomusicology.” In: *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. 2001.

Peluso, Sylene; Araújo, Olívio. “Sabiá.” Intérprete: Déo Lopes. In: Lopes, Déo. *Relação Natural*. 1988. 1 LP.

Perequê, Luis. “Manacá da Serra.” Intérprete: Dani Lasalvia e Dércio Marques. In: Lasalvia, Dani. *Madregaia*. Direção musical: Dércio Marques e Dani Lasalvia. Projeto realizado pela Lei Rouanet. Estúdio Bordão da Mata, Borda da Mata - MG, 2007. 2 CD.

\_\_\_\_\_. “Orelha de Pau.” Intérprete: Dércio Marques. In: Marques, Dércio e Doroty. *Cantos da Mata Atlântica*. 1999. 1 CD.

Peripato, Sandra Cristina. “Tião Carreiro e Pardinho - Os criadores e reis do pagode.” 2008. Disponível em:

[http://www.recantocaipira.com.br/duplas/tiao\\_carreiro\\_pardinho/tiao\\_carreiro\\_pardinho.html](http://www.recantocaipira.com.br/duplas/tiao_carreiro_pardinho/tiao_carreiro_pardinho.html). Acesso em: 15 jun. 2016.

Pinto, João Paulo do Amaral. *A Viola Caipira de Tião Carreiro*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

Pitrou, Perig. “Uma Antropologia além de natureza e cultura?” *Mana*, vol. 21, n. 1, Rio de Janeiro, abr. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132015000100181](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000100181). Acesso em: 18 set. 2017.

Ramiro, Levi. “Outro Dia Quente.” Intérprete: Consuelo de Paula. In: Ramiro, Levi. *Purunga*. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Diz aí, Curupira.” Intérprete: Levi Ramiro e João Arruda. In: Ramiro, Levi. *Purunga*. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Rosa, Adriano. “Folia Cores do Cerrado.” Intérprete: Giovanni Guimarães, Consuelo de Paula, Levi Ramiro. In: Ramiro, Levi. *Purunga*. 2016. 1 CD.



- \_\_\_\_\_. Rodrigues, João Evangelista. “Encantado.” Intérprete: Kátya Teixeira. In: Teixeira, Kátya. *Cantariar - 21 anos*. Independente. 2016. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Viola.” Intérprete: Levi Ramiro e João Arruda. In: Arruda, João. *Venta Moinho*. Sítio Rosa dos Ventos - MG e Campinas - SP, 2013. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Tá no Balaio.” Intérprete: Levi Ramiro, João Carlos, Maurício. In: Ramiro, Levi. *Nosso Quintal*. 2008. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Berço das águas.” Intérprete: Levi Ramiro, Dani Lasalvia. In: Ramiro, Levi. *Nosso Quintal*. 2008. 1 CD.
- Ribeiro, Aparício. “Campeiro.” Intérprete: Aparício Ribeiro. Ribeiro, Aparício. *Berço das Águas*. Taguatinga/DF, 2012. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Berço das Águas.” Intérprete: Aparício Ribeiro. Ribeiro, Aparício. *Berço das Águas*. Taguatinga/DF, 2012. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Brisa vem, vento vai.” Intérprete: Aparício Ribeiro. Ribeiro, Aparício. *Berço das Águas*. Taguatinga/DF, 2012. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Lobo Guará.” Intérprete: Aparício Ribeiro. Ribeiro, Aparício. *Berço das Águas*. Taguatinga/DF, 2012. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Pequizeiro.” Intérprete: Aparício Ribeiro. Ribeiro, Aparício. *Berço das Águas*. Taguatinga/DF, 2012. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Serras e Veredas.” Intérprete: Aparício Ribeiro. Ribeiro, Aparício. *Berço das Águas*. Taguatinga/DF, 2012. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Dança das Formigas.” Intérprete: Aparício Ribeiro. In: Ribeiro, Aparício. *Serras e veredas*. Taguatinga/DF, 2010. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Flor do Cerrado.” Intérprete: Aparício Ribeiro. In: Ribeiro, Aparício. *Serras e veredas*. Taguatinga/DF, 2010. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Paturi.” Intérprete: Aparício Ribeiro. In: Ribeiro, Aparício. *Serras e veredas*. Taguatinga/DF, 2010. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Águas do Paranaíba.” Intérprete: Aparício Ribeiro. In: Ribeiro, Aparício. *Serras e veredas*. Taguatinga/DF, 2010. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Queimadas.” Intérprete: Aparício Ribeiro. In: Ribeiro, Aparício. *Cerrado*. Taguatinga/DF, 2007. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Cerrado.” Intérprete: Aparício Ribeiro. Ribeiro, Aparício. *Cerrado*. Taguatinga/DF, 2007. 1 CD.
- \_\_\_\_\_. “Formigão.” Intérprete: Aparício Ribeiro. Ribeiro, Aparício. *Cerrado*. Taguatinga/DF, 2007. 1 CD.
- Ribeiro, Marília Andrés. “Bené Fonteles: um artista em defesa do ‘inteiro ambiente’.” *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 20, n.2, p. 164-169, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20-2/07-bene-fonteles-um-artista-em-defesa-do-inteiro-ambiente-marilia-ribeiro.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- Ribeiro, Maurício. “Sicupira preta.” Intérprete: Músicos da comunidade Mumbuca. In: Arnon & Maurício. *Violinha de Vereda, Viola de Buriti*. 2010. 1 CD.
- Ribeiro, Maurício Andrés. *Tesouros da Índia para a civilização sustentável*. Belo Horizonte: Rona Editora, 2003.
- Ribeiro, Ricardo Ferreira. “Cerrado, o coração do Brasil.” In: Dias, Jaqueline Evangelista; Laureano, Lourdes Cardozo (coord.). *Farmacopéia Popular do Cerrado*. Goiás: Articulação Pacari, 2009.
- Rice, Timothy. “Toward a Mediation of Field Methods and Field Experience in Ethnomusicology.” In: Barz, Gregory e Cooley, Timothy J. *Shadows in the field: new perspectives for fieldwork in ethnomusicology*. Oxford e New York: Oxford University Press, 2008. p. 25-41.

Rissate, Alexandre. “O boi, o rádio e o verso.” VII Encontro das culturas Tradicionais, 20 a 29 de julho de 2007, São Jorge/GO. Notícias – Diário de São Jorge. 05 de jul. 2007. Agência de Notícias Cavaleiro de Jorge. Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/2007/noticiasDetalhe.php?id=14>. Acesso em: 20 jul. 2017.

Rehding, Alexander. “Review: Eco-Musicology.” Source: *Journal of the Royal Musical Association*, Vol. 127, No. 2 (2002), pp. 305-320. Published by: Taylor & Francis, Ltd. on behalf of the Royal Musical Association. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3840466>. Acesso em: 24 abr. 2016.

Repórter Eco. Programa apresentado por Márcia Bongiovanni com direção de William Corrêa. *TV Cultura*, programa exibido no dia 29 de maio de 2016.

Rocha, Cirineu. “Conflitos em Torno da Geração e Transmissão de Energia.” UHE-Lajeado. In: Bursztyn, Marcel (org.). *A Difícil Sustentabilidade. Política energética e conflitos ambientais*. Coleção Terra Mater. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

Rodrigues, João Evangelista. “Pote: a melodia do chão.” Texto de apresentação - encarte de CD. In: Viola, Pereira da; Dias, Wilson; Rodrigues, João Evangelista. *Pote: a melodia do chão*. Picuá Produções. Belo Horizonte, 2010. 1 CD.

Rodrigues, Tuca. “Música de Minas – Pereira da Viola.” 2013. Disponível em: <http://www.musicademinas.com.br/index.php/artistas/musicos/P/5500000-pereira-da-viola>. Acesso em: 18 jul. 2017.

Salgado, Luiz. *Luiz Salgado*. Blogspot, 2013. Disponível em: <http://luizsalgadocantador.blogspot.com.br/>. Acesso em 03 set. 2016.

\_\_\_\_\_. “Carcará, guardião do cerrado.” Intérprete: Luiz Salgado. In: Salgado, Luiz. *Sina de cantadô*. Araguari - MG, 2008. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Curupira.” Intérprete: Luiz Salgado e Júlia de Almeida. In: Salgado, Luiz. *Sina de cantadô*. Araguari - MG, 2008. 1 CD.

Sampaio, Antônio Alencar (texto); Rocha, Evandra (ilustrações). *Cordel de Plantas Mediciniais do Cerrado*. Goiânia: Kelps, 2012.

Sant’Anna, Romildo. “A Moda é Viola. Ensaio do Cantar Caipira.” Entrevista. In: Volpato, Reinaldo. *A Moda é Viola*. Taus Produções Audiovisuais. Longa Metragem 105’ 2013. 1DVD.

Santinha. Depoimento introduzindo “Teima do capim dourado.” In: Medina, Josino; Comunidade Mumbuca. *Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca*. 2010. 1 CD.

\_\_\_\_\_. Depoimento introduzindo “Abre a roda, gente.” In: Medina, Josino; Comunidade Mumbuca. *Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca*. 2010. 1 CD.

Sardinha, José Alberto. *Viola Campaniça - O Outro Alentejo*. Vila Verde, Portugal: Tradisom Editora Discográfica Ltda., 2001.

Sonora Brasil. *Violas Brasileiras: circuito 2015/2016*. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015.

Souza, Andréa Carneiro (organização). *Viola Instrumental Brasileira*. Ministério da Cultura/Petrobras. Rio de Janeiro: ARTVIVA editora, 2005.

Souza, Mary Lucy do Vale e. “A transversalidade da educação ambiental com outras disciplinas.” In: Souza, Mery Lucy do Vale e; Andrigueto, Andréia Cassilha; Souza, Regina Célia Pereira Fernandes de. *Educando pelas trilhas do Cerrado. Um Roteiro de Ações para Introduzir a Educação Ambiental em Escolas e Comunidades*. Brasília: Rede de Sementes do Cerrado, 2015.

Stanley, G. “Historiography”. In: *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. Oxford 2001.

Tavares, Arnon; Ribeiro, Maurício; Matos, Sirlene. “Tradição do Jalapão.” Intérprete: Músicos da comunidade Mumbuca. In: Arnon & Maurício. *Violinha de Vereda, Viola de Buriti*. 2010. 1 CD.

Teixeira, Kátya. Comentário - encarte de CD, faixas musicais 2 e 3. In: Teixeira, Kátya. *Cantariar - 21 anos*. Independente. 2016. 1 CD.

\_\_\_\_\_. “Kararaô.” Intérprete: Kátya Teixeira. In: Teixeira, Kátya. *Katxerê*. Arranjos e direção artística: Vidal França. 1997. 1 CD.

Titon, Jeff Todd. “Toward a Sound Ecology.” Fall 2016 *Conference of the American Musicological Society – Southwest Chapter*. Abilene Christian University-City Square in Downtown Dallas: 511 N. Akard, Suite 200, Dallas, TX 7520. Saturday, October 1, 2016.

\_\_\_\_\_. “Edited Transcript of the Plenary (Aaron S. Allen, Jeff Todd Titon, Denise Von Glahn).” In: Aaron S.; Titon, Jeff Todd; Von Glahn, Denise. “Sustainability and Sound: Ecomusicology Inside and Outside the Academy.” *Music & Politics*, Volume 8, Number 2, Summer 2014. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/m/mp/9460447.0008.205/--sustainability-and-sound-ecomusicology-inside-and-outside?rgn=main;view=fulltext>. Acesso em: 26 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. “The nature of ecomusicology.” *Música e Cultura: revista da ABET*, vol. 8, n. 1, p. 8-18, 2013. Disponível em: <http://musicaecultura.abetmusica.org.br/e> <http://musicaecultura.abetmusica.org.br/index.php/revista/article/view/83/18>. Acesso em: 10 dez. 2015.

Toliver, Brooks. “Eco-ing in the Canyon: Ferde Grofé’s Grand Canyon Suite and the Transformation of Wilderness.” *Journal of the American Musicological Society*, Vol. 57, Nº 2 (Summer 2004) p.325-368. University of California Press on behalf of the American Musicological Society. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/10.1525/jams.2004.57.2.325>. Acesso em: 03 mai. 2016.

Treitler, Leo. “Postmodern Signs in Musical Studies.” In: *The Journal of Musicology*, v.13, n.1, p.3-17. Winter, 1995.

Tremembé, Índios; Lasalvia, Dani (adaptação). “Água de Mani.” Intérprete: Dani Lasalvia et al. In: Lasalvia, Dani. *Madregaia*. Direção musical: Dércio Marques e Dani Lasalvia. Projeto realizado pela Lei Rouanet. Estúdio Bordão da Mata, Borda da Mata – MG, 2007. 2 CD.

Trevisan, Luccas Fantinato; Alves, Leandro Roberto. “Depende de nós.” Intérprete: Luccas Fantinato Trevisan, Leandro Roberto Alves, Dércio Marques. In: Marques, Dércio e Doroty. *Cantos da Mata Atlântica*. 1999. 1 CD.

UFCA - Universidade Federal do Cariri. *Pesquisador americano aborda música e meio ambiente em palestra na UFCA*. Notícias de Cultura, Artes e Esportes, 12 de jun. 2015. Disponível em: <http://www.ufca.edu.br/portal/noticias/noticias-cultura/item/4050-pesquisador-americano-aborda-musica-e-meio-ambiente-em-palestra-na-ufca>. Acesso em: 10 dez. 2015.

Vale, Rubinho do. “Flores do Campo.” Intérprete: Rubinho do Vale. In: *Cavaleiro da Paz*. CPCD – Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. Belo Horizonte, 1994. 1 LP.

\_\_\_\_\_. “Poema - encarte de LP.” In: Vale, Rubinho. *Violas e Tambores*. Arribações Produções Artísticas e Fonográficas. Belo Horizonte, 1984. 1 LP.

Vale Verde. “Rio Paraíba do Sul. Aqui nasce nosso maior patrimônio natural.” Texto de apresentação do CD. In: Marques, Doroty. *Paraíba Vivo - Paraíba em cantos. Em Cantos do Paraíba*. Vale Verde, 1997. 1 CD.

Verona, Valdir. Vídeo: “Valdir Verona no programa SR Brasil da TV Cultura apresentado por Rolando Boldrin e participações de Levi Ramiro e Rosa Amélia. Composição: Tá no Balaio de Levi Ramiro.” Publicado em 3 de jan. de 2013. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=iUPI9pR2nSE>. Acesso em: 13 jun. 2016.

Vilela, Ivan. *Cantando a Própria História – Música Caipira e Enraizamento*. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. *A Viola*. Ensaio elaborado especialmente para o projeto Músicos do Brasil: Uma Enciclopédia, patrocinado pela Petrobras através da Lei Rouanet. 2008-2009, disponível em:

<http://www.ivanvilela.com.br/pesquisador/ivanvilela-aviola.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2015.

Viola, Pereira da; Wilson Dias; Rodrigues, João Evangelista. “Fim de tarde.” Intérprete: Pereira da Viola. In: Viola, Pereira da; Dias, Wilson; Rodrigues, João Evangelista. *Pote: a melodia do chão*. Picuá Produções. Belo Horizonte, 2010. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Wilson Dias; Rodrigues, João Evangelista. “Prefiro.” Intérprete: Pereira da Viola e Wilson Dias. In: Viola, Pereira da; Dias, Wilson; Rodrigues, João Evangelista. *Pote: a melodia do chão*. Picuá Produções. Belo Horizonte, 2010. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Wilson Dias; Rodrigues, João Evangelista. “Tributo.” Intérprete: Pereira da Viola e Dércio Marques. In: Viola, Pereira da; Dias, Wilson; Rodrigues, João Evangelista. *Pote: a melodia do chão*. Picuá Produções. Belo Horizonte, 2010. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Medeiros, Gonzaga. “Lamento do Rio.” Intérprete: Pereira da Viola (viola), Gonzaga Medeiros Medeiros (poema e interpretação). In: Viola, Pereira da. *Viola Cósmica*. Lapa Discos. Belo Horizonte, 1998. 1 CD.

\_\_\_\_\_; Rodrigues, João Evangelista. “Misturas e Mistérios.” Intérprete: Pereira da Viola. In: Viola, Pereira da. *Tawaraná*. Lapa Discos. Belo Horizonte, 1996. 1 CD.

## Entrevistas e Correspondências

Arruda, João. 27 de julho de 2017. Correspondência via Facebook, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 14 de julho de 2017. Correspondência via Facebook, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. Sítio Rosa dos Ventos, Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas/MG. 08 de janeiro de 2017. Entrevista concedida à autora.

Bá, João. Sítio Rosa dos Ventos, Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas/MG. 09 de janeiro de 2017. Entrevista concedida à autora.

Batista, Victor. Brasília/DF. 16 de junho de 2017. Entrevista concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 15 de junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Brandão, Carlos Rodrigues. 09 de setembro de 2017. Correspondência via e-mail ao grupo Sítio Rosa dos Ventos ([sitiodarosadosventos@yahoogrupos.com.br](mailto:sitiodarosadosventos@yahoogrupos.com.br)), Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas/MG.

Brandão, Luciana Rodrigues. 07 de setembro de 2017. Correspondência via e-mail ao grupo Sítio Rosa dos Ventos ([sitiodarosadosventos@yahoogrupos.com.br](mailto:sitiodarosadosventos@yahoogrupos.com.br)), Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas/MG.

Bueno, Sol. 06 de Julho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 04 de julho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Campos, Nádia. 02 de agosto de 2017. Correspondência via Facebook, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 26 de junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

\_\_\_\_\_. Sítio Rosa dos Ventos, Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas/MG. 07 de janeiro de 2017. Entrevista concedida à autora.

Castanho, Erick. 04 de julho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 16 de junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Corrêa, Roberto. 27 de junho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. Centro de Educação Profissional Escola de Música de Brasília – CEP/EMB, Brasília/DF. 22 de junho de 2017. Entrevista concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 14 de junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Dias, Wilson. 09 de julho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 19 de junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Guimarães, Fernando. 26 de junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

\_\_\_\_\_. Sítio Rosa dos Ventos, Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas/MG. 07 de janeiro de 2017. Entrevista concedida à autora.

Lasalvia, Dani. 05 de julho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Lobo, Chico. 04 de julho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 10 de julho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via Facebook à autora.

Marques, Doroty. 18 de julho de 2017. Entrevista gravada via telefone (Brasília/DF - Povoado São Jorge/Chapada dos Veadeiros/GO), concedida à autora.

Medina, Josino. 17 de Julho de 2017. Entrevista gravada via telefone (Brasília/DF - Araçuaí/MG), concedida à autora.

Medina, M. F. Rocha. 17 de julho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 17 de julho de 2017. Entrevista via telefone (Brasília/DF - Palmas/TO), concedida à autora.

Mesquita, Marcos. 03 de agosto de 2017. Correspondência via Facebook, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. Centro de Educação Profissional Escola de Música de Brasília - CEP/EMB, Brasília/DF. 23 de junho de 2017. Entrevista concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 17 de junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Nogueira, Chico. 29 de junho de 2017. Brasília/DF. Entrevista concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 13 de junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Ornelas, Joaci. 17 de julho de 2017. Entrevista gravada via telefone (Brasília/DF – Belo Horizonte/MG), concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 17 de julho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 15 de Junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Ramiro, Levi. 04 de julho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 17 de Junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Ribeiro, Aparício. 10 de julho de 2017. Entrevista gravada via telefone (Brasília/DF – Taguatinga/DF), concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 07 de Julho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 17 de junho 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Salgado, Luiz. 04 de julho de 2017. Correspondência via e-mail, concedida à autora.

\_\_\_\_\_. 12 de junho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

Teixeira, Kátya. 29 junho 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

\_\_\_\_\_. Sítio Rosa dos Ventos, Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas/MG. 08 de janeiro de 2017. Entrevista concedida à autora.

Viola, Pereira da. 18 de Julho de 2017. Entrevista/questionário semiestruturado, enviado via e-mail à autora.

\_\_\_\_\_. 26 de junho de 2013. Correspondência via e-mail ao grupo Sítio Rosa dos Ventos (sitiodarosadosventos@yahogrupos.com.br), Pocinhos do Rio Verde, município de Caldas/MG.